



Nasci na família errada

Ser mãe e dona de casa no subúrbio ferroviário
de Salvador de Bahia

Cristina Larrea Killinger

Col·lecció Antropologia Mèdica

1. *Migraciones y salud*, varios autores
Josep M. Comelles, Xavier Allué, Mariola Bernal,
José Fernández-Rufete, Laura Mascarella (comps.)
2. *Antropología y enfermería*, varios autores
Maria Antonia Martorell, Josep M. Comelles,
Mariola Bernal (eds.)
3. *Medicina, màgia i religió*, W. H. R. Rivers
Àngel Martínez Hernáez (ed.), Chris Scott-Tennent (coord.)
4. *Of bodies and Symptoms*, varios autores
Sylvie Fainzang & Claudie Haxaire (ed.)
5. *Mejor dejarlo tranquilo*, Rimke van der Geest
6. *Tro ressonant*, Paul Radin (ed.)
Àngel Martínez Hernáez (ed. en català)
7. *Alimentación, salud y cultura*, varios autores
Mabel Gracia Arnaiz (ed.)
8. *Nasci na família errada*, Cristina Larrea Killinger

CRISTINA LARREA KILLINGER

NASCI NA FAMÍLIA ERRADA

Ser mãe e dona de casa
no subúrbio ferroviário de Salvador de Bahia



Tarragona, 2012

Edita:

Publicacions URV

1a edició: novembre de 2012

ISBN:978-84-695-6461-5

DL: T-1393-2012

Publicacions de la Universitat Rovira i Virgili:

Av. Catalunya, 35 - 43002 Tarragona

Tel. 977 558 474

www.publicacionsurv.cat

publicacions@urv.cat

El bloc de la col·lecció:

<http://librosantropologiamedica.blogspot.com/>

Consell editorial:

Xavier Allué (URV)

Josep Canals (UB)

Josep M. Comelles (URV)

Susan DiGiacomo (URV)

Mabel Gracia (URV)

Angel Martínez Hernaez (URV)

Enrique Perdiguero (UMH)

Oriol Romani (URV)

Aquesta obra està subjecta a una llicència Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported de Creative Commons. Per veure'n una còpia, visiteu <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/> o envieu una carta a Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

INDICE

AGRADECIMENTOS	7
--------------------------	---

PARTE I

1. Introdução	11
1.1. A história de vida	11
1.2. O bairro	28
1.3. A estrutura narrativa	37

PARTE II

2. O cotidiano	65
2.1. Os roubos e as drogas	65
2.2. Procurar ajuda e trabalho	82
2.3. Educação dos filhos	109
2.4. Lutar pela saúde da família	123
3. A maternidade	180
3.1. Vencer a morte	180
3.2. Amor é decepção	186
3.3. Engravidar e dar à luz	209
3.4. Abortos provocados e espontâneos	233

EPÍLOGO	247
-------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	251
------------------------	-----

AGRADECIMENTOS

Este livro é o resultado de uma série de entrevistas desenvolvidas entre os anos 1998 e 2004 que inclui aspectos biográficos e da vida cotidiana de Maria, uma moradora de um bairro pobre de Salvador de Bahia. O nome verdadeiro de Maria, filhos e parentes foi trocado para preservar o anonimato. Esta história não poderia ter sido escrita sem a entrega e a dedicação dela por desvendar a sua própria vida ao mundo. Agradeço a paciência dos filhos por respeitar tantas horas de conversa prolongadas durante tantos anos. Os verdadeiros protagonistas desta história são todos os filhos de Maria e os parentes com os quais ela teria gostado de ter uma vida mais sossegada, sem violência nem drogas. Ao mesmo tempo, este livro é uma homenagem à mãe de Maria que dedicou sua vida ao crescimento dos filhos e parentes para lhes dar uma vida melhor.

Esta história não poderia ter saído à luz sem o conhecimento do cotidiano do bairro de Nova Constituinte e da amizade de mulheres, homens e crianças que me ensinaram a respeitar a sua verdadeira luta por sobreviver. Esta história faz parte também de suas vidas. Como não gostaria de errar por esquecer alguém, os nomes de todos eles ficam no meu coração e nos deles.

Além dos verdadeiros protagonistas desta história gostaria de agradecer a várias pessoas que em Salvador compartilharam comigo a história de Maria, bem porque leram algumas partes ou bem porque escutaram o meu relato sobre ela. Com certeza, essas pessoas, podem sentir-se aqui representadas. Com carinho Carminha, Lúzia e Verena são as que leram e apoiaram a sua publicação, da que somente eu sou responsável dos erros e vazios. Eu também gostaria de agradecer ao professor Josep Maria Comelles pelo apoio recebido para a publicação deste livro.

Ao outro lado do Atlântico, na minha terra natal, a minha família e vários amigos conheceram parte da vida de Maria e também do tempo que dediquei a dar coerência ao relato e sentido

a esta história. A todos eles também com amor por ter roubado tanto tempo e esgotado tantas vezes a sua paciência.

Eu estou satisfeita que o primeiro livro sobre o meu trabalho antropológico em Nova Constituinte seja publicado em português e que trate da vida de Maria, uma pessoa que continua lutando neste mundo por sobreviver. Infelizmente perdi o contato com ela, por ter fugido ao interior pelo medo da violência que se vive no bairro, mas espero que algum dia possa voltar a encontrá-la para continuar com a nossa amizade.

PARTE I

1. INTRODUÇÃO

1.1. A história de vida

Maria nasceu no dia 8 de dezembro de 1967 em Monte Azul, estado de Minas, filha de um homem nascido em Salvador e de uma mulher nascida em Campo Grande, estado da Paraíba. Maria nunca fez alusão, durante as nossas conversas, à sua cor. Somente uma vez, quando falamos especificamente sobre o tema durante a aplicação de um questionário da pesquisa epidemiológica que incluía a auto-atribuição sócio-racial, Ela disse que era morena e identificou o pai como moreno e a mãe como clara. Algumas vizinhas se referiam à mãe de Maria como cabocla e a seu pai como negro¹.

Ela é a filha mais velha de duas irmãs, Claudia e Luzia, e a segunda depois do seu irmão Gilberto. É surpreendente o fato de que, na elaboração da genealogia, nunca tenha mencionado o resto dos irmãos, tanto os filhos de dona Sara, a mãe (ela teve 13 filhos), quanto os que foram fruto da relação entre o pai e a segunda mulher, Lana. A maioria dos parentes mora em Salvador, no bairro de Nova Constituinte, e o resto se divide entre os bairros de Tancredo Neves, Periperi, Sussuarana, Mussurunga, Ribeira, Mata Escura, Liberdade, Retiro, Boca do Rio e IAPI. Somente alguns moram no interior do estado de Bahia, no interior da Paraíba e um na cidade de São Paulo.

No relato de sua vida, Maria nunca se referiu à sua infância. A construção de sua história de vida começa quando inicia as suas primeiras relações sexuais. Ter namorados, desejar filhos,

1. As diferenças de classificação sócio-racial diferem segundo critérios de auto-atribuição ou hetero-atribuição (Larrea, 2004). O processo de branqueamento no uso das categorias raciais que Maria faz com relação aos parentes e a si mesma reflete a força da desigualdade social baseada na construção das diferenças de cor em Brasil desde a colonização até os dias de hoje (consultar Sansone (2004), Fry (2005), Maggie & Resende (2002), Sheriff (2001), Telles (2003).

conseguir marido e casa própria constitui o universo feminino que ela liga à reprodução. Na última vez que a vi, Maria tinha somente dez filhos vivos porque um deles morreu aos seis meses de desnutrição quando ela foi presa pela primeira vez. Ela teve seis abortos, três deles provocados pelo consumo de Cytotec² e três espontâneos, que ela atribui a problemas emocionais derivados do susto³. Sobrevive, em muitas ocasiões, somente com os biscates do marido, as ajudas que ela consegue dos programas sociais (bolsa família...), as ajudas com alimentos que recebe esporadicamente das igrejas, os trocados que os filhos conseguem quando saem para pedir na rua, a ajuda da família - resultado dos pequenos furtos em supermercados -, a aposentadoria da mãe, e os trinta reais que recebe do primeiro marido para ajudar no sustento dos dois filhos dele. Com esse dinheiro não logra alimentar toda a família e, por isso, mal conseguem comer uma vez por dia.

A vida de Maria se resume em procurar ajudas sociais para sustentar as crianças, visitar os centros de saúde e hospitais, devido às doenças que sempre atingem os seus filhos, e conseguir remédios, no posto de saúde, que nem sempre estão disponíveis no posto ou na farmácia do bairro. Além das doenças, a fome⁴ também é uma constante na vida de Maria. As doenças respiratórias, as de pele, as verminoses, as diarreias e a anemia são as que mais afetam os seus filhos. O fato de sofrer anemia profunda lhe faz acreditar que os dois filhos caçulas herdaram esta doença que influi na fraqueza dos seus corpos. .

A sua neta, Roberta, era irmã de seu filho Moisés, já que na época em que ela ficou presa e seu filho de seis meses morreu de diarreia, a filha Cecília, de treze anos, foi sequestrada e estuprada pelo padrasto. Quando Maria saiu da cadeia, o denunciou para a

2. Medicamento que as mulheres usam para abortar, mas que originariamente foi desenvolvido contra a úlcera de estômago.

3. Síndrome delimitada culturalmente estendida por toda América Latina que se refere a uma doença popular. Os trabalhos etnográficos mais aprofundados desta síndrome se encontram no México. Além de afetar as crianças pode afetar as mulheres grávidas.

4. A excelente etnografia de Maria do Carmo Freitas (2003) descreve o fenômeno sociocultural da fome em um bairro pobre de Salvador que tem muitas similitudes com este em que mora Maria.

polícia. Depois de algum tempo, a filha voltou grávida para sua casa e teve Roberta. Esse fato abalou profundamente a relação entre Maria e sua filha. Uma prova disso é que Roberta foi registrada pela avó. A relação entre Cecília e a mãe era muito tensa, sendo a menina constantemente desatendida e apresentando problemas graves de desnutrição.

Durante aquele primeiro ano que visitei Maria, o mais grave foi a doença de Moisés e as dificuldades que houve para interná-lo. No dia 11 de março de 1998, quando visitei Maria, ela me falou que estava, há várias semanas, tentando internar Moisés. Existia a suspeita de anemia falciforme. Acompanhei Maria ao HEMOBA, um hospital especializado em problemas hematológicos, por recomendação de uma médica do meu centro de pesquisa. Fizeram um exame de sangue, mas não puderam avaliá-lo e enviaram Maria ao CHR (Centro de Hidratação e Reidratação). Nesse hospital, conseguimos internar Moisés, que permaneceu ali quase um mês para ser tratado da desnutrição e da desidratação. O diagnóstico da anemia falciforme deu negativo.

No dia 22 de abril, sua filha Ana foi internada no hospital Caribe. Três dias depois estava de volta. Maria contou que quando levou a sua filha ao posto de saúde para que lhe aplicassem uma injeção ela teve uma reação alérgica e uma parada cardíaca. Depois Maria foi internada devido a uma forte gastrite. Um dia encontrei Maria e Cecília no posto de saúde de Periperi, para comprovar o problema de desnutrição de Roberta. Nesse dia, o doutor Maurício reclamou com Maria por não tomar conta da neta, já que a filha tinha apenas quinze anos. Quando Maria replicou-lhe dizendo que tinha seis filhos, ele perguntou com desprezo por que tinha tanto filhos. Levaram Roberta para fazer um exame de sangue, mas como ela estava tão desnutrida não conseguiram achar uma veia no braço e, por isso, colocaram o soro na mão.

A família de Maria está envolvida em roubos. Ela foi presa duas vezes: quando participou com as irmãs no furto de comida em um supermercado e quando se envolveu na troca de dinheiro falsificado. No entanto, ela, geralmente, se negava a participar dos roubos praticados por sua família.

Em junho de 1998, Maria foi presa por participar na troca de dinheiro falsificado, no interior do estado da Bahia. Era o marido

de Cláudia, sua irmã, quem, desde a prisão, entregava o dinheiro falso xerocado na cadeia para que várias mulheres o trocassem. Nessa ocasião, Maria também estava grávida, como na primeira vez que foi presa. Apesar de Maria não estar envolvida do mesmo modo nas histórias de roubos, como o resto de sua família, algumas pessoas do bairro acham que ela não conseguirá sair disso porque acreditam que “roubar está no sangue”.

Dois graves acontecimentos foram determinantes na vida de Maria. O primeiro está relacionado com o cruel assassinato de dois de seus sobrinhos, filhos de Cláudia, achados na lagoa da Paixão, perto do seu bairro, no ano 2004. O segundo, o assassinato de seu cunhado no bairro de Nova Constituinte. Foi impossível falar com Maria a respeito do primeiro fato, porque o assassinato aconteceu poucos dias antes de minha saída do país e fui desaconselhada a voltar ao bairro até que as mortes fossem esclarecidas. Diversos artigos na imprensa relacionavam essas cruentas mortes com a venda dos meninos por parte de cunhado de Maria, que era pai do menino e padrasto da menina, que tinha saído recentemente da prisão. As poucas informações que consegui através dos vizinhos e da imprensa eram imprecisas. Um ano depois ele morreu assassinado. Nesse mesmo ano, o marido de Maria foi testemunha de uma morte no bairro e fugiu com toda a família por medo a represálias. A lei do silêncio imperava sobre o tema e, por isso, não procurei o seu paradeiro.

No ano 1998 eu me perguntava por que a Maria foi a única mulher, entre todas as que eu conheci no bairro durante o período que estive fazendo pesquisa etnográfica, que decidiu relatar a sua história de vida para que esta fosse transformada em um livro. Perguntava-me se o fato de que eu fosse uma pessoa estrangeira permitia-lhe abrir um diálogo diferente comigo que com as suas vizinhas ou parentas; e se a sua convicção em relatar-me a própria experiência servia para ensinar-me qual era a sua visão pessoal sobre o mundo social em que eu estava começando a mergulhar.

A história de vida, além de ser uma técnica de coleta de dados biográficos e de compreensão da experiência dos sujeitos no mundo, constitui uma prática antropológica que permite reconci-

liar a reflexividade à observação⁵. A interação entre o investigador e o sujeito que relata sua história de vida costuma ser complexa porque o processo natural de construção do relato abre um jogo de significados e símbolos implícitos à comunicação intersubjetiva. O diálogo que se abre na relação direta entre o pesquisador e o informante está atravessado por gestos, olhares, silêncios, susurros, timbres de voz e outras tantas atitudes que a interpretação biográfica somente pode ser compreendida na sua totalidade comunicativa. O relato pode conter uma ou várias intenções, que talvez nem o próprio pesquisador perceba ou nem o próprio sujeito deseje. O grau de correspondência entre os interesses que motivam uma pessoa a solicitar a autobiografia e que estimula a outra a escrevê-la não tem de ser uniforme. Motivos pessoais, científicos, sociais ou políticos entram em jogo de no próprio processo de produção biográfica.

Desde o início eu estava muito preocupada em não reproduzir uma relação atravessada pelas diferenças sociais. De jeito nenhum eu mesma propus a idéia de fazer uma história de vida como objetivo da pesquisa nem com fins editoriais. Excessivamente preocupada pelas relações de desigualdade, não quis reproduzir relações de poder nem de paternalismo entre ela e eu. Por isso, com paciência e respeito construímos uma relação de

5. A construção de uma biografia constitui uma técnica que desafia, em parte, o conhecimento científico mais positivista, posto que reconhece a problemática da gênese e do uso das formas autobiográficas, por um lado, e da interação pessoal entre o pesquisador social e o informante, por outro (Devillard et al., 1995; Lejeune, 2005). Em antropologia destacam algumas obras clássicas como as de Marcel Griaule ([1966] 2000), Oscar Lewis [1961] (1965); [1964] (1966) e Miguel Barnet (1966). Existem duas aproximações teóricas diferentes que justificam a construção biográfica: uma interessada na biografia como unidade de informação e a outra, como unidade de sentido. Com a primeira, a biografia é considerada uma síntese, entre o individual e o coletivo, e uma fonte de dados, que se remete ao conjunto dos processos sociais, e que pode ser comparada ao mesmo tempo com outras unidades de informação biográfica. Com a segunda, a biografia é uma unidade de sentido que se interpreta como um texto narrativo que nos fala da situação de um sujeito como narrador e ator, e da interação entre narrador e o pesquisador que escuta o relato (Dumont, 1978). Sobre história de vida se pode consultar Aceves et al., 1996; Marinas & Santamarina, 1993; Plumer, 1989; Freeman, 1978.

amizade sólida e estreita que possibilitou que ela compartilhara a experiência de sofrimento e esperança que conformam esse livro a pedido seu. Ela destacou positivamente a mesma atitude de respeito e humildade de uma com a outra, mas também ressaltou uma grande diferença entre nossas experiências de vida. Sentia-se muito superior a mim quando falava de sua excessiva fertilidade porque eu não tive filhos e da grande experiência de maternidade que nos separava.

Foi ela que insistiu no tempo em que morava no bairro em fazer este livro pautando os nossos encontros, sem me deixar fazer praticamente intervenção nenhuma durante as entrevistas. Pensei que a insistência no ato de fazer um livro baseado na sua história de vida, de revelar conscientemente a experiência própria, tinha, ao mesmo tempo, um sentido pessoal e social de denúncia⁶. Maria denunciava a injustiça do mundo através do sofrimento do seu corpo, um corpo com capacidade de dar vida –os onze filhos que teve–, mas também com capacidade de resistir à morte –os seis abortos e a doença de eclampsia depois do sétimo parto. O corpo era o centro da sua experiência como mulher e mãe e o seu modo de falar sobre o fim da vida evocava sempre um desafio à morte.

6. A história de vida se fundamenta em um relato que dá uma significação específica, mas parcial, do modo de viver de uma sociedade (Prat, 2007). Para De Miguel (1996), no fundo, toda autobiografia é uma história de um grupo social, porque conecta a vida de um indivíduo com a de seu grupo de referência e com sua sociedade. As tensões de uma trajetória de vida correspondem ao mesmo tempo às crises sociais. No entanto, a consciência autobiográfica, isto é, o sentido de que um relato pessoal parte de uma trajetória de vida é discutido por Bertaux (1993) mais adiante, e me parece sugestiva sua proposta crítica ao modo de conceber a autobiografia. Para este autor, algumas vezes as autobiografias, como no caso das coletadas por Philippe Sagant entre os limbu de Nepal, mais que relatos pessoais são “formas de expressão”. Por exemplo, os sujeitos não respondiam as suas próprias trajetórias de pessoas, mas sim à vida do povo em outro tempo. Não existia o indivíduo como eixo do relato, senão a coletividade expressada em um acúmulo de episódios. Consultar as seguintes autobiografias: Behar (1993), Frigolé (1997), Crapanzano (1980), Davies (1984), Foucault (1984), Smith (1981).

Pensei muitas vezes em Maria como sobrevivente e na sua necessidade autobiográfica como resistência ou como antibiografia⁷.

A posição testemunhal na narrativa de Maria pressupõe uma literatura de resistência. Sendo Maria testemunha da exploração por ser mulher que se autodeclarava como pobre e mestiça, utiliza uma narração subalterna, por ser oral e não escrita, por evocar o eu coletivo que representa outras muitas mulheres na mesma situação. Como a vida tinha sido injusta para ela o ato de falar cumpria uma função quase redentora.

A narrativa de Maria sobre os fragmentos de sua biografia se converte em objeto de interpretação e se coloca como a pergunta norteadora deste relato. Dessa maneira, compreender a narrativa desta protagonista é indagar para além do que me foi dito. A experiência vivida sempre ultrapassa o narrado. Com isso, trato de buscar uma reflexão entendendo que não será possível ignorar a historicidade necessária que envolve a personagem e a sua realidade circundante⁸.

Este livro é a história de vida de uma mulher que se enfrentou muitas vezes com a experiência da morte. Encontrou-se à beira

7. “(...) *la autobiografía surge como una pulsión, un ejercicio de lucidez y de resistencia de un sujeto que se sabe superviviente*” (Fernández, 2005: 51). Como destacou Kaplan na leitura que fez do termo usado por Barbara Harlow de “literatura de resistência”, no que se refere aos relatos de mulheres presas, os escritos delas “... são documentos coletivos, testemunhos escritos por indivíduos sobre sua luta comum” (apud Harlow, in Caplan 1994-95: 72). Terradas (1992) propõe o desenvolvimento da construção da vida das pessoas a partir da negação biográfica, denominada antibiografia. Existe, no entanto, um vazio histórico biográfico considerável no que se refere às vidas pessoais dos trabalhadores, fato que impede contar com a experiência narrada das vidas das pessoas que viveram em condições miseráveis com a expansão do capitalismo industrial. Reflexões aprofundadas sobre os desafios metodológicos das autobiografias podem-se encontrar em Bourdieu (2005), Gullestad (1996), Levi (1989).

8. Uma das preocupações que Wright Mills (1993) tinha com respeito à sociologia era seu esquecimento do sujeito. Sua proposta de “salvação” foi a de relacionar a biografia, a estrutura social e a história, para transformar a sociologia positivista em uma disciplina humanista capaz de devolver o sujeito ao lugar que este merecia. Esta sociologia humanista estava fundamentada no pagamento do tributo à subjetividade e criatividade humanas, no conhecimento profundo de experiências humanas, e no compromisso moral e político do sociólogo com a construção de uma sociedade mais humana.

da morte em um hospital por uma crise de eclampsia, suportou o falecimento de um filho, aos seis meses, por desnutrição e diarreia e sofreu de perto o assassinato de alguns parentes. Maria, a protagonista desta história, é hoje uma mulher de 45 anos que conheci em 1998, em Nova Constituinte, um bairro localizado em Periperi, no Subúrbio Ferroviário da cidade de Salvador de Bahia, quando participava, como antropóloga, de uma pesquisa interdisciplinar sobre avaliação do programa de saneamento ambiental “Bahia Azul”⁹. Maria foi-me apresentada por Marta, uma líder comunitária e auxiliar de enfermagem. Naquela época, tinha seis filhos vivos e muitos problemas econômicos para sustentá-los. Na atualidade, que saiba, tem dez filhos vivos. Quando em novembro de 2005 voltei ao bairro para visitá-la, e mostrar-lhe a versão final deste livro, eu fui informada de que tinha fugido com toda a família por conta de problemas relacionados com a violência.

No primeiro dia que conversei com Maria, depois de ter visitado sua mãe, ela insistiu que a história de sua vida dava para escrever um livro. “A minha vida é um livro”, falou. Chamou-me a atenção o contraste entre a resignação com que sua mãe lidava com os problemas no dia-a-dia e a inconformidade de Maria com a vida que “lhe coube viver”. A violência e pobreza impõem à Maria o sofrimento e as doenças. A encarnação do sofrimento é uma condição existencial que se imprime no corpo e que constitui o campo intersubjetivo da experiência (Csordas, 1994). Ela resistia a essa marginalidade com a força do corpo e a fortaleza de suas emoções. Um corpo que sofria, mas que agia com perseveran-

9. Entre 1997 e 2010 desenvolveu-se um estudo antropológico integrado a uma pesquisa de avaliação do impacto epidemiológico do programa de saneamento ambiental Bahia Azul e das doenças diarreicas, coordenado pelo professor Maurício Barreto, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Algumas das publicações sobre a pesquisa se incluem em: Larrea (2001, 2004); Strina, Cairncross, Barreto, Larrea, Prado (2003); Rego, Barreto, Larrea (2002); Larrea, Barreto (2006). O projeto epidemiológico, de orientação interdisciplinar, teve como objetivo principal estudar as condições de saúde e saneamento na cidade de Salvador e os municípios da Baía de Todos Santos antes e depois da construção da rede de esgoto para avaliar a influência das melhorias de saneamento na redução das doenças infecciosas, principalmente as diarreicas.

ça contra as instituições para resolver os problemas relacionados com a saúde dos seus filhos e a sobrevivência de sua família.

Nesse primeiro dia em que nos vimos, ela me propôs compartilhar sua experiência pessoal, em troca de informações sobre a saúde das crianças, objetivo principal da pesquisa da qual eu participava. Para tanto, reivindicou um espaço próprio para transformar as minhas visitas em encontros onde o relato de sua vida seria o meio de comunicação entre nós. Como a narrativa autobiográfica se relaciona com o processo de construção da personalidade (Molloy, 2005), eu me perguntava se esta necessidade de Maria se tratava de uma atitude provocativa e ao mesmo tempo narcisista. Maria descobriu que, para refletir sobre a sua própria experiência pessoal precisava colocar-se com relação à outra. Refletia sobre si própria (*eu*) para chegar à essência de si mesma através de sua relação comigo (Viollet, 2005). Um processo com maior sucesso quando existe uma boa comunicação.

Maria contava o seu relato de vida através de mim para si mesma e para o resto do mundo. Demonstrava tanto interesse neste processo que organizava as minhas visitas e aguardava que eu chegasse a sua casa, pedia que colocasse o gravador e, quase que sem minha intervenção, falava sobre sua vida, retomando o mesmo ponto que tinha deixado no dia anterior. As tarefas domésticas sempre estavam prontas e os filhos avisados de que deveriam ficar fora de casa ou na sala, mas calados e quietos. Não gostava de ser interrompida enquanto falava comigo e era resistente às visitas sem prévio aviso. Todas essas horas de conversa foram muito importantes para nós duas porque nos colocava num mesmo plano de diálogo. Ponderamos ao final se era melhor conservar ou trocar o seu nome e o de seus parentes e, diante de sua dúvida, decidi manter os nomes em sigilo. Como o centro de sua vida eram os filhos e os parentes, alguns deles diretamente relacionados com o roubo e a droga, eu preferi proteger a sua identidade.

Em outubro de 2003, voltei a casa dela e lhe perguntei que título teria o livro e respondeu-me que duvidava entre “nasci para ser mãe e dona de casa” ou “nasci na família errada”. Eu achava que esse fatalismo social sentido na força dos dois títulos continha a chave interpretativa da construção biográfica de Maria. Com

o primeiro título, ela se referia ao seu destino de mãe de família numerosa. Com o segundo, fazia referência aos problemas que sua irmã Claudia tinha provocado, devido à dependência das drogas e a sua doença de AIDS. Insistiu que seu marido não gostava que ela e os filhos a visitassem por medo ao contágio porque tanto ela como seu filho caçula tinha desenvolvido a doença.

Teceu-se uma relação pessoal tão intensa que este livro não será capaz de transmiti-la. Difícilmente os choros ou risos dos nossos encontros poderiam ser reproduzidos. Somente a força do relato aparece nesta narrativa sem o complexo universo das emoções que surgiram durante as nossas conversas. A experiência sempre ultrapassa a narrativa. Ela manifestou várias vezes o seu interesse pessoal em deixar constância por escrito do relato de sua vida em um livro e foi essa convicção o que me permitiu continuar empolgada com o processo de sua construção autobiográfica durante tantos anos. Por isso, levo mais de 10 anos organizando este relato.

Maria queria que sua vida saísse do bairro para que outras pessoas soubessem como era ela e como era o mundo onde ela morava. O relato de Maria funcionava, ao mesmo tempo, como um desabafo pessoal e uma denúncia moral e política de questões objetivas que se manifestam em um corpo adoecido pelo sofrimento¹⁰. As suas narrativas¹¹ constituíam uma oposição constante entre a vida e a morte. Este pulso existencial entre a vida e a morte, expressado num relato pessoal que relaciona os aspectos subjetivos que dão sentido à experiência pessoal com as condições que configuram a dinâmica dos processos e das práticas sociais, faz parte da resistência ao adoecimento e a luta por sobreviver.

Nessa comunicação que se estabeleceu entre Maria e eu compartilhávamos visões diversas, embora próximas, talvez, para en-

10. Para aprofundar sobre as dimensões da economia moral do sofrimento é recomendável ler a etnografia de Nancy Scheper-Hughes (1997).

11. A antropologia médica vem desenvolvendo um interesse cada vez maior sobre o estudo das narrativas para aprofundar na construção do *self* com relação à experiência da doença. Desvelar o sentido das narrativas permite ter uma compreensão maior acerca dos mecanismos de resistência que o doente desenvolve contra o processo de medicação (Littlewood, 2003).

tender o mundo. Sabemos que a experiência de mundo nunca é individual, mas sim comum e compartilhada entre os atores sociais, como Gadamer (1977) nos ensinou. Ele considerava que o mundo em que vivemos estava constituído linguisticamente. A linguagem é o único instrumento que transforma o mundo em um objeto compreensível para os indivíduos. Esta universalização somente é possível através da situação de intérprete, da tradição e do diálogo (Múñiz, 1989). Homens e mulheres interpretam a realidade porque estão instalados nela através do acontecer histórico. Esta situação hermenêutica que lhes faz compreender a realidade demanda um conceito, um “horizonte”. Esta ferramenta se utiliza para compreender como se interpreta um objeto. A tradição é, para Gadamer, o elemento fundamental da compreensão humana e um acontecimento que une o mundo humano através da palavra que, uma vez escrita, adquire pleno significado no presente. A tradição exige a compreensão de um sujeito que a escuta e a interpreta. Na conversa, o diálogo é o método por excelência. A pergunta é o elemento que orienta a conversa, na medida em que dá sentido à resposta. Todo entendimento, para esse autor, exige uma interpretação da linguagem e é, portanto, hermenêutico (*verstehen*).

Enquanto Gadamer considera a linguagem o elemento constitutivo do ser histórico, Wittgenstein (1988) a vê como um instrumento que, junto com o pensamento, forma a conduta humana. Segundo este autor, cada linguagem se refere a um contexto e é constitutiva das atividades humanas expressadas em palavras porque somente o que é falado pode ser inteligível. A realidade não existe fora da linguagem e, nesse sentido, não poderia ser pesquisada. O significado de uma palavra corresponde a um objeto ou a uma referência desse objeto. Nesse sentido, o aprendizado das palavras está relacionado com o contexto particular onde se aprende. O significado depende do contexto no qual o termo seja pronunciado (Múñiz, 1989: 183; Yáñez, 1996). Wittgenstein chama de “jogo de dominação” essa multiplicidade de contextos de uma mesma palavra. O importante é saber o uso das palavras, em vez de seus significados. Assim, a linguagem não é mais que uma forma de vida. Wittgenstein e Gadamer coincidem ao admitir a essência linguística das relações sociais.

Austin (1992), pelo contrário, ocupou-se, nas suas indagações filosóficas, da análise dos fenômenos e vivências ligadas ao “uso comum da linguagem”. O objeto de sua obra foi o estudo das expressões da linguagem comum, embora tenham sido as expressões referidas às escusas – as que constatarem um fato e as que conduzem um ato –, aquelas que em maior medida contribuíram com o sucesso de suas reflexões filosóficas. Ao contrário de Wittgenstein, este autor seleciona dentro do universo da linguagem comum somente aquelas expressões que, devido à multiplicidade de seus usos, lhe permitem propor determinados problemas filosóficos, já que nem todas as expressões servem para todos os contextos (Muñiz, 1989: 147). Os atos de fala, semelhantes aos jogos linguísticos de Wittgenstein, se remetem à conduta humana, ou, dito de outra maneira, a um conjunto de regras que ordenam as relações humanas. Foi J. Searle (1980) quem observou nos atos de fala a unidade mínima da comunicação linguística. Negando a divisão que Austin fez dos atos de fala, Searle opina que o importante é reconhecer que a linguagem pertence ao mundo da ação e das regras que a governam. O princípio da expressão da linguagem conecta-se com o âmbito do falante e do ouvinte. Por exemplo, o diálogo entre Maria e eu constituiu-se a partir de sua história de vida, da sua experiência como mãe e dona de casa, da sua visão do mundo. A essência de nosso vínculo pessoal e afetivo consistiu em dialogar sobre o mundo feminino, no contexto particular onde Maria aprendeu a ser mulher. Eu descobri nesse processo diferenças e semelhanças com a minha experiência pessoal, no entanto, a mais relevante contribuição desse diálogo foi permitir-me, como antropóloga, refletir sobre o modo como Maria denunciava, resistia e sobrevivia numa favela nordestina. Maria mostrava os sentimentos e as experiências de outras mulheres excluídas por serem pobres e afrodescendentes.

Nunca escreveu diário nenhum¹² como, por exemplo, fizeram outras mulheres que moraram em condições parecidas no Brasil,

12. As técnicas de construção e análise dos dados que indagam sobre a vida pessoal de um sujeito, para teorizar sobre a sociedade e a cultura, são os documentos pessoais, que incluem as histórias pessoais ou histórias de vida, a história oral, os diários, as cartas e os filmes, entre outros tipos de docu-

entre elas a mais conhecida, Carolina Maria de Jesus. Foram as obras de *Quarto de Despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961) onde Carolina abocou a experiência dela, alentada pelo jornalista Audálio Dantas. Histórias parecidas foram as de Maria e Carolina, mas com uma diferença importante, já que a de Maria se baseava num conjunto de narrativas¹³ que surgiram na relação de diálogo entre ela e eu. Um espaço no que ela precisava de uma testemunha do mundo sociocultural desde onde ela falava. Era a audiência que precisava ter Maria para dar sentido ao próprio relato de vida como o único ato de veracidade no seu cotidiano. Nesse espaço o eu de Maria pretendia unificar-se e recompor-se como sujeito constantemente. A força da narração se estruturava a partir da experiência da maternidade e do cuidado do lar. Uma oralidade despedaçada que atuava como espelho da fragmentação do eu que precisava de unidade e coerência. Como podia ter unidade uma experiência dilacerada pela marginalidade, a discriminação e a exploração?

Como a experiência do mundo social é sempre intersubjetiva, Alfred Schutz (1993) é extremamente cuidadoso ao estudar as relações de interação entre as pessoas. A linguagem é o elemento constitutivo da realidade social, histórica e humana, e se revela ao mundo em forma de diálogo. A interação ou diálogo constitui, para Schutz, o ato hermenêutico por excelência. O pensamento hermenêutico vê na linguagem, como produtora da experiên-

mentos. Bertaux (1993: 151-152) distingue os relatos de vida (*life stories*) das histórias de vida (*life histories*), sendo que os primeiros constituem biografias tal como são contadas por uma pessoa (*autobiografias*), e as segundas, estudos de casos que além do próprio relato de vida compreendem outro tipo de documentos, como por exemplo, relatórios médicos, relatórios judiciais, testes psicológicos, testemunhos de outras pessoas, etc.

13. Nem todas as histórias de vida são autobiografias escritas ou gravadas em primeira pessoa, nas quais participa somente o sujeito biografado e/ou o pesquisador. Existem biografias e histórias de vida que se nutrem de outros testemunhos (estruturas polifônicas) e documentos pessoais que permitem ampliar ou contradizer parte da informação coletada. Na construção de uma história de vida podem ser incluídas cartas pessoais, os diários, os relatórios médicos, os testemunhos dos parentes mais próximos, etc. Todos estes documentos pessoais acrescentam aspectos diferentes do próprio relato biográfico.

cia, a peça chave da compreensão do mundo. Para ele, tal como para os defensores da perspectiva fenomenológica, o mundo está constituído de dois tipos de objetos hermenêuticos: os objetos simbólicos passados, como as instituições, textos, saberes, tradições, obras ou patrimônio, etc., e os objetos simbólicos presentes, como os discursos, opiniões, representações, linguagens, comportamentos, etc.

Quando fomos apresentadas, Maria era uma mulher magra, ansiosa e aparentemente anêmica. Com o decorrer dos anos, devido à sucessão dos partos, foi engordando muito e ficando mais fraca e cansada. Nas minhas primeiras anotações de campo, em fevereiro de 1998, registrei sobre seu caráter enérgico, seus sonhos, suas esperanças para o futuro, embora vivesse um cotidiano aprisionado nos afazeres domésticos e no trabalho informal para garantir sua sobrevivência. Naquela época, ela tinha 29 anos e morava em um pequeno barraco de um quarto, junto com cinco dos seus seis filhos, o marido e uma neta. Era generosa e mantinha boas relações com a vizinhança. Os filhos lhe demonstravam respeito, mas também um pouco de medo. Era educada e se esforçava para manter uma imagem de retidão e boa conduta moral, sobretudo quando estava diante de mim e das vizinhas. Queria destacar-se como uma pessoa da comunidade com uma família decente, e, principalmente, diferente do resto de seus parentes, já que as irmãs e a mãe andavam envolvidas em pequenos roubos e no consumo de drogas. Maria insistia sempre nas diferenças que existiam entre ela e os seus parentes, visto que tinha tido suficiente clareza para escolher o “bom caminho”, e no apoio que recebia do marido que pensava como ela. Mulher de caráter forte mostrava saber o que queria, embora os fatos nem sempre correspondessem às ideias que expressava. Tinha uma grande capacidade organizativa, mas envolvia seus filhos mais velhos no cuidado das crianças, dando-lhes responsabilidades. Era egoísta e dura com os dois filhos mais velhos e solidária com parentas e vizinhas. Por exemplo, algum tempo depois de tê-la conhecido, cuidou de uma das mulheres que morou durante algum tempo com seu pai, contaminada pelo vírus da AIDS, e também cuidou de sua cunhada, durante sua gravidez. Considerava-se auto-suficiente, independente e inteligente. Tinha uma grande eloquência

e conseguia quase tudo o que precisava das instituições, como todas as ajudas sociais possíveis, os remédios de graça, o internamento hospitalar, etc. Uma prova disso é que, às vezes, ajudava as vizinhas em alguns trâmites burocráticos.

Ela me converteu em sua confessoria e em testemunha de uma vida revelada para si mesma e para o mundo. Eu sei que por vezes escondia coisas de mim, embora se orgulhasse de termos uma grande intimidade, ao falar diante de seus parentes que eu sabia mais de sua vida do que ela mesma. Comigo desenvolveu, desde o começo de nossos encontros, um discurso assistencialista. Falava de suas dificuldades e procurava de mim informação e contatos com instituições ou pessoas que facilitassem ajudas sociais (dinheiro, alimentos, remédios). Esse interesse e demanda se transformou com o tempo numa relação psicanalítica. Precisava desses encontros para desabafar dos problemas. Esses dois discursos sequenciais teceram a nossa relação. O mais importante era que ela evocava a sua experiência existencial onde eu mal intervinha.

Soube, através dos seus vizinhos, que Maria esteve morando, entre 1999 e 2001, em uma cidade do interior do estado de Bahia. Quando em outubro de 2002 voltei ao bairro para prosseguir minha pesquisa de campo, as transcrições das entrevistas, realizadas ao longo de 1998, estavam organizadas em vários temas. No dia 11 de outubro desse mesmo ano, fui visitar Maria e lhe mostrei o trabalho, a fim de discutir a ordem dos temas do livro. Ela começou a lê-lo detidamente, mas não falou nada. Eu aguardava que fizesse algum comentário, posicionando-se a favor ou contra do que eu tinha dito, ou a respeito da organização das narrativas, mas ela não fez comentário algum. Era a primeira vez que sua vida se mostrava ante ela daquela maneira. Sua vida, “um livro aberto”, falou-me em um momento da conversa. Maria queria acrescentar os fatos acontecidos durante o tempo que ela ficou morando no interior e marcamos vários encontros para dar continuidade às entrevistas e completar a história da sua vida.

Todos os encontros foram realizados no bairro, em três das casas onde Maria morou durante o tempo em que estivemos em contato, embora nosso vínculo tenha sido mais intenso durante o ano de 1998. A primeira casa foi um barraco de três cômodos, dois usados como quartos e o terceiro, como banheiro. Nesse

espaço morou com o último dos maridos, cinco dos seis filhos, uma neta e, de forma temporária, com os cunhados, que alternavam esse lugar com outro barraco de Maria. Quando se separou do marido, voltou para sua casa, um barraco com um só quarto e sem banheiro, e que se localizava na mesma rua da casa do marido e da mãe dela. Anos depois, quando voltou do interior, conseguiu uma casa maior que a anterior, com dois quartos, mas sem banheiro, em troca do barraco que tinha. A troca de casas foi possível porque a pequena estava rebocada e a maior tinha somente as paredes sem reboco. A pessoa que trocou a casa foi o homem de quem ficou grávida do oitavo dos seus filhos, Rosa, no período em que ficou separada do marido. Nessa casa morou com o marido atual e oito dos seus filhos, pois a filha mais velha e a neta foram morar fora.

Esta perspectiva biográfica abria um novo olhar etnográfico (Bertaux, 1993). A multiplicidade de sentidos que a sua narração oferecia representava um modo distinto de descobrir várias dimensões de falar de uma mesma cultura. Para a antropologia, o discurso representa a expressão simbólica das condições ideológicas e culturais da realidade que compartilham os sujeitos. O discurso se remete à estrutura e à gramática da realidade social porque se constitui a partir delas mesmas. A linguagem existe na medida em que os sujeitos a usam para comunicar-se. O mundo tem sentido porque as pessoas se comunicam e se expressam em forma de experiência e, como a linguagem é o canal de expressão constitutivo da experiência, representa o objeto principal de conhecimento. Somente assim, através da interpretação e compreensão da linguagem ou da experiência, se conhece a cultura e a sociedade. A cultura se desvenda ante o antropólogo como um texto onde os objetos de significação dialogam entre si formando uma rede de sentido reificada constantemente pelo discurso (Lisón, 1983).

Paul Ricouer (1995) foi quem melhor desenvolveu uma teoria interpretativa do discurso. A hermenêutica representa para ele uma teoria do discurso, em que a autonomia semântica nunca pode separar-se do evento linguístico ou da intencionalidade do autor e intérprete. A relação entre o texto e o autor é dialética e corresponde à dialética entre o texto e o leitor. É o leitor quem

faz significativo o texto e abre a possibilidade de novas interpretações¹⁴. Nesse sentido, Yáñez (1996) considera que o antropólogo se converte no intérprete dos discursos culturais da experiência do mundo. O discurso somente tem sentido quando se interpreta.

O discurso autobiográfico de situação incluía o desafio das autobiografias convencionais, como as memórias de prisão, as de testemunho, os textos etnográficos, entre outras variedades autobiográficas, que se situavam na interseção entre a lei do gênero, a contra-lei que Derrida revelou sobre a impossibilidade de estabelecer limites ao gênero, e as condições transnacionais (Caplan, 1994-1995). Na organização final da estrutura do livro as diferenças de poder no controle da narração foram harmonizadas. Ao invés de um discurso individual houve um “discurso de situação, uma “política de lugar””, onde a responsabilidade foi compartilhada (Caplan, 1994-95: 69).

A complexidade no desenvolvimento da relação entre Maria e eu, através da construção do seu processo biográfico durante todos estes anos, tem um papel significativo para a compreensão das dinâmicas internas contidas nas suas narrativas. A intersubjetividade expressada nas suas falas com ela mesma através de mim, nas conversas em que buscava minha aprovação ou consentimento e nos conselhos que ela me proporcionava com respeito ao que descobria sobre os fragmentos da minha vida têm uma dimensão temporal e espacial diversa (Ricoeur, 1995). Duvido que este livro possa dar conta de toda a riqueza e variedade que se deu ao longo do tempo que levou toda a reconstrução biográfica. Contudo, esse é o objetivo ao que me proponho.

14. De Miguel (1996) destaca a importância do leitor na produção autobiográfica. Nesse sentido, a autobiografia constitui uma alternativa pedagógica avançada, porque permite ter acesso à análise dos significados ocultos de uma trajetória de vida. O leitor interpreta uma realidade que conhece a partir da experiência de alguém que lhe é alheio, e esta realidade é comparada e contrastada com a experiência que o leitor tem desse acontecimento ou dessa realidade. Seu papel é ativo no processo de interpretação do relato autobiográfico.

1.2. O bairro

Nova Constituinte é um bairro¹⁵ situado no subúrbio ferroviário de Salvador de Bahia que se formou a partir de um processo de ocupação de terras e loteamento da antiga Fazenda de Periperi. Desce de uma encosta na vertente direita do Vale do Rio Paraguari, limitando ao norte com Coutos, e ao sul, leste e oeste com o bairro de Periperi. A maioria de moradores lembra a data de 20 de janeiro do ano 1987 como o dia em que se fundou o bairro, dando o nome de Nova Constituinte em comemoração ao processo de democratização aberto no país depois da caída da ditadura, a formação da Assembléia Constituinte e a iminente aprovação final em 1988 da nova Constituição.

A Fazenda de Periperi foi propriedade da família Visco até a década de 50. Depois da tentativa da Prefeitura de desapropriá-la em 1953 para ser destinada como habitação popular e não conseguiu-lo, alguns trabalhadores aproveitaram o interesse da Prefeitura para especular com o terreno vendendo lotes clandestinamente. Nessa época a família Visco passou a propriedade ao genro, de nome Almachio. Com o passar dos anos essa grande propriedade se foi fragmentando e os rendeiros começaram a deixar de pagar o aluguel tratando, com o tempo, de negociar com a Prefeitura a compra dos seus próprios terrenos.

Já na década de 80, a área de Nova Constituinte pertenceu a vários proprietários particulares até 1988 e o processo de ocupação se deu por invasão ou loteamento. Por exemplo, pela entrada que utilizou Ligia Bonfim¹⁶, uma militante do movimento popular, ao comandar a invasão, os moradores mais antigos do bairro falaram que perto havia uma roça propriedade de um senhor de

15. A pesar de que Nova Constituinte é considerada por alguns de seus moradores, vizinhos dos bairros próximos, políticos e jornalistas como de “favela”, prefiro usar o termo de “bairro popular” por ser menos pejorativo e por clarificar melhor a consolidação de um bairro que historicamente superou a etapa de invasão de terras.

16. Conservam-se os nomes originais próprios nesse capítulo, por ser de personagens públicos e lideranças que tiveram um papel na vida política do bairro.

nome Albino, cuidada por dois posseiros. Eles decidiram o parcelamento e venda de parte do terreno sem que o proprietário tivesse conhecimento, o que provocou a fúria dele e a briga entre o proprietário e o posseiro com desocupações sucessivas até que a Prefeitura decidiu intervir para indenizar aos afetados e regular o processo de venda. Mesmo com a intervenção da Prefeitura houve novas tentativas de ocupação que acabaram com uma melhor organização e distribuição dos lotes. A venda dos terrenos foi para famílias com maiores necessidades, o que não evitou que o critério de distribuição fosse favorável às pessoas ligadas à Prefeitura de Lídice da Mata. Hoje em dia se conserva parte da roça na fronteira com a ocupação de Barreiro. Também havia outra área de loteamento conhecida como Parque Setubal, situada no atual bairro de Coutos, comandada por Adilson Cerqueira, liderança que organizou a invasão perto de Coutos e que não diferenciava loteamento de invasão. Os loteamentos se situavam em áreas de fronteira. Não obstante, algumas diferenças significativas foram estabelecidas pelos moradores mais antigos entre comprar o terreno por loteamento que invadir as terras. A segunda opção era má considerada pelos que tinham comprado o lote, apesar de que não sempre se mediou a través da Prefeitura.

Num documento de avaliação do tecido urbano elaborado pela Prefeitura Municipal de Salvador em 1987 (PMS, 1987), a Prefeitura planejava propor o objeto de negociação com o Espólio de Edmundo Visco. Em outro documento elaborado pela Secretaria da Cultura do Estado da Bahia em 1988 se indicava que a propriedade era de Laura R. da Costa e que a ocupação de Nova Constituinte começou em 1985, o que contrasta com a versão de todos os moradores antigos que identificaram Almachio como o proprietário da zona ocupada. Segundo o relatório, se tratava de um latifúndio improdutivo endividado pela falta de pago dos impostos, o que levou a iniciar um litígio de desapropriação que ganhou aos poucos anos. Os moradores que identificaram Almachio como proprietário lembraram que por problemas de falta de pago do IPTU (imposto fiscal pela propriedade), a Prefeitura desapropriou o terreno.

A desapropriação definitiva foi o dia 28 de junho de 1988, segundo decreto número 8105, emitido pelo prefeito de Salvador,

que declarava de utilidade pública e interesse social uma área de terreno de 450.000 m². A maioria do território que hoje ocupa Nova Constituinte é propriedade da Prefeitura, outra parte dos terrenos é da União e algumas propriedades de donos desconhecidos. Hoje em dia algumas zonas não podem ser expropriadas por falta de clarificação dos títulos de propriedade.

Apesar do fato de que algumas pessoas ouviram falar que as primeiras ocupações começaram em 1983, foi a partir de 1985 quando estas se estenderam, e entre 1987 e 1988 quando se ampliaram e consolidaram por toda a área. Um ano depois de duas tentativas policiais de desocupação em 1985 e 1986, os ocupantes conseguiram finalmente se afincar nos terrenos. O princípio não foi fácil: os ocupantes tiveram que enfrentar cobras, chuva, muita lama, calor e doenças. Tudo era mata com exceção de uma área de mangue e um lugar onde se encontrava uma fábrica. Distinguiam-se aquelas pessoas que estavam em busca de um pedaço de terra por necessidade daquelas “aproveitadoras” que tratavam de ocupar lotes para vender a terceiros. Comprar um terreno a terceiros não garantia o terreno, levando às vezes a enfrentamentos graves entre ocupantes, inclusive à morte. O mais importante para conservar a posse do lote era construir um barraco e morar nele.

No início, as terras que formam hoje Nova Constituinte foram ocupadas por pessoas que, fugindo do aluguel, procuravam terra para ter um lar próprio. Em 1987 (PMS, 1987), conforme o PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano) o bairro era uma invasão classificada como Unidade Espacial de Planejamento C17, diferenciado do Loteamento Parque Setubal, que Adilson Cerqueira incluía na própria área de Nova Constituinte. Tratava-se de um terreno de 42 hectares que, segundo documento elaborado pela Prefeitura Municipal e Salvador, deveria sofrer um processo de organização das ocupações e valorar sua expropriação. Ao ano seguinte, um relatório elaborado pela Secretaria da Cultura do Estado da Bahia (SCEB, 1988) indicava que havia uma população de 7.270 pessoas, com um total de 1.454 famílias. A densidade bruta era de 173,5 hab/ha, muito menor comparado a outras ocupações próximas. Tratava-se de uma área de difícil acesso, tanto por Coutos como por Periperi.

Da família de Maria, foi a mãe a primeira que saiu do bairro de Beiru – conhecido hoje como Tancredo Neves –, em 1987, para ocupar um pedaço de terra em Nova Constituinte. Um ano depois chegou Maria com os filhos para sair do aluguel que pagava também em Beiru. Foi durante a época de maior expansão da invasão, quando as lideranças organizavam as famílias para ocupar lotes – sete de frente por catorze de fundo, metros quadrados–, que Maria aproveitou o fato de ter a mãe em Nova Constituinte para conseguir um pedaço de terra onde construir sua casa. Num barraco de taipa, perto da mãe, morou criando os primeiros filhos até que conheceu ao segundo marido num grupo de jovens do recém criado centro comunitário que ela frequentava. Foi nesse mesmo ano que fundaram a Associação de Moradores da Invasão Nova Constituinte, e que a igreja católica organizou a formação de um grupo de jovens e criou a escola comunitária. No começo a luz era “gato” (conexão ilegal), mas depois com ajuda da associação se conseguiu o subministro de energia elétrica. A água foi primeira distribuída através de dois chafarizes e depois pela abertura de poços, e a instalação definitiva do serviço da água potável foi realizada entre 1992 e 1995, segundo as áreas. Quando em 1992 houve um surto de cólera em Salvador, uma parte da associação de moradores de Nova Constituinte se organizou para pressionar a prefeitura o subministro de água potável.

O processo foi irregular, dilatado e complexo politicamente. Tratava-se de um período histórico caracterizado pela transição democrática no país e de grande participação dos movimentos sociais. Combinaram-se as invasões por parte de grupos de pessoas e famílias, com o loteamento e a venda de parcelas, comandadas por lideranças e apoiadas por políticos, movimentos sociais e a Igreja Católica. Com o tempo, a intervenção da prefeitura organizou a venda de lotes, tratando de frear a especulação, e se desenvolveram algumas doações para famílias que perdiam as casas pelas enchentes e desmoronamentos acontecidas em outros bairros.

Houve diferenças significativas durante o processo de invasão segundo as áreas ocupadas. Uma primeira entrada se deu pela área mais próxima a Periperi e a outra mais próxima a Coutos. As duas principais lideranças da ocupação foram Ligia Bonfim, que morava em Periperi e que hoje os vizinhos situam em São

Paulo ou Rio de Janeiro e Adilson Cerqueira, paulista que ainda mora em Nova Constituinte. Maria e sua família se instalaram na área comandada por Ligia Bonfim. Devido a enfrentamentos políticos internos com Adilson Cerqueira, Ligia Bonfim saiu do bairro aos poucos meses de ser fundada a Associação de Moradores da Invasão Nova Constituinte. Fernando Bel, apelidado Guaxinim, fundou a associação e ocupou o lugar dela na distribuição e venda dos lotes. Guaxinim, que era conhecido como ex-futebolista do Flamengo Júnior, semeou o terror até 1991, ano em que foi assassinado. Foi um chefe cruel, despótico e temido, que especulava com a venda de terrenos, chegando a matar a aqueles ocupantes que não cumpriam suas regras. Uma das lideranças que colaborou em atividades comunitárias apoiadas pela Igreja Católica lembrava-se de uma terrível briga entre Guaxinim e seus colaboradores que terminou com a morte de cinco deles dentro da Associação de Moradores da Invasão de Nova Constituinte. Na área de Beira Rio, Guaxinim cometia os seus crimes e queimava os corpos. Por outro lado, Adilson Cerqueira fundou a Associação de Moradores de Parque Setúbal tempo depois de ter organizado a invasão, distribuído os lotes e traçado as ruas. Durante esse período, a Secretaria Municipal de Ação Social levou a mais de cem famílias desabrigadas ao bairro em terrenos livres porque perderam as suas casas por enchentes e desmoronamento de casas, assim como famílias sem lar por falta de recursos econômicos. A Igreja Católica também teve um papel ativo com a criação da escola comunitária, construída por mutirão, e a organização de atividades para jovens como catequese, teatro, capoeira, etc.

Em 1992 (SEMAS, 1992) a Secretaria Municipal de Ação Social elaborou um diagnóstico do bairro com o objetivo de melhorar as condições de vida dos moradores. Com 46,6 hectares e um total estimado de 7500 habitantes, um pouco mais da metade menor de 18 anos. No relatório se indicou que o 42,7% dos terrenos já haviam sido invadidos, sendo que o 48,8% foram comprados a terceiros e o 8% doados pela Prefeitura Municipal de Salvador aos desabrigados. Das 2204 unidades, 85,3% eram casas e somente 1,3% comércios. Desse total de unidades 1667 das casas estavam habitadas, 198 terrenos haviam iniciado a construção da casa e 339 terrenos estavam ainda vazios. Um total de 51,6% dos

ocupantes procedia do interior do Estado de Bahia, 39% eram naturais de Salvador e 7% chegaram de outros estados do país. Em aquele momento, 23% da população adulta estava desempregada. A ocupação mais numerosa era a de pedreiro e biscateiro (trabalhador informal), seguindo a de servente, comerciante e empregada doméstica. A proporção de trabalhadores com emprego fixo era de 38% frente ao 36,3%, como autônomo. Aproximadamente a metade dos empregados cobrava entre a metade e um salário mínimo. Os materiais de construção das casas eram precários: 58,2% eram de madeira e adobe e 36,2% de bloco, com o telhado de cimento amianto. Um 80,2% das casas não tinha cozinha e 78,5% não tinha sanitário. Como ainda não havia subministro de energia elétrica, os ocupantes estavam conectados ilegalmente. A falta de abastecimento de água potável se resolveu com a construção de poços e a utilização dos chafarizes sem garantia de salubridade. Os moradores reivindicaram os serviços de subministro de luz e água, linha de ônibus, esgoto, posto policial e asfalto.

Em 1996 se reativou a associação com a renovação dos estatutos e a eleição de uma nova diretoria gerenciada por uma presidenta, Angela, até hoje. Ela chegou em 1989 quando a associação ainda era comandada por Guaxinim. Dedicam-se à procura de melhorias para o bairro e ajuda para os moradores, como conseguir as carteiras de identidade, cestas básicas, vagas em hospitais, etc., com apoio dos políticos e abaixo-assinados à Prefeitura.

Em 1997, quando comecei o projeto de pesquisa, havia 9.748 habitantes que ganhavam aproximadamente 1.39 salários mínimos e tinham um nível de escolaridade que não superava os quatro primeiros cursos do ensino fundamental. Somente havia uma creche comunitária, que contava com apoio da Igreja Católica, três associações de bairro em atividade, diversas igrejas evangélicas, e vários terreiros de candomblé espalhados pelo bairro (Larrea 2001, 2008). Apesar de que o sistema de abastecimento de água potável chegava a todas as casas, o subministro era deficiente e irregular. Não existia sistema de esgotamento sanitário, drenagem pluvial nem coleta de lixo. Nenhuma das ruas estava pavimentada, nem existiam placas indicativas das ruas. Nas ruas podia-se observar muitas casas em venda, que muitos dos moradores rela-

cionavam com problemas de violência. Também não havia serviço de transporte, escola e nem centro de saúde.

Em 1998 foi quando conheci a Maria e a sua família. Havia começado a construção do sistema de esgotamento sanitário somente na metade do bairro. Previsto para entrar em funcionamento no ano 2000, o sistema não foi liberado até o ano 2003, quando começaram as conexões intradomiciliares. Com grandes problemas de conservação da rede, devido à falta de uma rede de drenagem pluvial e ao uso da rede de esgotamento antes de ter sido liberada, a entrada em funcionamento do sistema foi precária e ineficiente. Somente a metade do bairro havia sido beneficiada, o que provocou maior desconfiança contra o governo por parte de aqueles que não se beneficiaram da obra. Em 2007 somente 60% das famílias estavam conectadas ao sistema, sendo que em várias ruas algumas caixas de esgoto, poços de visita e tubulações ou estavam danificadas ou totalmente quebradas, o que produzia derramamento de esgoto nas ruas e alagamentos nas casas.

A Prefeitura de Salvador construiu em 2002 o posto de saúde onde um ano depois se aplicou o Programa de Saúde da Família (PSF). O serviço de saúde, de caráter preventivo, começou com uma equipe formada por um médico, três enfermeiras e treze agentes de saúde comunitária. Os principais problemas de atenção eram de saúde materno-infantil e de prevenção pelas doenças infecciosas.

A partir de 2003 começou o processo de regularização fundiária que consistia na distribuição de títulos de concessão de uso para fins de moradia em áreas carentes orientada a legalizar a irregularidade da ocupação do terreno e, desse modo, conseguir a sua plena cidadania. Este era um dos objetivos principais promovidos pelo Estatuto da Cidade. Segundo informação da Secretaria de Habitação do Estado da Bahia em 2004, em Nova Constituinte foram cadastrados 2039 lotes, diferidos 1737 processos e 1537 levados a campo para ser distribuídos. Do total de títulos distribuídos somente 79 foram registrados no cartório. A Prefeitura atuou nas terras que eram de propriedade municipal e que se incluíam no perímetro de atuação para a regularização. O Instituto Brasil realizou um cadastro técnico para realizar a reforma fundiária. Finalmente se entregaram 2304 títulos de propriedade,

chamado CEM (Certificado Especial de Moradia), somente de uso, que facilitava o “termo de concessão especial para fim de moradia”. Esse termo era um documento legal de posse, não obstante alguns políticos induziram os moradores a pensar que se tratava de uma distribuição de títulos de propriedade de pleno direito. Foi a Associação de Moradores a que se encarregou de registrar e elaborar o cadastro a partir da documentação entregue pelos vizinhos. A pesar de que Maria morava dentro do perímetro de atuação (poligonal) nunca me falou de ter iniciado o processo de cadastramento. Às vezes os vizinhos tinham problemas de conseguir toda a documentação requerida.

Em 2004, o último ano em que Maria esteve em Nova Constituinte, o total de pessoas que moravam no bairro havia aumentado a 18.077 habitantes (Larrea, 2011). Até o ano 2010 a rua principal continuava sem asfaltar e o sistema de esgotamento sanitário continuava danificado. O fato de o bairro ter entrado no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Estado de Bahia favoreceu um pouco o melhoramento das infra-estruturas. A construção de uma nova estrada que comunica Periperi com Coutos ocasionou a destruição de casas na área perto da desembocadura do rio Paraguari. Devido à falta de uma rede de drenagem pluvial a construção dessa nova via produzia mais alagamentos, o que levou a associação de moradores de Barreiro a organizar-se para denunciar a situação.

Existe uma divisão social interna caracterizada pela maneira de ganhar a vida. Um modo “honrado”, que inclui a pessoas trabalhadoras do setor formal e informal, e um modo “marginal”, que agrupa consumidores e vendedores de droga, ladrões e criminais. Outra ordem de segmentação social segue uma lógica de intervenção institucional, dependendo da inclusão em programas de ajuda: os “pobres” ou “carentes”, que são susceptíveis de ser pesquisados e transformados em objeto de programas de desenvolvimento econômico, sanitário, educativo e social; e um segundo grupo de “miseráveis” e “marginais”, excluído das ajudas sociais e que vivem às margens da sociedade, sem moralidade e dependendo, às vezes, da exígua caridade de alguns vizinhos. A sinonímia entre “pobre e honrado” é similar à de “miserável e marginal”, o que contribui à estigmatização social reforçado pela opinião pú-

blica, o discurso institucional e político (Larrea & Barreto, 2006). Maria sempre lutou em contra do estigma social, por ter parte da família envolvida em drogas e roubos e ser classificada como “marginal”, quando ela se considerava pessoa carente, mas trabalhadora. Por isso, o desemprego levou Maria a pensar na possibilidade de migrar a São Paulo, destino preferido dos nordestinos (ver Cuhna & Decca, 2001).

A vida de homens e mulheres neste contexto é dura. Dedicam-se a sobreviver, seja através da economia informal ou de trabalhos mal pagos. Ajudantes de pedreiro, fazer biscate ou venda ambulante são os trabalhos mais frequentes que realizam os homens. Também existem operários de fábricas, marceneiros, mecânicos, etc. A maioria de mulheres que trabalham o faz como empregada doméstica. Conseguem assinar a carteira com mais facilidade que seus maridos. Por isso, muitas das casas acabam chefiadas economicamente pelas mulheres, por possuírem um trabalho mais procurado e duradouro. Também são elas as que conhecem os recursos sociais disponíveis facilitados pelas instituições nas áreas carentes. Por exemplo, Maria sabia como aceder a todas as ajudas disponíveis da administração pública (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PET), Grupos de Ajuda à Família (GAF), Núcleo de Ajuda à Família (NAF)), o que não significa que sempre as conseguisse.

A vida social no bairro é intensa. O dia começa muito cedo. Por exemplo, as crianças que tem o turno escolar de manhã iniciam as aulas às 7h. Como não há escola no bairro, elas têm que caminhar até Periperi ou Coutos. As mulheres preparam o café cedo e depois lavam roupa. Aquelas que trabalham como empregadas domésticas deixam essa tarefa para quando voltam de tarde ou passam essa responsabilidade às filhas mais velhas. Os maridos e as crianças não lavam a roupa, mas os adolescentes e adultos que moram com os pais se responsabilizam de lavar a própria roupa. A maioria dos homens não prepara as refeições, com exceções. Eles costumam comprar alimentos ao chegar do trabalho. Maria, que já tinha seis filhos quando a conheci, utilizava mais de três horas diárias para lavar à mão a roupa. Preparava a exígua comida que podia com os poucos recursos disponíveis, e quase todos os dias tinha que ir ao posto de saúde ou ao hos-

pital por doenças dos filhos. O marido saía todas as manhãs para procurar emprego e fazer biscates, sem muito sucesso. A vida de Maria era representativa da maioria de mulheres que tinha filhos pequenos e sem emprego.

Durante o fim de semana o bairro se enchia de gente pelas ruas, bares e igrejas. Compartiam as tarefas domésticas, as visitas aos vizinhos e parentes, a participação em mutirões (saneamento, construção de casas, etc.) e a vida religiosa. Em Nova Constituinte se estenderam mais recentemente as igrejas evangélicas, em comparação com os terreiros de candomblé, que foram mais numerosos ao princípio da invasão. Moradores antigos falaram da proliferação de terreiros de candomblé no bairro para ter mais espaço para o culto e não ter problemas por batucar até tarde. Os enfrentamentos entre igrejas evangélicas e terreiros de candomblé foram intensificando-se nos últimos anos (Silva, 2007). Entre as evangélicas destacam-se a Igreja Universal, a Igreja Primitiva do Cristo Jesus, Amor e Paz, etc. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, freqüentada por Maria, é considerada um movimento pentecostal¹⁷. Também havia cultos espíritas e uma Igreja Católica, com menor número de acólitos.

1.3. A estrutura narrativa

O conjunto das narrativas de Maria, organizadas pelos temas mais relevantes do discurso, foram colocadas intencionalmente no texto sem a minha intervenção, eliminando as minhas perguntas. Desse modo o leitor tem a possibilidade de reler em diversas direções esta história de forma aberta e como um texto inacabado.

Trata-se de uma história inscrita em um contexto situado no espaço e no tempo que deveria ser lida com um processo de resistência individual ante a magnitude das desigualdades sociais que perpassam a vida de tantas mulheres nas periferias urbanas.

17. Consultar a Velho (1997) sobre a globalização da religião e a expansão de pentecostalismo.

O livro está organizado em duas partes¹⁸. A primeira, titulada **O cotidiano**, e a segunda, com o título de **A maternidade**, que integram quatro capítulos cada parte. Na primeira os capítulos são: *Os roubos e as drogas*, *Educação dos filhos*, *Lutar pela saúde da família*. Na segunda se integram os quatro capítulos seguintes: *Vencer a morte*; *Amor é decepção*; *Engravidar e dar à luz*; e *Os abortos provocados e espontâneos*.

Uma das dificuldades maiores deste livro foi organizar a transcrição, eliminar os trechos repetidos e reordenar as ideias, dado que o relato da história de vida se realizou sequencialmente sendo que a minha opção foi estruturá-lo a partir de unidades temáticas¹⁹. Seguem algumas indicações para orientar ao leitor:

18. Apenas eliminei algumas repetições para fazer a leitura mais ágil, respeitei as omissões, silêncios e alguns aspectos fonéticos locais, e acrescentei algumas palavras para facilitar a compreensão da fala, caso fosse necessário. Aprendi muito com Maria e com sua luta pela sobrevivência. Respeitando todas as opiniões e considerações que ela fez, meu papel consistiu em escutá-la, organizar os trechos e contextualizar as entrevistas.

19. Estas unidades foram organizadas depois de uma leitura atenta de todas as transcrições, e depois de discutir com Maria, chegamos à conclusão que daria melhor sentido a toda essa experiência. Para orientar melhor o leitor, as minhas interpretações e observações de campo estão escritas com um tipo de letra diferente ao usado para a transcrição das falas de Maria. Optei por fazer poucos comentários sobre sua narrativa, o que vem a constituir o corpo central do livro. A minha intervenção limitou-se à contextualização de alguns depoimentos revelados em outras conversas ou observações. Tantas páginas de transcrição tiveram que sofrer algumas modificações para facilitar a leitura. Por isso, as repetições foram suprimidas, as frases interrompidas foram restabelecidas e algumas construções confusas, aclaradas. Quando a frase era inaudível ou incompreensível, coloquei entre parêntese uma intercalação ou acréscimo. A quebra do relato dentro de um capítulo se dá para acrescentar informações, contextualizar os fatos com observações e tornar a leitura mais leve.

<i>letra itálica</i>	reprodução de fenômenos fonéticos, léxicos, sintáticos, etc.
(?):	fragmentos ininteligíveis da conversação.
(...)	eliminação de fragmentos não pertinentes.
[]	aclaração de fenômenos fonéticos, sintáticos, léxicos, etc.
< >	aclaração de contexto
LETRA VERSALES	introdução de palavras ou termos

Na parte seguinte, optei por fazer as considerações contextuais e interpretações de cada um dos capítulos que integram o livro. Conteí com as minhas anotações do diário de campo para ilustrar alguns fatos. Todos os capítulos que formam o livro incluem somente os depoimentos de Maria. Eliminei as minhas perguntas para centrar melhor o leitor nas experiências dela. Se o leitor preferir, pode pular esta parte e deixar para ler depois ao terminar o relato de Maria, ou omitir a sua leitura.

O primeiro capítulo se intitula **Os roubos e as drogas** e começa pela história de Maria com sua família, o mundo da droga, o roubo e a vida no bairro. Duas situações marcantes aconteceram na vida dela durante minha permanência no Brasil. A primeira foi a prisão de Maria. Soube casualmente quando li em uma matéria de capa de um jornal que um grupo de mulheres havia sido detido pela polícia porque trocava dinheiro falso no interior do estado. Neste dia eu estava no centro da cidade devido a problemas de saúde. Maria se encontrava nesse grupo. Marta, uma vizinha do bairro, ligou para mim e me pediu que não fosse ao bairro naqueles dias porque a polícia estava investigando o caso. Como eu acostumava ir com muita frequência na casa de Maria, as vizinhas achavam que eu poderia me converter em suspeita. Uma delas me aconselhou que não fosse ao bairro porque a polícia federal estava pesquisando e era melhor que não soubessem que uma estrangeira a visitava. Tive que ligar para o chefe do projeto de pesquisa para informar-lhe sobre essa questão. A polícia nunca entrou em contato comigo ou com a universidade. O segundo problema aconteceu em 2004: o assassinato dos dois sobrinhos de Maria, um dia antes de meu retorno à Barcelona, a última vez que vi a Maria. Só pude reunir dois recortes de jornal com notícias

sobre este fato e até agora não consegui falar a respeito disso com Maria. Neste ano, quando voltei ao bairro, fui informada de que toda a família se havia ido.

Os parentes de Maria roubam e consomem drogas. Maria sempre tratou de manter-se à margem desse mundo e de mostrar uma forma de ser diferente da sua família. Sente vergonha e dor por ter sido criada por ela. Sua mãe e ela própria são as únicas pessoas da família que não consomem droga. Apesar de insistir que sempre ficou fora dos negócios de sua família, reconheceu que uma vez se envolveu nos roubos de produtos no supermercado para poder sustentar os filhos. Lembra de uma vez que acompanhou as irmãs para roubar leite, arroz e feijão foram todas elas detidas e levadas à prisão. Maria chegou a ser detida umas duas vezes, segundo me contou. Na primeira vez, estando presa, o pai de Moisés sequestrou sua filha Cecília e a deixou grávida de Roberta. Maria o denunciou para a polícia, posto que a menina era menor de idade. Nessa narrativa ela se contradiz porque, por um lado, afirma que era primária e, por outro, que já tinha antecedentes penais.

Maria descreve o ambiente do seu bairro e o que gostaria de mudar. Expõe os problemas decorrentes da falta da rede de esgoto que, somente em 1998, começou a ser construída pelo programa de saneamento ambiental Bahia Azul. Apenas em 2003 a rede entrou em funcionamento, mas não resolveu os problemas das valas a céu aberto na maior parte do bairro. Maria continuou suportando a existência de esgotos na nova casa também. Nessa narrativa, ela se refere ao início das obras de saneamento básico do programa Bahia Azul, os problemas que existiam e as melhorias que ela aguardava.

Um dos cunhados de Maria, o atual marido de sua irmã Claudia, estava na cadeia. Eles se conheceram durante as visitas de Claudia ao anterior marido, que também estava na prisão. Em 2005, ele foi assassinado no bairro. Ele era suspeito de ter participado, em 2004, na morte do filho e da enteada, assassinados brutalmente e achados perto da lagoa da Paixão.

O segundo capítulo **Procurar ajuda e trabalho**, está centrado na sua experiência como mulher provedora. Maria se formou no ensino fundamental até a quinta ou oitava série. Não se sabe com

certeza até que série que ela estudou. Além da formação básica fez alguns cursos extra-escolares. No bairro se dedicava a dar aulas particulares (banca) para algumas crianças. Deixou de dar banca quando se separou do primeiro marido e teve que buscar outro trabalho, mas voltou mais tarde. Foi quando começou a trabalhar como empregada doméstica. A lembrança do desespero que passou por causa do desemprego na primeira separação a levou a conectá-la com a desesperança que sofria na atualidade. Maria tinha que continuar mantendo a família porque o marido continuava desempregado. A falta de dinheiro e a fome eram os problemas mais graves que levaram a pensar na possibilidade de migrar à cidade de São Paulo. Ela rejeitava a possibilidade de trabalhar em Salvador somente para receber um salário mínimo, pois não resolveria seu problema financeiro e, além disso, lhe obrigaria a deixar os filhos sozinhos.

Por muito tempo Maria pensou obsessivamente na ideia de mudar para São Paulo, a fim de melhorar a situação dos filhos. O que a impedia de emigrar era a necessidade de dinheiro – por isso queria vender a casa – e a doença de Moisés. Também não sabia como fazer para recolocar os filhos durante a sua ausência e desesperadamente pensava em procurar a ajuda de parentes ou de instituições. A doença de Moisés era grave, pela suspeita de anemia falciforme. Foi internado em um hospital e, depois da alta, o médico receitou vários medicamentos que Maria ainda não tinha conseguido por falta de dinheiro. Maria tentou vender a casa a um irmão da igreja evangélica que ela frequentava, mas não conseguiu. Finalmente desistiu de migrar.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia era o refúgio espiritual de Maria nas épocas mais duras da vida dela. Entrou na igreja quando foi batizada com o primeiro marido. Depois entrou e saiu diversas vezes. Ela guardava um sentimento ambivalente pela rigidez das igrejas evangélicas, mais extremas no caso da Igreja Universal, e o caminho que a Bíblia a proporcionava como orientação moral e espiritual. Sentia-se muitas vezes rejeitada no bairro pelo fato de ser crente. Maria emigrou ao interior do Estado de Bahia entre 1999 e 2002. O marido encontrou emprego e a vida deles melhorou um pouco. Os problemas de saúde dos filhos e da mãe, e a morte da avó de João, o marido, a levaram a voltar de

novo a Nova Constituinte. A situação financeira voltou a piorar e o marido continuou sem encontrar emprego. Maria foi procurar o Grupo de Ajuda à Família (GAF), um programa social de apoio às famílias carentes. Também com a ajuda do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), Maria conseguiu reformar sua casa. Nas minhas notas de campo, também registrei que parte do dinheiro para a reforma da casa foi conseguida através do divórcio. Certo dia, na abertura do novo programa do NAF (Núcleo de Ajuda à Família), Maria recebeu a notícia que tinha ganhado uma casa através de um sorteio. Sonhava em como seria a sua nova casa. No ano 2003, quando voltei ao bairro, Maria continuava morando no mesmo lugar. Ela não voltou a tocar nesse assunto da casa.

Maria pensava também em como poder ajudar uma vizinha mais pobre que ela. Quando ela falou sobre este assunto, começou a chorar. Com esse fato, Maria enxergou as diferenças sociais também na miséria de uma vizinha que estava pior que ela. O sentimento de ambivalência que tem o dinheiro para Maria depende também do valor que se concede nas religiões evangélicas e da rejeição moral da tradição católica. Empreendimento, trabalho e aplicação são valores da ética protestante que convivem ao mesmo tempo com a caridade cristiana. Maria mora na encruzilhada dessas ideologias religiosas.

O terceiro capítulo se centra na **Educação dos filhos**, nos valores que Maria trata de passar para eles e na organização das tarefas domésticas. Maria procurava educar todos os seus filhos levando em conta as diferenças de gênero e as de personalidade, embora defendesse a ideia de que, para ela, todos eram iguais na hora de assumir as tarefas domésticas. Inserida numa ideologia “mais tradicional” de reprodução das desigualdades de gênero no interior das relações de parentesco e, ao mesmo tempo, numa visão mais prática na hora de que todos os filhos assumam por igual a distribuição das tarefas domésticas, Maria se debate entre a exploração da filha mais velha e a necessidade de que todos os filhos contribuam para a ajuda dos trabalhos da casa. Na matrifocalidade que caracteriza a casa de Maria, a realidade era que Cecília acabava assumindo a maioria das tarefas.

A relação entre Maria e Cecília era bem complexa. Maria comparava a autoridade que exercia sobre sua filha com a forma rígida como ela foi tratada na cadeia. Ela se sentia culpada por não ter podido evitar que a filha tivesse ficado grávida do padrasto, pois, desde seu ponto de vista, uma das principais responsabilidades de uma mãe é evitar a gravidez durante a adolescência. Compara a ajuda que ela recebe de Cecília como a que ela dava à mãe dela. Um sentimento ambivalente recorria Maria, entre a necessidade da ajuda da Cecília e o fato de que não queria sobrecarregá-la.

Maria entende que os pais devem obrigação aos filhos, embora estes não tenham as mesmas obrigações para com os pais. Sentia que era individual e que a família tinha que ser uma só, mas ao mesmo tempo se devia aos seus pais e os ajudava sempre que fosse preciso. Compartia uma ideologia, onde os valores de apoio entre os parentes eram importantes, com uma visão mais individualizada dessas relações. Se por um lado os pais têm que dar tudo para os filhos, estes deverão fazer o mesmo com os seus próprios filhos. Para Maria esta dependência entre pais e filhos tem um limite quando ocorrem abusos, como no caso de sua irmã Claudia, pois sobrecarregava demasiado à mãe. Claudia tinha HIV e era usuária de drogas. Com quatro filhos era incapaz de dar sustento e por isso a mãe tomava conta deles.

Contraditoriamente, os filhos de Maria não estudaram como ela mesma fez. Razões distintas justificam o fato de ter levado irregularmente os filhos a escola, desde o medo ante as drogas na escola até a falta de condições financeiras. No Brasil a escolarização é gratuita e obrigatória, mas a compra dos materiais escolares deve ser feita pelas famílias e, às vezes, a despesa torna-se muito alta para o exíguo orçamento familiar. Chamou-me a atenção o fato que Maria não me falasse nunca da merenda escolar, já que é um dos motivos para que as outras mães levassem os seus filhos às escolas.

A identidade de Maria passava por ser mãe de muitos filhos e crente. Muitas vezes se sente, por isso, discriminada no bairro. De todas as maneiras ela se sente satisfeita porque os seus filhos são normais e os valores que ela lhes passou, como não roubar, não beber, não fumar, ser sinceros e que a obedeçam foram alcançados.

O quarto capítulo se centra na **Lutar pela saúde da família**, onde Maria relata principalmente as práticas de atendimento nos centros de saúde, clínicas e hospitais. Decidi ordenar os depoimentos por filhos, incluindo os da saúde de Maria e a dos pais e finalizei com opiniões mais gerais sobre a saúde e a higiene. As doenças que afetavam a saúde das crianças eram principalmente a anemia, a diarreia, a verminose, as doenças respiratórias e as da pele. Os itinerários terapêuticos incluem as práticas de autoatendimento, que consistem no uso de remédios caseiros e na consulta às rezadeiras²⁰, as práticas de automedicação e as de atendimento médico convencional, que agrupam os centros de saúde, clínicas e, sobretudo, as internações hospitalares. Os depoimentos de Maria sobre as dificuldades de acesso aos serviços de saúde e as críticas que tece contra o atendimento médico são um reflexo das condições de exclusão social na qual vive a maioria de pessoas oriundas das classes populares em Salvador.

Uma das maiores preocupações de Maria era mudar sua vida e seu corpo. A vaidade perdida, signo de juventude, evocou um novo sentido para recuperar sua identidade feminina. Profundamente abalada pelo sofrimento, pela preocupação pelos filhos e a recente separação, Maria queria recuperar a beleza. Começou por falar dos dentes e a recuperação de uma nova dentadura, mas ao pouco tempo da conversa lembrou-se dos problemas que a levaram ao seu rápido envelhecimento e continuou falando das doenças próprias. Anemia, nervoso e cansaço são os problemas comuns que Maria sofria. Sendo os três problemas de saúde preocupações comuns na maioria de mulheres do bairro representavam as condições de exploração, violência e marginalidade social.

Maria relata cada uma das doenças que afetaram aos filhos, incluindo as internações hospitalares e, algumas vezes, sobre os tratamentos recebidos. Cabe destacar que as doenças mais importantes podem ser agrupadas em seis classes: as doenças de pele, as doenças comuns, as doenças respiratórias, as doenças do sangue e os erros médicos. Na primeira se inclui principalmente as bolhas de água, a catapora, as alergias, caroços (tumores) e as

20. Sanadoras populares ou curandeiras que curam doenças, sobretudo infantis, como mau-olhado, susto, vento caído...

assaduras. Na segunda se encontram as diarreias (gastroenterites, dentição, desnutrição, desidratação) e as verminoses. Na terceira se acham a falta de ar, a broncopneumonia e o cansaço. Na quarta se encontram as infecções do sangue, como as anemias (profundas), as hemorroidas, a fraqueza e o inchaço. Na quinta, agrupadas em “erros médicos”, se encontram as práticas iatrogênicas (Illich, 1976), que no caso de Maria se resumem nos frequentes internamentos, a broncopneumonia, e as cicatrizes. Além dessas doenças também vemos que Maria fala sobre o “olhado”, o “vento caído”, mas de maneira colateral e sem importância.

A continuação se resume as principais doenças e moléstias num quadro dos filhos, Maria e os pais:

NOME	MOLÉSTIAS E DOENÇAS
ANA (Filha)	Infecção no sangue, diarreia, cansaço, ataques de vermes, assadura, tumores (abscessos), desnutrição, desidratação, febre, convulsões, vômito, catapora, problema de garganta, internação hospitalar
CARLOS (Filho)	Caroço na cabeça de nascimento, alergia
CECILIA (Filha)	Bolhas d'água, broncopneumonia, catapora, olhado, problemas do sangue
GERALDO (Filho)	Gastreenterite (infecção intestinal), olhado, vento caído, desnutrição, broncopneumonia, gripe, mão inchada por queda, internação hospitalar
MAE	Internação hospitalar, cansaço, falta de alimentação, fraqueza
MARCELO(Filho)	Desnutrição, infecção, gastreenterite, diarreia, febre
MARÍA (ego)	Eclampsia, problema de nervos, problema de pressão, problema de coração, anemia profunda, cansaço, gastrites, falta de ar, dores de cabeça, hemorragia, inchaço
MOISES (Filho)	Cansaço, hemorroidas, anemia, inchaço, broncopneumonia (infecção hospitalar), diarreia, inchaço da barriga, suspeita de anemia falciforme, verminose, ataque de verme, falta de alimentação, feira no pé, alergia, inchaço dos olhos e das mãos, internação hospitalar
PAI	Caroço, urinando sangue, problema da próstata, dor de dente, internação hospitalar
PEDRO (Filho)	Caroço no pescoço, erro médico, anemia, diarreia

NOME	MOLÉSTIAS E DOENÇAS
RITA (Filha)	Problema de verme, diarreia
ROBERTA (Neta)	Diarreia, dor de dente, manchas na pele, bolinhas, desnutrida
ROSA (Filha)	Ataque de verme
VICTOR (Filho)	Dores

Na história de Maria a desnutrição dos filhos é constante, até o ponto que ela “naturaliza” as condições de exclusão na qual vive como problemas que vem do sangue. As constantes diarreias, verminoses, cansaço e cataporas dos filhos levam-lhe a pensar que existem condições genéticas que enfraquecem os seus corpos. Sendo que as doenças infecciosas pelo fato de se tornarem constantes são consideradas quase crônicas, Maria as interpreta, às vezes, como males que se herdam pelo sangue. Mas essa interpretação pode ser ambivalente, porque Maria inclui também as causas estruturais que vem das condições de vida, como a desnutrição, a contaminação e a falta de higiene. Compartilha, junto aos vizinhos, a ideia de que ela e os parentes são “carentes” e, portanto, identifica a fraqueza do corpo com a falta de alimentação, a falta de dinheiro e a falta de higiene. A categoria de carente é incorporada a través da fraqueza, do cansaço e da falta de sangue (anemia).

Maria se estendeu com os problemas de saúde de Ana e Moisés, por serem os caçulas e os que estavam mais doentes na época que comecei as entrevistas. Depois essa preocupação foi trasladada para Rita e Carlos. Explicou os problemas de hemorroidas e anemia que seu filho Moisés teve. Quando a conheci, ela estava tentando interná-lo, porque um dos resultados dos exames de sangue realizados era inconclusivo e havia a suspeita de que o menino tivesse anemia falciforme. Quatro dias depois passei pela casa de Maria e Moisés continuava internado. Vanuza, a tia do marido de Maria que tinha abandonado os quatro filhos por causa do alcoolismo, revezava com Maria no hospital, acompanhando Moisés. Ela me contou que o filho tinha piorado e que os médicos tinham dito que a família devia preparar-se para o pior. Era provável que tivessem que fazer uma transfusão de sangue. O doador seria o pai do menino, já que Vanuza e Maria não podiam sê-lo,

por ter anemia. No dia seguinte, fui visitar Moisés no hospital. Estava muito magro e tomava soro. Maria estava preocupada com a gravidade da doença e tinha medo de que o filho viesse a morrer. Os médicos falaram que ele ficaria internado pelo menos um mês. Vanuza e ela seguiam revezando-se no hospital para cuidar de Moisés, mas agora estavam procurando outra pessoa para ajudá-las. O marido não gostava de ficar muito tempo no hospital e, por isso, quase que não podiam contar com sua ajuda. A transfusão ainda não tinha sido feita porque estavam aguardando que a febre desaparecesse. Maria durante dois dias estava alimentando-se somente do pão e do café que o hospital providenciava para os familiares que acompanhavam os enfermos. Quando saí para comprar alguma comida para Maria, ela ficou esperando a visita do cunhado que iria levar-lhe o original do registro de nascimento, solicitado pelo hospital. Ela não queria que o pai de Moisés fosse o doador de sangue, mas sim seu primeiro marido.

Ao dia seguinte, voltei ao hospital. Vanuza estava substituindo Maria. Ela queria que Cecília, a filha de Maria, a substituísse pela noite, mas, como a menina era menor, o hospital não permitia. Vilma foi comigo até Nova Constituinte e deixou Cecília em seu lugar. No dia anterior, a transfusão de sangue tinha sido realizada. Alguns dias depois, a situação seguia do mesmo jeito. Moisés continuava internado e Cecília estava acompanhando o irmão fazia oito dias, porque Vanuza estava trabalhando e Maria cuidando das crianças. Ana e outro dos seus filhos estavam doentes. Antes de ir para Nova Constituinte passei pelo quarto onde estava internado Moisés e Cecília me pediu para dizer à sua mãe que, provavelmente, Moisés sairia do hospital dois dias depois. Pediu que eu dissesse também que ela estava com fome. Naquele mesmo dia, estava programado para acontecer o curso de saúde da mulher, do qual participaria algumas mulheres do bairro, entre elas Maria. Nessa ocasião, Maria se aproximou da médica que deu o curso e perguntou-lhe se poderia ficar grávida de novo depois de ter tido eclampsia. Ela lhe respondeu que iria consultar uma ginecologista. Tratava-se da mesma médica que tinha me ajudado a encaminhar Moisés para o hospital onde estava internado. Maria lhe informou que o resultado do exame para anemia falciforme do filho tinha dado negativo.

Também se estendeu em explicar os problemas de saúde de Ana. Visitei-a uma vez no Hospital de Caribe, internada por diarreia. Ana estava muito magra e fraca e estava sempre com diarreia. Maria lutava para que ela ficasse boa, mas os contínuos problemas de vermes e diarreia confirmavam o problema de sangue que tinha herdado como Cecília. A infecção do sangue confirmava-se devido à repetição constante de problemas de pele.

Maria explica como as crianças adoezem de verminose. Insiste em que a causa principal da verminose são os doces, a água não tratada e o costume que as crianças têm de andar descalças. Os ataques de vermes induziram, muitas vezes, a hospitalização. Nesse caso os vermes começavam a sair pelos orifícios e enfraquecia muito as crianças. As internações hospitalares se produziram basicamente pelos ataques de vermes e as diarreias. Elas foram constantes, mas não exclusivas deste tipo de doenças. A continuação se observa a relação de hospitais que ela procurou, tanto para internar aos seus filhos como para dar a luz, agrupados por cidades:

1) Salvador de Bahia: Centro de Hidratação e Reidratação (CHR), Clínica do Subúrbio (CLISUR), Periperí; Hospital Geral do Estado (HGE), Brotas; Hospital Geral João Batista Caribe, Paripe; Hospital Geral Roberto Santos, Cabula; Hospital Manoel Vitorino; Hospital Martagão Gesteira; Irmã Dulce, Largo de Roma; LBA, Periperi; Nina Rodrigues (Centro Médico Legal); Maternidade Ticila Balbino; Posto de saúde das Pedrinhas, Periperí [Centro de saúde Adroaldo Albargaria]; Sampé, Largo de Roma; Somed, Paripe.

2) Dias d'Avila (Estado de Bahia): Maternidade.

3) Campina Grande (Estado de Paraíba): Maternidade.

O quinto capítulo do livro, intitulado **Vencer a morte**, começa com a doença de eclampsia por ter sido essa uma das maiores preocupações que Maria teve quando nos conhecemos. Só havia transcorrido o escasso período de três meses, depois da doença, e ela desejava ficar grávida de novo. Tanta era sua vontade que insistia em que eu perguntasse para uma ginecologista se tinha possibilidade de voltar a ficar grávida, já que desejava dar um filho homem ao seu marido. Uma das perguntas existenciais mais importantes que Maria me fez estava relacionada com a morte. O fato de ter estado à beira da morte no seu último parto, poucos meses antes de ter-nos conhecido, colocava essa experiência no

centro de suas preocupações como mãe e como mulher. Poderia voltar a engravidar? Conseguiria dar um filho homem para o marido de quem tanto gostava? Maria teve eclampsia, uma grave doença relacionada com a hipertensão durante o parto, antecedida de transtornos de pré-eclampsia durante a gravidez. Essa doença causou-lhe convulsões no parto, o que lhe levou a entrar em estado de coma. Na cidade de Salvador, a eclampsia é a segunda causa da mortalidade materna²¹.

O risco de morte marcou profundamente a experiência de maternidade de Maria depois do parto de Ana. Como poderia desafiar a morte de novo se voltasse a ficar grávida? Apesar de a filha ter tão somente três meses, no momento de início das primeiras entrevistas, Maria desejava engravidar de novo. Ela queria que eu consultasse uma ginecologista para saber sobre os riscos que correria, mas, como o projeto de pesquisa antropológica organizou um curso sobre saúde da mulher no seu bairro, Maria pôde perguntar diretamente à ginecologista, que lhe informou sobre os problemas que poderia ter, caso voltasse a engravidar.

Ela estava obcecada com a ideia de dar ao atual marido um filho homem porque ele só tinha uma filha do primeiro casamento. Para Maria, o desejo do marido predominou sempre acima da sua própria vontade. Considerava que tinha muitos filhos para sustentar. Depois de ter tido Ana tentou várias vezes ter um filho, até que depois de dois partos veio o menino e pensou em ligar as trompas.

Maria situava a dor da eclampsia na cabeça, espaço onde se concentrou excepcionalmente a dor do parto. A intensidade da dor normal do parto situada no útero estava ausente no corpo de Maria no momento de dar à luz porque se deslocava para cabeça. A transferência da dor era uma inversão da ordem natural que somente podia interpretar-se como prelúdio à morte. A ausência

21. Segundo o estudo de Compte, em 1995, referenciado por McCallum (2005) a primeira causa da mortalidade materna em Salvador (Bahia) é o aborto, que responde por 26% das mortes, seguida das toxemias e eclampsias, com 23,3% das mortes. Ao princípio da década de 90, a mortalidade materna era de 134 casos por cada 100.000 mulheres, chegando a 200 casos em 1996.

de dor se reificava em sua explícita preocupação pela dor de outra mulher que estava junto dela na sala de parto. A eclampsia era a negação da dor de parto. A sensação de morte não chegava pelo útero, mas sim pela perda de sentido. O sentido de dar vida estava corporizado no útero, mas a experiência de morrer somente podia se situar simbolicamente na cabeça. Os sintomas desta doença lhe aproximavam da morte. Sonho e morte se confundiam uma e outra vez em um umbral existencial, em um espaço sagrado. Maria olhava a imagem da própria morte em si mesma. Ela se apresentava sozinha diante da morte. Dar vida significou defrontar-se com a morte. As duas experiências somente podiam ser vividas, sentidas, em solidão. Além de chegar a vida à morte, Maria acreditava que a eclampsia poderia levar a pessoa à loucura. Considerando o fato de que tinha problema de nervos²² por herança de família, diferenciava a verdadeira loucura do nervoso.

O sexto capítulo do livro, intitulado **Amor é decepção**, aborda o tema dos seus próprios relacionamentos amorosos e os relacionamentos de suas irmãs, o seu pai e sua mãe. O centro da experiência materna se encontra interligado com as suas relações amorosas, descritas como uma sucessão de decepções. Os homens tiveram um papel fundamental na sua experiência materna desde distinguir entre “dar filhos” e “ter filhos”. Ela os conheceu sempre no seu entorno mais próximo de amizades e parentes. O ato de dar estava relacionado com a paixão e com a entrega, sen-

22. “Problemas de nervos” é uma aflição relatada por muitas mulheres no bairro, e também bastante conhecida em outros bairros populares da cidade. Caracteriza-se por um variado conjunto de sintomas que se relacionam de modo diverso segundo as situações e contextos sociais específicos. Segundo o estudo antropológico de Rabelo (1999: 187), as narrativas que fazem referência aos sinais de nervosismo podem agrupar-se em três grupos básicos: o primeiro reúne os sinais de agressividade e violência; o segundo, os de agitação e impaciência, e o terceiro, os de isolamento. Em resumo, os três grupos básicos que formam o conjunto de sinais do nervosismo se associam à idéia de fraqueza dos nervos. Uma vasta literatura antropológica vem aprofundando-se no estudo do nervoso (Rabelo, Alves, Souza, 1999). Uma complexa taxonomia popular distingue os sintomas do nervoso de outras doenças relacionadas com as doenças mentais.

do que o “ter” estava vinculado a uma decisão pessoal ou a um fato inevitável. Os homens ocupam um lugar significativo na vida de Maria. Definidos principalmente como pais dos seus filhos representam, igualmente, o núcleo do seu sentimento amoroso. Um sentimento que, certa vez, ela me definiu como uma emoção que oscilava entre o amor e a decepção. Embora, para Maria, no final o pêndulo sempre acaba pendendo para a decepção amorosa. Falar de amor era abordar a própria intimidade, os seus desejos e sonhos como mulher. Foi ela quem alguns dias depois de conversar somente sobre as doenças dos filhos comentou: “A gente vai conversar sobre minha vida amorosa”.

A amizade era o sentimento que representava para Maria a vida despreocupada da mulher jovem, que gozava do lazer, da música e da dança. A experiência da maternidade constitui a base da construção do gênero feminino no Brasil (McCallum, 1999). Como ser mulher sendo mãe ao mesmo tempo? Como conciliar essa experiência no cotidiano da vida de Maria? Essa tensão envolve toda a narração. A escolha do matrimônio como uma opção de vida para fugir dos problemas de casa representava uma justificativa que converteu a sua experiência existencial em um acúmulo de problemas e desencontros. O destino de “ser mãe e dona de casa”, título que ela deu ao livro, estava estreitamente relacionado com o fato de “ter nascido na família errada”. O conflito entre desejar ter uma vida familiar diferente do de ter que viver em uma família envolvida com drogas e roubos conformava o eixo central de sua experiência. O sofrimento pessoal expressava socialmente o fatalismo de sua existência.

Ao mesmo tempo coexistem duas concepções distintas de família no cotidiano de Maria: uma onde o valor principal de provedor reside no homem e outra onde a família depende da mãe como única provedora, levando em conta as atuais condições socioeconômicas de marginalização e sobrevivência em bairros como este em Salvador. A tensão entre as duas concepções mostra também contradições na prática. A matrifocalidade, que é a que centraliza as relações de parentesco normalmente em Salvador (McCallum, 1999), é dinâmica. No caso das pautas de residência podem variar com o decorrer do tempo. Os lugares de moradia dentro do mesmo bairro, como se verá mais adiante, variaram no

decorrer dos “casamentos” de Maria. Os filhos ficaram ocasionalmente e em diversas ocasiões morando temporadas com os pais.

Ela se lembra do primeiro pela perda da virgindade. Com este evento, Maria iniciou-se sexualmente e abriu-se a possibilidade de ter novas experiências sexuais. A virgindade era a dádiva feminina, na qual os afetos, os compromissos e os bens eram objeto de intercâmbio entre os gêneros. No seu discurso, a resistência ao tentar não perder a virgindade estava representada pelo modelo ideológico “tradicional”, no qual a obrigação da mulher consistia em entregar sua virgindade ao marido. Quando uma mulher se entregava antes do casamento, a responsabilidade é atribuída ao namorado, chamado também de *devedor*, e o sentimento de culpa é resultado da fraqueza da mulher. Dizer que “me perdi” é uma maneira de expressar que a mulher se desorientou socialmente, que cedeu ao desejo individual em vez de respeitar os valores morais de uma sociedade “tradicional.” Mas, este modelo existia somente como representação ideológica e moral. No bairro as mulheres se iniciavam sexualmente muito jovens e a maternidade adolescente era algo normal. A contradição entre os valores e os atos, entre as ideias e a prática, atravessava toda sua experiência como mulher e mãe. A perda da virgindade fora do matrimônio possibilita o começo de novas relações. Existem as que podem acabar em “casamento” (inclui a parceria, a união), e das quais nascem os filhos, e aquelas que são chamadas de paqueras, esporádicas e sem convivência. Tanto uma como outra pode dar-se por conveniência ou por desejo. A lembrança das relações com homens encontra-se determinada pela maior ou menor paixão que Maria conseguiu sentir com eles. Às vezes, o desejo não era mútuo. Isso aconteceu com o primeiro marido. A falta de prazer, nesse caso, somente podia ser substituída pelo sacrifício pessoal, em benefício da família.

O primeiro casamento de Maria estava representado no seu imaginário como uma opção de vida e não motivado por um sentimento amoroso. O primeiro foi o único que se celebrou na igreja. Esta opção orientou o destino social de ser mãe²³. A mudança

23. O valor social da maternidade é muito importante no Brasil, a pesar de ter descido as taxas de fertilidade durante a década dos 90 (McCallum, 1999).

de status era um destino precipitado pelo fracasso familiar, pois, por causa dos problemas de seus pais, ela não pôde continuar estudando. A fuga de casa era o rito de passagem para que a mudança do status de menina à mulher fosse possível. Como Maria era menor de idade, o pai determinou que se casasse. Esta opção não tinha nada a ver com o amor, segundo Maria. O casamento sem amor conseguiu manter-se por oito anos, porque estava envolvida a criação dos filhos. Quando Maria se separou, o segundo dos seus filhos ficou morando com o pai e os outros dois, com ela. Maria estava chateada quando a conheci porque o ex-marido não dava uma pensão aos outros filhos. Ela queria denunciá-lo à justiça para reclamar por este direito.

Maria apelava pelos direitos de seus filhos à manutenção. As mulheres do bairro tinham opiniões divergentes com respeito ao direito a reclamar a pensão dos filhos. Por exemplo, conheci algumas que se recusavam a fazê-lo porque consideravam que o pai da criança tinha que dar a pensão por vontade própria e não por obrigação. Elas achavam que o fato de não reclamar a pensão aumentava a dignidade da mulher frente ao homem. Uma das razões alegadas pelo marido para não dar uma pensão era a dúvida sobre a paternidade²⁴. Maria me contou que ele pensava que o terceiro filho não era dele. O mesmo aconteceu quando nasceu a primeira filha da mulher que hoje em dia mora com ele. Finalmente, ele teve que reconhecê-la. As dúvidas sobre a paternidade pesam como argumento para os homens e são utilizadas para não registrar aos filhos ou não passar a ajuda alimentícia.

Com o segundo dos maridos, Maria teve Pedro, mas ela mal falou dele nas entrevistas. O desejo de Maria ter filhos era com frequência ambivalente e não depende somente das condições

24. Claudia Fonseca (2005) analisa o aumento dos testes de paternidade em Brasil, usando a tecnologia do DNA, para reivindicar o reconhecimento paterno do filho. No ano 1988 o princípio de igualdade entre todas as crianças, dentro ou fora do casamento, se converteu num fato. "... desde 1992 a lei nº 8560 reforça a igualdade de direitos das crianças nascidas de relações extramatrimoniais, decretando a assistência pública no caso de pais relutantes e proibindo a menção discriminatória de "legítimo" ou "ilegítimo" na certidão de nascimento de uma pessoa" (Fonseca, 2005: 33).

econômicas, mas também do sentimento amoroso. Esta relação ficou marcada pela fuga de casa e a volta. Este homem gostava muito de “ir para a farra” como ela, nessa época. O motivo da ruptura foi a infidelidade. Depois de separada, ela se mudou para uma cidade do interior do estado para trabalhar como empregada doméstica. Quando voltou conheceu o terceiro dos seus maridos com quem teve Moisés. Essa relação foi qualificada de paixão, mas também de uma grande decepção amorosa. O sofrimento ocasionado pela traição, e também pela mudança, foi compensado pelas novas possibilidades de trabalho. No seu novo trabalho, como faxineira, Maria conheceu uma patroa na qual depositou a confiança que tinha perdido com sua própria família, apesar das diferenças de classe. Seu segundo marido nunca ajudou a sustentar Pedro. Ela o considera um homem malvado, que além de aparecer antes de nascer o filho Marcelo, que pouco tempo depois veio a falecer de desnutrição e diarreia, lhe roubou. Coincidiu a morte do filho com o fato da filha Cecília sumir com o marido de Maria.

Ela considera o terceiro marido, o pai de Moisés, um canalha, dado que sequestrou sua filha Cecília, a estuprou e a deixou grávida. Roberta, a neta, e Moisés são irmãos. Esse fato aconteceu na época que ela ficou por primeira vez presa. O estupro de sua filha Cecília abalou profundamente os sentimentos de Maria. Até pouco tempo atrás, ele morava perto dela, mas há um ano morreu assassinado. O pai de Moisés não se ocupava dele, mas quando levei Maria ao hospital, no dia 12 de março de 1998, para que Moisés fosse internado devido a suspeita de anemia falciforme, ele ficou com eles até que eu retornei. Maria reclamou do desinteresse do pai de Moisés pela doença.

Dois anos depois do fracasso amoroso com o pai de Moisés, Maria conheceu o seu atual marido. Ela ficou grávida dele e teve sua filha Ana. Nessa gravidez ela teve o problema de eclampsia. Alguns anos depois, Maria teve mais três filhos. Sua maior preocupação era a diferença de idade entre os dois, pois ela era nove anos mais velha do que ele. Maria tentava superar o medo de ser abandonada pelo marido, por ser mais jovem, tratando de dar-lhe um filho homem.

Na primeira etapa que comecei a fazer a história de vida de Maria, ela e seu marido se separaram. Uma infidelidade cometida era uma das razões dessa separação. Ela não considerava esta traição sexual tão grave como a dos anteriores maridos, porque tinha acontecido com a primeira esposa, com quem ele tinha uma filha. Ela culpava da infidelidade à mulher, por assediá-lo, e perdoava a fraqueza do marido. A ideologia que envolve a infidelidade se insere dentro de um modelo de desigualdade entre homens e mulheres. Sendo mais tolerante entre os homens, a prevalência da fidelidade entre as mulheres dentro do casamento é mais restritiva. A identidade masculina se apoia no fato de ter uma liberdade sexual maior daquela que se reserva para as mulheres. Por isso, Maria considerava perdoáveis as decepções com seu atual marido, já que estas, desde seu ponto de vista, eram menores e menos graves, tendo em conta o que os seus anteriores maridos haviam feito. Num mundo onde é normal a infidelidade, existe uma graduação de situações infiéis, que levam a que umas sejam mais toleráveis que outras. Para Maria as antigas mulheres têm um estatuto que leva a tolerar melhor a infidelidade, sendo que as mulheres da rua, dependendo se a relação é esporádica ou contínua, pode oscilar de maior tolerância a menor tolerância.

Maria não sabe se deve ou não refazer a relação com o marido depois dessa separação. Ela gosta dele, mas se sente dividida entre o ressentimento, devido à traição, e medo de que os filhos se sintam pouco amados, pela separação. Traslada a sua dor como mulher aflita à sua dor como mãe. Esta separação fez com que Maria refletisse muito sobre o cuidado, o amor e o afeto pelos filhos. Maria se descobre como mulher. Nesse momento, ela fazia muitos planos de levar os filhos para passear e tentava combinar os passeios com Cecília. João, o último marido, propõe a Maria que voltem a morar juntos. Durante a separação, ela teve um envolvimento amoroso com outro rapaz, consumida pela raiva e pelos ciúmes, de quem ficou grávida de Rosa. Ela deseja revelar, fora do espaço da entrevista, um segredo, que depois se tornou público quando ela falou com o marido da gravidez e conveniaram deixar até a menina nascer. Houve um momento em que duvidou se ficar com o rapaz com o que engravidou de Rosa ou com o marido.

Um dia me explicou o que gostava nos homens, mas eu acredito que se referia a uma idealização do seu marido. Ela diferenciava entre o gosto físico e o modo de ser da pessoa. Também essa diferença responde a uma ambivalência ideológica entre o gosto pessoal e o que é conveniente socialmente. Articulava um discurso moral onde o valor do caráter estava acima da beleza física. O seu último marido era o que reunia as qualidades desejadas por Maria. A sinceridade e a fidelidade eram os valores que prevaleciam acima dos outros, embora Maria tenha sofrido os embates da infidelidade em várias ocasiões. Para Maria, os valores da sinceridade e do respeito passavam pela igualdade de gênero, o que não concordava com as relações desiguais que no bairro se davam entre homens e mulheres.

Além de falar sobre seus relacionamentos amorosos, Maria se referiu aos dos seus familiares, como, por exemplo, o dos pais. Sua mãe tomou conta do pai quando este ficou doente e depois foi abandonada por outra mulher mais nova. Maria refletia sobre o abandono da mãe e sobre a infelicidade que a nova mulher trouxe ao pai. Várias vezes sua mãe tentou suicidar-se. Amor e doença conformavam um mesmo sentimento de dor. Comparava os sacrifícios que a mãe dela teve que fazer pelos filhos como os que ela mesma já fez: esmola e roubo. A proximidade da morte fez com que Maria refletisse sobre a necessidade de criar os filhos com independência, mas para que ao mesmo tempo eles também fossem capazes de sentir a sua falta.

O sétimo capítulo, intitulado **Engravidar e dar à luz**, estava centrado precisamente na maternidade, desde a gravidez até o parto. As gestações, os partos e os abortos foram os acontecimentos vitais na construção biográfica de Maria. O sentido da passagem do tempo e o ritmo que ordenava a vida dela estavam marcados pela procriação. A primeira gravidez constitui no discurso de Maria o período mais desejado pela mulher porque completava o seu ser e sua existência. Ela teve que aguardar um ano, depois de casada, para conceber sua filha porque não conseguia engravidar. Maria conseguiu realizar o seu desejo de ter primeiro uma menina. Nessa gravidez teve menos complicações durante o parto e contou com a ajuda da mãe em todos os momentos. Considerou que o parto da primeira filha foi normal, com as dores normais

e sem intervenção cesariana. Contava que ela veio ao mundo sozinha, sem a ajuda do médico e quase que sem a ajuda de uma senhora que estava limpando a cama ao lado da dela. O momento do parto foi sentido como uma experiência única e solitária. Foi apresentado como um ato heroico.

O segundo filho, que era um menino, foi o que depois ficou morando com o pai, quando eles se separaram. Ela ficou grávida porque não tomou os cuidados necessários enquanto estava amamentando a criança. Maria criticava alguma das crenças populares como a de que as mulheres não ficam grávidas durante o período de aleitamento materno. O atraso da menstruação era o sinal mais importante que indicava a concepção. Simbolizava-se como a peça de uma máquina que estava consertada ou estragada, mas ao mesmo tempo adquiria atribuições pessoais ao comportar-se de maneira louca e desordenada²⁵. A menstruação representava o limite de uma vida marcada pelo destino reprodutivo e a fragilidade de uma existência pouco previsível. O destino de Maria por continuar sendo mãe estava condicionado pela fatalidade devida à marginação, doenças e erros médicos.

Seu terceiro filho recebeu o nome de um dos seus melhores amigos, que ela considerava como irmão, e que morava em São Paulo. Maria chegou a morar nessa cidade e, quando eu a conheci, tinha planejado voltar para ali, a fim de melhorar a própria vida e a dos filhos. O entendimento da gravidez como algo positivo contrastava com a dureza do trabalho doméstico e as dificuldades cotidianas relacionadas com a procura de água. No hospital, ela se opôs a que lhe dessem um corte durante o parto porque achava que dilatava bem. Maria se queixava de que o corte é um erro médico.

Pedro, o seu quarto filho, era fruto de um segundo relacionamento. Depois de separar-se do primeiro marido e ir morar com sua mãe, conheceu o pai de seu filho. Ela ficou grávida três anos depois de ter ido morar com ele. Como tinha problemas com a família de seu parceiro, se separou e foi morar com sua mãe no interior, onde deu à luz a seu filho. Ele a seguiu até o local onde

25. Sobre o uso de metáforas corporais baseadas na sociedade industrial, consulte-se o trabalho de Emily Martin (1992).

ela estava morando e ficou com ela e os filhos, mas a falta de emprego complicou o relacionamento. Maria acabou trabalhando como empregada doméstica. A filha mais velha, que naquele então tinha sete anos, assumiu parte da responsabilidade de criar seus irmãos.

Antes de Moisés, eles tiveram outro filho, chamado Marcelo. Ela não me falou dele até depois de contar a gravidez e o parto de Moisés. Por isso, ao princípio, pensei que era seu quinto filho, mas não era assim. Maria omitiu o nascimento de Marcelo porque ele tinha falecido, por desnutrição e diarreia, quando ela esteve presa. Ela explica a gravidez de Moisés como uma tragédia, pois o pai do menino engravidou sua filha Cecília. Maria foi presa quando estava grávida e, depois do parto de Moisés, Marcelo morreu. Ela morou na casa da mãe porque sua casa foi ocupada e depois derrubada. Passou a morar com a família do atual marido.

Depois de Moisés, ela teve Ana. Nessa gestação, ela sofreu o problema da eclampsia. Na última vez que encontrei com Maria, antes que imigrasse para o interior, ela estava grávida de Rosa. Passaram-se dois anos até que nos encontramos de novo e inteirei-me de que tinha tido mais três filhos, duas meninas e um menino. Lembrei que a gravidez de Rosa seguiu seu curso e que a criança não era de seu marido, já que na época estavam separados, mas sim de um paquera, amigo do marido. No seguinte depoimento, ela conta como foi a gestação e o parto de Rosa.

Depois do parto, ela voltou para o seu marido, que sabia que o filho que esperava não era seu. Como condição para ficar juntos, ele lhe obrigou a prometer que, depois do parto, entregaria a criança ao pai. Maria aceitou, mas, depois do parto, convenceu o marido a entregar a criança três meses depois, porque precisava amamentá-la. Três meses depois, o marido não quis devolver o bebê. De todo modo, a criança foi reconhecida pelo pai. Uma vez, durante uma visita, Maria me apresentou ao pai de Rosa. Ele a visitava com frequência, sustentava a criança e, inclusive, tinha trocado de casa com Maria, ficando com uma de qualidade inferior.

Maria fala sobre a gravidez do seu filho Carlos. Apesar do medo e do susto, desejou tê-lo porque queria tentar ter um filho homem e, dessa maneira, fazer-se finalmente uma ligadura de

trompas. Depois, mudou de opinião e pediu ao marido que fizesse a vasectomia.

Maria confessa que temia ligar as trompas. Tinha medo, também, de deixar seus filhos desatendidos durante a convalescência. Valoriza a postura do marido, por aceitar fazer a vasectomia. Considera-a uma mostra de responsabilidade. Com esta gravidez, Maria não teve medo da eclampsia. Confiava em Deus e na caridade. Finalmente, teve o que tanto desejava: um filho do seu marido, com quem somente tinha podido ter filhas. O momento do parto e o reconhecimento da marca. Do mesmo modo que no relato do primeiro parto, Maria insistiu em que teve que afrontar sozinha o parto. Atribui o carço do filho a um machucado que teve ao nascer. Ela aguardava que esta deformidade do parto não aumentasse e que o menino não tivesse que ser operado. Maria me pediu que tentasse averiguar a gravidade desse problema.

Quando voltei de novo em 2004, Maria tinha acabado de ter outra criança. Ela se encontrava amamentando e sua mãe, dona Sara, que nesse dia estava presente, dizia que Maria estava tentando competir com ela, no número de filhos. Com dez filhos, ainda não havia chegado aos treze que ela, a mãe, tinha tido.

O último capítulo, intitulado **Os abortos provocados e espontâneos**, centra-se nas perdas das gravidezes. A prática abortiva no Brasil é ilegal. Já vimos que a primeira causa de mortalidade materna em Salvador é o aborto. Maria abortou seis vezes, três provocados e três espontâneos. Os abortos provocados foram realizados pelo consumo de um medicamento chamado Cytotec, e os espontâneos foram causados por “susto”, uma emoção muito forte que a afetou profundamente. Ela associava a hemorragia do aborto ao estado de anemia. Esta anemia que definia como “profunda” constituía uma entidade a que se tinha que cuidar e tratar.

Maria expressava o seu prazer por ter filhos e a incompatibilidade por ter mais a causa de sua precária condição financeira. A decisão de abortar é complexa porque envolve, ao mesmo tempo, dispositivos morais e razões práticas. Seu desejo pessoal entrava em conflito com os problemas econômicos que tinha. Falava sempre do aborto como uma decisão individual, mas sabemos que nessa decisão participavam também a mãe e, às vezes, os maridos. Infelizmente não disponho das opiniões deles ao res-

peito, para contrastar a informação. Ademais, o medo por ter um filho relacionado com a doença da eclampsia, aumentava pelo fato de que um menino tinha um valor maior que a mãe diante de uma situação de risco de vida. Insistia na crítica contra a “lei” que salvava a vida de um menino frente à da mãe, no caso de que fosse necessário escolher por doença no parto. O medo de Maria se deslocava para o sistema de saúde no papel decisivo que tem pelo controle da mortalidade materna. Às vezes, ela se sentia desprezada pelo sistema de saúde. Opinava que a vida de uma criança é mais valorizada que a da mãe e, que diante de risco de vida, o médico sempre vai optar por salvar o menino. Para Maria, sua sorte de continuar viva é fruto de uma decisão divina, mas é a instituição médica que tem o dever de informar os riscos que poderá correr no futuro. Maria desejava que eu perguntasse ao médico que riscos eram estes.

O processo da medicalização do comportamento reprodutivo no Brasil é muito significativo (Goldani, 2002). A relação cada vez mais próxima entre o mundo médico e a família influi nas decisões como o controle da reprodução e a esterilidade. A frequência com a que Maria assiste aos centros de saúde e hospitais, e a confiança que tem em alguns profissionais revela esta relação, além de que não sempre foi percebida como harmoniosa. Como observaremos mais adiante, os erros médicos avivavam a sua desconfiança no sistema de saúde quando se tratava do atendimento das pessoas mais pobres como ela e a sua família. Sobre o uso dos métodos anticoncepcionais, Maria tinha uma experiência irregular. Experimentou muitos métodos, mas de modo descontínuo, como DIU, pílulas (Microvilar), camisinha conseguidos no centro de saúde. A irregularidade no fornecimento, somado ao descrédito que muitas mulheres experimentam contra o DIU pelo risco a engravidar, contra a pílula pela influência no desenvolvimento do mioma, e pela desconfiança e resistência do homem pela camisinha, levou-a a mudar constantemente de método anticoncepcional. Outros que ela usou para ajudar a evitar a gravidez foram tomar vermífugos, que o homem retirasse antes de ejacular, lavar-se ou tomar chá forte depois de ter relações sexuais. Maria

preferia se ligar as trompas²⁶ que continuar abortando. Antes de migrar a Dias d'Ávila suspeitou que estivesse grávida de novo. Tentou abortar, mas não conseguiu, e deixou seguir a gravidez. Não podemos saber com certeza quantas vezes Maria tentou abortar. Somente sabemos dos abortos que deram certo na sua vida reprodutiva, pois tentou diversas vezes sem conseguir.

26. No Brasil, a maioria de esterilizações acontece durante as intervenções de parto por cesárea. “La alta persistencia de la esterilización como el mecanismo de principal del descenso actual de la fecundidad aparece particularmente importante en la región nordeste de Brasil por su carácter clientelista (por ejemplo, el intercambio de esterilizaciones gratis por votos)” (Goldani, 2002: 613).

PARTE II

2. O COTIDIANO

2.1. Os roubos e as drogas

Quando começou era tudo muito bagunçado

DEPOIS comecei a trabalhar em casa de família. A mulher gostou muito de mim no Beiru, *que* agora é Tancredo Neves. (...) Morei ali doze anos. Eu fui *pra* lá com nove anos *de idade*. Saí de lá (...) casada, com dois filhos (...). Minha mãe morava em Periperi. (...) Quando começou essa invasão <Nova Constituinte>, minha mãe foi a primeira pessoa a vir *pra* cá, uma das primeiras *mesmo*. (...) *Comecei a ver* minha mãe e *comecei a morar* também em Periperi. (...) A gente pagava aluguel. Íamos sair do aluguel e, POR ISSO, *sai* buscando a família toda.

Quando começou <a invasão de Nova Constituinte>, era tudo muito bagunçado, então resolvemos fazer *assim*, um grupo jovem *pra* poder procurar *melhoria pra* aqui. *Tinham* grupos de dança, *que* tinha a fundação... (...) a escolinha. Eram ali nossas reuniões, eram ali. Tinha um pessoal de um sambão, *sabe?* Tinha o pessoal da capoeira, tinha..., os meninos do funk, tudo lá. (...) Tinha o professor Leandro da capoeira, tinha o rapaz, Alberto, que era do sambão, *tínhamos* nós do grupo jovem, *que* ele fazia parte. Eu era a coordenadora. (...) Cada um tinha uma função. *Então*, foi nesse grupo jovem que eu conheci o pai dele. *Então*, passamos a nos gostar, e *aí* depois com uns dois ou três meses que *távamos* namorando, *foi aí que* passamos a morar juntos *numa* casa e minha mãe não quis me dar o Pedro.

Ele <Pedro> continuou com ela até eu ajustar minha vida. Depois eu passei a morar com minha mãe, mas já com ele. (...) Minha mãe gostava muito dele. Ele ia trabalhar. *Me* tirou do trabalho. Não queria mais que eu trabalhasse. Eu ficava em casa com a minha mãe e ele trabalhava, no começo. Eu agüentei *ele* também, depois de três anos com *ele*. Morei três anos, depois de algum tempo morando com minha mãe (...).

Então, depois de *um* certo tempo, de uns meses que eu *tava* na casa de minha mãe, como ele tinha um terreno, fizemos uma cozinha, uma casinha de taipa *mesmo*. Rebocou, deu piso de barro e fomos morar juntos na nossa casa. Meu pai sempre me ajudou, nunca deixou de me ajudar *não*, *entendeu?* *Aí* fui *pra* minha casa. Meu pai me deu um armário. Eu já tinha meu fogão, já tinha umas coisinhas...

Eles <os pais de Maria> eram separados há muito tempo, desde meu primeiro marido. Já *tavam* separados desde os meus catorze anos. *Então*, eu fui *pra* minha casa (?). Passamos a viver juntos lá embaixo. Foi quando eu engravidei dele <refere-se a Pedro>. *Aí* foi na gravidez dele que *ele* me arrumou outra mulher. Eu não sabia. Eu ia... quando eu vim a descobrir já *tinha* ele, já *tava* grávida de outro, como já te contei esse problema (...).

Tancredo Neves, o antigo Beiru

Você já ouviu falar de uma invasão que tem aqui em Salvador, que se chama Tancredo Neves? Aquela invasão *ela chamava* Beiru. Você já ouviu dizer? *Que* hoje as pessoas falam assim: “Tancredo Neves, antigo Beiru”. *Então* lá se chamava Beiru, e eu fazia parte de um grupo de jovens dali. Eu fui morar ali quando tinha nove anos, e eu saí de lá com dezenove. Eu morei ali dez anos. Foi lá que eu conheci meu primeiro marido, foi lá que eu me casei. Eu saí dali mãe de dois filhos *já*. Aos dez anos eu já fazia parte do grupo de jovens. Treze, catorze anos fazendo parte desse grupo de jovens. Quando eu casei, eu já fazia parte. A gente fazia ali uma *revolução* tão grande. Quando a gente chegou, era como aqui, não tinha água nem luz, *sabe?* Como o começo de qualquer invasão. A gente fazia abaixo-assinado, a gente remexia tudo. Eu sei *que* a gente conseguiu botar água, botar luz... A gente conseguiu *até mesmo*, quando o candidato a presidente Tancredo Neves morreu, fomos nós, o grupo jovem, *que* até hoje eu tenho orgulho de dizer, que fiz parte do grupo de jovens, que mudou o nome daquele bairro. Nós colocamos urnas no supermercado, nas lojinhas, em todo lugar e perguntamos: “Vote se você quer trocar o nome do bairro de Beiru *pra* Tancredo Neves em homenagem ao falecido presidente Tancredo Neves”. *Aí* os votos *pra* trocar venceram e *aí* o Conselho de Moradores juntou aquele abaixo-

-assinado com mais de mil assinaturas, e todos os votos que foram arrecadados, e levou *pra* prefeitura e nós conseguimos mudar o nome do bairro.

Só eu e minha mãe não usamos drogas

Aconteceu uma coisa muito chata na minha vida. Eu não conto a todo mundo. Vou contar agora *pra* vocês. Pouca gente sabe disso. Essa sabe <refere-se à Marta que estava presente na entrevista>. A maioria das pessoas aqui sabe. Aconteceu aqui dentro. Como eu lhe disse, eu casei aos quatorze anos. Agora a minha irmã não *tá* e eu fico mais *ã* vontade de falar, porque *se eu for* falar dela, então ela vai dizer: “Puxa! *Tá* falando da minha vida com outras pessoas”.

Na minha família, só eu e minha mãe não usamos drogas. Meus irmãos bebem, usam drogas, fumam maconha. O meu pai e os meus irmãos. Infelizmente. Você pode ver que tem gente que diz que ela parece mais velha do que eu <refere-se à irmã Claudia>, e ela é mais nova. Parece ser mais velha do que eu por causa das drogas, eu acho. Ela cheira coca, faz tudo. A gente dá conselho, mas... E meu irmão, meu pai e uma das minhas irmãs, *eles furtavam*. Não sei se ainda continuam. Você vê que a gente mora *tudo* perto, mas já tem um mês que eu não vou *na* casa de meu pai, *sabe?* Não me aproximo muito por causa desse meu marido, porque quando ele me conheceu... Ele sabe a vida toda da minha família. A gente se conhece há muito tempo, mas ele não aceita este tipo de coisa, *entendeu?* Não aceita que eles fumem maconha dentro da minha casa. Não aceita. Aqui, sabe como é... *Ele não quer*. Eu *faço tudo pra* ter boa convivência com ele. Eu faço tudo isso *mesmo*, porque eu não gosto, *mas é* minha família e não posso me afastar, *entendeu?* São meus pais, e *por acaso* é meu pai e minha mãe, meu pai e meus irmãos, e então eu não posso discriminar. E assim, eles lá e eu cá.

A minha irmã e meu pai furtavam, como *chamam o descuido* (?), *já ouviu falar?* *Que* pega leis, essas coisas *assim*. Então, eles fazem isso. Essa <refere-se a sua irmã Claudia> *daí* faz. Meu pai e a minha outra irmã... *tudo* faz isso. Meu irmão só anda bêbado. Então sou a única diferente, mas eles não. Eu nem fumo nem bebo, graças a Deus. Eu cá na asneira de fazer o mesmo *uma*

época, porque eu morava com meu marido (...) E quando *eu* me separei comecei a fazer de tudo. Trabalhei em casa de família, lavei roupa. Tudo!

Meu pai me deu *estudo*. Meus amigos que sabem dizem: “Menina, você com *estudo* trabalhando na casa dos outros!”. Acho que *pra* gente sobreviver não tem esse problema de *estudo*. Tem muita gente que é mais instruída do que eu e *tá* em casa de família, *tá* fazendo essas coisas. Isso não quer dizer nada *não*. É porque eu tenho meus filhos e tenho que fazer qualquer coisa *pra suprir* meus filhos. Não importa. Não posso estar escolhendo trabalho. Na minha situação *de hoje* não dá.

Como eu disse a você, eu E o pai de Moisés TIVEMOS outro FILHO, que perdi *de* seis meses. Morreu com seis meses de vida. Eu me separei desse homem. Já tinha COMPLETADO três anos e meio QUE CONVIVIA COM ELE, e me separei por causa de uma outra mulher. Nesse tempo trabalhava em casa de família. *Aí* eu soube que ele *tava* com outra mulher. Eu comecei a trabalhar quando esse <refere-se a Moisés> aqui nasceu. Ele trouxe essa mulher *pra* dentro da minha própria casa *pra* tomar conta dele <refere-se ao filho> como se fosse uma outra pessoa e botou dentro de casa. Ela tratava *ele super* bem, mas isso só na minha vista [presença], certamente. Eu saía *pra* trabalhar e deixava *ele* em casa. Depois *foi que* meu pai chegou *num* dia na minha casa e assim, de surpresa, pegou os dois juntos, e então meu pai me falou *e tudo*. *Aí* eu me separei dele. Eu descobri que *tavam* juntos. Ele botou *ela pra* morar, *assim numa* casa vizinha à minha, quase em frente. Eu não liguei mais.

O pai da maior <refere-se à filha, Cecília> não me ajuda. Ele ficou com raiva, porque ela teve essa criança <Cecília tem uma filha>. Acha que não tem mais dever de ajudar. Ajuda assim, um mês sim, outro mês não, com umas compras. Não me ajuda *direto*.

Eu cáí na tentação de minhas irmãs

Como vocês devem saber, a situação é difícil, então eu cáí na tentação de minhas irmãs. “Ah, vamos, é fácil! A gente pega e ninguém vê você. Vá buscar só o leite dos seus filhos”. E eu *cá* na porta de um e de outro, pedindo leite *pros* meus filhos e não achei *não*. Comecei a dar leite sem mingau, *assim* sem leite, *es-*

sas coisas. Ele *perdendo* corpo e eu pedindo comida *pros* outros e *tudo*. Eu disse: “Meu Deus, o que eu faço?”. *Aí* cai na tentação delas.

Quando ele me largou, quando aconteceu isso, eu descobri que ele *tava* com essa mulher. Eu já tinha meses *SEPARADA* e *tava* grávida de outro. <Pedro> já tinha um aninho *já*, quando o outro <Marcelo> morreu. Fez um ano agora que o outro morreu. Tinha dois anos na época *QUANDO* *tava* grávida. Tomei de tudo *assim*. E pensando *dela* ser minha amiga... *Até* ela me ajudou, me dava remédios e *tudo pra* eu perder. Resultado, *que* eu me separei dele e fiquei grávida. Tentei tomar remédio, mas não perdi. E digo: “É assim...!” “Como eu queria um, eu queria o outro, esse aqui, ele ainda registrou e o outro ele nem registrou. *Então*, eu caí na asneira *com elas* e fui *pra* rua com elas. Depois de separada, deixei essa maior com os pequenos. Na época ela tinha treze anos. *Aí* eu fui *pra* rua com elas buscar leite, *essas coisas*. *Quando diz QUE* a pessoa faz a primeira vez e acha que é fácil, continua *FAZENDO*.

Minha primeira vez consegui trazer o leite de meus filhos, e a segunda veio outra menina que anda no meio delas, e bota um collant *assim* e foi mandando a gente colocar um collant com [fecho] ecler e uma outra blusa por cima *pra* abrir o collant e enfiar coisas dentro do *collant*. Eu só vou porque *tem* meus filhos e os meus filhos não têm o que comer. E eu só vou buscar comida, e vamos buscar só comida *assim*: arroz, feijão, carne. A gente pede a carne e quando o homem der, a gente bota dentro da roupa. É isso. Eu fui com ela. A gente ia e trazia *mesmo*. A gente trazia as compras da casa. A gente saía de *LÁ* quase sem nada e *dizia*: “Vamos fazer compras”. Levando na brincadeira. “Vamos, vamos”. Depois que a gente entra na prisão começa a pegar..., vai pegando amizades, começa a pegar. Não *tô* dizendo com todos, *que* ninguém me obrigou a ir, como eu *tô* dizendo que fui pela situação.

Depois comecei, como todo mundo, a *FAZER* o errado. Mais uma vez, eu achei que a fase continuava. *Nisso eu fui*. *Aí entrava* às vezes um feijão, ou um sabão, tudo *assim* abrindo o collant. *Não sei, sabe? Assim pra* o diabo. O diabo faz tudo *pra* gente achar que é fácil cegar as pessoas. Eu já desejei um arroz, carne, farinha, tudo que se *PODE* imaginar. Só não *PODIA LEVAR OVOS*, porque quebravam. Levava um dinheirinho separado. *Aí* trazia *assim*,

comprava água sanitária, e, *no caso, assim* papel higiênico, ovos. Essas coisas *assim*, que eu não podia trazer, mas o resto, carne, presunto, ele (?) mesmo trazia. (...). *Quando foi* uma certa vez, meu pai tinha carro e agora não tem, *ele* começou a sair de carro com *as negas*. “Vamos de carro, de carro é melhor”. *Aí* eu sai de carro com ele. No dia em que eu saí com ele, fomos presos. Só que, como ele disse, *que desde... de* moça NÃO QUERIA, *que pra* sair desse problema. Porque, *desde então* eles já faziam, mas eu *sempre* não, e ele sim. Eu não desculpei *ele*, *que* já era conhecido pela polícia, por um monte de policiais, *que* TÊM amigos e têm inimigos dentro da 5ª [delegacia]. Tem muito policial que é - como é que se chama? - eles *comiam* o dinheiro do meu pai. Nesse dia que eles pegaram a gente, logo no começo, quando a gente saiu do primeiro mercado *que* a gente entrou, eu *tava* com uma lata de leite e com um barrigão *já* com nove meses. Fui buscar o leite *pra* esse aqui, *que* ele tomava *mesmo* todo. *Então*, ele *tava* com uma lata de leite. A menina, *cada uma* TAVA com uma lata de leite. *Aí* pegaram a gente na rua. Mas, como eu disse, só porque meu pai devia dinheiro *pra* ele <refere-se ao policial>. E ELE TAVA com raiva de meu pai. Falou: “Eu disse a você que se *você* não me pagasse eu ia botar *você* na detenção, e então vai todo mundo preso agora”.

Aí pronto. Eu me desesperei e disse: “Meu Deus! Meus filhos *tudo* em casa! Ficaram *tudo* em casa!”. *Digo*: “Meu Deus! Seis filhos em casa. Meu Deus, o que eu faço?” *Que* foi o sétimo que morreu <refere-se ao filho que morreu>. “O que eu faço? Não sei o que eu faço”. Não tinha mais jeito a dar. Já *tava* presa. Foram todos *pra* delegacia. Chegamos *na* delegacia. Dormimos uma noite na delegacia de furtos e roubos. Eles deixaram, *até* por saberem disso <refere-se à gravidez> deixaram *até* uma viatura de plantão. *Toda hora* eles iam *lá* na cela *pra* ver se *tava* precisando de alguma coisa, mas também não me trataram com mordomia. Não me deram jornal, e, quando a gente *dormia* no chão, me deram (?). Eu também dormi no chão, mas me deram jornal. Quando dormia no chão *puro*, me deram jornais *pra* botar e poder dormir. *Tudo bem*, me deitei e dormi. *Quando foi* no outro dia de manhã, os agentes disseram na *área*: “Todo mundo *pra* detenção”. Ele <o pai> foi *pra* detenção e nós fomos *pra* delegacia feminina. *Tava eu*, a mulher de meu pai, uma outra moça e meu pai. Na minha

audiência, por eu ser primária, a juíza falou que ia me libertar, mas que eu não fizesse nada disso (...). Só fui *pra* detenção porque eu *tava* com meu pai e com a mulher dele, *que* já eram visados, já eram fichados. Eu e a outra moça, não. A gente era primária. Nós só passamos um mês e quatro dias. Eu digo só, mas é muito tempo *pra* passar *num* lugar daqueles.

Eu tinha antecedentes

Não, porque eu sou primária, FALEI. Já tirei. Eu tinha antecedentes, dei um jeito. Já tem um ano. Já tem mais de um ano que isso aconteceu. Já tinha antecedentes, *tudo*.

Então passamos um mês e quatro dias. Meu pai *já* levou sete meses. *Então*, voltando ao assunto do pai desse filho, eu já *tava* separada. *Que* eu já disse a vocês que *tava* separada por causa daquela (...). Eu morava sozinha com meus filhos, mas ele se aproveitou *de eu passar* um mês e quatro dias fora, voltou à minha casa e *ele* tirou minha filha de casa aos treze anos e deixou *ela* grávida. No dia que cheguei, ela me contou. Cheguei a *arrepiar* quando ela contou isso. No dia que eu cheguei, *ela* me contou: “Minha mãe, eu tenho uma coisa *pra* contar *a* senhora”. Começou a chorar e a me dizer. “Tudo bem”. Também eu não ia espantar *ele*, mas o pior é que ele desconfiou que ela tinha me contado. Ele fugiu. Pegou a mulher e deixou a casa deles, *que* ele morava *de* frente a mim. Pegou a mulher e deixou a casa do jeito que *tava* aqui, com tudo, até a sua roupa. Saiu com a roupa do corpo e fugiu com medo. Ele fugiu com ela e sumiu daqui.

Eu fiquei chocada. Fiquei horrorizada *mesmo*. Todo mundo lá, a invasão toda, em peso, *que* ele era conhecido aqui e morava há muito tempo, e todo mundo conhecia, e ninguém acreditava *numa* coisa dessas. *Então*, ele aproveitando que eu *tava* lá fez isso. *Aí* quando eu cheguei *que* ela me contou, fui *na* 5ª <delegacia>, dei queixa *registrada* e levei *ela* no Nina <Centro Médico Legal> (...). Disseram que ele não ia mais botar os pés aqui, que quando ele botasse os pés aqui, *que* podia chamar a polícia. Passou e a minha filha veio com esses problemas todos. Quando ele sumiu, me apareceram uns problemas. Oh! Se eu fosse contar *pra* vocês da minha vida, acho que dez fitas não dariam. Eu *tô* contando uma parte da minha vida. *Então*, como eu *tô* dizendo...

Continuei vivendo a minha vida com ele, agora sem ir *pra* rua. Comecei a trabalhar em casa de família com medo do que me aconteceu e deixando *ela* com eles <parentes>. Quando eu saía *pra* trabalhar, ele aparecia. As vizinhas me diziam: “*Olha*, ele apareceu aí”. Uma vez ela ainda deu atenção e foi conversar com ele. *Quando* eu cheguei com raiva, *ainda* bati nela. Bati nela *e tudo*. “Não faça isso. Não vá, se não vou contar *pro* seu pai”. E ela não quer morar com o pai, quer ficar comigo *e tudo*. Ele sumiu. Ficava com medo da polícia. Ele sumiu. “Eu vou te deixar na casa de família ao sair do trabalho”. Por isso que ele começou a rondar a minha casa. Fiquei com medo de sair do trabalho. Apareceu um traficante daqui *de dentro*, *que até* já morreu fazendo *coelho* lá na minha casa, *que* um dia, de revólver em punho, disse que eu tinha que dar a casa *pra* ele. Eu disse: “Mas por quê?”. Edson, *que é* o nome dele: “Ele <refere-se ao ex-marido de Maria, pai de Moisés> me deve uma conta e como ele foi embora daqui, você vai pagar com a casa”. Eu *digo*: “*Olha*, o terreno era dele, *bem verdade*, mas a casa é minha. Fui eu que fiz. Aqui não tem um prego dado por ele. Tudo é meu. *Olha*, o máximo que eu posso fazer é tirar as telhas”. Como eu não sou a prova de bala, que meu pai já *tá* velho e eu não ia botar *ele* em ponta de faca. Aí, filho homem são todos pequenos. Eu *digo*: “O jeito é a gente sair, como se tivesse vendido essa casa”. Eu fui *pra* casa da minha mãe. Fiquei na casa da minha mãe, com meus filhos todos. Minha mãe trabalhava na época, e eu ficava em casa. Ela já saiu do trabalho e se aposentou.

Ela ficava em casa e eu trabalhava em casa de família. Quando foi *numa* noite, ele apareceu sem eu estar em casa. Tinha ido *na* casa de meu pai, quando eu cheguei, ele tinha levado *ela* <refere-se ao fato de o seu ex-marido ter raptado sua filha Cecília>. Levou *ela*. Fugiu com ela. Voltei *na* delegacia, dei queixa, mas a gente não sabia onde ele *tava*. Procuramos *e tudo*, e depois de quase um mês foi que eu vim saber que ele *tava* na Ribeira. *Aí* eu fui uma noite e procurei *ele*. Saí de manhã e cheguei *à* noite, mas eu descobri onde *tava* minha filha. Ela dormiu na rua com ele. Disse que ele mandava nela como um *cliente* manda *numa* criança. *Que aí* ele dizia assim: “Senta!” *Aí* ela sentava. “Levante”, e ela levantava. Era assim. *Aí* eu encontrei *ele e ela* dormindo *num* abrigo, esse lugar assim, *UMA* associação. *Aí* chegou um rapaz e conversei

COM O rapaz, ele disse: “*Olha*, ele chegou aqui me pedindo uma comida, mas eu não sabia que tinha acontecido isso. Eu achei *ela* muito jovem, mas ele *tã* aqui como irmão dela”.

Eu pensei em ir *num* posto policial *e tudo*. *Aí* tentei trazer *ela*, mas ele começava... No caso, se ela viesse comigo, ele faria alguma coisa comigo e com ela. Ainda quis me bater. Ela *se retou* [enfureceu-se]. Foi aquela agonia e *terminou eu indo* embora, sem ela. Claro que ele não ia ficar mais lá com ela. Ele sumiu. Eu ia levar a polícia lá, MAS não adiantava. Ele já tinha sumido. *Aí* me disseram assim, as pessoas diziam assim: “*Olha*, ela volta aos poucos, ela volta. Ela se separou dele. Consegui fugir dele e começou a trabalhar *numa* casa de família lá *mesmo*, porque ela não tinha... Acho que ela ficou com vergonha daqui, não sei, com medo de mim, não sei. Sei que na cabeça dela, na concepção dela, não queria voltar logo *assim pra* cá, com medo de estar grávida pelo tempo que ficou com ele. Ela ficou com medo de voltar *pra* cá e começou a trabalhar em casa de família. Ele descobriu a casa *que* ela *tava* e começou a perseguir *ela*. Ela saía *pra* trabalhar e ele ia *pra* lá, *entendeu?* Queria obrigar a dar as coisas da mulher *pra* ele, *essas coisas* e ela não dava. O resultado *foi que* ela foi aparecer em casa, *uma noite*. *Tava* em casa conversando e ela apareceu. Conversei muito com ela procurando saber o que aconteceu, dando conselhos *pra* ela e *aí* ela ficou com medo. “*Tã* grávida, não?”. *Quando tinha* uma semana que ela *tava* comigo, ele apareceu na minha casa descaradamente.

Sim, eu fiquei boba. Ele apareceu *assim*. Minha mãe começou a discutir com ele, *eu mais ele*. É um tipo valente, *sabe como é?* *Que* quer bater em todo mundo, e as pessoas não se metem. “Não se meta”. Brigas, *assim comigo, essas coisas*. *Aí* pronto, ele começou a falar alto, começou a brigar. Ele queria conversar com ela, e eu disse que não ia sair *pra* conversar com ela *e tudo*. *Aí foi que*, na discussão dos dois, *foi que* veio A sair a conversa do filho. *Aí* eu botei *ele pra* fora e perguntei A ELA : “Você não disse que não *tava* grávida? “Eu vim pensando que não *tava*, porque no mês passado podia estar atrasada. Eu não sei esse mês”. *Aí* eu conversei com minha mãe e meu pai. Começamos a dar remédio *pra* ela, mas eu tinha medo *que* na época ela tinha treze anos. Ela tinha doze quando ele tirou *ela* de casa. Ela tinha doze, nesse

tempo intermediário dele levar *ela, pra* fazer treze. Quer dizer, ela engravidou dos doze *pra* os treze anos. *Então*, eu tinha medo de dar esse Cytotec. A menina (?) me dava chás e *tudo*. Minha mãe é velha e vendo, *entende nê?* Só fazia apontar, apontava, e ela manchava a calcinha que ela TINHA E fazíamos aquela festa, mas nada. Do resultado veio a menina, veio a barriga e começou a crescer. Usando remédio de casa, dizendo que não adiantava, *ai* ela teve essa menina. Ele também não apareceu mais. Ela teve a menina e ficou com a gente, e *tã* com a gente até hoje. Eu que registrei, *passando* a maior necessidade. *Tanto é que* toda criança (?), você vê a criança nascer, gordinha, bonitinha, E AGORA *tã* desnutrida, *de* tomar mingau sem leite. Ela FICOU desnutrida e *ai* *passou* (?).

Brasil não tem jeito

Quer dizer, aqui no Brasil não tem jeito, *pro* Brasil não tem jeito. Não tem, não tem, não tem! Eu acho incrível! Quando eu assisto *muito* jornal, o Programa de Ratinho, essas coisas, e *ai* vejo nos outros países, eu vejo que tem um país por *ai*, *que* eu vi um rapaz de sete anos, *nê?*... apanhando, *até* sendo chicoteado em plena rua, em plena praça pública, porque ele pichou muros da cidade. Se no Brasil existisse essa lei... Uma cidade limpa, uma cidade... Eu não acho errado, *sabe?* Mas ficar batendo não, porque *pra* tudo tem um castigo. Nós também com nossos filhos, quando erram, também a gente não bate? Eu acho que um rapaz de dezesseite anos tem que se ocupar *em* outras coisas *que* estar ali pichando. Você pinta o muro de sua casa, *ai* vem o pichador E começa a escrever, *às* vezes, até palavrões, desenhar *desenhos* obscenos nas paredes. *Então*, em um país desses por *ai*, há ordem, *nê?* (...) Em São Paulo, nem em outro país ou outra cidade, *nê?* Mas disse: “Maria é..., em São Paulo as mulheres não podem vestir roupa muito curta”. *Cê* vê as meninas hoje em dia, *que* vestem um short que mais parece uma calcinha, quer dizer, é..., lá, como ela chama, é desacato a... Oh! Meu Deus! É desrespeito.

Desrespeito não pode. (...) *Tem* país que as pessoas respeitam a rua. Se onde há duas senhoras, como nós estamos conversando, e passa um grupo de homens ou há um grupo de homens e nós chegamos, mesmo que eles estejam conversando alguma coisa, eles param, eles mudam aquele assunto. Hoje em dia, estamos

aqui e vem um grupo de rapazes *pra* perto da gente *num* ponto ou *numa* clínica, *num* hospital ou em qualquer lugar, em um ponto de ônibus, ou dentro de um *próprio* ônibus há palavras, não respeitam a idade. Tem uma senhora, *tem* mulheres ali, *que* eles jamais poderiam dar um palavrão naquele recinto, e aqui no Brasil não tem isso, manda xingar *mesmo* assim. “Vá isso, *assim*, *assim*”. *Que* eu não vou repetir. “Vá isso *assim*, vá não sei o quê, é sua mãe”, com aquela senhora ali e não respeitam. Antigamente tinha o respeito. Eu ainda alcancei um tempo que ainda *tem* homens que se respeitam, *que* às vezes *tá* a gente *assim*, e *tem* dois conversando aí: “Ah! - vamos dizer um palavrão mais conhecido – que porra!” *Aí* o outro já repreende, (...) já repreende, Cristina: “Oh rapaz, *você* se respeite, você não *tá* vendo a senhora ali *não*?” Quer dizer, *QUE* aquele lá se respeita mais.

Ainda existem aquelas pessoas que respeitam. Você *tá* se acostumando a pegar transporte, você vê. Eu *tiro* por mim, eu pego o ônibus com ele no colo, e vou *pra* perto *assim*, eu não vou nem ficar em pé perto de um banco, onde tem uma mulher, duas mulheres, porque elas não vão querer levantar *pra* me dar o lugar. *Então*, eu *já* encosto *num* banco onde tenham dois homens sentados *pra* ver se eles têm o cavalheirismo de se levantar *pra* me dar o lugar, mas, isso não acontece.

É mais fácil a mulher levantar e dar o lugar do que o próprio homem. Ele *tá* na maior cara de pau. Puxa! *Até* menino, às vezes, que não paga nem passagem. *Agora*, eu falo, se eu tiver em pé, eu não brigo por lugar *pra* mim. Se eu *tô* em pé, eu continuo em pé e *tô* vendo o menino ali. Mas *é vir* uma senhora que eu falo, Cristina, eu brigo e *até* eu digo: “Vem cá, você *tá* com quem, menino?” *Aí* a mãe: “Ele *tá* comigo”. “*Tá* com a senhora? *Dá pra* senhora colocar *ele* ai com a senhora *pra* dar lugar a essa senhora?” *Aí* ela vai com aquela carona, *que* têm umas [pessoas] que nem gostam, bota o menino no colo e dá o lugar *pra* senhora. Porque eu peço, só não peço *pra* mim. Mas eu gestante, eu com ele no colo, *oxêm* [oxente]! Não dão o lugar *não*, Cristina! Quer dizer, um país sem educação, sem consideração pelos mais velhos, pela mulher, pela gestante; Não tem mais isso, você vê que nos ônibus tem lugares *até já* reservados *pra* gestantes, reservados *pra* idosos.

Não tem nada *dessa* de reservado, porque qualquer um senta, e entra um idoso, entra uma gestante, ele não dá o lugar. E eu sou contra esse negócio de reservado, porque reservado *pra* eles seriam qualquer banco, (...) seja uma gestante, seja uma mulher com criança, ou seja, um idoso. Tem que se levantar *pra* dar o lugar, *ntendeu?* O Brasil é um país atrasado, eu acho que nem tudo Cristina, nem tudo. Infelizmente nós não podemos escolher o país que nós nascemos, nem vivemos, *que* se eu pudesse escolher, eu não estaria aqui. Eu penso totalmente diferente, eu moro aqui e a minha cabeça é de outro país mais *estabilizado*. *Então* é isso, não tem aqui no Brasil. É horrível! Não há *um* respeito, não há *uma* consideração nem *pra* criança.

Foi em legítima defesa

É..., latrocínio, ou seja, matou *pra* roubar <refere-se ao atual marido de Claudia, que estava na cadeia>. Foi roubar e disse que o homem ia matar *ele*, então *pra* ele não morrer, *ele* matou. Ele disse que foi em legítima defesa, como eles chamam, mas, como foi *pra* roubar, complicou *pra* ele. Se fosse outra ocasião, outro caso seria melhor *pra* ele, mas ele foi roubar, então a culpa ficou *pra* ele. Ele já tem oito anos ou dez lá e vai levar mais vinte e sete. Se a cadeia cair, *né?* *Que* dizem que cai, quem vai *pra* vinte e sete, cai *pra* vinte depois e cai *pra* quinze, se for por bom comportamento.

(...) Claudia ia visitar o Valdir *mesmo*, o *próprio* marido (...) e conheceu esse outro. E depois que largou, continuou a visitar esse, *que* já tinha gostado (...). Ela o conheceu e gostou.

Eu mudaria muita coisa

Aqui agora *tá* começando <refere-se às obras do Bahia Azul> *de* saneamento, de tudo *tá* (?) muita casa não tem banheiro, as fezes não são enterradas, são deixadas no quintal. Tem muita casa aí que *lixada* (?) *assim* à toa. *Então*, mesmo que às vezes você limpe seu quintal, se seu quintal *tiver* sujo, o mal cheiro passa *pra* seu quintal. Aqui eu não acho que (?) não seja, *assim, disponível, que* não... que seja um lugar limpo *pra, assim...que pra* (?) o problema de saúde das crianças, da gente. Não têm condições nenhuma.

(...) Colocaram AS TUBULAÇÕES <refere-se aos operários>, mas só que não tem rede de esgoto ainda. (...) Fizeram, mas ainda não *tá*

funcionando nada ainda. (...) Não temos um banheiro mas... (?) amarrar e jogar fora. (...) É fazer balão, o famoso balão, coloca em outro saco maior e amarra a boca. (...) joga no lixo. (...) Joga fora, junta com o lixo e manda jogar lá no campo, bem longe *lá*, onde joga o lixo *mesmo*.

(...) Eu mudaria muita coisa, sei lá, primeiramente melhoraria as ruas, *essa coisa* de esgoto *que* não tem. Tinha que ter principalmente saneamento básico. Toda casa tinha que ter um banheiro, toda casa tinha que colocar *lá* uma rede de esgoto *pra* que todo mundo tivesse um banheirinho em casa. Eu acho que é mais o essencial que (?).

<No começo da invasão> (...) Foi. Era tudo escuro e não tinha luz. *Então*, cada casinha TINHA *assim* uma vela, *sabe?* ERA ILUMINADO pela claridade da lua, era sem luz, *sei lá*. A gente se acostumou tanto que, quando a luz veio, não fazia muita diferença. E era muito mato, poucas casas, muito barraco de papelão, de tábuas, de papel, de plástico *pra* segurar o terreno. Depois começaram a fazer de taipa. Hoje em dia todas as casas são de bloco. Mas no começo era assim, sem luz, sem água, muito mato, *entendeu?* Muito perigo se escondia, muitos ladrões. A gente não podia deixar nem um *passo* na porta, nem uma sandália. Entrar, e deixar a sandália, uma vassoura? Tudo era roubado, tudo era roubado, *entendeu?* Agora dorme roupa no varal. (...) Agora mudou muito *mesmo*.

<A primeira casa> era de taipa. Eu *aqui* já tive umas duas casas. Meu pai também teve duas casas (...) É, mas essa é a única de bloco. Tem dois anos.

A mulher do meu pai morreu

(...) *Que* eu pulei também a parte da mulher de meu pai que morreu, Lana, a mulher de meu pai. Você conheceu *ela?* *Então*, ela morreu. Ela voltou *ai pra* rua, *nê?* (?), e *ai* ela foi presa, passou um ano presa. Depois ela saiu. *Com muito pouco* tempo que ela saiu, *voltou* a ir presa, e eu creio que ela deve ter... O problema dela deve ter se agravado, porque ela já tinha problema de coração, nesse período que *teve* na cadeia, *que* ela adoeceu lá dentro. Meu pai ficou desesperado, porque, sem dinheiro, sem poder fazer nada... E disseram que ela tinha passado mal, tinha dado derrame. Ela deu *a primeira vez* o derrame, depois *ela* deu *a segunda vez*,

e ainda na segunda vez *ela* ficou com um lado *esquecido*, paralisado e morreu muito magrinha, muito abatida *pra quem* ela era, muito forte e muito bonita. Jovem e muito bonita. Eu culpo as drogas, eu culpo a vida. Dava tanto conselho (...).

Quem tem problema no coração *que* não pode nem fumar, imagine! Eu falei *pra* ela: “Pelo amor de Deus, pára com isso”. “Mas eu não tenho outra vida! Eu não sei ler, eu não sei escrever, não tenho parente, meus parentes são vocês”. Porque ela saiu do interior, *nê?* E a família dela aqui era a gente.

(...) É de Jacobina, Feira de Santana. (...) E nem eu tenho o endereço *pra* avisar. *Que* assim, ela demorava de ir lá. Quando foi lá, foi com meu pai. O pessoal conheceu meu pai, *entendeu?* Depois quando foi lá, *já* foi com o filho. E agora é muito triste, *nê?* De vez em quando, eu escrevia *pra* família dela *mais ela*. *Então*, eu dava conselho *pra* ela. “Mas Maria, quem vai me ajudar?”. Ela me chamava *até pra* ir *pra* Varela, pedir ajuda (?). Eu dizia: “Eu vou com você”, mas ela não me ouvia. A gente marcava *de* ir, ela não ia. No outro dia já tinha ido *pra* rua. *Assim*, acostumada a ter as coisas dela, não ver faltar (?).

Eu preferi escolher a minha vida

Eu, graças a Deus, esse marido que eu tenho hoje foi (?). Não que eu fosse me viciar nisso, mas eu também não podia (?), *que* eu queria. Cansei de chamar uma colega minha. “Vamos fazer umas compras?” “Vambora [Vamos embora]”. E a gente ia, *trazendo* feijão, leite, arroz, carne. Mas era assim, dividia e trazia sem eles verem, mas era (?). Mas era uma coisa errada, era um roubo do mesmo jeito. *Aí* quando eu fui *pra* ficar com ele, ele disse: “Ou você pára e a gente fica junto, ou você escolhe”. Eu preferi escolher minha vida. Hoje meus filhos almoçam, não jantam, dormem com fome, sem tomar café. *Aí* quando eu não tenho o café da manhã, eu digo: “Ó [Oh] gente, não tem o café da manhã, porque o dinheiro que tem aqui é pouco. Se tomar café, não vai almoçar, então vão brincar, vão ver *aí* o que é que faz. Quem estuda, vai *pra* escola sem tomar café”. Mas, graças a Deus, pelo menos eu *tô* com minha cabeça erguida, *tô* livre de ir *pra* cadeia. *Tô* livre de ir *pra* cadeia. *Que* eu fui, *que* eu me culpo pela minha filha aos doze anos ter sido mãe, porque eu *tava* na cadeia. Se eu tivesse

em casa, hoje ela não teria filho, porque eu *taria* ali no pé dela. Ela não ia *pra* vida, *pra* fazer (?) Teria horário *pra* tomar banho, só sairia comigo e *tudo*. E um mês e quatro dias que eu passei na cadeia, quando eu cheguei minha filha já *tava*... Eu *até* me culpo. Mas eu, graças a Deus, *que* eu saí disso *aí*. Ela faleceu e deixou *ele* com nove meninos, sozinho *pra* tudo. Uma saiu de casa, Cleide, *encostada* [próxima, com respeito à idade] a mais velha. Saiu de casa, *tá* aí pelo mundo. Não quis saber de nada. Saiu de dentro de casa e foi procurar homem (?). A outra também se perdeu. Mas, graças a Deus, tem uma filhinha, *nê?* Uma filha dela. Cecília mora com o marido dela. A outra *tá* por aí. Os outros estão com meu pai. *Tem* Carla, o Felipe, e o dela <refere-se a Roberta>. Dela com outro homem.

Aqui é um lugar que a gente se preocupa muito

(...) Eu tenho sete filhos. Eu dou banca <aula particular>... Agora que eu parei, porque eu *tava* sobrecarregada. João me chamou atenção: “*Olha*, você tem que parar com isso. Você não *tá* tendo tempo *pra* você, nem *pra* mim, nem *pros* meninos e nem *pra* casa”. *Que* eu dava banca, *pra* ter um dinheirinho a mais. Eu dava banca de manhã e de tarde, mas eu comecei de manhã e de tarde. Quando eu percebi, eu *tava* com sete alunos de manhã e seis alunos de tarde. *Tava* muito. A casa era pequena, e *aí* eu tive que parar. Infelizmente, eu tive que parar. E essa coisa *aí* e só me perseguindo (?) atrás. Mas é só com ele, o resto eu parei. (?) Meu pai *aí*, *eu* tinha que sair com ele ou alguma coisa, eu dizia: “Não posso. Eu tenho sete meninos em casa *pra* cuidar, eu dou banca de manhã, dou banca de tarde, eu não tenho tempo nem *pra* mim, nem de me coçar! Então eu não tenho como ajudar ninguém”.

Então, eu passei (?) *pra* eles sobre a casa. Ficaram todos contentes, porque aqui é um lugar que a gente se preocupa muito. Já foi pior, *entendeu?* Mas agora *tá* voltando ao que era. *É* droga, é menino pequeno com doze, treze anos fumando maconha. *Tinha* uma vizinha *minha* falando que *tinha* um menino de dez anos, sentado na porta *dela*, cheirando cola. *Então* são maus exemplos *pra* os meus filhos. Eu tenho muita criança e por mais que eu ensine, por mais que eu prenda em casa, do portão *pra* fora eles saem e *tão* com o mundo, porque eu não *tô* com eles lá fora. Eu

tô com eles aqui dentro. *Então* o que é que acontece? Lá fora eles vão arrumar *uma* amizade que eu não sei se é boa ou ruim, e assim como eu fui criança, como eu fui adolescente e encontrei quem me oferecesse um cigarro, quem me oferecesse uma maconha, ele também vai encontrar. *Então*, eu confio naquilo que eu ensino em casa, naquilo que eu passo todo dia em casa. “*Olha* gente, não presta! Se alguém lhe oferecer não aceite! O verdadeiro amigo não é aquele que enxuga a lágrima, mas aquele que não a deixa cair. *Então* aquele que vem lhe oferecer uma coisa errada, não façam que *tá* errado! É um amigo aquele que mesmo estando *no erro* fala assim: “*Olha*, eu me viciiei, mas não é o que eu quero, eu não me viciiei porque eu quis! Eu fui atrás de um amigo que me ofereceu. Eu passei a fumar e então eu me viciiei, mas é uma coisa que se eu pudesse eu não era viciado. *Então*, não fume *a* primeira vez que você vai se viciar”. *Então* o verdadeiro amigo é aquele, e não aquele que fala: “Vem cá, vem dar um *tapa*”. Eu tento ensinar isso *pros* meus filhos, mas eu não tenho *uma* segurança muito grande, porque por tudo que *ronda* hoje no mundo... Eu sei que do portão *pra* fora eles estão sozinhos, sem mim. Então eu confio em Deus nessa hora. Quando eles saem, eu digo: “Ó [Oh] Senhor, aqui dentro, além do Senhor, eles têm a mim, mas lá fora, ele saiu, ó...!” [indica que não sabe o que pode acontecer]... Ele saiu de manhã. Só vai chegar *a* noite, então *tá* com o Senhor. Eu confio no Senhor *que* vai livrar *ele* de tudo de ruim e ele vai chegar em paz! *Então* é *naquela* confiança *que* eu fico um pouco tranqüila, porque lá fora, é lá fora. *Então*, eu fiquei muito contente com a notícia que a gente vai sair daqui, *entendeu?* *Então*, eu passei *pra* eles essa notícia. Ficaram todos alegres e fiquei mais contente ainda, porque nesse momento meus filhos dormem no chão. *Me* deram um beliche, mas *tá* desarmado por falta de colchão. Eu tenho uma cama de casal *também* que eu ganhei, *tá* desarmada também por falta de colchão. *Então* dormem no chão. Se você chegar aqui mais cedo *tá* uma bagunça, *que* joga um tapete aqui; *aí* deita eu, ela, todo mundo. Joga um tapete aqui, outro ali e dorme todo mundo. Meu marido dorme no sofá e no chão dorme todo mundo, *até* o pequenininho. *Então* é uma preocupação *que eu tenho*.

Roubaram

(...) Ela <Cecília> já ia *pra* casa do pai quando esse rapaz que você conheceu <refere-se ao camelô do bairro>, eu esqueci *até* o nome dele, passou vendendo *prestação* de panelas, baldes... Coisas de *prestação* e eu tirei um balde grande *pra* botar água, porque não tinha bacia *pra* lavar roupa. O que me aconteceu é que levaram a bacia antes de eu dar a entrada. Às quatro horas da tarde *tava* cheia aí *do* lado. Levaram e eu não sei como.

Roubaram. Fui *à* igreja *essa* hora. Mais cedo ainda, porque agora já são cinco e dez E eram quatro e meia QUANDO levaram a bacia. *Então*, eu peguei a bacia e o balde na mão dele, e ele quando chegou aqui *pra* vender, *ele* viu a menina e *ali* desde então, já gostou. Achou *ela* muito magrinha, começou a conversar. E ele, *sabe*, viu que ela *tava* sem leite. Ele deixou, *nê*? Quer dizer, muita coragem *ele* me vender, *nê*?... vendo A minha situação. Mesmo assim, ele me vendeu E ainda deu o dinheiro do leite da menina. *Então*, toda vez que ele vinha, *ele* dava o dinheiro *pro* leite *pra* Ana e *pra* ela <refere-se à neta>. *Então*, a gente *conversando*, *ele* fez assim: “Vem cá, você quer me dar essa menina? Se me der, eu crio”. Ele queria a menina. Ela disse que não dava. Ele *fez*: “*Então*, você me dá *ela pra* que eu leve... É, você leva todos os dias de manhã *pra* minha casa, *pra* que eu cuide dela de manhã, e traz de noite. *Pra* que minha mulher cuide dela e *ela* se recupere. E em dois meses *ela* vai *tá* bem”.

(...) Cecília não aceitou que levasse a menina e ficou com medo. Ele disse: “*Então*, eu vou conversar com a minha mulher *pra* que ela aceite você lá, porque você também *tá* precisando trabalhar, *nê*? *Então*, você vai levar a menina E eu te pago. Acerto o salário lá, quanto ela vai ganhar e..., acerta com outro (?) (...). Acerta quanto você vai ganhar e você pode levar a menina *pra* que ela se recupere, independente da menina (?). *Aí pronto, aí* ela aceitou. Ela começou hoje (?)”.

2.2. Procurar ajuda e trabalho

Eu gosto muito de ensinar

Todo mundo pensa que eu sou formada, porque... MAS não completei *não*. Fiz até a oitava série. (...) E, eu já fiz um curso de recepcionista, *sabe?*(...) Fiz também de telefonista, mas não terminei. Fiz de corte e costura. Eu costuro, mas não corto. Não corto tudo, corto alguma coisa. Eu sei um pouquinho de datilografia. Queria muito fazer um curso de computação, mas parece que é um sonho. Porque com um curso de computação... Todo trabalho hoje em dia é com *isso* e paga muito bem. Eu tenho colegas que ganham quatro salários, quer dizer, resolveria muito meu problema. Se eu pudesse, tomaria. Eu tomaria *ele*, *que* eu trabalharia; ela de um lado e eu de outro. Queria eu botar *ela* <a filha Cecília> também *num* curso de computação, uma coisa *assim* que desse a ela (?)

Eu trabalhei quando moça, quando morava com meus pais. Não era mesmo um trabalho porque eu adoro lecionar, *sabe?* Eu gosto muito de ensinar. Não estudei muito, *né?* Só fiz até a quinta série, como já lhe disse, mas o pouco que eu aprendi dá *pra* eu ensinar. E eu adoro passar isso *pras* pessoas, ainda mais com criança. Quando moça, eu estudava ainda, eu lembro que estudava de manhã e ensinava de tarde. *Aí* quando no *próximo* ano passei a estudar de tarde, *aí* passei a ensinar de manhã. O rapaz, o dono da escola *que* eu ensinava quando moça, quando eu me casei foi meu padrinho de casamento. E mesmo depois de casada, porque não tinha ocupação, não tinha filhos, eu passei um ano sem ter filhos e, vim ter Cecília com um ano depois. Então, que é que eu fazia? Eu lecionava e meu marido trabalhava o dia todo, *que* ele era motorista, eu ficava em casa sem fazer nada, porque *era* só nos dois, arrumava a casa e não tinha ninguém para desarrumar. Eu dava banca <aula particular> de manhã e de tarde e *a* noite. Eu gostava daquele pique, daquele *corre*, *entendeu?* Ele saía para o trabalho *às* quatro da manhã, eu levantava, botava comida no fogo e arrumava a casa. *Às* oito da manhã, os primeiros alunos chegavam. Eu já estava estendendo a roupa e *aí* eu sempre deixo umas roupas *assim* de molho, as brancas.

Eu, *aí* ia ensinar. Quando *soltava eles que mandava pra casa às onze e meia da manhã*, já era horário de eu tomar um banho, almoçar. *Aí* antes de almoçar, enxaguava aquela roupa que tinha deixado de molho, estendia, tomava um banho, almoçava. Chegavam os alunos da tarde. *Aí* eu ensinava os alunos da tarde. Quando os alunos da tarde saíam, *era tempo* de eu tomar um banho de novo, preparar a janta, *sabe?* Fazer essas coisas. Chegavam os <alunos> da noite. Eu dava banca <aula particular> e ele <o marido> trabalhava o dia inteiro, só chegava *à* noite. Então eu ficava o dia inteiro *de minha vida* assim, *sabe?* Era ensinando de manhã, *à* tarde e *à* noite. Fora isso nunca trabalhei. Nunca permitiu que eu trabalhasse, porque o que ele ganhava dava. Só nós dois, e ele ganhava bem. Então nunca trabalhei. Agora no tempo *que* morei com o pai de Cecília, depois que me separei dele, foi uma separação muito difícil *pra* mim, por nunca ter (...) trabalhado, mas com o *estudo* que eu tinha dava *pra* trabalhar de qualquer coisa, como recepcionista, uma telefonista, *uma coisa assim*, uma loja. Mas ele nunca tinha deixado *eu trabalhar*.

Comecei a trabalhar em casa de família

E quando eu me separei dele, foi assim de repente, *num* deu tempo de escolher nada. Eu queria separar, ele não queria. Saí de casa com a roupa do corpo, *que* sou meio doída. Saí e fui trabalhar em casa de família, *que tava* precisando de almoço, *que* eu já conhecia. Passei a vestir as roupas dela *e tudo*. *Então*, trabalhando *pra* poder colocar as roupas minhas no lugar, porque eu saí de casa e deixei *até* a roupa. Então comecei a trabalhar em casa de família e *até hoje* só trabalhei em casa de família *mesmo*. Depois fui *pra* o interior que foi onde Pedro nasceu. Passou o resguardo e voltei a trabalhar em casa de família só como cozinheira, só *pra* tomar conta de criança. Trabalhar *de tudo* um pouco *assim, sabe?* *Pra* cozinhar, *pra* lavar, mas tudo em casa de família. Também em bar e restaurante, só aqui (...). Só em relação a trabalho é o que eu estou dizendo, aqui não dá *pra* ganhar. *Cê* vai *pra* uma casa de família ganhar meio salário. Um salário aqui já *tá* dizendo salário mínimo, *né?* *Pra* mim com seis filhos e uma neta *são* sete. *Tirando eu* e meu marido. Ele está desempregado. Se eu for trabalhar, eu vou ter que manter tudo. Se *fosse* nós dois trabalhando

ainda não daria, os dois assalariados não daria, porque não dá. Não tem condições. Imagine três crianças no leite, *nê?* Alimentação, escola... Meus filhos não estão estudando. Eu *tô* ensinando meus filhos em casa. Eu tenho caderno dos dois aqui. Passou um *peçoal* crente *aqui* dando material escolar, *assim* lápis, caderno, pasta, essas coisas.

Eu vou ficar em São Paulo

(...) Eu digo: “Deus é do mundo de todos que possam me ajudar”. Antes de viajar eu tenho que me separar civilmente do pai de Cecília, mas isso *pra* mim é fácil. Coisa de um dia ou dois, porque é só assinar. Tenho que ver isso. Tenho que ir *na* casa do avô de Geraldo. Se não fosse o problema de Moisés, de levar *ele* ao médico, amanhã eu já ia ver o problema de Geraldo. Conversar com o avô dele e pedir *pra* que ficasse com ele durante esse ano, *que* eu vou ficar em São Paulo. Mas já tem Moisés *pra* levar ao médico de manhã. Vou levar Moisés (?) e quando for amanhã não dá, *nê?* Amanhã é o quê? Quarta-feira, quinta-feira já tenho o médico de Ana e Roberta, já não posso ir. Então só me resta a sexta-feira. Eu penso que se Deus não quiser, outro plano acontecer, outra coisa que me impeça, sexta-feira eu já vou conversar com o avô dele acerca de ficar com ele, *entendeu?* No sábado ou no domingo *já leve ele pra* deixar na casa do avô e Pedro *pra* deixar na casa do pai, dependendo da *resolução* de Moisés. Se não for nada grave, se isso aqui for normal, se o médico disser (...) que isso aqui é normal por falta da medicação, ou que inchar assim é normal por causa das vermes, *ái* eu me despreocupo.

(...) Quero ir *pra* São Paulo. (...) Ele <meu irmão> me disse que *ele* está trabalhando. Com o emprego que ele tem já construiu a casa dele e da noiva, *nê?* *Tá* tudo bem com ele, *entendeu?* Diz que lá o *negócio* de trabalho é muito melhor. *NUMA* fábrica o salário dele é setecentos reais. Quer dizer que *tá* muito bom. Eu indo *pra* lá, eu trabalhando seis meses ou um ano vou *fazer* minha vida. E, *pra* quando chegar aqui tenha condições melhores *pra* meus filhos, *sabe?* *Tá* horrível minha situação aqui, *tá* mesmo de fazer pena. Esse leite que acabei de te mostrar, eu pedi. Eu fui até o supermercado e pedi, eu chamei o gerente, contei minha situação. Conte a situação do menino que tinha saído do hospital, e

não podia comer outra coisa a não ser esse leite, e ele mesmo tirou o dinheiro do bolso, comprou, e me deu. Quer dizer, não vou achar uma pessoa que faça isso todo tempo, esse leite vai acabar e eu vou precisar de outro.

MEU MARIDO *tá* desempregado. Não acha emprego *pra* nada. Nem ele, nem meu cunhado. É duro, *tá* horrível (...). Meu irmão tem mais de um ano desempregado e minha irmã nessa situação. *Aí* fica uma situação muito difícil *pra* mim com seis filhos e uma neta.

Então é isso. Pra mim está muito difícil aqui (...). Ele <o marido> tem medo de ir <para São Paulo>. Meu marido, se de início eu for, ele diz que não vai. DIZ: “Eu não vou”. Se você <refere-se à Maria> for, *chegar* lá o seu amigo achar um trabalho, dizer assim: “Pode vir, *que* chega hoje, amanhã começa a trabalhar”, *ele vai*, mais ele tem medo de ir *assim* no escuro, *sabe?* Já eu não. Eu sou mais ousada, porque eu não me aperto com nada. Ele é todo envergonhado. Não fala com ninguém, não pede. Eu costume dizer que sou sem vergonha. Eu sou fácil de fazer amizade com todo mundo, porque eu converso, também não gosto de mentira, não gosto de..., *sei lá*... Não adianta *eu* demonstrar *pra* você uma coisa que eu não sou, *né?* *Então* sou assim. Eu sou solta e sou espontânea e assim eu consigo as coisas, *entendeu?* Se eu gosto de você, eu sou *assim* com você, se eu não gosto também, eu nem falo, *sabe?* Se falar, eu trato bem por educação, *sabe?* *Em relação a pedir, assim*..., porque *aos outros* eu sou sem vergonha (...) *eu chegando lá*, eu não fico desempregada.

(...) Se eu for, eu vou ter que levar Moisés e Ana que são menores e dependem muito de mim. Pedro eu deixo com o pai e Geraldo eu deixo com o avô. Cecília com a filha dela que se não me acompanhar, também vai *pra* casa do pai. Então *tá* todo mundo bem, porque se *caso* eu morrer aqui e agora, todo mundo vai ficar bem. Cada um vai ter que ficar com seus pais. Então, (...) não vejo motivo nenhum *pra* que eu me prenda a essa situação. *Dizer* assim: “Ah, eu não vou por causa de meus filhos”. *Poxa!* Se eu morrer aqui e agora ou se eu adoecer, ficar no hospital ou coisa parecida, eles vão ter que ficar sem mim um pouco, *né?* *Então*, eles vão ficar com os pais. Não vão ficar *aí a toa*. Cecília fica com o pai, Geraldo com o avô, Pedro com o pai, *pronto!* Eu

levo os dois que são menores, *que no caso ia* dar trabalho a quem fosse ficar. *Tudo isso* eu levo comigo e encontro uma creche. Encontro qualquer coisa assim. *Tão* dizendo *pra* mim: “Ah, não vai encontrar porque já está no meio do ano”. Mas não há nada difícil quando a gente tem boa vontade, *nê?* E eu chegando lá, dizendo que não sou de lá, que sou daqui, que quero trabalhar, não tenho condições de... Não tenho conhecimento *pra* deixar meus filhos com ninguém. Eu vou ao juiz, vou *à* assistente social, eu vou a quem precisar, mas eu consigo botar *eles numa* creche. Tenho a maior fé *nisso*, que no máximo em uma semana eu *tô* trabalhando com eles.

Já tentei <levar a uma escola do governo>, mas não consegui. Porque *pra* ir *à* escola do governo precisam de transferência ou algum comprovante de que já estudou em algum colégio, e como os meus <filhos> nunca *frequëntaram* escola, só eu tendo *um alguém, é...*, *costa larga* como chamam. Alguém que possa *encaixar* nos colégios *pra* mim. Coisa que eu não consegui.

OS FILHOS DE MINHA IRMÃ são todos pequenos. O maior *que ela tem é* Cloves de quatro anos, que também *ela* nunca botou <na escola>. Os meus não, nunca estudaram. Essa de catorze anos, ela completa quinze anos no dia treze *agora*. Amanhã é primeiro, *nê?* E o menino meu de treze, que *tá* com o pai, é dia seis de abril. *Então*, é isso Cristina o que *tá* me fazendo pensar em ir *pra* São Paulo. Vou sentir muito a falta de meus filhos. Vou me ausentar. Me afastar deles. Coisa que nunca fiz. Por um ano, ficarão um tempo com o pai, porque quando eu me separei dele acertei com ele assim: Um ano comigo e um ano com ele. Mas quando *foi* ficar com ele, eu morava com minha mãe e trabalhava em casa de família. Mas os meninos com ele *tavam* melhor. Ele tem melhor condição financeira. *Tavão* estudando. *Então* eu achei melhor deixar com ele, *entendeu?* (...) com ele só vai ficar Cecília com a filhinha dela, e ele aceita. NO CASO DE Geraldo, eu vou falar com o pai dele. No caso, o avô de Geraldo *pra* que fique com Geraldo. Pedro vai ficar com o pai dele. *Ce* sabe que Pedro... Ele não é do mesmo pai deles, e ele já veio aqui, já conversei e já aceitou que o Pedro ficasse com ele durante um ano. *Aí* eu só levo Moisés e Ana.

Hoje de manhã ninguém tomou café

(...) E eu só posso pensar isso porque aqui *tá* horrível *pra* mim. Cristina, eu não posso nem contar minha situação *pra* você, porque não tem nem como. Acho que você ia começar a chorar. É difícil ter uma casa cheia de criança e amanhecer o dia e eles pedirem café e dizer que não tem. Amanhecer sem ter o que dá *pro* café, sem o que dá *pro* almoço, sem nem esperança *pra* janta. É horrível. Hoje de manhã, ninguém tomou café. Saí, deixei um feijão puro, apenas feijão já (?) *bota* no fogão. Os meninos não quiseram nem comer. Apesar da fome, eu botei no fogo só feijão com água e sal. Os meninos beberam um pouco. Deixaram tudo. *Num* tinha farinha, arroz, não tinha nada e é o que eu posso fazer. Davi, o irmão da igreja, aquele que ia visitar, *ele foi quem* trouxe um pouco de soja, um pouco de arroz e uma lata de...

(...) Se eu *tiver* sem pão, ele <o irmão da igreja> dá o dinheiro do pão, dá leite. Quando Moisés estava no médico, ele dava vale transporte, essas coisas. *Então*, ele *teve* ontem aqui e trouxe umas coisas *pra* Moisés; uma soja, um arroz, foi o que Moisés almoçou hoje e tem *pra* Moisés almoçar amanhã. E o leite, como eu já te contei... E consegui o açúcar, consegui umas bananas, umas maçãs e umas goiabas também com um colega meu que trabalha na feira. Fui lá e conversei, ele me deu. *Então*, é assim que *tá* minha situação, *tá* horrível. Tem um pessoal da igreja que passou aí e eles não me inscreveram, porque inscrevem quem tem muitos filhos pequenos como Milena (a vizinha). *Então* eles dão, porque eles têm pena. Duas vezes eles deram, *mas que* não sabem se vão dar mais. Quando passam, dão leite na rua. Geralmente, uma vez por mês eles dão um pacote de leite à criança e esse mês não *pegou*, porque eu não estava aqui.

A situação *pra* mim *tá* difícil, e como eu *tô* te dizendo é *isso* (...). Com os meus filhos *tá* insuportável. (...) minha mãe é aposentada. Imagine agora com tantas crianças <ela cuida das crianças de Cláudia, a irmã>. (...) E eu aqui... Eu e Deus, porque minha mãe não pode me ajudar. Meu pai não pode me ajudar e eu fico sozinha.

É *tá* duro, *tá* duro. Se você pode conseguir um melhor trabalho em São Paulo, eu acho que está bem. Eu tenho medo. Eu tenho medo porque..., é outra cidade, lugar *que* eu já morei em

São Paulo. Minha mãe e minha irmã são paulistas, mas eu saí de lá com quatro anos e não conheci nada. *Então* estou indo *pra* lá. E vai ser tudo novo, *nê*? Tudo como se fosse *pra* lá a primeira vez. (...) Minha mãe é paraibana, mas morou em São Paulo durante muito tempo, *assim* seis anos. *Aí* eu nasci em Minas, mas morei quatro anos em São Paulo, ou *foi* seis anos. Vim de lá ainda muito pequena e vou voltar *pra* lá agora.

Eu tenho esse amigo que eu te disse. É como se fosse meu irmão, um rapaz muito bom. Morou com minha mãe um tempo e é uma pessoa muito querida. É, vou *pra* casa dele. Quando eu sair, *pra*... Logo que eu chegar vou ficar com ele. Não vou pagar aluguel, não vou pagar nada, mas lógico que assim que eu começar a trabalhar vou querer ajudá-lo, dividindo o aluguel, tudo. Ele vai ter que aceitar. *Então é isso*. Mas mesmo assim, eu gasto *até* pouco. Eu vou gastar o quê? Só com meus filhos. Se colocar os meninos na creche, melhor *pra* mim, não vou ter que gastar nada. Só com a creche, se for paga. Se for de graça, melhor *pra* mim. Se for paga, vou pagar só a creche dos meninos. Dividindo o aluguel e alimentação, vai ser o quê? Se *for* na firma, dá o almoço. Se *for* em casa de família, dá a comida. *Diz* que uma faxina lá é cem reais. Cem reais quando *menor*, coisa pequena. Cinquenta reais *pra* *cê* receber na hora, quer dizer, aqui *cê* tem que trabalhar o mês inteiro *pra* receber sessenta, *nê*? Numa faxina a gente ganha cinquenta.

Eu, do jeito que eu sou *economista*, (...) *então* vou fazer o quê? Vou economizar bastante *pra* quando eu voltar (...). *Aí* vou fazer minha casa e me estabelecer e tudo. *Aí* eu venho só *pra* pegar meus filhos, *entendeu*? Eu tenho certeza que *onde* eu *chego*, vou me dar bem. Não tenho medo de ir *pra* São Paulo. Tenho medo porque eu vou com meus filhos, logo assim de início. Mas o medo que te digo não é aquele pavor não. Aquele medo que outra pessoa teria. *Que* tem muita gente assim: “Ah! Eu não iria sair daqui *pra* ir *pra* São Paulo com dois filhos. Deus me livre!”. Eu não. Não penso assim.

Eu preciso vender... pra poder viajar

Eu tô com uma proposta de venda da minha casa. Eu quero vender é *pra* esse irmão *mesmo* da igreja. Ele *tá* vendo que *tá* difícil

de eu viver. Ele não precisa, ele tem casa. Ele vai comprar *pra* revender. Mas ele vai comprar só *pra* me ajudar. *Pra* vê se eu viajo, *entendeu?* (...) Eu *tô* pedindo seiscentos reais *pra* ver se ele aceita. Se ele aceita, se ele comprar por seiscentos, vai comprar *pra* me ajudar, porque só...se eu achar, só acho quinhentos reais, mas *tô* pedindo assim, *que* eu quero ir com dinheiro. (...) Então eu preciso vender por esse preço *pra* poder eu viajar. (...) Hoje vou até a casa dele *pra* poder acertar isso.

Eu *tô* sem previsão, sabe por quê? Só pelo problema de Moisés. Fiquei alegre porque ele *tá* bem melhor, mas continua *inchando* a barriga. *Aí* o que *tá* me prendendo é só ele, *entendeu?* *Tá* bem melhor, desinchou as pernas, *tá* comendo, *num* teve febre. E agora essa *barrigona*. *Desde lá* que ele inchou, e no dia que ele chegou aqui *tava*... Ficou maior que *isso* e eu fiquei horrorizada. Era de noite e não tinha médico de manhã. Falei com o médico e já tinha voltado ao normal. Ele *tá* com exames *pra* fazer (...) *pro* dia oito e também *pro* dia treze. (...) Então eu não posso viajar até o dia treze (...).

Eu não tenho condições

(...) Passaram sete remédios *pra* ele <refere-se a Moisés>, dos quais só encontraram um na farmácia e era o que eu já tinha, *que* é sulfato ferroso. Passou o Clorafenicol xarope. Eu não entendi. Passaram dois xaropes, porque esse Clorafenicol acho que não..., *né* isso não! É outro nome. É um xarope. E *esse* Sabutamol também é xarope. Mas eles devem saber, *né?* (...) eu tenho que arrumar antes do dia nove, porque é um remédio muito importante que é dado em dose única. É *pra* ser dado após catorze dias *que* tomou a primeira dose. São apenas duas doses. Ele já tomou a primeira e completam catorze dias no dia nove, *entendeu?*

E eu nessa situação. O que é que eu vou fazer amanhã levando *ele?* Eu vou *conversar* minha situação com a assistente social de lá. Vou falar: “*Olha*, uma medicação que tenha aqui na farmácia eu *num* posso levar?” Eu sei que eles também não têm culpa, nem têm NADA a ver com meu problema, mas... (...) e o médico disse *pra* mim que era *pra* continuar. *Poxa!* Como é que vou continuar? Sete remédios *desde quando* lá não tem e eu não tenho condições? Eu vou conversar com eles *pra* ver o que eles me dizem (...).

O que *tá* me fazendo pensar em ir *pra* São Paulo é isso, mais uma prova, *nê?*, da minha situação aqui. *Tá* horrível e a essa hora já me preocupo, PORQUE eu já sei que não vou ter pão *pra* dar para os meus filhos. Isso me entristece muito (...).

Se ela não quiser ir comigo ou não quiser se *ausentar* da filha, vai ser obrigada a passar um ano com o pai, *entendeu?* (...) *Pra* poder viajar. (...) Vai ter que agüentar, *nê?* Ela não quer ficar com o pai por um motivo ou por outro, mas vai ter que ficar, *nê?* Com o pai ela vai ter *alimentação* dela, da filha dela. Vai ficar melhor *pra* ela e melhor *pra* mim, porque eu vou despreocupada, *nê?* Com o pai, se ela arranjar quem fique com a criança ela volta a estudar, *entendeu?* Não precisa *ela* trabalhar. Não falta nada *pra* ela. Então assim vai ser melhor. (...) Eu posso até mudar de idéia, mas eu creio que não mudo de idéia, *que* eu *tô* resolvida(..).

Hoje à noite eu *pegando* esse dinheiro, minha preocupação agora vai ser Moisés. Amanhã de manhã já vou ter que voltar ao médico com ele *pra* procurar saber se o problema dele (...), porque ele vai ter que operar. Eu vou ter que fazer lá, *entendeu?* Eu vou fazer em São Paulo, porque se eu for ficar aqui esperando *ele se operar*, esperando resolver uma coisa, resolver outra, eu vou passar mais um *outro* mês. E *nesse tempo*, eu não tenho condições, *entendeu?* Ontem mandei o que... Fui buscar Moisés. *Tá* de alta no hospital. Eu tive que ficar lá até meio dia esperando que ele almoçasse, porque se eu viesse *pra* cá... (...) não ia ter o que comer. E quando vim, passei na casa de meu pai. Deixei Cecília e o Pedro *que* foram com a gente *pra* poder almoçar na casa de meu pai, que também está em *mal* situação. Só que a garota de Cecília mal comeu, quer dizer, *que* eu já tava no hospital. Mandaram o recado por você, *que* você era uma das portadoras que me trouxe o recado que o menino *tava* com fome. Chega *em* casa e *achou* a situação desse jeito. É horrível minha situação. *Tá* de fazer pena. Dá *desse* horário e não tem o que dar de café *pra* eles. Não tem leite *pra* os meninos... Eu tenho medo também de, nessa situação *que* eu me encontro, pegar esse dinheiro e ter que esperar pela cirurgia dele e gastar o dinheiro. *Aí* eu vendi minha casa, não viajei, não fiz nada, *entendeu?*

Fui presa e tudo... por buscar comida

Não quero voltar *pra* fazer o que é errado. Eu não quero. *Mesmo que* eu falando assim, parece até que já fiz um monte de coisa errada, mas como eu te contei *que* já fui presa e *tudo, né?* Por buscar comida. *Num* quero. Não quero voltar *pra* CADEIA. Prefiro pedir como hoje. Cheguei a pedir ao gerente e ele me deu, mas não posso viver (...) de “Se me dão”. Se vocês me dão o dinheiro do gás, eu compro o gás, se o gerente me dá o leite, meu filho toma leite, se fulano me dá dinheiro, eu tenho pão. Não quero viver assim de “Se me dão”. Se me dão, eu tenho, se não me dão, eu não tenho, *sabe?*

(...) Eu quero trabalhar. Eu sou uma pessoa que, graças a Deus, não escolho trabalho. Chegando lá, seja em casa de família ou em firma *pra* eu lavar roupa, faxina o que aparecer. Só quero trabalhar *pra* eu ganhar um dinheiro. (...) As propostas de trabalho que eu acho que tinha aqui não *dá pra* mim. (...) um salário me cairia bem, mas como cairia bem se eu tivesse condições de fazer o que..., umas compras *pra* me manter com meus filhos um mês até que eu trabalhe. (...), mas eu vou receber dinheiro *o quê...*, daqui a trinta dias. Minha situação não vai melhorar em nada. Não vou conseguir sair *pra* trabalhar. Não vou. Não vou conseguir trabalhar em paz sabendo que vim trabalhar e não deixei nada em casa.

Ficaria um ano completo. Um ano completo mais ou menos. Não sei, *né?* (...) um e meio no máximo, porque tem firmas que me disseram o seguinte, se eu for trabalhar lá *numa* fábrica, *numa* firma *pra* eles, dá férias *pra* eu vir aqui só com um ano, um ano e meio. Não dá menos que isso. Então não quero perder o direito. Se eu pegar um trabalho bom, *ai* eu só venho *a* um ano, um ano e meio.

Não tenho medo. Eu sou muito fácil de fazer amizade. Vou *pra* casa de uma pessoa amiga, *né?* E logo depois eu começo a trabalhar. *Aí* eu vou fazer novas amizades, vou saber conquistar meu espaço, juntar meu dinheiro que é a primeira coisa que eu vou fazer. (...) Eu não tenho medo. Trabalho com muita força de vontade. Queria só ter as condições de trabalho aqui, *entendeu?* *Assim... que* [se] tivesse coisa *pra* fazer,(?) *que* eu não iria, porque meu problema é o trabalho, é o dinheiro, *entendeu?* Mas também

não vou *assim* contra a minha vontade. Não *tô* indo a pulso não. Se eu tivesse *meios de vida* aqui, eu não iria. Não precisaria me afastar de meus filhos, mas como *tô* vendo que não tem também, eu vou *pra* lá *assim mesmo*. *Aí* a única coisa que pode acontecer (...) é dar errado e eu voltar. Mas nem *assim* eu quero pensar. Eu vou e vou ficar um ano e meio.

(...) Com fé em Deus. Eu confio *no* Deus *que* não vai acontecer nada de ruim. E do jeito que lá o trabalho é tão bom, que lá o trabalho procura a gente em casa, *sabia?* Quando as pessoas tão em casa, *aí* batem na porta e *pergunta*: “Aqui tem alguém acima de dezessete anos que queira trabalhar? Estamos precisando *pra* venda, estamos precisando *pra* firma”. É *assim*. Trabalho é muito bom lá. *Até pra* ajuda *mesmo*, *entendeu?* *Pra* tudo (...) o salário me animou muito. Dizer que ganha setecentos reais, me animou muito. A mãe dele teve lá tem pouco tempo *pra* visitá-lo, e ela veio embora e disse: “*Olha* Maria, só não fiquei no trabalho *lá* porque levei minha neta”. Ela foi com criança e teve que voltar, porque não tinha como ficar, *entendeu?* Então atrapalhou *ela*. Mas *no mais*, eu não tenho medo não. Como ela disse: “Eu indo *num* final de semana, eu começo logo a trabalhar”. É o que eu quero, se eu *acertar* [se conseguir], quinta-feira pela manhã, vou levar o menino *pro* médico e se acertar tudo dele amanhã, eu viajo fim de semana ou sexta ou sábado.

(...) Então vou conversar com o médico acerca disso, porque Deus vai abençoar que sexta feira, se não der certo por causa do problema dele, então no outro fim de semana *viajo*. Mas eu quero ir *num* fim de semana. Também se eu não for sexta agora, só vou na outra sexta. *Sabe*, porque eu quero ir *assim* sexta e chegar no sábado ou então, sair no sábado e chegar lá no domingo. (...) Eu tenho o divórcio, como eu te disse, e tenho certeza que sexta ou sábado, de agora *a oito*, eu vou.

Já vinha *em* tempo *eu* estudando a possibilidade de ir *pra* lá. Uma vez *até* briguei aqui com o marido: “*É*, vou embora *pra* São Paulo”. Depois não fui mais. Mas sempre pensei em ir *pra* lá só por causa do trabalho. E agora com essa minha situação, *que* eu estou passando, não tem nada. *As* vezes eu não sei nem o que comer.

Eu *tô* tão decidida que nem ele me faz mudar de idéia. Se for o caso assim: “Se você for, eu te largo”. Eu vou do mesmo jeito. (...) Se fosse, mesmo assim, eu iria. Gosto muito dele, mas... *Então*, como se diz, mesmo que ele dissesse isso, porque eu estou cansada e eu não posso é..., por causa disso ou daquilo *eu* ficar aqui. Não tem condições. Mesmo gostando dele, eu tentaria, *nê*? Não é o caso. Se fosse tentaria conversar com ele e mostrar o que era melhor *pra* mim, *pra* ele e *pra* todos. Mas se ele não compreendesse, infelizmente..., eu *ia*. Mas os planos são o seguinte, *que* eu indo e arrumando um trabalho, qualquer coisa, ele vai também, *entendeu*?

Eu sou batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia

Eu voltei *pra* igreja. Eu sou batizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Tava* afastada e eu voltei *pra* igreja. Já tem..., um tempo (...). Os dias de culto na igreja adventista são *o* sábado pela manhã e pela tarde (...) e no domingo *a* noite e na quarta *a* noite. O nome da igreja é Adventista do Sétimo Dia e *tá* na rua direta. Eu gosto muito dela porque é uma igreja calma, diferente das outras.

É assim, eu quando falo dela, só falo *assim* dentro da Bíblia. (...) porque eu já estive na Universal visitando e detestei. Deus que me perdoe, mas não gostei. Já tive na Assembléia. Ela é... Ela é muito, muito rígida. Você não pode usar um... (...) uma aliança. *Cê num* pode usar uma presilha [de cabelo]. A gente compra aquelas presilhas bonitinhas que brilham e não pode usar. As roupas têm que ser debaixo do joelho. Faz um calorão. A gente tem que ir com uma blusa de manga comprida e com outra roupa por baixo. É um absurdo! Eu acho um absurdo porque a Bíblia diz que Deus não pede sacrifício. Isso *tá* sendo tão difícil *pra* gente. (...) Também não gosto da Testemunha de Jeová. Não gosto muito por causa da doutrina, eles bebem.

O Testemunha de Jeová bebe. Eu trabalhei na casa de um rapaz que na geladeira dele *num* faltava um (?). Ele diz o seguinte, que só não pode beber em demasia, mas pode beber. E, desde quando Deus diz que o álcool é pecado, que o álcool é proibido, porque contamina o corpo da gente, então, como é que pode beber e não beber muito? Fumar, mas não pode fumar muito? E olha as mulheres da igreja da Testemunha de Jeová: Elas *vêm* em

sua porta falar de Deus, como as meninas daqui, todas pintadas de vermelho, de batom com *argolona*. Quer dizer, a pessoa que olha não diz: “É uma cristã”, *entendeu?*

A Bíblia é um livro, onde a gente encontra todas as respostas. (...) não precisa (...) ter um conhecimento profundo da Bíblia. *Num* precisa que você vá a todas as igrejas. Você abre a Bíblia e lê algumas passagens. Tudo bem que *cê* tem que saber as passagens, porque a Bíblia é grande. Mas a Bíblia ensina o que você deve comer ou não, a Bíblia ensina como você deve se vestir, a Bíblia ensina é..., como deve se vestir o que comer, como devemos nos comportar, e *até* como devemos orar. Ensina acerca de tudo, *entendeu?*

Aí a única igreja que segue a Bíblia *a* risca *mesmo*, *assim*, guardando os dez mandamentos. (...) eu descobri que essa é a mais..., mais certa, pelo menos aos olhos de Deus. (...) Então tem do Gênese ao Apocalipse, *que* gênese é o primeiro livro, o apocalipse é o último. *Então*, em passagem nenhuma da Bíblia manda que a gente guarde o domingo. Os católicos e as outras igrejas santificam o domingo e, desde a criação, *que* Deus fez os dez mandamentos, a Bíblia diz assim: “A igreja certa é aquela que segue os meus estatutos e guarda os meus mandamentos”. Então, a única igreja que guarda o mandamento é A Adventista, porque todos guardam mandamentos *e tudo*, de não roubar, de não matar, de não adulterar *as coisas*, mas o quarto mandamento elas pulam...

Eu me batizei na igreja juntamente com o pai de Cecília. Qualquer dia eu te mostro o álbum da gente. *Tã* na mão da minha mãe as fotos. Foi quando eu me casei. Eu tinha o quê... Dezesseis, dezessete anos? (...) QUANDO me separei dele, *aí* também saí da igreja. Quando eu morei um ano no interior, como eu te contei que Pedro nasceu no interior, eu também voltei *pra* igreja. Lá fiquei um tempo (?), mas agora voltei *pra* ficar. Quando eu fiquei *logo* com João, antes de eu fazer essa casa aqui, eu também voltei *pra* igreja. *Tomei estudo* novamente, *aí* juntamente comigo foi João e *tomou estudo*, foi minha cunhada, todo mundo...

Nossa vida melhorou um pouco

<Maria tinha emigrado entre o ano 1999 e 2002> (...) Queria ir embora daqui. Ele <o marido> não achava trabalho aqui, e com toda dificuldade, ele achava que a gente indo *pra* outro lugar talvez melhorasse, *entendeu?*

A mulher que morava lá, uma senhora já conhecida da gente - eu já conhecia porque já tinha morado aqui -, veio falar comigo *pra* que eu procurasse uma casa com alguém que quisesse trocar. Ela tinha o marido doente e precisava tratar aqui, pois *tava* difícil *pra* ela. *Então* eu *aqui* conversei com ele, e nós achamos melhor que nós mesmos fôssemos. A gente decidiu e perguntou a ela se ela queria trocar pela casa da mãe dele. Ele entrou em contato com a mãe dele por telefone, por se tratar da casa da mãe dele e não da gente, e a mãe disse que o que ele fizesse estaria bem feito. Ela concordou com a troca. Ele foi até lá *pra* ver a casa. Gostou da casa e do lugar, porque nós gostamos de lugar calmo, e *aí* nós trocamos.

Aqui a gente não *tava* fazendo nada, não arruma trabalho, não tem nada, não anda *pra* lugar nenhum. Talvez a gente mudando daqui, a gente melhora. E realmente melhorou 100%. (...) Eu fui *pra* lá grávida *dessa* Rita e com Rosa pequena. Lá, em matéria de trabalho, as condições são muito melhores *pra* gente, porque lá ele levou só três meses desempregado, *entendeu?*

A gente *chegando* lá..., eu sou muito comunicativa, *nê?* Também não sei ficar parada em lugar nenhum. Comecei a procurar uma igreja que frequentava, *que* é a Igreja Adventista do Sétimo Dia, e encontrei essa igreja, conheci alguns irmãos. Um desses irmãos *ele* era médico. Ele era não, ele é médico e ele atendia alguns empregados de uma empresa de água mineral, a *Maiorca*, *que tem* lá em Dias D'Ávila. Tem muitas empresas de água mineral. *Então*, o que é que acontece? *Conversando* com ele a nossa situação, *que* éramos daqui e estávamos lá, mas não conhecíamos ninguém e ele já tinha dois meses desempregado, três meses ia fazer, *aí* esse irmão conseguiu colocar *ele* nessa empresa de água mineral, a *Maiorca*, como auxiliar de produção. Assinou a carteira dele *lá* e lá trabalhou sete meses. Foram os melhores meses da minha vida, porque ele ganhava bem. O carro vinha buscar na porta, ganhava bem direitinho, tinha vale em farmácia, tinha

tudo. Uma pessoa empregada, ganhando direitinho, *então* não faltava nada. Graças a Deus, um colega *que ele fez* lá no trabalho arrumou um lugar onde pudéssemos comprar fiado, se faltasse alguma coisa, *nê?* Um leite da menina, uma coisa que a gente pudesse buscar. Não faltava nada. Eu tive uma situação bem melhor do que aqui, *entendeu?* (...) *Aí* nossa vida melhorou um pouco. *Se* estabilizou financeiramente.

O problema de saúde me persegue

(...) Mas tinha o problema de saúde, que como eu digo..., me persegue, *nê?* Ela <Ana> tinha um problema muito sério, como tem até hoje, de verminose. (...) Eu percebi *ela* comendo areia por causa dos vermes e ela *tava* brincando *assim*. E tirava verme *até* do nariz e jogava *assim*. *Aí* começou a dar *os ataques* de verme. *Lá* ela foi várias vezes *pro* posto.

Eu vinha sempre ver minha mãe. Eu ligava sempre *pra* minha mãe. E uma época, eu soube que ela *tava* doente. Eu já *tava* grávida da menina <Rita>, e Moisés — aquele que você conhece — (...) já estava doente com problema de verminose. (...) Então eu internei *ele* lá no posto de saúde e vim até aqui ver minha mãe. Cheguei aqui e achei *ela super* doente, como sempre, sem ninguém *dar* a devida atenção *pra* ela, *nê?* Porque meu pai já não pode nem com ele, coitado! O que foi que eu fiz? Eu peguei minha mãe e levei comigo. Ela *tava* tão ruim que eu... A gente saiu daqui de tarde, *num* horário como agora. Chegamos lá já *à* noite e, então não tinha como levá-la ao médico. Chegamos seis horas da tarde. Ela passou a noite com muita febre e de manhã cedo, antes das seis, eu levantei. Arrumei *ela pra* levar ao posto de saúde e ela passou mal. Só que era uma coisa perto, como *daqui as* Pedrinhas, mas só que era... *Então*, quando a gente pegou o ônibus, o motorista percebeu que ela *tava* passando mal. Ele nem parou em qualquer outro ponto, ele levou *ela* direto e parou quase dentro do posto. Assim que chegou lá, *ela ficou* e passou vinte e dois dias internada *lá* no hospital, se tratando. Tirou algumas chapas, por causa do cigarro, *nê?* *Aí* ela *tava* bem debilitada.

Era problema no pulmão. Ela cansa muito e *ela tá* com um problema grave no pulmão, ela tem que ficar... O médico proibiu de fumar, mas não tem jeito, ela *tá* fumando do mesmo jeito. *Aí*,

falta de alimentação, fraqueza, tudo junto. Foi isso que o médico diagnosticou. Se ela não se alimentasse bem e parasse de fumar, ela podia ter uma fraqueza, uma tuberculose. (...) Eu sei que ela tinha que parar de fumar. Era muita fraqueza. Se ela continuasse fumando, continuasse sem se alimentar, podia virar uma tuberculose, ou uma coisa pior. (...) Ainda prendi *ela* na minha casa durante um mês. Ela só veio de lá... Eu só trouxe quando ela tava bem *durinha*. *Aí* voltei *pra* lá e fiquei vivendo a nossa vida.

A gente teve que voltar

Quando minha mãe se sentiu melhor, *aí* eu vim trazer *ela* de carro. Mas depois de um ano que a gente estava lá, *aí* como eu te disse, a avó dele <do marido> faleceu *lá* mesmo em Eunápolis e a mãe dele *tava* em Eunápolis TAMBÉM. (...) A gente teve que voltar *pra* <refere-se à Nova Constituinte> resolver o problema da mãe dele. (...) Ele entrou em contato com a mãe e ficou sabendo que a mãe vinha embora. A avó havia falecido e ele teria que ir. Porque é o seguinte, a casa é da mãe dele, porque ele disse que enquanto a mãe dele tiver vida, é da mãe dele, mas no papel *tá* no nome dele. Do pai ele é filho único e a mãe tem outros filhos, mas com outros homens. *Então* o pai quando comprou, botou em nome dele. Mas disse que enquanto ela estiver viva é dela, QUE ela faça o que ela quiser, *entendeu?* Só em morte dela — porque o pai não quer — faz o que ele quiser. Então, *aí* ele teve que voltar *pra* cá por causa dela, *entendeu?* Problemas deles *lá*. *Aí* ele teve que voltar. Conversou com o patrão, e graças a Deus, não tirou *os tempos* dele, os direitos dele, e entendeu que era problema de família e pagou *o tempo* dele e foi com isso que nós tivemos dinheiro *pra* pagar o caminhão de lá *pra* cá. *Também*, chegando, *aí* botou *até* umas coisinhas *pra* vender na porta, mas não deu certo, porque *num* lugar como esse, *nê?* A gente começou a vender fiado, porque era a mãe dele, porque era a vizinha, *entendeu como ê?* *Então...* *Pela* gente também saber a necessidade das pessoas, *entendeu?* “Ah, hoje não teve pimentão...”, *que* ele botou de tudo, assim coisa de comer com ovos, mortadela. *Aí* chegavam: “Ah, hoje eu não tenho o que comer. *Me* venda isso”. Ele *aí* começou a abrir mão. *Aí* começou o buraco, *nê?* Deu tudo errado. *Então*, foi por isso que voltamos *pra* cá. Quando eu voltei *pra* cá, vim com

ela pequenininha, novinha. Ela agora já *tá* com dois anos. Agora em dezembro ela faz três anos. Ela nasceu no dia vinte oito de dezembro.

(...) *Aí* com a mesma pessoa que nós tínhamos trocado a casa, *ela* veio aqui, conversou, e nós destrocamos. Ela já tinha nesse meio tempo resolvido tudo que tinha vindo resolver aqui, e a gente destrocou. Voltamos *pra* casa e fomos viver do mesmo jeito. Mas *aí*, com pouco tempo que a gente tinha voltado, a mãe dele veio de Eunápolis. Veio com o marido. Então a casa não deu *pra* todo mundo. Primeiro porque já tinha eu, ele e os meninos. A casa era pequena (...).

Começaram a me ajudar

O GAP, Grupo de Apoio a Família... *quando* eu descobri por acaso, eu ia ao posto de saúde. Quando vi a placa, subi, falei com o pessoal de lá e ela me explicou qual é o jeito; a maneira que eles tinham de ajudar a gente. *Aí* me disse: “Olha, nós vamos inaugurar na quarta-feira”. *Então*, eu esperei a inauguração acontecer. *Quando foi* na segunda-feira, eu fui até lá. (...) Lá eu conheci uma pessoa maravilhosa, assim como você. Eu te adoro! *Te* adoro de paixão! É, gosto muito de você! E eu conheci essa moça, *que* me deu esse *encaminhamento* hoje *pra* meu pai. O nome dela é Nilma Ellen. Ela também é assistente social de lá e me tratou *super* bem, e me trata *até hoje*. (...) Pediram meus documentos e me cadastraram. E contando minha situação *pra* ela, *que* não tinha casa e *tudo*, *aí* começaram a me ajudar. Primeiramente a gente recebeu uma cesta básica mensal. Eu recebi essa cesta básica por três meses. Depois ela cortou a cesta básica, quando *ela* conseguiu colocar meus filhos no PETI.

(...) PETI significa Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, ou seja, *pras* crianças que trabalham de sete a catorze anos. Eles tiram da rua e *aí* dão uma ajuda financeira de quarenta reais para que a mãe não deixe mais ir *pra* rua. (...) Ela colocou meus dois meninos. (...) *esse* Pedro e Geraldo nesse PETI. (...) Eu recebia cento e sessenta reais todo mês. Então durante cinco meses eu aproveitei bem esses cento e sessenta reais e *aí* eu fiz a minha casa.

E *aí* quando eu comecei a receber; comprei material, cimento, uma porta, *sabe?* (...) Entrei no terreno e fiz um *vãozinho pra* mim e *pra* meus filhos. (...) Fiquei na casa de minha sogra, *entendeu?* Ela ficou de favor. Ela arrumou uma casinha com um conhecido *pra* tomar conta até *eu fazer* a minha, *pra* eu poder ficar na casa dela. Minha sogra também voltou do interior e tinha que ter a casa dela. Por eu estar lá com meus filhos, a casa não dava. Ela teve que ficar na casa dos outros, emprestada. Os outros emprestaram, e eu lá, na casa dela. Então eu tinha pressa de fazer minha casa, *pra* ela ir *pra* dela.

(...) Hoje eu tive conversando com ela. Ela me deu esse encaminhamento e na segunda-feira é *pra* eu voltar lá *pra* tratar de outros assuntos com ela. No caso, vai me ajudar *pra* ver seu consigo umas manilhas *pra* tirar dali. Porque, esse pequenininho, de seis meses, Carlos, ele tem alergia. Ele tá todo feridinho, porque toda vez que muriçoca ou qualquer inseto pica ele, *aí* o corpinho dele fere todo. *Aí* eu vou conversar *pra* ver se ela vai me ajudar. (...) Aqueles..., tipo cano de cimento *pra* colocar *aí*, *pra* tirar mais as muriçocas daí.

E *aí* com esse dinheiro do PETI fiz a minha casa. Aquela casinha que eu te mostrei que troquei por essa. *Aí* entrei *num terre-nozinho*. Ele <o marido> mesmo fez, *que* ele constrói também. *Aí* com esse dinheiro eu fui apertando, continuando com a barriga apertada *pra* poder fazer a minha casa. Um *vãozinho*. A gente passou *pra* nossa casa, a mãe dele entregou a casa dos outros, voltou *pra* casa dela, e *aí* cada um foi *pra* sua casa. E *essa* casa aqui, que você *tá* vendo, existe uma coisa curiosa... *Então* era ele < refere-se ao pai de Rosa, sua filha> que morava aqui nessa casa.

Eu fiz a minha casa e entreguei a dela. *Aí* o pai de Rosa, por coincidência - ele não morava aqui, morava em Coutos, *que* é outro bairro aqui próximo -, ele comprou isso aqui, essa casa, e ele veio morar aqui. Era ele que morava aqui nessa casa com a mulher dele *que* tava gestante, *ainda* na época que eles moraram aqui. *Aí* a gente *conversando*, ele falou que vai *muito* lá na minha casa e que a esposa dele *tava* com medo de ficar aqui, porque ele trabalha como vigilante de noite, *que* aqui era grande e *era só eles dois* e quando ele saía, ela tinha medo. *As vezes* a casa dormia *aí* só, porque ela ia *pra* casa da irmã, que mora em Coutos, por

medo de morar aqui sozinha. Ele sugeriu a troca e eu aceitei por se tratar de uma casa maior. Por ser a casa menor e uma rua mais movimentada, ela achou melhor. Ele perguntou se a gente não queria trocar.

(...) Só esse vão aqui é minha casa lá. *Toda com tudo*, quarto, cozinha, banheiro era do tamanho disso aqui. Era muito pequena e menor até no comprimento, menor que isso aqui e era um aperto *pra* gente. Na hora de dormir, a gente dormia um por cima do outro. Mas eu adorava minha casinha, *tava* comprando já o quarto, *sabe?* O terreno lá também era muito pequeno e a gente ia ficar sem quintal. Só tinha o espaço do quarto, cozinha e banheiro. *Aí*, quando ele falou da troca *aqui*, a gente gostou, apesar de que ficamos em vantagem, por se tratar de dois vãos e o terreno maior. Mas ficamos em desvantagem, por lá ser uma casa nova e a gente tinha acabado de fazer, cimento novo, as telhas todas novas, porta e janela, tudo novo. Aqui tem que trocar a janela, essa porta aqui não abre. A gente só abre quando entra alguém, mas a gente usa a do fundo, *entendeu?* O teto, quando chove aqui, molha muito. Temos que trocar algumas telhas, muitas telhas *mesmo*. Esse pau, como você pode ver, tudo de cupim, a gente tem que trocar esses paus. Então, foi uma troca que valeu a pena e não valeu, quer dizer, o espaço é muito melhor por causa das crianças que estão crescendo. Aqui tem como, amanhã ou depois, fazer um quarto *pra* eles. São quatro meninos e um quarto *pra* ela. Tem que ser separado, e lá não ia ter como fazer isso. *Agora é ele trabalhar, pra* poder a gente fazer isso *aí*, melhorar aqui. Mas foi melhor só por causa do tamanho.

Um sorteio de uma casa

(...) Chegando lá, ela me deu uma boa notícia, porque há muitos anos, logo que a gente se conheceu, *nê?* Antes mesmo, eu acho, *até* da gente se conhecer, eu havia me inscrito com ela *pra* receber uma casa. Um sorteio de uma casa. (...) Quando abriu o NAF <Programa de ajuda social: Núcleo de Ajuda à Família> conversando com ela falei: “Eu não tenho casa”, *que* eu morava na casa da minha sogra e não tinha casa. Logo depois que a gente se conheceu, eu *tinha* aquela casinha pequenininha. Ali, já foi depois que eu fiz a minha casa, *entendeu?* *Então*, eu não tinha nem casa.

Então, ela me inscreveu *mesmo* sem eu saber que ela tinha botado meu nome, *nê*? Ela me fez uma surpresa. Ela disse *pra* mim que não me falou porque é uma coisa incerta, *nê*? Que a prefeitura às vezes fala que vai fazer uma coisa e *termina* não fazendo. Ela disse que não queria *pegar* esse compromisso comigo, mas ela colocou meu nome. Quando eu estive lá, essa vez *agora pra* pedir *pra* ela as manilhas, ela disse: “Com as manilhas eu não posso lhe ajudar, mas eu tenho uma ótima notícia *pra* te dar, eu lhe inscrevi *numa* casa e a casa *tá* saindo. Começou a construção em outubro e agora no final de dezembro *pra* começo de janeiro você vai receber sua casa, *nê*? É muita gente na sua casa e o pessoal de lá se sensibilizou, *nê*?”. Porque, pela quantidade de gente que tinha na minha casa, a casa *super* pequenininha, só aquele vão, não sei nem quantos metros quadrados, um vão mesmo, *pra* mim e mais sete filhos... (...) eram onze pessoas naquela casa. Ainda tinha a minha colega que *tava* doente e eu *botei* dentro de casa com mais dois filhos, e *ai* foi *pra* quinze pessoas. *Então*, ela me disse que se sensibilizou com isso e a casa *tá* saindo. (...) *Então* assim, terminam duas, entregam. Terminam mais duas e entregam.

Então, o meu nome, *ela* me deu prioridade pela quantidade de crianças. Eu estou esperando agora no final de dezembro *pro* começo de janeiro receber. Mas é aqui pertinho em Vista Alegre. (...) Já *tá* em construção e *tá* perto da gente receber. *Aí*, o meu plano é o seguinte, vender aqui e pedir uns dois mil, não sei. Lá naquela menor eu achei mil e duzentos. Aqui com certeza vou achar dois mil, dois mil e pouco. Vou pedir a Deus *que* eu encontre. Por que eu faço plano de quê? Com o dinheiro da venda, comprar alguma coisa *pra* dentro de casa, *pra* quando eu passar *pra* casa nova, comprar alguma coisa que eu tenha (?). Hoje eu *tava* olhando aqui *pra* essa casa, e simplesmente eu não tenho nada! Quer dizer, eu tenho tudo, porque eu tenho meus filhos, tenho minha saúde. É como eu digo *pra* eles todo dia aqui, eu falo muito de Deus *pra* eles.

Aí quando eu recebi a notícia da casa, eu sentei com todos eles e quase fiz uma festa. Eu falei *pra* eles: “Olha gente, que Deus maravilhoso que a gente tem!”. Porque tem muita gente que só chama por Deus na hora da dificuldade e eu *tô* com ele a todo o momento. Não importa que eu tenha o que comer ou que eu não

tenha, *sabe?* Ontem pela manhã, botei café na mamadeira do meu filho e pedi a vizinha um pouquinho de café. Fiz bem fraquinho, tipo um chá e botei na mamadeira e ele tomou. E depois, uma hora depois, Deus me deu o leite dele. Então, não é porque eu não tinha naquele momento que eu ia me desesperar. “Meu Deus, esqueceu de mim? Não!” A gente tem que agradecer *pra* tudo! No momento bom ou ruim. *Então*, eu costumo agradecer a ele por tudo. Se eu comer uma galinha, se eu comer um peixe, se eu comer um ovo.

É dois vãos, mas não adianta eu botar tapete lá e botar *pra* eles dormir no chão, porque de manhã amanhece todo mundo aqui, *entendeu?* Eles têm medo. *Então*, eu já junto logo todo mundo perto de mim, tipo uma galinha que bota todo mundo debaixo da asa. Aqui amanhece tudo revirado. Não tem jeito. Não adianta eu levantar, botar todo mundo no seu lugar e voltar *pro* meu lugar, porque de manhã *tá* todo mundo em cima de mim de novo. *Então*, a minha alegria também é por isso, é por eu poder dar um pouco mais de conforto *pros* meus filhos. Não digo nem conforto, mas pelo menos comprar um colchão *pra* meus filhos dormirem, *entendeu?* Não sei. Trocar *esse* por um sofá *pra* ele sentar. *Isso* foi à vizinha, que ganhou dois e me deu um. É uma tábua forrada. *Isso* aqui me deram também, mas também só tem a frente, não tem o fundo de nada, como você pode ver. São coisas, que como você pode ver, não tem fundo de nada. São coisas que se chegar *em* outro lugar dá *até* vergonha, mas se tirar aqui o que não presta, a casa fica vazia. A única coisa de valor que eu tenho dentro de minha casa é a TV e o bujão, mas o resto, é o resto. *Até* lençol, roupa de cama, tudo, tudo *tá*... Eu falei *pra* eles: “*Olhe* gente, Deus é muito bom porque eu estava orando muito *pra* ele, pedindo a ele que me desse um jeito...”.

Você já ouviu falar no Caminhão do Faustão? É *até* engraçado. Eu costumo rir muito quando eu falo isso. Eu *tava* assistindo e falando: “Puxa! *Nem pra* eu ganhar, que eu acho que mereço. Tanta gente *aí* que não merece e ganha”. Se eu ganhasse a casa seria minha com móveis *pra* mim, *pra* meus filhos. Então, eu venderia e botaria um negócio *pra* meu marido, *pra* ele trabalhar.

Então, já comecei a orar porque eu *tô voltando dentro* da Bíblia. (...) Deus não gosta de jogo, de apostas, essas coisas que se

tornam um vício. Então, eu digo: “Bom, é uma maneira de jogar, é um sorteio, é um jogo”. Eu passei a orar, porque eu não faço nada sem orar. Se eu for sair, primeiro eu leio a Bíblia, se eu chego *num* lugar, onde eu vou resolver alguma coisa, primeiro eu oro antes de entrar. Então, a todo momento eu estou consultando Deus. Eu digo: “Eu estou chegando aqui *pra* resolver. Não me deixe sair daqui sem resolver. Eu confio no Senhor”. Eu gosto muito... *Que* eu já tenho uma certa intimidade com Deus, *que* eu converso com ele como se tivesse aqui conversando com você. Não pessoalmente, é claro, mas em pensamento e oração. Já tenho uma certa intimidade e Ele me responde. Tudo o que eu peço, *Ele* me responde. Porque graças a Deus não peço o impossível, nem peço nada de mal *pra* ninguém. Tudo o que eu peço, Ele me dá. *Então*, em relação a esse Caminhão do Faustão, eu comecei a orar: “Senhor, eu sei que o Senhor não gosta de jogo. Mas também, Deus, ele não *tá* trabalhando. Eu tenho tantos filhos, e quando é que eu vou poder — vamos dizer que eu fosse continuar nessa casa — rebocar essa casa? Quando é que eu vou poder melhorar meu banheiro? Quando é que eu vou poder puxar o quarto de meus filhos? Trocar essas telhas?”. Todas essas telhas aqui têm de ser trocadas, *entendeu?* A porta tem que ser trocada. Você *vê* que só *anda* fechada, porque a gente já tem medo *até mesmo* de abrir. E a janela tem que trocar. *Então* eu não tenho condição de fazer tudo isso, *nê?* O Senhor *tá* vendo *eu* jogando nisso *aí*. É uma maneira de mudar a vida rapidamente. Eu vou ter uma casa, conforto *pros* meus filhos. Meu marido vai ter onde *eu* botar uma *guia* [posto de trabalho] *pra* ele, porque eu sei fazer um monte de coisa de artesanato, trabalho com gesso. Se eu tivesse condição financeira de botar minha *guia* [posto de trabalho], eu ia ganhar dinheiro porque o que eu faço dá dinheiro. *Dá pra* ganhar dinheiro *que* eu já fiz, e já ganhei. Mas não tenho, tudo precisa de capital. Eu estou querendo uma forma de botar um negócio *pra* mim, um negócio *pra* ele, eu não ia... É uma forma de dar um conforto melhor *pros* meus filhos, mas eu sei também que o Senhor não gosta de jogo, mas o Senhor me responde também de outra maneira. *Então*, eu torno a dizer: “É um Deus maravilhoso!”.

Então quando eu fui lá *no* NAF, a assistente social me deu a notícia da casa. Eu tomei aquilo como uma resposta de Deus

porque eu pensei: “Bom, como Ele não gosta de jogo, *Ele* achou uma outra maneira de me dar uma casa e as mobílias”. Porque eu vendendo essa casa, eu compro as coisas que eu preciso, *entendeu?* Eu entendi assim, como uma mensagem de Deus *pra* mim, *nê?* Estou orando *pra* ele porque ainda tem uns três envelopes e, *aí* os meninos querem botar no correio.

“Senhor, eu tenho *só* a mim”. As pessoas costumam dizer assim, que quem casa quer casa, que marido e mulher casou, a família agora é o marido e o filho. Mas eu não penso assim. Eu não vejo minha mãe, meus sobrinhos como meus parentes. Eu continuo vendo como minha família, *entendeu?* Sempre foi minha família *desde quando* eu nasci. O meu marido e os meus filhos são consequência de um casamento, de um relacionamento. A minha família simplesmente aumentou. Eu agora passei a ter um marido e filhos. Eles aumentaram a minha família. *Que* tem gente que diz assim: “Família é marido e filho. Irmão, primo... *tudo* é parente”. Eu não acho. Eu acho que minha família cresceu. *Então*, se meu marido, meus filhos, botassem uma carta e a gente realmente ganhasse, seria uma forma de ajudar meus parentes.

Meu pai *tá* hospitalizado tem mais de quinze dias. Eu não tive condição de visitar porque são *quatro* transportes, e eu não tenho condição. Ela <a mãe> ficou quatro meses em cima de uma cama e eu não tive nada *pra* dar *pra* ela. Não tinha como fazer nada por ela. Uma casa cheia de filho. Eu procurava dar banca <aula particular> de manhã, banca de tarde e quase adoeço. Porque *à* noite eu tinha que arrumar a casa, lavar roupa, deixar tudo pronto *pra* no outro dia. *Então* aquilo foi me desgastando e chegou a ponto de meu marido dizer que eu *tava* deixando tudo *pra* ele; a casa, os meninos. Tive que parar de dar banca. O dinheiro ajudava um pouco, mas tive que parar. Agora meu pai *tá* internado. Ele *tá* aqui comigo. Os outros estão em casa, mas *aí* quando tem qualquer aborrecimento — como ontem brigaram — vieram me chamar e eu tive que descer. E olha que tudo... Um tem dezenove e já tem filho, o outro dezessete. Mas, *aquela guerra*, e eu tive que descer. “*Olha*, (?) eu nunca bati. Tomei conta de quatro pequenos e não é agora, depois de grande, que eu vou bater (?)”. Eu fui e falei sério. Fiz com que fizessem as pazes. *Então*, tudo é comigo! Meu pai *pra* internar, fui eu, se minha mãe adoecer, me chamam,

se meu irmão bebe e *tã* lá abusando *ela*; “Minha tia, minha avó *tã* chamando (?) *tã* lá abusando *ela*”. Eu me sobrecarrego, entendeu? Tem vezes que eu *tô* *super* cansada. *Teve* agora, *nesse tempo* que você teve que viajar, *dias aqui que eu chegava e tava* um caco, só fazia chorar, porque me desgastava. “Senhor, meu pai *tã* doente e eu não posso visitar. Vejo meus irmãos passarem (?) *deixar ir pra rua*”. Quando aconteceu o acidente com minha irmã, ela *tava* na rua pedindo. Eu disse: “Não. Se depender de mim, você não vai *pra* rua. Se eu comer, você vai comer, se não tiver, você não come, mas *pra* rua você não vai”. É uma coisa que eu queria mudar, mas não tenho como. A não ser assim, com essa fé que eu tenho em Deus. Buscando, *Ele* vai me ajudando cada dia mais.

Eu nunca na minha vida quis riqueza, nunca

Então, eu espero que quando você voltar aqui eu esteja em minha casa, que eu tenha comprado alguma coisa. Eu nunca na minha vida quis riqueza, nunca. Não é só pela Bíblia, que a Bíblia diz assim: “Que é mais fácil um cabelo passar no fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”. Porque o rico, quanto mais ele tem, mais ele quer. Você vê, tem tanta gente por *aí*... Eu *tava* assistindo uma reportagem e vi que a banheira do homem mais rico do mundo era uma concha do mar de ouro maciço. As torneiras *do homem* cravadas de diamante, e tem lugares que as pessoas morrem de fome. *Então*, é uma coisa que eu não entendo! *Cadê* o coração das pessoas? *Cadê* o sentimento das pessoas? Eu podia ser a mulher mais rica do mundo *que* eu ia ter os filhos que eu tenho do mesmo jeito. Eu ia ajudar todo mundo. Eu digo *pros* meus filhos: “*Olha*, eu podia ganhar um prêmio na loteria, *que* eu corria *pra* Baixa do Sapateiro”. Já ouviu falar na Baixa do Sapateiro, *nê*? É um comércio aqui que vende tudo mais barato. Eu corria *pra* lá. Não ia querer chamar um decorador de nome *pra* vim decorar a minha casa não. Eu ia *ali* na “Insinuante da” Calçada, compraria um sofazinho e pechinchando *tudo*. “*Olha*, eu vou levar tudo daqui. Vai fazer abatimento?” Porque com aquele abatimento, o dinheiro que sobrasse eu *podia estar* ajudando a outras pessoas. Eu não compraria uma mesa só *pra* mim.

Eu tenho uma vizinha aqui..., e eu tenho isso na *mente*. Um dia que eu tiver condições, eu dou essa mesa *pra* ela. Eu acho

uma coisa tão simples. Eu vejo pessoas que têm tanto e ela falou outro dia *pra* mim que o sonho dela é uma mesa. <Choro> *Me* cortou o coração! O marido dela *deu errado*... Ele toma conta de carro no estacionamento no centro da cidade. Ela lava roupa, mas teve que parar por causa da coluna. E *hoje em dia*, eu levei *ela* comigo quando comecei a receber cesta básica e ela recebeu. Todo lugar *que* eu sei que estão dando alguma coisa eu levo *ela*, *entendeu?* Porque eu sei que é uma professora sofredora igual a mim. Ela tem menos filhos. Ela tem quatro filhos, mas pelo menos os meus filhos não me dão dor de cabeça. O filho mais velho dela já se *misturou* com maconha, então dá dor de cabeça *pra* ela. *Então*, eu tenho sorte, pois tenho nove e nenhum até agora me deu dor de cabeça. Ela tem quatro e um já *tá* dando trabalho, *entendeu?* *Então*, é isso que eu agradeço a Deus todos os dias. *Então*, uma coisa tão simples, *nê?* Ela dizia *pra* mim... Tem gente que diz: “Meu sonho é ter um carro. É conhecer Paris”. Mas sonhar em ter uma mesa? Foi demais *pra* mim. Você sonhar em ter uma mesa? *Me toca!* *Então*, o dia que Deus me der essa condição de eu comprar uma mesa *pra* mim, eu compro duas, porque uma eu dou *pra* ela. Porque eu fiquei com aquilo na cabeça. *Me* tocou muito, muito mesmo e sempre que eu falo, me emociono muito. Eu gosto muito dela, muito. E vou dizer a você, é a primeira vez que eu vejo alguém sonhar em ter uma mesa. Não sei, eu me emociono muito, eu fico... Não é nada de tristeza, é isso aí.

(...) Eu me emociono muito. O meu filho diz: “Minha mãe, eu queria ter uma bicicleta”. Eu já tive condição de poder comprar uma usada. (...) Eu mesmo sonhava com uma TV *pra* dar aos meus filhos, *pra* eles não irem *pra* rua. Quem comprou *foi* os outros *pra* eu pagar de pouquinho, mas pelo menos eu consegui.

(...) Ela <refere-se à vizinha> mesma fez um guarda-roupa *pra* ela e fez uma mesa, *sabe?* Uma pessoa dizer que: “O meu sonho é ter uma mesa bonita *pra* eu poder arrumar”. Aquilo me emocionou muito. Só Deus sabe do meu pensamento. Eu costumo dizer também outra coisa: “*Olha*, não cai uma folha seca de uma árvore sem que não tenha a permissão de Deus. Não cai sem o consentimento dele”. *Então* tem horas que paro e penso assim: “*Olha*, eu não ganho prêmio *grande* em loteria ou em qualquer jogo porque eu não jogo, e porque Deus também não aprova jogo”. Mas só

Deus conhece nosso coração e nossa mente. Ele sabe o que se passa em nosso coração e nossa mente, *né?* Ele sabe o que eu vou falar antes que eu mesma fale. Ele sabe do meu pensamento, sabe do meu coração. Se eu ganhasse um prêmio grande, eu ajudaria a muita gente, *né?* Tem gente que não. Tem gente que: “Ah, eu...”. Mas quando ganha não fala mais com ninguém. Dorme e não acorda. Muda de noite *pra* não fazer favor a ninguém.

Eu não penso assim. *Então*, eu acho que se eu jogasse, se eu apostasse, eu ganharia porque o meu pensamento é só ajudar. Depois de tirar o meu dízimo e o dízimo de Deus, eu ia ajudar muita gente. Claro, que eu não vou ser hipócrita a ponto de dizer a você que eu ia fazer primeiro *pros* outros. Não. Eu ia estar mentindo. Eu tiraria primeiro o dízimo de Deus, em primeiro lugar, faria por mim e por meus filhos, *entendeu?* Pela minha família, e depois procuraria ver as pessoas que realmente precisam. E eu *aí, agora*, iria ajudar *as* pessoas. Eu iria fazer isso. Mas enquanto esse momento não chega, eu oro por todo mundo. Ajudo como eu puder, *né?* Se eu tiver... Eu já não tenho óleo, mas se eu conseguir um copo e chegar alguém: “Você tem óleo?” respondo: “Eu não tenho muito, *que* também me deram, mas eu divido com você”. Então eu faço isso. Eu faço, Cris, porque eu preciso e eu também peço. *Então*, eu faço *pra* que... Eu abro a minha porta para que Deus depois abra uma porta *pra* mim também, *entendeu?* Só isso, por isso que eu faço. Espero que, quando você volte aqui, eu esteja na minha casa, e eu tenha o *prazer* maior do que eu tenho aqui. Não me entenda mal. Mas eu digo assim, tenha minha casa maior, porque eu vejo assim — ainda hoje eu estava falando isso — meu irmão pintou a casa e ficou tão bonitinha. Eu vejo as pessoas pintando a casa, rebocando *e tudo*, e eu não posso fazer nada porque eu estou sem trabalhar. É muito triste, *né?* Eu queria rebocar, pintar, deixar tudo bonitinho. Então o prazer é esse. Ter minha casa bem bonita, bem aconchegante *pra* receber pessoas como você. Poucas pessoas vêm na minha casa, mas são amigas. Então eu queria poder receber bem, eu queria, sabe...

A criatividade é nossa

(...) *Então*, ela sabia que eu gostava dessas coisas e a nossa aproximação era tanta que ela nem ligou *pra* me perguntar. Ela mandou o aviso *pra* mim: “O curso começa tal dia, tal hora”. Eu *tava* grávida do menino (...) na faixa de seis meses de gravidez dele. Eu fiz o curso *que era* de pintura de enfeites natalinos. Nesse curso, eu aprendi a fazer um boneco muito bonito, chamado boneco de neve. O bonequinho de neve é mais *pro* Natal, *nê? Então*, a gente vende mais no Natal. Tem também enfeites de geladeira. Os enfeites de geladeira podem ser feitos no desenho que a gente quiser. A criatividade é nossa. Elas dão a idéia e a criatividade é nossa. É todo tipo de fruta, *é* borboleta, *é* palhaço. Fazemos um alho, *que* eu não vou deixar você sair daqui sem ele, *que* é a mesma coisa que você está olhando para uma cabecinha de alho mesmo! Aprendi a fazer pintura em tecido, *que* eu já sabia, mas ampliei o curso. Tem também o peso de porta (...).

Uma guia é um trabalho, um empreendimento. Eu quero fazer alguma coisa *pra* ganhar dinheiro, *nê?* Meu filho quer vender picolé. Então ele me diz assim: “Minha mãe eu vou botar uma *guia* de picolé”. Geraldo põe uma *guia* de picolé, já eu vou fazer artesanato. *Então*, eu vou botar minha *guia* de artesanato e outra *já* vai vender doce. *Então*, tem uma *guia* de doce, porque você vende doce. *Guia* é isso. É qualquer coisa que você vai botar *pra* fazer..., *pra* ganhar mais dinheiro. (...) É um trabalho, um empreendimento, uma aplicação. Você aplica o dinheiro em alguma coisa que você saiba fazer *pra* que você tenha *vendagem*, para que você venda e tenha retorno, é isso. *Então*, na gravidez eu aprendi a fazer peso, *que* é aquele saquinho com areia que você dá o formato *pra* prender a porta e para a porta não bater. Tem um anjo muito bonito, chamado anjo floral. Tem as asas *assim*, agora o corpo dele é feito de flores e a cabeça de louça ou de plástico. É muito bonito mesmo. *Só vendo pra ver*, ou tendo tempo *pra* você ver. Tem uma bonequinha que é feita de sabonete. Fica muito bonito.

Eu estudo a Bíblia

Eu *congregava* na Adventista DO Sétimo Dia. Então esse DAQUI, se eu der um café *pra* ele e eu não botar *ele pra* agradecer, não

come. Todo mundo *tá* ali comendo e ele *tá* ali *em pezinho*. (...) *Aí* ele fecha os olhinhos bota a mãozinha e agradece: “Obrigado papai do céu. Amém”. *Aí* quando ele esquece a palavra, ele não come. Não tem jeito. *Às* vezes eu penso *assim* e digo assim: “Meu Deus, acho que *é até* um sinal de Deus”. Assim, *pra* eu voltar *pra* igreja, *que é* a mesma coisa. Os outros não agradecem. *Até* eu mesmo esqueço e tudo, mas ele *tá* ali. Ele não dorme sem orar, quando ele levanta dá a benção ao pai dele e a mim.

(...) Eu levei minha cunhada, o marido da minha cunhada, levei meu marido *e tudo*. Agora eu vou fazer um *plano* PORQUE eles não são casados. Eles moram juntos e na igreja não pode. Nem eu também. *Então*, eles já iam se batizar. Iam se casar, *tudo* na igreja. *Nos* afastamos um pouco, mas eu me afastei porque meu marido se afastou. E meu cunhado e minha cunhada se afastaram porque eu parei de ir. *Então*, na hora que eu for, eles vão. Mas *aí* tem um problema, quando chamam *aí* fica: “Não tenho roupa. Eu não tenho sapato”. Eu digo: “Ah, eu não ligo *pra* essas coisas! Mas Deus não liga, *nê?*” A gente sempre liga. A gente vai *pra* igreja *dia de sábado* de manhã, *todo* bem arrumadinho e no domingo *a* noite. Adventista do Sétimo Dia (?). Aos pouco eu volto. (...) Eu estudo a Bíblia. Os irmãos da igreja vêm sempre aqui. De vez em quando eu vou a igreja, *sabe?* Quando eu preciso de alguma coisa, eu recorro. Se eu for a um irmão, *ele* me ajuda *assim* (...).

2.3. Educação dos filhos

O problema dela é que nunca estudou

Ela parou na terceira série e o irmão dela já *tá* na sexta. (...) Eu não boto CECÍLIA NA ESCOLA por causa do menino dela. Eu queria que ela trabalhasse de dia e arrumasse uma creche *pra* botar a menina dela. Mas, por falta do registro, nem tudo isso (?), *entendeu?* *Aí* botava *ela* na creche de dia *pra* ela trabalhar de dia e estudar de noite. Mas na pouca *mente* que ela tem, eu *já* tenho medo de botar *ela pra* estudar de noite, *pra* que ela não me apareça com outro filho. De noite nas escolas *é* maconha, e *é* só isso que acontece. E ela comigo aqui *é* presa, quer dizer, sempre foi. Eu tenho certeza que isso só aconteceu porque eu fui presa, e ele

se apoderou da situação, *entendeu? Porque ela comigo ela dava cinco horas (?)*. Minha casa é todinha cercada e fechada. *Aí* dava cinco horas e eu não *deixava ela* ir mais *pra* lugar nenhum. *Até* o pão eu mandava os irmãos dela irem comprar. *Pra* qualquer outro lugar se alguém pedisse *pra* ir só, depois só ia se fosse com a mãe de família, porque com amiguinha, com amiguinho, nunca teve amizade e intimidade com ninguém na minha casa.

As sete, ela *tava* dormindo. É assim. Sempre me ajudou em casa. Sempre que saía *pra* trabalhar (?) e a ter casa como uma dona de casa. Ela faz tudo. Ela se for *pra* casa *de você* trabalhar, ela cozinha, lava, passa, sabe tomar conta de criança. Isso *aí* tudo ela sabe, mas ela comigo (?) é hoje em dia até hoje. Ela passa o dia aqui comigo e dorme na casa do avô de manhã. *Tã* aqui comigo e só sai *pra* ir *na* casa do pai com outra pessoa. Mando *ela* com alguém. Só assim ela vê o pai. Só vai uma vez comigo na casa do pai *pra* buscar as coisas. *Pra* lugar nenhum ela vai só, porque geralmente tenho medo.

Mas eu já tentei. O problema dela é que ela nunca estudou. Como eu *tava* dizendo *pra* elas, nunca terminou, *nê?* Não concluiu um ano, *pra* poder eu ter uma transferência, ou uma referência de curso de estudar em colégio. Assim não completou. Não estudou aqui nunca.

E Cristina, uma hora eu vou parar *pra* conversar com você sobre Cecília, e eu vou te contar coisas que vão te horrorizar em relação *dela pra mim*. (...) *Então*, eu vou conversar com você sobre isso. Coisas que aconteceram, mas não... Nada disso afetou o *fato* dela ser minha filha, *entendeu?* O amor pode ter sido balançado, o amor de mãe, meu amor de mãe por ela, mas continua amor, *que* eu não deixo de ser mãe dela (...). Tenho muita mágoa, mas muito carinho, muito respeito e muito amor ainda porque é minha filha.

O fogão de carvão, eu não sabia que ela acendia. Quando eu chegava, *até* brigava porque tinha medo dela se queimar. Ela dizia: “Ó [Oh] mamãe, eu botei o banco. Eu fiz o fogo e eu fiz a comida. Arrumei a casa e dei banho em Pedro”. Ela com sete anos e eu ficava com medo dela derrubar alguma coisa, mas isso nunca aconteceu. *Então*, desde sete anos que ela se tornou uma dona de casa, quando eu lavava roupa de ganho. E a roupinha dela, eu

sempre botei *pra* ela lavar. A roupa dela e dos irmãos *dela* e de Geraldo e de Pedro. Era *tudo* ela *que* lavava e a minha roupa (?) *acumule* sua roupa de dentro de casa, e a roupa que eu pegava de fora *pra* eu lavar, eu lavava e ela *então* eu (...) *assim*... ela como menina (...), *nê?*

Aos sete anos de idade já começou a me ajudar

(...) Cecília foi uma menina *que* a sendo a minha primeira filha, ficávamos só nós duas em casa e todo mundo falava por ela ser pequenininha e não ser buliçosa. *Sabe*, não bulir nas minhas coisas. Tinha a casa arrumada com plantas e com coisas de vidro, de louça *assim*. Ela não bulia em nada. Porque com o pai dela, eu tinha condições de ter minha casinha arrumada. *Sabe*, eu tinha tudo e ela nunca buliu em nada. Não derrubava as coisas, não bulia em nada, porque se ela mexia, eu dava um tapinha na mão: “Não mexe aí, porque quebra. Não pode mexer aí, *que* é da mamãe. Não bula”. Então ela aprendeu. *Então*, ela hoje *tá* uma verdadeira mulher aos quinze anos. Porque com quatro anos eu comprei uma vassourinha *pra* ela, e eu varria a casa e ela varria também *pra* poder ensinar, porque eu era louca *que* minha primeira filha fosse mulher justamente *pra* que eu pudesse ensinar serviços de casa.

A gente tem mais liberdade com a filha *mulher* do que com o filho *homem*. *Então*, o que eu fazia? Eu ensinava *pra* ela os deveres de casa a partir de quatro anos. (...) Aos sete anos eu já *tava* passando uma fase difícil, então ela aos sete anos de idade já começou a me ajudar. Eu saía *pra* trabalhar, como eu já te contei que eu vendia gesso. Eu fazia gesso durante a noite e vendia durante o dia, pois tinha Pedro.

Eu trabalhava com gesso. Faço porta retrato, espelho... Eu trabalhava com gesso naquela época. (...) Nessa época, *que* eu *tô* te falando, Cecília tinha sete anos e Pedro só tinha três meses de nascido. Eu deixava Pedro em casa. *Olha* bem a minha luta: A noite eu ia *pra* uma igreja e deixava *ele* sozinho. Fazia o gesso, moldava, (?). (...) *Então*, eu tinha que vender por perto e voltar em casa *pra* dar mama a Pedro. *Aí* eu vendia um pouco e voltava *pra* dar mama a Pedro. Ela aprendeu porque eu ia de manhã e quando eu chegava, ela tinha arrumado a casa. O fogão era de lenha.

Eu sou muito individual

Antes *da* minha filha chegar, eu era sozinha e depois que ela chegou <Cecília> somos eu e ela. Antes de ela chegar, *né?* Quando ela veio morar comigo, quando *ela* morava com o pai, eu era sozinha. Depois que ela chegou, *é eu e ela*. Quando eu saio, ela fica. Quando ela sai, eu fico (...). Minha mãe *até* ficaria se eu pedisse.

EM CASA DE MINHA MÃE ESTÃO MORANDO Claudia; minha irmã caçula, com os filhos. (...) E mais a *que* ela cria, *que ela* cria uma filha da minha irmã do meio. É filha de Luzia (...) e minha mãe cria desde pequena, assim que nasceu. Já tem dez anos. Os OUTROS quatro são de Claudia. (...) Claudia voltou com o marido, fez as pazes e voltou. Agora só tem minha mãe e Claudia. Meu pai mora lá embaixo naquela casa grande. (...) Ele mora COM a família dele, a esposa *dele*, Lana. Ele tem a família dele. *Então*, eu..., eu sou muito reservada. (...) Eu acho que meus problemas são meus, *sabe?* Eu trato DE NÃO preocupar ninguém com um problema meu. Tem que ser com os meus filhos, quando *tão* doentes OU *tão* internados *QUE* meu pai vai saber. (...) *Então*, sou eu que tenho que pegar o meu filho e levar *pro* médico. Sou eu que tenho que ficar no hospital. Sou eu que tenho que me preocupar com o remédio dele. *Então* eu *num* dou notícia. Quando ele sabe, se preocupa. Vem ver, *entendeu?*

Já ocupei minha mãe quando apenas Pedro morava comigo, porque depois daquele fato, quando eu vim do interior e larguei o pai de Pedro, é... Os três meninos moravam com Ricardo, pai de Cecília, e só Pedro ficava comigo. (...) Eu *num* tinha nem esse <Moisés>, nem Ana. *Então*, minha mãe olhava Pedro e eu trabalhava durante toda semana, *entendeu?* Eu *dava* as coisas *pra* ela, ajudava *ela* também, mas só Pedro, depois que minha irmã separou do marido, foi *pra* casa dela.

Eu morava lá e vieram minhas duas irmãs cada uma com quatro filhos. O que foi que eu fiz? Sair de lá logo, o mais rápido que eu pude. Porque eu *num* gosto de minha vida assim, *né?* Do jeito que você *tá* vendo aqui, *até* Cecília, *que* é minha *própria* filha, *tava* aqui com a filha dela. Cristina, eu *num* me sentia bem. *Entenda*, não por elas estarem aqui, mas porque nunca faço aquilo do jeito que eu quero. Eu boto isso aqui, e isso fica aqui, e se eu

colocar com elas *aí*, ela tira, bota em qualquer lugar, *entendeu?* *Então*, eu sou (...) enjoada, *nê?*

Então, eu só muito enjoada e eu só muito *individual*. Num gosto desse negócio. (...) Eu já morei com ela, *que* é irmã de João, a gente se dá muito bem. Ela na casa dela e eu na minha, nos damos muito bem. Eu vou *pra* lá e ela vem *pra* cá, *sabe?* Mas assim é melhor do que morar junto, porque ela gosta das coisas dela de um jeito e eu gosto de outro jeito, então não deu certo. Não por *tarem* juntos, não pelas pessoas, mas..., cada um, cada pessoa é *individual*, ninguém é igual, *nê?* Cada pessoa tem sua *própria* individualidade.

É assim que eu divido as tarefas

(...) A menina de Cecília, *ela* já nasceu com problema de ouvido. O ouvidinho dela *assim* minou e agora se agravou, *que* não tá minando não. Ela ficava com os trabalhos lá fora. *Assim*, encher as vasilhas, lavar prato e a roupa, ficava em casa (?), Arrumar a casa, fazer a comida e olhar as crianças, ou vice-versa. Quando água (?) *que* eu adoro trabalhar com água, deixava *ela* em casa arrumando e ia *pra* fora chegando (?) prato roupa (?) nós duas trabalhando na casa o dia inteiro. Sempre, até hoje é assim. Como depois do almoço eu sempre, ainda, durmo *à* tarde, porque a casa é pequena (?) *Agora*, como ela trabalha *a* noite, *aí* eu deixo descansar, porque ela pega o trabalho... Ela já saiu. Se não saiu, vai sair. Ela pega o trabalho três e meia, quatro horas. *Então*, ela sai de casa três horas (?), vai trabalhar. Quando ela retorna é meia noite, uma hora da manhã. No final de semana, chega até duas horas, três horas da manhã. Até três horas da manhã, ela chega. (...) Então fica cansativo *pra* eu acordar cedo. *Então*, eu acordo, deixo que ela durma até dez, onze horas e cuido das coisas. *Assim* principalmente da água, *nê?* Encho as coisas, lavo os pratos, roupa (?) quando ela acorda, *ela* *aí* cuida da casa. É assim que eu divido. Só que [entre] nós duas. Os meninos são *mais assim*, *pra* ir na venda, *pra* ir colocar (?) um leite, limpar o quintal. Coisas *assim mesmo*.

Quem mais me ajuda é Geraldo e, às vezes, Pedro também. Pedro tem sete e Geraldo tem dez. Ana é a mais apegada com Geraldo. Você pode ver, *nê?* *Aí* ele pega, brinca com ela, olha. Ela

sai agora com Geraldo (?) Mandei já *ela* jogar o tapete no quintal. Boto *ela pra* ficar brincando (?). Não me atrapalha.

Família é cada um na sua casa

(...) Eu acho que a família é assim, *sabe...*, *pra* a gente visitar. Eu sou do tipo que acha que família é cada um na sua casa. E só *pra* ir lá visitar, e só domingo, coisas assim. Eu acho que cada um... (...) quem casa quer casa. *Então*, cada um procura sua família. Eu sou *super* contra Claudia <irmã>, porque ela sobrecarrega a minha mãe. (...) Os problemas dela são problemas de minha mãe. As dívidas dela são dívidas de minha mãe. Então eu acho que isso é errado. Eu acho que o que ela tinha que fazer pela gente, já fez. Eu já disse a Cecília <filha>: “*Olha*, o que eu puder fazer pela sua filha eu faço, mas você que é a mãe dela, e é você quem tem que fazer tudo por ela. Fazer agora. Criar a sua filha, batalhar pela sua filha. Eu faço porque sou avó, mas a obrigação é sua, como a obrigação que tenho com vocês, sou eu como mãe”.

Então, eu não posso *botar* obrigação *em ninguém*. Eu *num* vou atrás nem dos pais, *que* eu acho que a mãe é mais do que o pai. *Então*, eu não vou nem atrás dos pais, nem procuro. Agora esse e o pai de Cecília...

Os menores nunca estudaram

(...) Estudou o de treze anos <Víctor>, porque mora com o pai. Estudou Cecília também, porque morou com o pai por quatro anos. (...) Parou com doze anos na 3ª série e não voltou mais a estudar. Passou com a nota máxima. Tenho o boletim escolar dela na minha mão, a transferência *dela*, tudo *no melhor possível, sabe?* ERA uma boa aluna. Todas as notas boas.

(...) Nenhum *DELES* estuda. (...) O de treze estuda <Victor> e *tá* na 6ª série (...). Mora com o pai, *nê?* Os que moram comigo, eu não tenho condições de pagar. O pai dele tinha condições. Ela morava com o pai e o pai pagava escola, banca. Ela estudava de manhã e tomava banca de tarde. Agora não, *que* ele já *tá* estudando na escola do governo e aqui os menores nunca estudaram. Só comigo mesmo. *Uma certa* vez eu botei ali *mesmo* onde tivemos a reunião. Estudaram ali um aninho. Só depois a professora, que tinha ali, melhorou. Agora *tá* um pouco mais organizada, mas

antes não *tava*. Era começo e tinha muita menininha ensinando. Gente que não tinha nada a ver com professor. Não sabiam lecionar, então eu tirei. *Aí* eu comecei a ensinar em casa. Eles sabem assinar o nome deles, sabem contar, sabem o alfabeto, *tudo* coisas que eles aprendem comigo, *eu ensinando* em casa.

Eu mesma faço! E sou eu, *que* eu já lecionei em escola particular, *sim!* Não sou formada, mas já lecionei. *Então*, eu mesma faço, *assim*, deveres *pra* eles. Eu não tenho condições de pagar. *Então*, o que é que eu quero? Eu quero trabalhar, porque *eu estando trabalhando*, eu pago uma escolinha *pra* eles. *Aí* para o ano, eu vou tentar botar *num* colégio do governo, *entendeu?*

O que eu dou a um eu dou a todos

(...) Eu costume ensinar a eles assim, *nê?* *Que* dentro de casa não tem *assim* uma separação, porque eu acho muito feio irmão brigar por sapato, por roupa, *até mesmo* por brinco. Eu acostumo dizer *QUE* quando eu trago algo *pra* casa, quando eu dou algo a alguém, não costume dizer: “Isso aqui é seu”. Eu compro brinquedos e perguntam: “De quem é mãe? - De vocês. Porque aqui não tem nem meu, nem seu, tem nosso. Não briguem e você brinca depois”. Ele brinca assim: “De quem é essa camisa, minha mãe?” “—É de vocês. Você veste, ele veste”. Quer dizer, *pra* que não haja aquela briga, aquela coisa. “—E mesmo que seja seu e você tem o seu, você usa o dele e ele usa o seu, porque vocês são irmãos”. *Então*, é isso que eu procuro passar *pra* eles; Não dar palavrões, uma educação que eu acho que qualquer mãe dá. Eu acho *que* qualquer não, porque tem mães que não ligam, mas eu pelo menos sou assim. Não só por causa da igreja, independente disso, porque não *tô* firme *NA* igreja. Eu *tô* querendo voltar e eu *tô* com um pé dentro e outro fora, *entendeu?* Uma hora eu quero sair, outra hora tem coisa que não me agrada, outra hora eu quero ficar, mas independente da igreja, a educação que eu dou a eles é essa. Não mentir *pra* mim, porque começam mentindo um pouco e passam a mentir muito. Não brigar na rua com os amigos, não brigar entre eles, coisas assim. (...) O que eu dou a um eu dou a todos.

Os caracteres são diferentes

Mandei cozinhar, lavar, passar, etc. Veio Victor *que* é o segundo. Procurei dar o mesmo tipo de educação. Só *que* por ser homem, eu sempre dizia *pra* ele *QUE TEM* que aprender, *QUE* não é vergonha. Porque homem também tem que saber fazer essas coisas e assim *sucessivamente*. A educação sempre a mesma, *entendeu?* A educação é a mesma, mas os caracteres são diferentes.

O caráter de Cecília; *deixa ver como é que eu falo...* Quando menor, eu achei que ela fosse diferente, *que* fosse uma menina mais meiga, mais carinhosa, *sabe?* Mas agora, ao se tornar mulher, ela *tá* se mostrando uma pessoa diferente, *entendeu?* Ela é seca, não sei. Ela tem muito pouca coisa do pai. O pai costuma dizer também *dele que não é* [que a filha não puxou ao pai], mas..., ela é mais seca. Não é muito carinhosa. Não é *muito* como a gente, *comunicativa* com as pessoas. Não é muito educada. Ela é mais fechada, mais calada, mais bruta, mais rude. Ela é meio *assim*. E em caráter pessoal (?). Enquanto era pequena, eu ensinei a não mentir, depois de mulher ela já... Eu já não posso dar aquela *ré-dea* como eu dou a Moisés. *Então*, eu não posso nem dizer *pra* você o que será dela de agora por diante, mas *até* aqui é isso. Ela é essa pessoa assim. Não é a pessoa que eu queria *que ela* fosse, *entendeu?* Ela não tem aquele carisma, aquele... Não é comunicativa, não é... Já me decepcionou muito.

(...) Victor, que é o segundo irmão dela, tem um caráter melhor. Ele é mais verdadeiro, mais brincalhão, é muito comunicativo, mais amoroso. Ele é *super* diferente dela. Ele é o oposto dela. (...) Geraldo *que* é o terceiro e Pedro *que* é o quarto, os dois se parecem muito. *Então*, ambos são muito carinhosos e muito atenciosos. (...) ele passa o dia com Ana e tem a maior paciência. Bota *ela pra* dormir e não só com ela, porque é irmão, mas com qualquer outra criança. Brinca muito com todo o mundo. Não briga com ninguém, não mentem. Se eles fizerem algo de errado, mesmo sabendo que vão apanhar, mesmo com medo, eles falam a verdade.

Geraldo, *que* é o terceiro, e Pedro, *que* é o quarto, são muito parecidos. Eles *num* são brigões, *num* são de mentir. São melhores, são diferentes de Cecília. Moisés é o *que* vai me dar mais trabalho. Ele é muito rude. Ele desde pequeno, dos três anos,

ele já mostra, né? Ele é mais teimoso, mais rude, mais também é muito amoroso. (...) Ana ainda é bem pequena, mas *até que ela é* muito carinhosa. Ana é, como eu *tô* dizendo, muito pequenininha e ainda NÃO DÁ PRA descrever um caráter *pra* Ana. Mas pelo jeitinho dela, se puxar a mim e ao pai, vai ser amorosa.

Têm pessoas que não gostam de crentes

(...) Não é só no bairro, como no mundo inteiro, têm pessoas que não gostam. Eu conheço pessoas que dizem assim: “Lá vem os crentes, fecha a porta!”. Tem muito E não é só aqui no bairro. Em Salvador, Feira de Santana, em qualquer lugar, há pessoas assim. Há pessoas que olham pra mim e dizem assim: “Eu não confio em Deus porque eu nunca vi Deus”. Eu digo: “Olha pra uma planta que não foi criada pelo homem, que não foi a gente que fez, olha pra uma fruta que você arranca do pé, olha pra uma manga, quem foi que fez a manga? Como é que você ia fazer uma fruta? Olha pro sorriso de uma criança, olha pra uma flor bem bonita, olha pra um pássaro, você vê Deus. Olha pra uma coisa boa da vida, que você vai ver Deus. Olha pro sol, que você vai ver Deus”. Tem gente que fala assim: “Ah, mas existe Deus? Se existe Deus, como é que existem tantas coisas ruins acontecendo?”.

Existem, porque Deus ele é pai. Assim... Que o pai é o seguinte. Eu tenho meus filhos, eu pari o meu filho, eu não pari o destino dele. Porque a minha vida é uma vida, a sua vida é outra vida, aqui é uma vida. Esse <refere-se a Geraldo> tem quinze anos. Vai fazer agora no dia oito de dezembro. Se ele fizer dezoito, dezoito anos e disser: “Minha mãe, eu não quero continuar mais dentro de casa”. Eu vou dizer: “Meu filho, fica comigo até o fim da vida, até você casar, ter sua casa, porque você vai pra rua, vai viver com o quê? Vai viver como?”. Mas se ele botar na cabeça: “Vou viver minha vida”. A partir do momento que ele arrume uma mulher, que saia de casa, ele vai viver a vida dele. Eu tive ele, mas eu só pude com ele até aquela idade. Ele agora vai ter os seus filhos E espero que passe pros filhos dele o que eu passei pra ele, entendeu? É uma outra vida. É uma coisa que a gente deixa o livre arbítrio. Eu digo pra eles assim: “Olha meus filhos, nunca fumem porque o cigarro faz mal”. Eu não fumo, mas mesmo que eu fumasse, eu daria esse conselho pra que você não fumasse. Mas graças a Deus

que eu não fumo, então eu posso dar esse exemplo. Eu gosto de passar esse exemplo. O meu marido não fumava. Ele começou a fumar, ou melhor, quando eu o conheci, ele fumava e parou. E agora voltou a fumar. Então, eu proibi ele de mandar Moisés pra comprar cigarro, entendeu? Eu pedi pra ele: “Jorge, eu não quero Moisés comprando cigarro e eu não quero Moisés, muito menos, nem sonhar, acendendo cigarro. Eu não quero os meus dois maiores acendendo cigarro. Comprar eles ainda podem, mas vai chegar o momento que eu vou pedir a você que nem eles dois comprem”. Porque a curiosidade é muita!

O diabo, ele é tão astuto, que ele fica ali o tempo todo esperando só uma oportunidade. O anjo do Senhor, a gente tá aqui e tem um anjo do Senhor ao nosso redor, mas ao nosso derredor, que é um pouco mais longe, tem o anjo também do diabo, que ele fica ali. Fica um pro bem e outro pro mal. Se você passar mais pro bem, você vai pro bem, se você passar mais pro mal, você vai pro mal. O que a Bíblia ensina é isso. Então, eu passo isso pra eles. Eu digo: “Olha gente, nunca dê oportunidade ao diabo, nunca!”. Eu ensino isso a eles nas menores coisas. Eu digo: “Olha, você acendendo o cigarro vai lhe dar curiosidade de você fumar pra ver que gosto tem”. Ele, às vezes, <refere-se a um dos filhos presentes> meu menino brincando já vai pra cima, joga mesmo aqui, ele pega. Eu digo: “Não faz isso, porque uma hora dessa vai acontecer o barulho de um lado e você vai virar. Não é que você queira. Você vai jogar pra cima, aquilo ali cai. A tendência é a gente virar, a gente tem que conversar. A nossa tendência é virar e olhar. É o impulso, não é que queira.

Ao cair uma coisa e você virar, o menino vai se estabandar [cair redondamente] no chão, então não faz isso. “Não, mãe. Não vou deixar ele cair! -Não é você. É que às vezes acontece, então não vamos dar oportunidade as coisas ruins da vida”. Então, Deus é a mesma coisa. Deus dá dois caminhos. Ele ensina: “Olha, o bem é esse e o mal é esse, o mau caminho”. Quem quer viver no mundo nas drogas, no cigarro, na bebedeira, na farra; o homem que vive numa casa com um monte de mulher, ou a mulher que vive numa casa com um monte de homem pensando que isso dá um bom proveito, Deus tá dizendo isso “Se você vir que quer viver na sua casa...”. (?) Porque, quem não quer responsabilidade,

Cris, tem muita mãe por aí, que se eu pudesse não existia. (...) Eu tenho meus filhos porque eu amo meus filhos. Eu quis ter meus filhos e não me arrependo de nenhum! Se eu não quisesse ter um filho; apesar de que teve uns que me assustaram, como eu já te falei, né? Pra eu não me contradizer com você, houve o caso de Joyce que por não ser do meu casamento, assim como eu já te contei, eu ficava com medo de ter, mas não me arrependo. Teve o caso de Rita, de Carlos, porque quando engravidei de Carlos, Rita ainda mamava. Era pequena e me assustou: “Meu Deus! Duas crianças pequenas!”, sabe? Os outros... Antes eu era um pouco falsa sabe, Cris? Porque antes eu dizia: “Ah, não. Filho de novo? Ah, não, Deus não vai deixar não! Que nada! Eu quero ter outro filho nada!”. Mentira. Eu mentia. Mentia pra eles. Era aquilo mesmo que eles esperavam ouvir de mim, porque as pessoas criticam. “Mas você tem tantos filhos!”.

Mas, voltando ao assunto (...) Deus te dá dois caminhos. Ele deixa. Como eu assim com meus filhos. Eu chego pra esse de quinze e digo: “Olha Geraldo, não fume que não presta. Se alguém te oferecer drogas, pelo amor de Deus você não aceite, que você tá vendo. Vão em droga, e, o que é que acontece? Acabam morrendo”. Então eu ensino pra ele. Mas é como eu já te disse, do portão pra fora eu não tô com ele, então se ele desobedecer... Porque, Deus faz o seguinte também, Deus tá ali protegendo ele de um acidente, de uma pessoa pra fazer um mal, mas se chega um amigo pra ele e oferece uma droga, Deus recua. Pode ter certeza. Ele vai dizer assim: “Olha, vou tirar minha mão sobre Geraldo agora, porque eu quero ver agora se tudo aquilo que a mãe dele passou pra ele, se ele guardou. Se aquilo que a mãe dele passou pra ele, se ele aprendeu”. Porque eu ensino não só de mim, mas também de Deus. Eu busco pra eles dentro da palavra de Deus. Então, Deus vai tirar a mão e... Então, se ele disser: “Não. Não quero”. E o amigo disser: “Que nada, dê um sarro. Você vai ficar muito doido. Aquilo é bom. Você vai viajar” “Não, não quero, não tem jeito. Se você quiser ser meu amigo, não me oferece droga”. Porque não vai tá só agradando a mim, vai tá agradando a Deus. Então, Deus abençoa ele mil vezes mais. Aquilo tá adiantando. O conselho que a mãe tá passando pra ele tá adiantando. Ele ouve

os conselhos da mãe. Porque eu boto na igreja, e dia de segunda, quarta e sexta eles estão no Araketu (...).

Geraldo e Pedro, o de catorze e o de doze... Segunda, quarta e sexta, sábado de manhã e a tarde vão pra a igreja. No domingo de manhã tem os desbravadores. Já te falei sobre os desbravadores? É tipo escoteiro. (...) É muito bonito, tem acampamento. Então, no domingo, eles têm os desbravadores que são os escoteiros. Eu procuro ocupar os meus filhos a semana inteira. Vai pra escola de manhã. Segunda, quarta e sexta tem o Araketu à tarde. Geraldo me ajuda em casa pela manhã e a tarde tem o Araketu, porque ele estuda à noite, o de catorze. Sábado vai pra igreja de manhã e de tarde. E no domingo de manhã também tem os desbravadores. (...) Então, eu procuro ocupar todo o tempo deles pra que eles não tenham tempo pra nada lá fora. Nada de ruim. Mas sim, como eu disse a você, eu dou todo esse conselho, eu tenho todo esse cuidado, e não adianta ele, por qualquer motivo ou por amizade, se por acaso conhecer uma moça... Que meu marido conta, por exemplo, que, quando ele fez catorze anos, aí conheceu uma menina de quinze, que é mãe dessa menina mais velha de dezoito anos. Conheceu essa menina, o pai foi falar e ele brigou com o pai. Ficou de mal com pai e com a mãe e foi morar com ela. Achou que era o dono do mundo. Hoje em dia, ele fala assim: “Olha Geraldo, não faz isso. Porque eu na sua idade já era pai, e como é um pai de catorze, quinze anos? Irresponsável! Eu não queria nada. Então, hoje em dia eu tenho minha filha, já tá uma moçona, mas me arrependo de ter começado muito cedo, de não ter estudado, parado de estudar e ser pai de família aos catorze anos”. Eu digo: “Meu filho, quer namorar? Sai, vai pra porta, namora certinho. Mas nada de...”. Mas, se virar a cabeça..., porque a gente não sabe, né?, Cris? Sabe o dia de hoje, mas não sabe o dia de amanhã.

Eu confio muito no meu Deus. Eu creio que meu Deus não vai deixar os meus filhos mudarem, que não vai acontecer, que eu não vou ter esse desgosto. Mas não acho com orgulho que não vai acontecer. Se acontecer eu não tenho culpa, foi escolha dele. Eu não ensinei aquilo, o que eu ensinei foi outra coisa. A mesma coisa é Deus. Deus deixa pra gente escolher. Se você acha que beber, ficar com um monte de homem adianta, vá lá. Se você

acha que você quer ter sua família, quer ter filho, tenha seu filho. Se não quer, evite. Porque hoje em dia só tem filho quem quer. Então, ninguém vai dizer: “Ah, eu tomei remédio. Eu engravidei tomando”. É mentira. É mentira, porque mesmo que... aconteça de engravidar, mas tire, poxa! Eu não tô dizendo mate! Se a menstruação não veio no primeiro mês, ainda é menstruação. Um mês de gestação ainda não é nada. É simplesmente o momento que o esperma chega no..., né? Isso? Como explica no planejamento familiar.

Um mês não é nada porque ainda tá se formando, tá chegando nos óvulos. Então, naquele período a mulher já não menstrua. A partir de dois, três meses é que vai criando a criança. Aí já tem pena de tirar. Mas a menstruação não desceu? Por exemplo, você vai menstruar dia primeiro e não desceu. No dia dois faz um chá, não espera dar dois, três meses, não. Faz um chá daquilo que você sabe. Seja de cominho, de alumã [arumã]. Compre um anti-concepcional, tome dois de uma vez. Faça alguma coisa pra sua menstruação descer, porque até aí você não vai ter nenhum sentimento de culpa. Você não matou criança nenhuma, você evitou que fosse gerada, entendeu? Mas tome. Mas não: “Tem dois meses que minha menstruação não vem”. “Por que não tomou uma providência? Tá esperando dar três, quatro meses pra tirar de ferro? Pra tomar um remédio e arriscar perder a vida? Ou a criança não morrer e nascer defeituosa, ou ter a criança e jogar na lata de lixo? Na porta de alguém?”. Isso é o cúmulo! Isso é o cúmulo! Então, quem nasce pra ser médico, seja médico. Quem nasceu pra ser mãe, que tenha um monte de filhos como eu. E quem nasceu pra não ser mãe, que não tenha filho e acabou. Mas não, o mundo é tão de cabeça pra baixo, né? A gente não é a palmatória do mundo. Não pode mudar as coisas. Então, eu dou graças a Deus. Eu oro todo dia: “Meu Deus, não deixe eu mudar a minha cabeça. Não deixe eu mudar a fé que eu tenho, Senhor. Multiplica!”. Todo dia eu peço: “Multiplica minha fé, multiplica meu desejo de servir ao Senhor”. Peço também pra não deixar mudar os meus filhos, porque do jeito que tá, tá bom. Tá ótimo! Não quero mudar não. Só quero mudar assim de vida. Eu peço muito a Deus essa bênção. Eu já disse ao meu marido: “Olha, pare de beber” — hoje em dia ele não bebe muito não, mas sempre que os amigos tão

bebendo, ele tá lá — E eu digo: “Pare com tudo isso, porque você não nasceu fumando. Não nasceu bebendo, entendeu? Então se você não nasceu com isso, pode muito bem passar sem isso!”. Deus tem um plano na nossa vida. No dia em que você der um passo diante de Deus, você diz assim...

Não adianta que ele ore muito. Ora ao deitar, ao levantar. Não sai sem orar. Pede pra eu orar pra ele deixar de fumar. Eu digo a ele: “Uma coisa que é sua, é responsabilidade sua”. “Ore pra eu parar de fumar. Peça pra Deus”. “Ore que é responsabilidade sua”. Não é isso? Então, ele bota pra cima de mim. Até isso ele pede, pra eu orar pra ele parar de beber. Eu digo a ele: “Não. Faça você a sua parte, porque no momento que você vai tomar essa decisão (?) Ele <refere-se a Deus> vai me dar um trabalho, que vai valer a pena todo esse tempo que eu ficar desempregada. Um trabalho ótimo.

As pessoas criticam

(...) Se as pessoas criticam? “Que maluca aquela mulher. Tem um filho, agora vai ter dois!” “Eu tenho dois e não sei como vou botar os dois na escola. Como você faz com tantos filhos?”. Eu ouço muito essa crítica. Quando eu chego que perguntam: “Você só tem esse?” “Não, eu tenho nove.” “Menina, nove filhos!”. Eu digo: “Gente, eu não tive nove filhos ontem. Eu tenho uma filha de dezenove. Vinte anos atrás, eu me casei com catorze anos!” Então eu tenho meus filhos e não me arrependi de nenhum! Às vezes eu tô chateada e digo: “Vem cá, eu já fui na sua casa lhe pedir alguma coisa pra eles? Não”. Tem horas que eu fico levando na brincadeira: “Olhe, eu vou pegar a metade e botar lá na sua casa. Sabe, pra aí você passar a se importar. Porque, até então, não tem por quê alguém se importar por eu ter nove filhos”. Assim como uma amiga que se preocupa e diz: “Poxa, você com nove filhos, deve ser difícil pra você”. Aí não é uma crítica, é uma preocupação, é uma observação, né? Mas, como crítica aqui é o que mais tem. Se você tem três filhos, quatro já é uma crítica. Quando você diz nove, as pessoas se assustam. “Fulano, ela disse que tem nove filhos! Nem parece! Já tem três netos e nem parece!”. E assim vai. Fazem aquela...,sabe? Parecendo que viu um bicho de sete cabeças, ou que... Eu não vejo assim. Tanta mãe aí que tem onze

filhos. Conheço gente que tem treze. Então, não me arrependo de nenhum, entendeu?

2.4. Lutar pela saúde da família

Eu quero arrancar todos os dentes pra botar uma chapa

Olha, mesmo depois *que eu já tinha* esses filhos, mesmo casada, E já mãe de três filhos as pessoas diziam assim: “*Olha*, você parece ser mais nova que sua irmã, *né?*” E minha irmã não tinha filho ainda. Depois Cláudia <a irmã> teve o primeiro, *mesmo* sem a menina dizer (?) “*Olha*, parece que ela é mais nova, *né?*” (...). Mas, com tanto sofrimento *pra cá*, eu tenho vinte e nove com cara de quarenta.

Tenho que terminar de *lavar* os dentes *pra* botar uma chapa. *Aí* eu digo, como é que eu não faço nada disso? Eu uso óculos também. *Aí* tenho que fazer o meu, tem que fazer o dele <refere-se a Moisés>. É muita coisa *pra* mim.

(...) Faltam quatro dentes aqui em cima. Inclusive, eu quero arrancar *pra* botar uma chapa <fala chapa bem baixinho>. Quero. Eu quero botar. *Aí* eu vou... Não sei como, porque a chapa não é de graça. *Foi* arrancar é de graça, mas *pra* botar... Mas eu vou...

(...) Eu era muito invejosa quando era mocinha. E eu via as amigas *dizer* assim: “Eu vou ao dentista”. Eu achava bonito. “Eu vou *obturar*”, “Eu vou botar uma chapa”. *Aí* (...) eu tinha umas colegas que tinham *falha* aqui na frente e dos lados. *Então* o que eu fazia... Eu tinha unhas muito grandes, bem *grande assim*. *Aí* eu ficava na frente do espelho afastando os meus dentes eu mesma, furando os dentes com a unha, *sabe?* Eu queria afastar. Eu queria fazer um buraquinho. Eu queria ter falhas. Eu queria botar. Eu queria *obturar* os dentes. (...) *obturar* significa (...) que bota uma falhinha de prata *prateada*. (...), mas isso é *pra* quem tem dinheiro. Quem não tem, bota apenas uma massinha branca... Isso se chama *obturar*.

(...) Resultado (...) arranquei. Devia arrancar logo os dois *dáqui* e depois o outro que ficava furando. *Logo*, os que eu ficava furando *realmente* *furou*, E *furou* *estragou* o dente, *né?*(...) Eu demorei de *obturar* E resolvi extrair. Eu tenho muito tempo assim e nunca *liguei*, *entendeu?* Nunca senti diferença. *Então*, eu

também nunca liguei e no começo eu fiquei com vergonha (...), mas depois eu acostumei. *Olha*, quando eu arranquei,(...) eu *tava* grávida de Geraldo de três meses. Ele tem dez anos. Então são dez anos que eu sou assim <sem os dentes da frente>. (...) Já acostumei. Já são dez anos, mas eu acho que eu vou sentir uma grande diferença quando eu colocar uma chapa (...).

(...) Eu sou muito corajosa. Eu não tenho medo de dentista *não*. (...) *Sabe*, eu não tenho medo *pra* (?) *mim* arrancar. *Então...*, amanhã eu *tô* indo porque foi quinta-feira que eu arranquei (...) faz oito dias. Então eu posso arrancar de novo, que eu arranco de oito em oito dias. *Então*, amanhã cedo vou descer com Jana <vizinha> e pegamos nova ficha *pra* mesma médica, porque eu gosto de ser assim, um <médico> mesmo. *Pra* não ficar pulando <de médico> porque cada um diz uma coisa e passa um remédio diferente. Eu não gosto. Um só acompanha nosso problema, *né* isso?(...) Então eu fiquei com essa dentista e quero arrancar todos os dentes com ela, *entendeu?* Depois que eu fizer a chapa, eu volto lá *pra* ela fazer uma revisão, tudo direitinho. Embaixo eu só tenho dois *pra* arrancar, mas eu tenho pressa dos <dentes> de cima. É..., amanhã eu pego a ficha e quinta-feira eu arranco os dois. (...) Eu não sei como, mas eu vou *arrancar* e, depois que eu *arrancar*, eu resolvo.

A gente esquece da gente

(...) Eu tenho gastrite. Eu comecei a sentir dores no estômago e *quando foi* no sábado de manhã eu já estava mal. Eu tive que ir ao posto. Ana me levou e fiquei no soro. Tomei umas injeções e *tudo* no posto *mesmo*. Só tem esse lugar *pra* onde correr. E vim *pra* casa, me deram alta. *Me* deixaram só em observação e vim *pra* casa no sábado *à* noite. Mas no sábado *à* noite mesmo eu já estava bem pior. (...) Eu já sai de lá pior. É incrível! Eu cheguei com um pouco de falta de ar, me *botaram* na nebulização e quando sai da nebulização, sai pior. O médico achou incrível e falou assim: “Ô [Oh], você piora na nebulização?”. Eu disse: “Não, a minha tendência é melhorar, mas hoje eu não sei o que *tá* acontecendo” (?).

Mandou que eu viesse *pra* casa (...). De manhã, eu retornei com a mesma dor. Agora com *piora*.(...) Eu suspeito que tenho

gastrite porque o médico já passou exames e *tudo* e passou medicação. Eu *sou* proibida de tomar café, o porquê eu não entendo (...). Diz <o médico> que tem um problema e acho que é úlcera, *que* a pessoa tem que tomar bastante leite gelado. Mas (...) o médico proibiu de eu tomar o leite, me proibiu fritura, me proibiu pão torrado, me proibiu várias coisas *assim, que* eu não posso comer farinha. Nem pensar! Laranja é uma fruta que eu não posso. Eu já fui parar no hospital várias vezes com isso. É a fruta *que* eu mais gosto, mas que eu não posso. Uma vez eu chupei uma laranja e fui parar no hospital mal *mesmo*.

A minha saúde *tá* boa. Quando eu fui ao médico com esses problemas, eu já *tava* com o resultado do exame de coração. O médico disse que está normal. Ele *passou* um raio X, *que* eu vou fazer amanhã de manhã, e exame de sangue, de fezes e de urina que *está* marcado *pro* dia seis. (...) Mas por enquanto tudo bem. Tenho umas dores de cabeça, mas é normal.

Já fiz exame do coração. *Tô* com o resultado, fiz o preventivo *pra poder pegar* e levar *pro* meu médico (...) EM matéria de saúde, acho que nunca falei (...) não sou uma pessoa de muitos problemas. Eu sou uma mulher que graças a Deus sou sadia em matéria de (...) na parte ginecológica (...) e enquanto os médicos aconselham fazer o preventivo uma vez por ano (...) eu faço *em seis e seis meses*. Graças a Deus nunca deu um problema *maior*, apesar das minhas crises *toda*. Umás duas vezes *deu* problema de inflamação, mas FOI UMA bobagem que com uma pomada RESOLVEU.

(...) Você como não tem filho *acho* que é mais fácil lembrar de si própria, mas a gente que tem filho a ocupação *é toda assim*: Marido, filho, a casa... E a gente esquece da gente. (...) quando me casei *logo mesmo* era muito (...) vaidosa. Eu... Eu perto das minhas irmãs, (...) sendo a mais velha, todo mundo pensava que eu era a caçula. Eu me cuidava muito, era muito vaidosa. Eu ainda sou. Infelizmente, eu não tenho como *mais* fazer o que fazia, ter as coisas que eu tinha, (...) mas *só que* agora (...) não me resta tempo nem condições nenhuma de sair.

(...) Em relação à saúde, eu já *tive* (...) doente. (...) eu tenho vários problemas, tenho problema de pressão (...) eu suspeito que *tenho* problema de coração (...) *fora isso*, problema *assim* de saúde *não*, eu tenho problema de cansaço, eu cansava muito, MAS

agora parou (...). Eu tenho que levar <os resultados dos exames> *pra* perguntar *pro* médico se <o cansaço> tem alguma coisa a ver com essas dores que eu sinto. (...) *antes*, quando eu fui, disse que não, que eu procurasse um ginecologista. Eu fui *pro* ginecologista e examinou também, e também disse que não era problema ginecológico como câncer na mama. (...) Meu cansaço (...) não é um cansaço de resfriar porque a maioria das pessoas que sentem falta de ar primeiro gripam, (...) com catarro no peito e depois começam a sentir falta de ar. Eu não, eu estou bem *assim* e, de repente, começo a sentir falta de ar. Sou uma pessoa que não corro muito, se eu correr muito eu sinto falta de ar, mas correr não é nem o caso. O problema maior é a ladeira. Se eu subir uma ladeira um pouquinho que seja eu já *tô* (...) cansada. Então é isso. *Agora*, o resto eu faço tudo, não me sinto mal e *nada*, mas, é subir uma ladeira, *tô* morrendo. (...) Ladeira acaba comigo.

(...) Anemia eu tenho *que* é de família, por isso que ele tem, todos têm <os meus filhos>. (...) Tenho o problema da anemia, *tem* problema de pressão, *tem* um monte de coisa, gastrite... Minha saúde é assim, mas *que* nunca me trouxe problemas maiores. Já fiquei internada várias vezes, mas com problema do cansaço (...) porque o meu cansaço *não precisa que eu* fique resfriada. (...) tenho até que levar logo (...) o resultado do exame do coração (...) *pra* que o médico me diga se eu tenho alguma coisa no coração, porque eu associo ao coração. Já senti dores fortes no peito, coração, lado esquerdo, como se alguém pegasse e apertasse *assim* meu peito, bem *assim* por dentro. (...) não é dor no seio, é dentro, como se fosse a dor no coração. (...) *Nessa* época eu tinha vinte e dois anos. Eu procurei o médico e ele disse que eu era muito jovem *pra* ter um problema cardíaco.

Saíram bolhas de água no corpo dela

Aqui só morávamos *eu* e meu marido <refere-se ao pai de Cecília>. Ele trabalhava e eu ficava em casa. Tinha uma tia *assim* perto de mim (...). Logo quando ela <Cecília> nasceu, *assim*, nos primeiros dias de nascida, saíram bolhas (...) de água no corpo dela. Com quatro dias de nascida, *viu?* E *fazendo* bolinhas d'água no corpinho dela. Eu *leve* *ela* ao pediatra. O médico mandou *que colocasse* algodão na ponta da unha, *que* minhas unhas eram

grandes e eu *pocava*. Passou um remédio. Era o sabonete Soapex e a pomada Oncilon. Mandou que passasse *pra* que ela melhorasse daquilo, mas foi aumentando. Aumentou de um jeito que ela não podia colocar roupa. Só não tinha na cabecinha, mas o rosto *todo* não tinha jeito da gente pegar. Então ela era obrigada a dormir nua, porque *até* a fralda que eu colocava em cima dela, por causa de muriçoca [mosquito], qualquer coisa em cima da ferida, grudava. E quando eu ia tirar, *aí* sangrava. Era pior, *entendeu?*

Ela tinha que dormir nua. Nesse tempo *dela ficar* assim, nuazinha, *ELA ERA* muito novinha, de dias apenas. Ela pegou broncopneumonia por causa da friagem da noite.(...) *POR* ser obrigada a ficar nua, pegou broncopneumonia e ela ficou internada nove dias. Ficou *num* hospital, *numa* clínica chamada Sampe lá no Largo de Roma. (...) Depois que ela saiu, não me deu mais trabalho *em caso* de hospital.

Veio *A* ter catapora *já* depois de grande. Não teve *é* papeira, coqueluche... Essas coisas nunca teve. (...) *Fora isso*, ela veio *A* ter só catapora depois de grande.

Eu passei a ser contra esse negócio da reza

De olhado, sim. Levei <refere-se a Cecília> porque as pessoas têm mania. Quando vê assim, meio molinha, *diz assim*: “Ah, é olhado. Leva *pra* rezar”. Eu levava *pra* rezar sim, mas era bem pouco, porque o meu sogro era crente. Então, eu passei a ser contra esse negócio de reza e essas coisas. De lá *pra* cá, nunca mais rezei filho nenhum meu. *Aí* depois, nunca mais rezei ninguém.

Foi Geraldo. (...) Eu levei *ele* porque *ESTAVA* muito doente. (...) Eu tive que vender tudo, tive que trazer e tive de *andar* com ele doente. Ele tinha pegado uma infecção. Ela <refere-se à mãe> (...) não tinha o que dar, deu farinha do interior, *nê?* Essas farinhas brabas. Ele pegou uma infecção intestinal, chamada gastrenterite, a infecção, *nê?* *Então*, ele pegou essa infecção. Ele foi um menino muito doente e eu trouxe *ele pra* cá *pra* ficar comigo e depois dessa doença, ele ficou quatro meses *de* internado. (...) Ele levou quatro meses de hospital *pra* casa, de hospital *pra* hospital (...). Eu nesse corre-corre, nessa luta que durou quatro meses, *entendeu?* (...) Ele levava oito dias no hospital, davam alta de manhã, piorava, *aí* à tarde eu voltava *pra* outro hospital. (...) *Então*, eu,

como QUE não tinha mais esperança em médico, *nê?* Porque NO hospital público dão ALTA, volta de manhã, de noite ele piorava. (...)

(...) Ele (...) já tinha passado por muitos hospitais, muitos lugares. As pessoas ficavam dizendo assim: “Ôi [Olhe] *lá!*”. Porque as pessoas têm *isso, nê?* “Olhado, vento caído, essas coisas”. *Então, digo:* “É, eu vou ver”. *Aí* levei. Foi por isso que eu levei (...). os hospitais *tavam* dando alta e não *tava* adiantando, *tava* piorando. *Então* eu levei *pra* rezar de olhado, de vento caído (...), *que* se realmente fosse *isso* (...) *que* ele melhorasse. *Então* foi por isso que eu levei. (...) Foi *isso* que me fez procurar. (...)

Os resultados não deram nada

(...) Ele <refere-se a Victor> era clarinho, assim como você. Era bem *fortezinho*, mas nunca teve nenhuma assadura. Se ele fizesse xixi, *que* tem criança que faz xixi *ali* dormindo... Ele se fizesse xixi, *ele* acordava. Ele chorava e, mesmo QUE ele quisesse fazer cocô, *eu* tinha que tirar aquela fralda mijada e colocar uma outra enxuta, *pra* poder *ele* fazer cocô. Ele chorava toda vez que *tivesse* molhado. *Então*, com isso, ele nunca se assou. Foi uma criança que nunca soube o que *foi* assadura.

Ele COMEÇOU A sentir umas dores *já depois* de grandinho. Meu deus! Acho que tinha uns oito anos *que deu* umas dores nele, *que* nem o médico descobriu. Ele gritava mesmo, *sabe?* O pai dele segurava *assim* no colo. Ele se esticava com a dor *assim*, *que* era na barriga. Ele gritava de *dores*. Levamos ao médico *numa* clínica. Fizeram os exames. Os resultados não deram nada. Do mesmo jeito que a dor apareceu, a dor sumiu. E até hoje *nunca mais* ele sentiu. Eu tenho medo de ser alguma coisa que *num* momento não deu *pra* diagnosticar. E se for algum problema que venha A aparecer depois? *Mas também*, não deu nada no resultado e ele nunca mais sentiu NADA. Mas eu tenho medo. Ficou preocupada, mas até hoje, graças a Deus... E, *fora isso*, ele nunca *também* sentiu nada.

Também foi uma criança que nunca teve papeira, coqueluche, nada, nada. Também eu tenho o cuidado da vacinação. Todos eles têm o cartão de vacinas em *dias*. Todo mundo. (...) É uma coisa

que eu deixo *certinho*, porque *aí* o médico não tem que dizer assim: “Foi porque você não vacinou”. *Então*, eu não gosto.

Já tinha comprado até caixão

Geraldo também foi um menino sadio *o tempo* que ficou comigo. *Depois*, quando eu me separei do pai dele... ele era muito pequeno. Ele tinha uns três meses, e ele <refere-se ao marido> com chantagem, *pra querer* que eu ficasse com ele, tomou as crianças de mim. “Mas fica sem os meninos *aí*”. Eu *DISSE*: “Tudo bem”. *Aí* eu fui viver minha vida. Fui trabalhar *e tudo*. Mas sempre com saudade, chorando por causa de meus filhos *e tudo*. E também eu *tava* despreocupada, *que* ele deixou na mão da minha mãe. Mas minha mãe foi embora daqui. Foi *pro* interior, *pra* lá, *pra* onde a mais velha nasceu, na Paraíba, que é o interior dela. Levou *elas*. Depois eu fiquei sabendo que ele <o meu filho> *tava* muito doente. *Aí* eu vendi tudo. Eu me desesperei e perdi tudo da minha casa, porque eu vendi tudo.

Eu tinha largado dele <do marido> e ele <o filho> tinha ficado com minha mãe. Ele tomou os meninos e deu *pra* minha mãe criar. Eu continuei minha vida. Fui trabalhar *e tudo*. Só vinha ver quando ele não *tava* em casa. Mas *aí* minha mãe foi *pro* interior e levou todos três. No caso, os dois e ele que era novinho de três meses. Eu fiquei sabendo através de uma carta que ele *tava* muito doente. E eu quis, desesperada, porque *tava* sem meio de ir buscar... Eu vim conversar com ele <o marido>. Ele disse também que não tinha como ir buscar, *que* é muito longe, em outro Estado. São dois dias de viagem e dois ônibus. Viajamos até um lugar e depois viajamos até o outro. *O resultado; eu sei que pra* gente ir com a urgência *que* o menino *tava*... *Disse* que *tava* mal mesmo. Já tinha comprado *até* caixão, *pra* lhe dizer melhor. *Então*, nós vendemos tudo. Cama, colchão, mesa, tudo de dentro de casa. Ele morava aqui, *aí* embaixo, como eu te disse.

Aqui antes não tinha água. *Carregava* tudo. *Então*, eu já morava aqui <Nova Constituinte>. Eu vendi tudo. Vendemos tudo, *até* mesmo a casa e fomos embora *pra* lá, *pra* ver a situação dos meninos. Chegando lá melhorou, mas, a minha mãe, por estar lá com tanto meninos, *tava* passando por dificuldade financeira. Minha irmã *tava* lá com outras sobrinhas, *pessoal de lá* que ela

tem como parente. *Tava* passando por tanta dificuldade, que ela teve que pedir. *Então tava dificultando* e ele ficou doente. Foi que ele *desnutriu*. Ela começou a dar mingau sem leite, mingau de farinha ou leite de gado, *sei lá*. *Aí* deu infecção *nele*. Ele pegou infecção intestinal e ficou muito mal mesmo. QUANDO cheguei lá *tava* bem magrinho. Quando ele fazia cocô, era com aquele mau cheiro, *que* infecção é isso, *nê*? Ficava com aquele mau cheiro que ninguém agüentava, tendo febre *direto*. *Tava* ruim de *um jeito*, que ele *tava* deitadinho *assim*.

A gente colocava um dedo no olho dele e não batia o olho. *Tava* praticamente morto. O médico desenganou. O meu tio já tinha dado caixão *e tudo*. Falou: “*Olha*, o enterro eu faço. Eu dou o caixão *e tudo*”. Mas, graças a Deus... Quando eu cheguei *tava* cheio de feridas. Quando eu cheguei, o cabelinho dele *bem*... Cor-tei, DEIXEI quase que careca, *pra* cuidar das feridas. *Tirei* E dei um banho. *Tirei* aquelas cascas, coloquei remédio. O pai E a gente, com dinheiro. *De* tudo que vendemos, chegamos lá com dinheiro. Compramos o medicamento e a alimentação *pra* ele. *Aí* passamos um período lá. Um tempo cuidando dele, até ele melhorar, *pra* poder agüentar viajar. *Aí* voltamos *pra* casa. Na volta, ele continuou doente aqui, *viu*? *Aí* ele foi o mais doente até hoje. O que mais me deu trabalho. O terceiro filho.

Ele continuou com esse problema de infecção. Quando chegou aqui, *tornaram os médicos a desenganar*. Eu internava de manhã ou davam alta a ele, de manhã, no hospital. Eu trazia *pra* casa e, quando era de tarde, eu tinha que voltar *pra* outro hospital. *Aí*, ele ficava e davam alta de noite e de manhã ele tinha que voltar. E assim *ia* nessa luta. *Eu sei que* foram quatro meses nessa luta com ele. Passou quatro meses internado *assim*, entre sair e voltar *pro* hospital.

Teve *aí* no Caribé <Hospital>. (...). Quando ele quase *que* morreu, *távamos eu* e o pai dele com ele *assim*, e uma moça com a filhinha dela do outro lado. *Aí* deu convulsão, ataque de febre, e eu não vi porque eu *tava* tão cansada, *que* eu já *tava* cochilando. *Aí* a moça disse: “*Olha*, seu filho *tá* morrendo! Seu filho *tá* morrendo!” *E no que* eu acordei, ele *tava* se batendo com o olhinho *assim*, já parado. *Aí* as médicas vieram. *Aí* eu corri *pra* um lado, meu marido correu *pro* outro e achamos os médicos que *tavam*

dormindo. Outros *que tavam* atendendo. *Aí* veio aquela *junta médica toda*, e, ao redor dele, começaram a cuidar dele.

Ele também pegou broncopneumonia, *que menino no hospital*, a gente interna com um problema e pega outro. Ele pegou broncopneumonia no hospital. *Então*, ele *tava* com muito catarro. *Aí* colocaram uma bombinha *assim* e *saiu puxando*. Aquelas máquinhas que puxam o catarro, *tipo* aspirador. Uma moça puxava o aspirador. *Eu sei que* ele ficou todo furado. Botaram no soro. *Era* soro na veia, *era* medicação na veia, *era* aquela aquele aparelho que tem *pra* ajudar a respirar, balão de oxigênio. *Era* a moça *tirando* catarro pela boquinha dele *assim*, com o aspirador. Eu fiquei louca. Era tanta coisa em cima dele. Ele não *tava* é... respondendo *a* medicação. A médica desenganou. A médica olhou *pra* gente e falou assim: “*Olha*, pai, *olha*, mãe. É tudo o que a gente podia fazer”.

A única coisa que vocês têm que fazer agora é chamar por Deus e esperar a hora. Mandou a gente esperar a hora *dele* morrer. Mas eu era cristã na época. Era e sou. Não deixo de ser nunca. Quem crê em Deus? Todo mundo crê. E eu orei muito. Eu pedi a Deus muito pelo meu filho. Eu confiei e deixei lá mais alguns dias. *Aí* ele ficou internado até... *pela* época de São João, no mês de junho. *Aí* eu tive que vir em casa, porque lá não dá comida. Tive que vir em casa, tomar banho, comer e voltar. Foi *uma vinda* dessa em casa, *que* eu voltei, quando eu cheguei lá não gostei, porque o menino *tava* sozinho jogado *assim*, *sabe?* *Que desde quando* a mãe precisou sair, a enfermeira tem que olhar. E ela não olhava. *Tava* o menino no plástico puro, só no plástico. Todo sujo, chorando muito, e eles *em festa*. E eu mandei chamar e foi isso que me responderam. Eu falei *assim*... Eu esqueci o nome dele agora, *sabe?* Não lembro o nome. Mas eu pedi *pra* chamar o médico dele, o pediatra. Eu falei assim: “Dá *pra* chamar o doutor fulano?”. Eu falei o nome dele. *Aí* a menina disse... A enfermeira me respondeu: “Doutor fulano *tá em festa*”. Eu disse: “Poxa, *mas já viu?*”. *Aí* disse: “Vou tirar meu menino daqui agora”. “Ela é louca! Você não pode!”. Eu disse: “Posso”. “Tem que assinar”. *Nem pra* vir falar comigo, *nem pra* ver *eu* assinar o termo o médico, veio. *Tava* em festa de São João, *dançando* todo mundo, *pintando* todo mundo *aí* de chapéu. Essas coisas *assim*, de São João. Eu dis-

se: “Eu quero tirar”. *Aí* uma enfermeira, acho que era enfermeira chefe de lá *mesmo*, falou *pra* mim: “*Olha*, não fala *pra* ninguém que eu te disse isso, mas aqui não é lugar *pra* seu filho. Aqui é um hospital *assim*, de emergência, *por causa* dessas crianças que não têm jeito. Pegue seu filho e bote numa clínica só de criança, mesmo *sendo* particular. Se não tiver condições de pagar *particular*, se ele tiver convênio vá *pro* CHR <Centro de Hidratação e Reidratação>, uma clínica *assim*, infantil”. *Aí foi o que* eu fiz. Eu tirei *ele* de lá, e coloquei *numa* outra clínica e ele melhorou, graças a Deus. *Tá aí até hoje*. Também, depois disso, não teve outro problema; mais nenhum. Depois de grande *não*. A não ser gripe, essas coisas. Mas depois, não me deu mais trabalho. Não teve esse negócio DE sarampo, coqueluche. Nada disso. Também o cartão de vacina é *todo* completo.

UMA VEZ caiu brincando. Chegou aqui: “Mãe, *tô* com o braço doendo”. No sábado, meu irmão puxou a mãozinha dele *pra* ver se melhorava, e não melhorou. *Quando foi* no domingo... Ele passou a noite do sábado dormindo, reclamando *com* dor na mão. *O domingo o dia todo* com a mãozinha, *ainda* chorando muito. Na segunda-feira cedo, eu mandei levar AO médico. Tirou o raio X e teve que voltar. Disse que quarta-feira é *pra* ir trocar o gesso. Machucou mesmo. *Tava* inchado (...) e passou também um remédio que *também* não pude comprar. (...) A receita que o médico passou *tá* aí, *que* ele passou um remédio, *que* eu não consegui.

Tem médico irresponsável

(...) Pedro teve um problema, *que* eu falei *pra* você que ele foi sadio *e tudo*. Ele só teve um problema. (...) Não é doença nem nada. Ele saiu e criou um coágulo no pescoço, um caroço, tipo um tumor *que chama, né?* Só que sem olho, *sabe?* Era liso. *Então*, eu tive que levar *ele* ao médico na Somed em Paripe, *pra poder furar*. Só que o médico foi mais um irresponsável. *Que* tem muito médico responsável e tem médico irresponsável. *E no caso* do azar de pegar um irresponsável... Porque o caroço era só *pra* furar. Com a ponta de alguma coisa, ele furaria *pra* espremer, *entendeu?* E ele cortou e cortou muito. Se ele tivesse por *aí*, eu ia te mostrar. Ele tem uma cicatriz *até hoje*. Ficou como se fosse uma furada de faca. Ficou horrível e era no pescoço, não deu *pra* costurar. *Aí pronto*,

ele rasgou demais, enrolou uma talinha e mandou vir *pra* casa. Ao chegar *em* casa, comecei a sentir mau cheiro e me preocupei. Eu disse: “Meu Deus, *tá* fedendo! Amanhã eu vou levar *pra* curativo (...)” *Quando foi* de manhã, FUI ao hospital das Pedrinhas, onde ela <refere-se a Marta> trabalha. Chegando lá, *que* as enfermeiras abriram *pra* limpar, não quiseram nem colocar a mão. Falou: “Isso aqui *tá* horrível, *tá* um absurdo, o que foi isso?”. Eu falei: “*Mas menina*, que irresponsabilidade! Era só ele furar. Ele rasgou, *tá* parecendo uma facada!” “Você tem que voltar lá e mostrar isso *pra* esse médico, *que* eu não vou nem colocar a mão, *que* eu tenho medo que tenha algum problema e tenha outra coisa”. Ele enrolou e fechou. Tampou um buraco aberto *com* a carne toda aberta. ERA feio mesmo, *sabe?* Como se fosse um... quando a gente corta uma carne *assim* toda aberta, aquela coisa branca já com mau cheiro. Porque ele enrolou, não botou medicação, nada mesmo, e rasgou e tampou. *Então* ia apodrecer, *nê?*

(...) Fiquei assustada *e* voltei. Vim até aqui, a casa. Só meu pai, como eu disse, tinha carro na época... Meu pai se assustou quando viu aquilo. Colocou no carro e levou lá na mesma hora. O médico que fez aquilo não *tava*. Mas os outros médicos *e* as enfermeiras ficaram todo contra ele, *sabe?* Quando olharam, falaram *e* *aí* começaram a comentar um com o outro, *nê?*: “Doutor fulano, *ói* [olhe] o que o doutor fulano fez. Que irresponsabilidade de...! *Tá* demais aqui! Vamos mandar *pro* Martagão”. *Aí* mandou *pro* Martagão Gesteira (...) um hospital, *nê?*

Eu *tava* aqui, peguei meu filho, voltei em casa, tomei banho, troquei de roupa, *nê?* Troquei a roupa do meu filho e falei *pra* minha mãe: “*Olha*, vou levar *no* médico”. A minha mãe nem sabia *pra* *que* médico eu ia, porque eu falei assim: “Eu vou *no* Martagão Gesteira, *pro* HGE <Hospital Geral do Estado>, *pra* qualquer outro hospital”. *Então*, eu saí daqui (...) *e* quando vieram me achar já *tinha* três dias que *tava* no hospital. *Foi* *que* o pai dele conseguiu me achar. Saiu procurando de hospital *a* hospital. *Foi* me achar no Martagão, *que* quando eu cheguei o médico disse assim: “Vai ter que ficar agora, mas você vai ter que ficar também”. Eu não tinha como dizer que não. E como eu lhe disse também, ele só mamava, (...) porque não podia fazer força *pra* mastigar. (...) Por causa do leite materno, ele era gordinho e eu tinha que ficar com

ele *vinde e quatro horas* no braço, porque ele não podia chorar. Dava mamadeira e ele não queria aceitar. Dava comida de prato e ele não podia comer. (...)

Outro erro médico

Um erro médico horrível mesmo. É, ele tem azar <refere-se a Pedro>. A gente FALANDO DE erro médico, me lembrei. (...) Ele, *com* três meses, o pediatra passou uma vitamina *pra* ele, *que* criança só podia tomar a partir de três anos. Ele começou a *dar convulsão* em casa no meu braço. Quando ele *tava* no meu colo, começava a se bater e espumava *assim ó* [olha]! *Só você vendo*, tendo *febres altas...* *Aí foi que* a vizinha falou *pra...*: “Ele tem médico?”. Eu disse: “Tem. Ele passou esse remédio”. Quando eu mostrei, a vizinha ficou louca: “Menina esse remédio é *pra* adulto. *A criança é pra* tomar a partir de três anos, e seu filho só tem três meses. *Aí* fui olhar. Meu marido ficou doido. Disse que ia lá, *que* ia matar o médico, isso e aquilo. Eu falei: “Não precisa. Eu vou lá e converso com ele”. Ele me tratou friamente. Cheguei lá e ele era o diretor do hospital. Eu cheguei, disse: “*Olha*, o senhor passou um remédio que meu filho não pode tomar”. “Quem disse *pra* senhora? Quem te falou isso?”.

Então, como eu *tava* dizendo, ele me tratou friamente. Falou, perguntou *ainda*, queria discutir. Perguntou onde foi que eu vi. *Peguei*, (...) mostrei a bula do remédio e a receita que me deram do remédio. *Aí fez*: “Ah, *tá* certo. Então a senhora passa a dar outro remédio”. Ele não se desculpou. Ele não se preocupou. Também não teve outro problema, depois que (...) suspendi o remédio. *Também* era o remédio que *tava* fazendo mal a ele. *Então*, ele teve esse azar de passar por dois erros médicos, pequeno e grande.

A desnutrição leva à morte

Marcelo morreu com seis meses. (...) Era uma criança *super* sadia. As enfermeiras DE lá, quando iam cuidar dele, *que* perguntavam assim: “Quantos meses ele tem?” Eu dizia: “Ele não tem meses, ele tem (...) uma semana”. *Aí que* colocavam *ele* perto DA menina de meses (...) E diziam: “Não! Quem parece que tem dias é a menina!” (...). *Aí é que* as outras pessoas confirmavam. *Aí* ela... (...), as pre-

sidiárias de lá diziam: “Não, ela *tá*, ela *aqui* veio *pra aqui* grávida e o menino nasceu outro dia. Só tem três dias (...)”. *Que* ele era bem grande *mesmo*, sadio, *nê*? Infelizmente, ele, aos seis meses, *ele* FOI perdendo corpo e ele morreu com o peso que ele nasceu. Nasceu com quase quatro quilos e setecentos e *pouco e tudo*. Era um menino sadio. Quando veio comigo continuou assim. Infelizmente quando vim de lá o que (...) eu tenho certeza que (?) foi retirar a mama, *entendeu?* *Que* eu tirei muito cedo, com menos de um mês eu tirei a mama dele por causa de trabalho. Voltei a trabalhar (...) e tive que tirar a mama. Passei a dar mingau, (...) *entendeu?* Tirei a mama pelo prazer do trabalho. *Aí* depois veio o problema, *sabe?* *Que* nem sempre ficava no trabalho, pois não tinha quem tomasse conta DELE.

Aconteceu o problema com a minha filha <a filha fugiu com o padrasto> (...) ELA foi embora. Eu *tava* sozinha. *Aí* era *eu* sozinha *pra* esse aqui, *pra* ele e *pros* os outros. *Aí* eu me perdi, *assim*, de ter mais cuidados com ele. Não tinha condições também de alimentar bem *ele*. DEI muito mingau de farinha sem leite e com isso ele foi *desnutrindo* e morreu. Morreu de desnutrição e infecção. (...) *Aí* foi adoecendo e *aí* faleceu (...) com seis meses. Ficou doentinho *assim* (...) por falta de condições, por falta de alimentação. Ele foi (...) perdendo peso e isso causa a desnutrição. A desnutrição leva à morte. *Aí* ele morreu.

Ficou com problema de cansaço e hemorróida

(...) Eu não gosto de pular pediatra. (...) Se é um pediatra, é um pediatra só. Só um dentista, *pra* não ficar mudando, porque cada um diz uma coisa. Cada médico tem o seu diagnóstico. *Aí, pra* não mudar, cada um tem o seu pediatra. *Então* ele <Moisés> tinha o pediatra dele. Era um menino muito sadio e muito fortezinho (...). Ele veio me dar problema agora, quando ele completou dois anos. Ele fez três anos agora em outubro passado. Quando ele completou dois anos e meio, e ele teve uma época *que* cansou [teve crise de asma], ficou internado no João Batista Caribé. Ficou com problema de cansaço e ficou quase quinze dias internado (...). Ele começou a botar a veia *pra* fora <refere-se às hemorróidas>. Já te falei desse problema dele, o mesmo que as pessoas chamam de hemorróida.

Então, ele começou a (...) ter problema de hemorróida. Toda vez que ele fazia cocô, ele *tem*, ele *bota*, *sabe?* Eu pensei que fosse problema de operação (...). Levei ao pediatra dele e ela também achou. Marcou uma consulta *pra* o cirurgião, na Irmã Dulce. O cirurgião achou que não era, que era problema de verme. Disse *QUE* quando a criança *tem muita verme*, em quantidade, *que* coloca *pra* fora (...). O problema dele que se era vermes ou era hemorróida.

A anemia mata

Então, a pediatra dele disse que, se fosse problema de operar, depois do tratamento operaria, mas que, no momento, ela *acha* que é muito verme *que* ele tem, que ele tem muita caseira [tipo de verme]. Fez exames. Ela viu o resultado. Tem anemia profunda *mesmo*, grave, *que* tem que tratar *pra* que ele não venha a morrer, *nê?* Porque anemia mata, *que* diz que o sangue vira água, *nê?*

Anemia. O sangue vira água. Quando a anemia é *muita*, *que* nós precisamos de glóbulos vermelhos, *nê?* (...)... quem tem anemia, tem mais glóbulos brancos do que vermelho, *entendeu?* (...) *Então*, ele tem que tomar muito remédio *pra* anemia e se alimentar bem, *que* é o que *tá* mais me prejudicando, *sabia?* É esse problema, (?) e às vezes não tem nem o que ele comer e *aí* fica assim. *Aí* ele *tá* bem magrinho, por isso a pediatra ontem falou *pra* minha irmã. Minha *IRMÃ* foi levar *ele* lá. Ela *aí* brigou com a minha irmã, *nê?* “Mas esse menino *tá* magro POR falta de comida”. Minha irmã ainda chegou *até* a se aborrecer com ela, a médica.

O médico não precisa falar assim (...). *QUEM* foi levar *FOI* aquela <refere-se à irmã> que *tá* grávida. Foi levar e quase *que* discute com a médica por isso, porque ela não sabe a situação das pessoas. *Aí* vem ofendendo. Meu Deus, eu não sei o que fazer! Agora mesmo *tão* todos eles sem massa, sem leite, sem nada. Minha prima desceu *pra* tentar arrumar na casa das amigas e da minha irmã, de alguém, mas *tá* todo mundo em má situação. *Aí* eu e meu marido *tamos ali* agora fazendo um trabalho com um rapaz, *pra* ver se ganha algum dinheiro. *Tá* cavando um buraco *pra* consertar um tubo, *pra* ver se ganha alguma coisa.

Então, voltando ao assunto dele. É, *tá* *aí* com um monte de medicamento. É muito ruim *pra* tomar remédio *ele*. A gente tem

que bater *mesmo pra* ele tomar, porque a gente bota na boca E ele bota *pra* fora. E assim *vai até gastando* o remédio. O remédio já *pega* grátis, *né?*... que dão nos hospitais e quando dão uma vez já carimba na receita. No caso, se ele estragar, não vamos poder pegar. Não temos condições de comprar e assim vai *aí* tomando o medicamento dele.

Aí, agora, pra ver... eu peço a Deus que seja mesmo o problema de verme e que depois do problema de verme, *que desse* tratamento, *que não precise* operar. Tenho muito medo de operação, operação muito delicada.

Hemorróida é causado pela quentura

(...) Hemorróida é o seguinte. É a veia que temos (...) no ânus, *né?* *Que* uns chamam de tripa E outros chamam de via, *né?* (...) Os médicos (...) chamam de prolaxio [prolapso] retal, (...) e ele é causado (...) por quentura. Mãe que deixa a criança sentar em lugar quente, cimento, *lugar sentado, assim*, calçado, na rua mesmo, nesse chão de terra *mesmo*, muito quente. A criança vai brincar, senta, *que* aquela quentura faz expulsar a veia, *entendeu?* A ter o prolaxio [prolapso]. E o que mais causa o prolaxio [prolapso] (...) são os vermes. Quando a criança tem uma quantidade muito grande de verme, *é...* *diz que* expulsa o reto. Também no caso de gripe, os médicos alegam *ser* muito verme que *ele* tem, *entendeu?* *Aí* diz que (...) tem muito verme, quer dizer, pode ser isso e não pode *não* ser. Pode *ser* um outro problema também que eu desconheço, *entendeu?* Os *que* eu conheço é isso: quentura ou vermes, mas como a médica me explicou é o seguinte. Falou assim: “Se for por causa dos vermes, *que* muito verme causa isso, se for por causa dos vermes, fazendo o tratamento e os vermes *acabando*, ele pára de botar E *aí* não precisa operar. Mas se (...) FOR um outro problema, que não seja causado pelos vermes, então vai ser preciso operar. Operar significa cortar aquela parte que sai (...) que *tá* ali, *né?* (...) Hemorróida é isso. E também em minha família é problema hereditário, *que* meu pai tem *até hoje*. Eu tive. A minha mãe disse que eu ia me operar, MAS eu não cheguei a me operar *não*. Com oito meses, neném ainda, *né?* (...) E todos meus filhos tiveram. Só não Pedro, o quarto filho e Ana, que essa última só tem um ano. É muito novinha. Mas Cecília teve, Victor, que é a se-

gundo filho, teve, e Geraldo, o terceiro filho, também teve. Todos eles tiveram.

(...) Tudo o que eu sei, agradeço a minha mãe, *nê?* Minha mãe *que* me ensinou. O azeite de oliva, *que* chamam de azeite galo, *conhece?* *Que* é usado em salada? *Aquele* azeite, *que* quando ele botar *pra* fora, a gente lava com um pouco de água limpa, *nê?*... *pra* tirar as fezes, e (...) esquenta um pouco do azeite galo, do azeite de oliva, azeite doce, cada um chama de um nome.(...) passa na veia e coloca *pra* dentro. Há também *que* ensine várias simpatias. Tem a simpatia de sentar na pedra de amolar, essas pedras que amolamos faca e tesoura. Pega uma pedra daquela, tem que ser virgem, *que* nunca tenha sido usada, e quando ele colocar *pra* fora lava, coloca a pedra, coloca *ele pra* sentar na pedra (...), *entendeu?* Coloca *pra* dentro com ajuda da pedra, ou até mesmo um tijolo. Tijolo virgem também, novo, ou bloco que faz casa, virgem também, sem usar, e lava a veia.

(...) Há quem ensine também a USAR a folha da bananeira (...) *pra* passar e colocar. Esses são remédios caseiros, *nê?* E remédios, *assim por* médico, só conheço uma pomada que *chama* Hemorvitu, *nê?* *Que* ela é *pra* hemorróida *mesmo*.

(...) Moisés tem que voltar ao hospital. *ESTÁ* dependendo de *remarcar*. *Então*, *remarcando*, eu *volto* lá com ele *pra* fazer esse exame. Foi pedido e não foi feito. (...) E *pra* pegar o resultado da... da... Como é que se chama? (...) da ultra-sonografia que foi feita nele. Pegar o resultado do ultra-som e voltar *pro* médico, *pra* fazer uma revisão. *Aí* só depois eu posso pedir alguma coisa dele, *nê?* (...) O prolaxio [prolapso] dele continua, *que* ele vai operar. E hoje ele foi defecar e *aí* (...) ficou gritando, e eu saí correndo, feito uma doida, e quando eu cheguei lá *tava* doendo. Eu acho que saiu muito. *Ele* é muito grosso e dói.

(...) E ele começa a gritar: “*Tá* doendo, *tá* doendo”. E eu fui ver e lavei. Botei *pra* dentro e é ruim, porque eu já pedi *pra* ele, *quando* ele fizer cocô, *ele* me chame, quando ele quiser fazer. Mas ele *tá* brincando, eu *tô* ocupada (...) ele não me chama. Hoje... E ele fica andando, brincando *e tudo* com a veia toda de fora. Hoje quem viu *foi* Larissa <a cunhada> Ele *tava* brincando... A minha cunhada *foi que* viu *que* ele *tava* brincando (...), pegando o velotró [velocípede], brincando com o menino com a veia de fora.

Quer dizer, *ali*, suja e pode pegar uma infecção, uma coisa. E a pediatra (...) dele é doutora Tania, daí das Pedrinhas, *que* é muito boa e *que* acompanhava *ele*. Aliás, a mesma pediatra *pra* todos (...) os meninos (...).

Ele inchava e desinchava

(...) O que *iniciou eu* levar *ele* ao médico *foi mais* o inchaço, *que* inchaço foi (?)... o provável sinal que ele, que é... uma coisa antiga que ele já tinha, *nê?* *Que* eu já sabia *e tudo*, sabia *até* que ele tinha que operar *e tudo*. Mas agora o que me fez levar *ele* ao médico foi o inchaço, *entendeu?* Ele começou a inchar e *aí* me *assustou* porque ele inchava e desinchava. E quando ele inchou as pernas, até a altura do joelho, passou *pras* mãos e *pro* rosto, *nê?* Inchaço... Disso que eu tenho medo, *que* é perigoso, *nê?* Anemia quando incha, sabe que... Foi por isso que *precisou* levar ao médico. E lá no hospital ele pegou aquele problema na pele. Também pegou uma broncopneumonia, começou a cansar, cansar muito, a tossir.

(...) Foi uma infecção que ele pegou no hospital, infecção hospitalar, e *aí* passou lá vinte e dois dias e *agora com* alta. *Cê* mesma *tá* testemunhando que fiquei com ele lá oito dias (...).

(...) Ele era bem gordinho *mesmo*. (...) *Tá* assim, se acabando aos poucos, *QUE* esse problema dele causa diarreia (...). Não pára e tem diarreia. Acaba com a criança. *Então*, a diarreia, *o tempo todo*, não é *direto* assim. Toda vez que ele vai fazer cocô (...) é mole. Aquela *aguadiá* [evacuação líquida] *mesmo* nunca fica. Dificilmente fica pastosa, mas nunca fica normal. Eu *tô* pedindo a Deus que ele melhore *pra* que...

Ela pegou infecção no sangue

Ela <Ana> pegou infecção no sangue. A mulher que deu mama *pra* ela tinha problemas, e o leite materno é sangue, então, ela pegou essa infecção. Ela começou com diarreias, com vômito. *Aí* comecei a andar *com esse pai dela pra* médico. Ela tinha a pediatra dela. Eu conversei bem com o pediatra dela *QUE* falou: “*Olha*, é... faça soro, (...) soro caseiro *assim*”. *Aí* trouxe *pra* casa. Não adiantou. Foi irresponsabilidade também da médica. Levei ao Caribé. A médica examinou e disse que ela não tinha nada demais, que eu continuasse dando. Passou o soro Pedialite, *pra* dar *assim* de dez

em dez minutos *e tudo*. Voltei *pra* casa com a criança. A criança piorou. (...) E o médico deve entender, (...) deve saber. Não vai botar nenhuma criança *pra* casa com essa doença.

E aí nas Pedrinhas tem uma médica muito boa. (...) Não lembro o nome dela (...), mas é médica de emergência (...) *Que* ela é uma médica maravilhosa. Então, eu levei *ela* ao Caribé. Durante a noite, passou muito mal. *Aí* eu levei *ela* a noite com o pai. (...) A MÉDICA falou: “Tive que dar o soro na veia. Não consegui *pra* pegar a veia> porque é muito novinha”. Não *tavam* achando A VEIA E ACABARAM dando na boca. “Vai ter que passar a noite aqui”. Ficamos lá olhando de dez em dez minutos, dando soro *pra* ela na boca.

Quando foi de manhã, a irresponsável da médica deu alta à minha filha, como se ela não tivesse mais nada. “Ah! Melhorou mãe. Procure depois uma pediatra de ambulatório *pra* passar exame. Pode ir *pra* casa”. E eu não me conformei. Eu *digo*: “Já *botaram pra* casa uma vez E eu voltei *pro* médico. (...) Eu *digo*: “Vamos passar nas Pedrinhas. (...) Vamos no posto *que* eu ainda não me conformei. Eu vou conversar com a pediatra dela”.

Chegando *nas* Pedrinhas, a pediatra dela não *tava*. *Tava* A médica de emergência. *Aí* eu passei por ela e disse: “Poxa! Não vou ficar esperando a médica dela vir *de* tarde”. Eu ia ficar lá até o médico chegar. Eu disse: “Eu não saio com minha filha daqui”. *Aí* eu ouvi dizer que *tavam* dando ficha. “Ah, *tá* dando ficha *pra* menina, *pra* médica de emergência, que é muito boa”. (...). Eu *digo*: “O caso é de emergência”. Fiz a ficha e passei por ela. Passei pela médica, *que* conversei com ela. *Aí* a médica... (...) a médica, quando é boa,... O médico quando é bom, responsável (...), sabe logo diagnosticar um problema. *Aí* (...) a médica, quando olhou, disse *logo* que ela não *tava* bem. Falou: “Sua criança não *tá* bem”. *Aí* pediu os exames com urgência *pra* saber *ali*, na mesma hora, o resultado de sangue, de urina, de fezes, de tudo. *Então, no que* colheu, fez o de fezes, *que* ela *tava* com diarreia. Era fácil. Colocou logo no soro e fez os exames e ficou esperando o resultado. E ao ver o resultado do exame de sangue, constatou logo a infecção. Ela disse: “*Olha*, eu suspeitei disso e é isso mesmo. Ela *tá* com uma febre forte. Tem de ser internada agora com urgência”. *Aí* começou a procurar. Botou *ela* no soro. Começou a dar medicação

no soro. Acharam a veia *nela*, coisa que não acharam no Caribé. Lá, *no instante*, acharam. Uma moça também com nome Ana, das Pedrinhas, muito boa. E ela tinha me conhecido. Ela me conheceu do Caribé, *que eu dei* eclampsia, quem cuidou de mim lá, foi ela. E ela, por coincidência, cuidou da minha filha ali. O nome dela também é Ana.

Então, ela botou no soro, no medicamento. Começou *ali* a telefonar procurando vagas nos hospitais *pra* ela. Então achou uma vaga no Roberto Santos. *Aí* passamos o dia todo. *Já de tarde* foi *que* veio a achar esta vaga. *Aí* colocou na ambulância e eu e meu marido e a criança fomos *pro* Roberto Santos. Quando cheguei no Roberto Santos, não podia internar. *Também* o problema *todo* lá foi o registro. Ainda não tinha a certidão. (...) Não pôde internar por causa disso. Foi por causa desse problema. (...) O rapaz da ambulância, muito bom, falou: “*Olha*, nós não vamos voltar”. Ficamos *batendo* de hospital em hospital. “*Então* não vamos voltar *pra* casa com essa criança. Só volto *pro* posto quando eu deixar sua criança internada”. *Que* ela *tava* mal mesmo... *Aí* *tava* toda molinha e tudo. *Também* pensei que ela ia morrer. *Aí* a enfermeira que *tava* com a gente, acompanhando, falou *pra* ele: “Vamos *pra* o CHR que fica lá (...) no Campo Grande”. “*Tá*”. *Então* levou a gente *pra* lá.

Chegando lá, ela ficou no lugar de emergência. Disseram assim: “Ó [Oh] ela vai ficar na emergência porque, *pra* internar, só com o registro”. *Aí* tivemos *que* ficar com ela na emergência. A médica deu um papel *pra* ela, a assistente social, *pra* que fôssemos no Shopping Barra *PRA* tirar o registro, *só* com cinco reais, *que* pagava sem multa. *Aí* registrou. *Foi* *que* voltamos lá e ela *tava* (...) mal. Ela *tava* tão mal que foi internada. A médica internou. Ficamos um dia inteiro, a noite inteira com ela, a tarde e a noite na emergência. Quando foi de manhã ela subiu *pra* parte de internação. A médica disse: “Eu vou internar porque a assistente social mandou, mas vocês, hoje ainda, *tragam* o registro”. *Aí* deu o papel, nós fomos, registramos e voltamos lá *pra* fazer a fichinha, *tudo certinho dela*.

Ela levou vinte e seis dias no CHR *pra* poder (...) melhorar da infecção. (...) Só durante o dia eu ficava com ela (...) A noite eu vinha *pra* casa. Depois disso ela *tá* *aí*. *Tá* vendo? Uma gracinha,

nê? Depois disso, *que* ela saiu do hospital, o médico passou a medicação dela. Foi hidróxido de alumínio. Outro problema, *que* a gente não tinha condições de comprar, *que* eram vinte e cinco reais. Saiu de lá tomando leite. A infecção causou uma (...) rejeição ao açúcar. Ela não podia comer açúcar, (...) mas eu dou de teimosa porque eu *num* tenho meios de dar outra coisa. Adoçante é caro e eu não tenho condições. *Aí*, depois de *um* certo tempo, eu passei a dar o açúcar. Ela saiu de lá tomando o leite *Nan* (...), primeiro semestre. Depois passou *pro* segundo. *E só* a lata era cinco reais e pouco. *E só levava* três dias uma lata de leite *pra* ela. Era uma ajuda dos outros, dos meus familiares, dos irmãos da igreja, (...) de algum biscate que ele <o marido> fazia, *pra* poder manter.

(...) Quando ela fez três meses eu *digo*: “*Olhe*, eu não agüento mais. Eu vou ter que mudar o leite porque eu *num* tenho condições de mais...”. *Até* no hospital eu voltei. *Até* no hospital eu pedi. *Até* no hospital fui buscar leite *pra* ela, *que* não tinha condições. *Aí* pronto, depois de três meses eu mesma mudei. Não passei nem *pro* Ninho. Eu passei logo *pro* Itambé. (...) Passei a dar a ela Arrozina, *que* é a massa que ela toma até hoje. Passei logo *pro* leite Itambé e, graças a Deus ela continuou... Até hoje não sente nada (...).

A diarreia é por causa de leite

É, depois *ela* <Ana>, com nove meses, teve uma diarreia, *de novo* com vômito (...). Eu voltei à médica e *a médica* reclamou. Disse: “Ah! você tem que voltar a dar a medicação”. *Que* a médica tinha me dito que era *pra ficar* durante seis meses *naquela* medicação. Eu não tinha condições. Eu parei. *Então*, ela me acusou disso. Ela disse: “*Olha*, a medicação é *inevitável* PORQUE a infecção que ela teve foi muito forte. Sua filha ficou quase um mês *pra tirar*, *que infeccionar* o sangue é muito difícil conseguir sanar o problema”. *Aí pegou*. Disse: “*Olha*, isso é muito grave. Você vai ter que continuar *a* medicação”. Eu peguei, botei a mão na cabeça, disse: “Meu Deus, o que eu faço? Eu não tenho condições. Eu não tenho esse remédio”. Eu tinha ainda um frasco de (...) hidróxido de alumínio em casa. Eu *digo*: “Vou dar o hidróxido de alumínio a ela e vou (...) ter que conversar com o pediatra”.

Voltei com o pediatra dela, daqui das Pedrinhas. Falei o que a médica de lá tinha dito e que eu não podia. Ela disse: “Mãe, a senhora vai fazer o seguinte...”. *Me* deu outro remédio *pra* substituir (...) o hidróxido e depois que terminasse aquele frasco, que eu voltasse lá *pra* ver se ia ser preciso ela ficar. Mas, graças a Deus, eu dei o remédio que ela passou e *suspendeu* a diarreia. Não dei todo (...) e até hoje ela só tem essa diarreia que é por causa de leite. *Que* não tem mais problema nenhum. Fora isso, a saúde dela é de ferro.

Tem diarreia quando começa a obrar aquela água *mesmo*, quando obra mole. Não, porque toda criança é assim, um dia obra duro e outro dia obra mole. Mas *desde quando* (...) faz aquele cocô, aquela água *assim* já me preocupo, já presto atenção na próxima vez que ela for fazer cocô no espaço de tempo. Porque quando a diarreia já *tá* grave (...) toda hora faz. Agora, daqui a pouco faz de novo, de cinco em cinco minutos. *Aí ali tá* grave. (...) Qualquer *obra* mole já me chama atenção. (...) Eu já fico preocupada. Eu olho, se da segunda vez obrar mole também, eu *digo*: “É, *tá* de diarreia”. *Aí* já procuro dar um chá da banana verde.

Pega uma banana (...) verde pequena, lava bem lavadinha, com casca e tudo, corta as rodelinhas e bota no fogo *pra* cozinhar com açúcar e água. *Aí* cõa *num* pano. Fica na cor de nódoa mesmo, *sabe?* O chá da banana verde. *Aí* dá *pra* criança *que é pra* diarreia. E também tem o chá do araçá, do pé de araçá, de goiaba, de araçá mirim. Tira aqueles brotinhos, as florzinhas do araçá e faz o chazinho também, que é ótimo *pra* diarreia. *Aí* faço esse chazinho. Se com esses dois chás a diarreia não parar e *nem com* o soro caseiro, *aí* eu procuro logo um posto médico.

O SORO CASEIRO é um punhado de açúcar, uma pitadinha de sal e um copo DE água. *Aí*, se *caso* não cessar a diarreia, eu procuro logo o posto médico.

EU PEGO A ÁGUA diretamente do cano. *Porque* não tenho filtro, *que* é muito ruim uma água não filtrada. Quando ela era novinha, eu procurava a vizinhança que tinha filtro e enchia os litros *pra* ela, *pra* trocar todo dia também, quando eu tinha condições. *Que* também não é caro. COM trinta centavos a gente comprava água mineral *pra* ela. E *tudo aí* foi sanando. Agora que ela já vai fazer um ano (...). Eu comecei a dar água, *mas também* com medo,

porque a água (...) é do lugar *que* mais a gente deve ter cuidado (...). (?) Mas nem bujão eu tinha. Eu *vim* comprar bujão outro dia. *Que* eu com bujão *já* ferveo. *Só* ferver a água, é só esfriar, coar *até* num pano, *uma coisa mais*. *Aí* pronto, na saúde é isso mesmo.

A carne vai ficando vermelhinha

(...) De início eu achei ELA <Ana> cansando, levei ao médico, tomou uma nebulização. (...) E *aí* melhorou, graças a Deus. E o problema dela, *ela* ficou bem. Agora o problema dela é só a falta de apetite, *que* eu *tô* achando que tem relação com os vermes e me *preocupando* também, porque ela sem comer perde peso. Ela tem perdido muito peso sem querer comer. Aqui *mesmo* ela é normal porque ela é gordinha e *tá* fechadinha, *nê?* *Aí* assa sempre, *que fecha*, ela baba e fica babona por causa dos dentes. Sempre assa. Fora isso, não teve mais nada. Só *assim*, tem o problema que eu te falei dos tumores, *nê?* (...) Saiu um no braço, já *tá* saindo outro aqui agora, ó [oh], *tá* vendo? Começa assim, nasce no bumbum dela. Esse aqui foi o que mais deu trabalho, ó [oh] ficou enorme! Tomou toda região da bunda. *Toda parte* ela assa. Quando ela era mais gordinha, ela assava tudo aqui *assim* (...).

Assar é isso aqui. (...) É *porque* ela é gordinha. *Então* (...) nas partes que ficam *assim* ó [olhe], juntinhas (...), então sua mais, *no que fica* sempre juntas assim, *aí* assa. (...) A carne vai ficando vermelhinha e se deixar ficar muito assada até sangrar. E ela coça muito e *no que* ela coça, *aí* sangra.

Espero que suma aquele caroço

(...) Eu tenho até de levar <a filha, Ana> ao médico. Eu vou continuar com a pomada que ela passou, *entendeu?* Vou colocar remédio caseiro *assim* (...), a folha da pimenta, esquentar a folha da pimenta com um pouco de margarina e cobrir com a folha da pimenta. Eu vou fazer isso hoje. (...) *pra* ver se *faz* o olho <do abscesso> *se* estoura. Eu, *estourando* em casa, não levo *ela* mais ao médico. Ela *tá* bem, *tá* medicando, *tá* comendo bem, não *tá* vomitando, não *tá* tendo febre, não *tá* tendo nada.

(...) hoje eu vou aplicar compressa de água quente. *A* noite *mesmo*, ela chorando muito. Se tivesse algo *pra* massagear. Eu tenho medo, eu não sei com que massagear, vou botar apenas

compressa de água quente e espero que desmanche, que suma aquele caroço.

O OUTRO DIA eu fui com Ana por causa desse problema *dela*, *que* ela tem muito *essa* facilidade *de* nascer esses tumores. (...) *Que* já foram feitos exames, não deu nada na urina, nem no sangue. E *aí*, nesse caso, não tem como e nem por que sair esses tumores nela. Ela tem muita facilidade. Outro dia encheu *mesmo* o corpinho dela todo. Só no pescoço saíram uns quatro. *Aí* saiu aquele que você viu no braço (...).

(...) *aí* eu voltei a levar, a médica olhou os exames, me falou que o exame dela *tá tudo bem*, *que* ela não tem problema nenhum, e que nem (...) mesmo a médica *tava* sabendo explicar. É... Minha mãe, *QUE* É uma pessoa mais velha, disse que é dos dentes, *quando* a criança vai nascendo o dente. *Então* se costuma *poçar* o corpinho, sair tumor como caroço no corpo todo, princípio de diarreia, febre, vômito, a falta de apetite causada pelos dentes. (...) E como ela *tá* agora na fase de dentição, *nê?* (...) *Aí* eu creio que seja isso (...).

Foi internada de diarreia

(...) Ela era tão bonitinha, toda gordinha. Ela *teve* doente uma vez com problema de cansaço. Foi internada e (?) perdeu o corpinho de lá *pra* cá... (...) Foi internada no Caribé (...) *de* diarreia. (...) A médica disse que essa diarreia dela é causada pela desnutrição. Ela é tão desnutrida que a diarreia dela vai se tornar aguda, *que* um dia ela vai ter sempre diarréia, *pra* ter sempre cuidado com ela e *QUE* se ela não tiver uma boa alimentação, *ela é arriscado* morrer e disse que também não pode adoecer de nada. (...) uma gripezinha que ela tiver (...) vai morrer, *que* ela *tá* muito fraca, *que* ela quase com dois anos *tá* pesando (...) cinco quilos. Um absurdo!

(...) Ela passou exame de sangue, fezes, urina. *É que* eu *também* já peguei os resultados. *Agora*, ela só *tá* lá quinta-feira. *É que* eu vou levar *pra poder* ela olhar, *entendeu?* O resultado que *aí pra* fazer o exame (?) E marcar com o médico. Ela passou *ainda* com urgência, mas pediu três amostras. *Até* a moça do laboratório achou um absurdo porque, se é um exame com urgência, é feito na hora, com o resultado na hora *e tudo*. Se, no caso, não desse

pra ser na hora, se for no outro dia... Mas, se é com urgência, como é que ela pede três amostras? Ou seja, tem que levar fezes *ni* um dia, outra no outro, outra no outro, *entendeu?* Quer dizer, *demora* o resultado. A moça disse: “Oxente, como é que ela pede o exame de fezes da menina com três amostras com urgência?” *Aí pronto. No caso*, ela não fez cocô *ni* um dia, teve que levar no outro. *Aí*, no outro dia, ela não fez. *Aí tudo isso* atrasa. *Então*, não é um pedido de urgência. Eu *tô* com o resultado. Já peguei, (...) pode *até* ver, vou levar *a* médica. *Agora*, eu vou, *do que* ela olhar o resultado, é ela que vai me dizer alguma coisa. *Agora*, ela me avisou que ela não pode ter nenhuma gripe, que ela é muito fraquinha. (...)

Eu já não me acho tão ignorante

(...) O tumor (...) que já nasce com o olhinho, *onde* a gente pode, nós mesmos podemos, espremer em casa, botar remédio caseiro e *essas coisas*. Quando nasce assim fechado, sem o olho, (...) os médicos chamam de abscesso. Pedro já teve isso também e teve que operar. Ana, *com* esses abscessos que saíram, *o pai ficava me cobrando*: “Leve *ela* ao médico, leve *ela* ao médico”. E eu sempre *dizendo* que ia levar e nunca *que* levava. Sempre tinha alguma coisa *pra* impedir e nessa terça-feira pela manhã eu levei *ela* (...) ao hospital das Pedrinhas. Chegando lá, ela foi atendida por uma médica que a única coisa que passou - eu tenho até hoje guardada a receita - foi..., mandou que eu botasse compressa de água quente. Nunca *vi* dizer que isso serve *pra* tumor, mas é ordem médica, *nê?* Não pode discutir. E passou a pomada Nebacetim, *que* (...) eu sei que é *pra* ferida (...) e passou uma Bezentacil. (...) Ela me perguntou (...) se a menina já havia tomado a Bezentacil. Eu disse que não, que ela nunca havia tomado. *Então*, ela passou assim mesmo. Não mandou que fizesse o teste nem (...) nada. *Assim mesmo* botou no papel e me deu PARA que eu desse *a* enfermeira. Eu dei o papel à enfermeira e a enfermeira aplicou a injeção na menina (...) Após ela aplicar, *foi que* ela perguntou (...): “Ela já tomou Bezentacil alguma vez, mãe?” Eu disse: “Não” “E a senhora avisou *pra* médica?”. Eu disse: “Avisei. Ela me perguntou se ela já havia tomado, eu disse que não. Perguntou se ela tinha alergia a algum tipo de remédio, eu disse a ela que eu não sabia. Mesmo

assim ela passou”. *Aí* a enfermeira disse: “Mas deveria ter sido feito o teste, *nê?* Mas não tem nada não. (...) Você aguarda uns cinco minutos até que terminam. Se ela não tiver reação nenhuma, pode ir *pra* casa”.

Então eu aguardei. *Só que* uma coisa curiosa aconteceu, *que* eu *até* comentei com ela (...). Assim que ela tomou a injeção, *ela* começou a dormir. Ela adormeceu (...) logo em seguida da injeção. (...) *Então*, a enfermeira (...) *recomendou* que eu deveria ter pedido, TER feito um teste (?) (...). O curioso, como eu *tava* dizendo, *foi que* ela dormiu. Ela adormeceu logo após a injeção e eu falei *pra* enfermeira, eu *digo*: “*Olha*, a única coisa que *tá* acontecendo É QUE ela *tá* dormindo *dessa* hora que ela tomou a injeção”. Ela: “Tudo bem. *Então* pode ir *pra* casa. Se tiver (...) qualquer reação, qualquer outro sintoma, você volta ao médico”. Eu disse: “*Tá* bem”. *Bem, aí* vim *pra* casa. Eu cheguei *em* casa umas duas e pouca. Ela dormiu, quando ela acordou - umas quatro horas acordou -, eu ofereci - *que* ela não tinha comido, tinha dormido o tempo todo -, *então* eu ofereci um pouco de arroz *pra* ela. Não quis, *que* ela gosta muito de arroz *assim* com carne. Ela não quis, recusou. Dei também o mingau. Ela recusou, não quis também, não quis aceitar. *Aí* eu dei um pouco d’água a ela. Ela bebeu e logo após *ela* beber a água, *ela* vomitou. O vômito foi seguido de diarreia. *Aí* eu pensei QUE tinha sido a reação da injeção. *Começou* a esquentar o corpo, voltou a dormir, quando acordou umas cinco horas, foi mal *mesmo*. *Foi* vomitando sem tomar nada no dia. *Que* [Quando] ela obrou, *FOI* aquela *aguadiá*.

Aí eu fiz um pouco de soro caseiro. Dei e ela botou *pra* fora. E continuou *aquela* obra e o vômito seguido, e ela *tava* bem ruim, *assim* toda molenga com febre e com os lábios já *roxiando* [arroxendo]. *Aí* peguei *ela aqui*, rapidamente fui a pé até (...) lá embaixo, porque o ponto é longe, e no caminho ela quase que desmaia, *que* ela parou *de tudo assim* no meu colo e eu mexia com ela e não tinha reação.

Aí Evandro, *que* foi (...) levar comigo *mais* a minha cunhada, (...) tomou *ela* da minha mão e começou a andar mais rápido. Pegamos um ônibus, chegamos ao Caribé. Assim que chegamos, eu notei, *olhando ela*, sempre com atenção nela (...). Eu prestei atenção e vi que ela *tava* ficando roxa, pior do que *aquilo*, mas preta

mesmo, (...) como se *tivesse* violeta. E *ai* eu não (...) esperei, *ai* chamei Evandro, dei o registro dela e pedi: “*Olhe*, você faz a ficha que eu vou entrar *que* ela *tá* ficando roxa”. E entrei rapidamente. Chegando lá *dentro* não havia médico, só uma enfermeira. *Aí* eu *peguei*, falei com ela, *digo* (...), menti *até*, *disse*: “*Olha*, a moça mandou *eu* entrar *que* a menina *tá* mal. Ela *tá* ficando roxa”. A moça disse: “Mas você já fez a ficha?”. Eu disse: “A minha filha *tá* mal”. (...) Ela disse: “É, realmente ela *tá* mal”. *Aí* entrou correndo e ela ligou *a* uma outra enfermeira que olhou Ana, viu que Ana *assim tava* realmente ficando escura, (...) toda preta, *ai* correu *pra* chamar a médica. Quando voltou, ela já veio de lá com o balão de oxigênio, com aquele *negócio* de botar no balão. *Aí* botou Ana *numa* cama, colocou o balão de oxigênio, botou dois soros e a médica o tempo todo não me deu nenhuma segurança, *sabe?* Em momento nenhum ela disse: “Oh mãe, ela vai ficar boa, se acalme”. A conversa da médica era só essa: “Ó [*Olha*] mãe, ela *tá* muito grave. Ela *tá* mal, eu não posso lhe garantir nada *pela* sua filha. A sua filha *tá* muito mal”. E eu fiquei sem entender aquilo (...).

Então, eu contei a história da injeção, contei que a menina *tava* bem. (...) A menina *tava* comendo tudo, *tava* brincando em casa, *tava* bem. O único problema dela eram os abscessos, *nê?* E ela discordou. Ela disse que não, que enquanto as enfermeiras achavam que foi errado, que deveria ter feito um teste antes, ela, como médica, disse que não, que Ana, na idade que tem, de um ano, já pode tomar Bezentacil, *entendeu?* Mas (...) que aquilo não era reação da injeção. Eu disse a ela: “*Então*, a senhora me diz o que é, porque a minha filha, em duas horas de relógio, *que foi* das duas *as* quatro, não poderia ficar tão grave assim”. (...) *Pra* ir parar na UTI, é inexplicável, *nê?* E não entendo de medicina, não estudei, como eu disse a você (...), mas nesse ponto *ai* eu já não me acho tão ignorante, porque não é possível... Eu *tô* com a minha filha em casa, (...) minha filha bem, eu levo ao médico, ela toma a injeção, chega *em* casa, ela fica desse jeito e não foi a injeção?

ELA simplesmente ESTAVA brincando e comendo *bolacha* na minha mão. *Simplesmente* pelo abscesso eu fui levar *pra* ela rasgar o abscesso. Eu pensei *que* já *tava* bom de rasgar, *entendeu?* Foi isso. *Aí* a médica olhou e disse que não *tava* bom e passou (...) a Bezentacil *pra* menina. Ana *tava* bem, muito bem em casa, brin-

cando *tudo* e eu não sou tão ignorante assim, *né*? Não é possível que eu, como mãe, não vá entender. *Então*, eu *cheguei*...” Só não vou discutir, porque o estado dela *tava* muito grave e a minha atenção *tava* toda voltada *pra* ela” (...). Mas eu não concordei. Eu disse: “Doutora, não é possível *que* a menina *desidratou* em duas horas de vômito e diarreia”. Ela desidratou, a barriguinha dela foi lá *pra dentro*, ficou *ingiada* [engelhada] assim como esse pano. Quando pegava (...), a mulher, a médica, quando pegava, colava. *Pra* descolar dava trabalho. A médica disse: “*Olha*, (...) mãe, a sua filha *tá* muito grave e eu, sinceramente, eu não tenho nem o que dizer *pra* você. (...) Eu só tenho a lhe dizer isso: sua filha *tá* muito grave”.

VINHA lá, vinha cá, toda hora a médica que atendeu *ela ni* um dia, *que* [quando] foi embora (...) ficou tão preocupada que ligava *pra* médica *que tava* naquele dia, *pra* saber do estado dela, se ela havia melhorado. Quer dizer, uma coisa tão rápida (...) *pra* ela ter, e foi reação da injeção (...). Eu tenho certeza pelo seguinte: como foi rápida e inesperada (...) a doença dela, tão grave, foi também rápida e inesperada, inexplicável, a recuperação. Porque (...) ela não *tava* achando veia *nela*, não teve que *isolar* no soro, deixar *ela* só no soro e no balão de oxigênio, *entendeu*? E ela ficou boa assim: passou dois dias grave *mesmo*, a noite muito grave e outro dia muito ruim, mas depois da noite *internou*, botou lá em cima. Ela subiu, eu fiquei com ela e *ela* foi melhorando. Sumiu a febre *dela*. (...) Foi tão grave *assim* que quando ela chegou no hospital *ela tava* com trinta e nove. Foi *pra* trinta e nove e meio, depois foi *pra* quarenta graus, *pra* quarenta e um. E assim a febre dela, só a tendência era subir. Ela deu duas convulsões, *entendeu*? Cortou a boquinha *dela*, se rachou *aqui* sozinha *assim* da febre. (...) *Ela* teve uma hora que a médica falou assim *pra* mim: “*Olha* mãe”. *Que* eu *tava* molhando, *que* ressecou os lábios. Eu *tava* molhando a boquinha dela com o soro, *que* a médica mandou com o soro e com a seringa. E houve um momento que a médica disse *pra* mim: “*Olha* mãe, pára, porque não adianta nada”. (...) *Poxa, aqui-lo ali foi mesmo* que dizer: sua filha morreu. *Então*, eu me desesperei muito, eu chorei muito, eu orei muito e fiquei desesperada. Mas, graças a Deus, a minha filha se recuperou depois que subiu.

(...). Sumiu a febre, no outro dia ela não tinha mais febre, parou a diarreia, parou o vômito.

(...) Eu não esperava, porque passou uns oito dias no hospital. Porque ela, no momento que ela *tava* ali na UTI, ela apresentava melhoras *assim*, entenda, não melhora, ela parava de ficar roxa, *entendeu?* (...) Os lábios dela iam voltando ao normal *e tudo*, mas, ela *toda* dura, ela *toda* parada. Mas os *labiozinbos* dela, *assim*, iam ficando melhor, tomando a cor. E, de repente, sem quê nem pra quê, ficavam pretos bem rápido, menina. Não iam nem ficando aos poucos, ficavam pretos e eu começava a gritar e a enfermeira vinha, corria, chamava a médica. Vinham dois, três médicos olhar. Parou o Caribé, todo mundo falava que (...)... as enfermeiras que vinham cuidar dela (...) DIZIAM: “Sua filha que *tá* muito grave”. E, de repente, a menina ficou boa.

Foi uma reação rápida da injeção, mas foi uma reação, e eu não fiz nada. Eu fui ao posto ontem, e vi a mesma enfermeira que deu a injeção. *Agora*, senti vontade de chamar *ela* em particular e dizer *pra* ela nunca mais fazer aquilo. Porque, do jeito que eu deixei *pra* lá (...), uma outra pessoa *fazia ela* perder o trabalho *dela*, porque foi uma irresponsabilidade da médica e dela. Porque a médica nem perguntou, e ela porque é enfermeira. Ela também, mesmo que a médica mandasse, é o *direito* dela (...) perguntar, conversar ou mesmo fazer o teste.

A diarreia piorou

Ela *começou* a sair *bolos* na boca <refere-se à Ana>. Eu levei ao médico nas Pedrinhas. Ela *alegou* que era fitose, que é um tipo de catapora. *Só que* catapora estoura só a boquinha, o corpo... E a fitose só estoura (?)... *Que* passou um remédio que eu não tinha *dela* e passei a dar... Ela *tava* tendo febre e eu TINHA associado ao problema da boca, mas foi na sexta-feira agora, sexta passada, sexta à noite, QUE ela começou com a diarreia. *Então*, eu passei o dia de sábado dando soro caseiro, água de coco, essas coisas, sempre procurando *melhorar* a diarreia *dela*. É assim. Mas, *quando foi* a noite ela piorou. Sábado de noite *pra* domingo, a diarreia *dela* não parava, ficou mais líquida, *que* ela deu *pra* vomitar e quando foi domingo de manhã, eu levei *ela* ao posto de atendimento. Ficou na emergência domingo o dia E toda noite. *Quando*

foi na segunda, ela subiu, ficou aqui internada por isso. Chegando aqui, *que* depois de ser também medicada, não parou o vômito e a diarreia que persiste até agora, e o médico pediu *pra* fazer exames de sangue, fezes e urina.

O de sangue, a médica *constatou* essa infecção que ela pegou *lá* ao nascer, *que* eu te contei. É um problema, *que* ela tem diarreia, (...) toda vez que ela *tá* internada. *Aí* os médicos pedem *pra* fazer exame de sangue. *Aí* sempre encontraram a..., infecção dela, *que* ela pegou, e elas têm que ficar fazendo tratamento, *entendeu?* Porque, até seis meses, a primeira vez que foi constatada a infecção, logo quando ela nasceu, novinha, ela *fez* o hidróxido (?) até os seis meses. *Então*, eu suspendi esse *uso* de medicação por falta de condições, porque ela *então* não dava *pra* mim. *Aí* eu parei. Também a pediatra me disse: “*Olha*, se ela voltar a ter diarreia ou vomitar você vai ter que voltar com essa medicação”. *Tanto é que tá até lá* em casa. Uma vez *também* quando ela teve diarreia, a médica mandou que eu voltasse à medicação. Eu voltei. Ela tomou uns dois frascos e depois a situação *voltou*. Parei de novo, por causa da situação, e agora ela tomou sangue ontem aqui por causa da infecção. Porque, quando a médica veio fazer o exame, *aí* achou melhor *ela tomar*, mas não foi transfusão *não*.

Perder muito líquido desidrata a criança

(...) Geralmente eu faço tudo. A mesma coisa *pra* todos. (...) Quando um deles tem diarreia, a primeira coisa que eu faço é suspender o leite. Elimino o leite da alimentação deles, *entendeu?* (...) O leite (...) prejudica e piora a diarreia. E se tiver obrando mole e a mãe continua dando o mingau com leite, ou mesmo o leite puro, a *diarreia dele* a tendência da é aumentar, *entendeu?* É dito pelos médicos, *nê?* E segundo a minha mãe, que é bem mais velha e já teve treze filhos. E o que eu sei é isso. *Aí* eu faço isso. Elimino o leite e começo a dar o mingau. Eu vou diminuindo aos poucos. Começou a diarreia, que é que eu faço? Aumento a quantidade de líquido, passo a dar mais água e soro caseiro, também limada, água de coco, bastante líquido. E o mingau eu diminuo a quantidade. Se ele... Se eu dou o mingau seis, oito vezes ao dia eu passo a dar quatro. Diminuo o *tanto* de mingau, que é mais

grosso, e passo a dar mais líquido, *entendeu?* *Pra* poder não desidratar a criança (...).

(...) Perder muito líquido desidrata a criança. (...) causa a desidratação. Então eu aumento a quantidade de líquido e diminuo a quantidade do mingau. (...) Eu continuo dando mingau, *MAS* diminuo a quantidade (...) e corto pela metade. Se eu dava o mingau com bastante leite (...) eu vou diminuindo a quantidade de leite. Se eu *ver* que a diarreia continua persistindo, então eu elimino totalmente o leite. Eu passo a dar os líquidos e o mingau sem o leite, *entendeu?* E se persistir por mais de três dias, eu volto ao posto médico, *entendeu?* Eu faço isso. Eu, primeiro, vou diminuindo o leite, caso não melhore eu corto totalmente o leite e aumento a quantidade de líquido, no caso chá, *assim* (...) do olho da goiaba, da mamona verde. (...)

(...) Eu passo a dar suco de caju, *que* prende. Goiaba também prende *E* a banana com a maçã. Dou vitamina *assim* batida, a banana amassada, *também* o suco da maçã, que é isso que prende, *é* a água de arroz, de coco (...) e chá ou a banana verde, *nê?* *Que* eu pego a banana verde, corto em rodela, lavo, coloco *pra* cozinhar com um pouco de açúcar (...) e dou *pra* eles, *nê?* Também tem o chá de broto da goiaba, *que faz* do mesmo jeito, *nê?* (...) e passo a dar a eles e espero *isso* durante uns três dias. Se persistir por mais de três dias, procuro um posto médico, de saúde *nê?* Porque *aí* pode ser que seja uma diarreia grave, *que* se deixar muito tempo vira uma diarreia aguda e chegando ao médico e *dizer*: “Ah, tem quatro, cinco [dias]”. Ela: “Por que trouxe hoje *E* não trouxe ontem?”. Então, eu só espero até três dias (...) *pra* levar até um posto de saúde. *Aí* eu vou cuidando em casa. Se não melhorar... Foi o caso de Ana. Ela *tava é* só com diarreia e depois passou a ter vômito e febre. Eu comecei a dar remédio em casa, não melhorou, e eu levei *no* posto de saúde.

Ela <Roberta, a neta> começou a ter diarreia acho que *FAZ* uns três dias. Lá no trabalho *mesmo* a mãe dela vinha com ela *à* noite, porque ela trabalha, mas *à* noite ela vem dormir em casa, e a gente *deu pra* reparar que ela *tava* com diarreia, obrando mole. E a mãe faz a mesma coisa *que* se tivesse levado ao posto. Porque não adianta levar ao posto (...), porque o médico disse que, *pra* diarreia, o remédio é soro. E ela não *tá* vomitando, *tá* comendo, não

tá tendo qualquer outra coisa, nem febre, nem nada, só mesmo a diarreia. *Então, que também tá com dores e o dente nascendo também.* Pode ser um dos dois. *Agora, eu espero que seja dos dentes, porque como ela disse que ela desde novinha, que tem esse problema dessa diarreia.*

A dentição causa diarreia

A diarreia *inicial* a gente não precisa se assustar, porque qualquer criança tem diarreia. Qualquer criança tem quando é logo novinha, os primeiros dias. É por causa de parto, porque quando a criança nasce, não sei, engole líquidos de parto. (...) A mãe quebra água e coisa e tal e diz que a criança engole. *Então, nos dias* ela vai expulsando isso nas fezes, *entendeu? Então, obra verde, obra preto, preto mesmo.* (...) a gente não pode cuidar, porque é resto de parto, sabe que isso é normal. *Então, completou quatro meses, cinco meses, quase na dentição* também tem diarreia e também não é de assustar. Porque criança na fase de dentição também tem febre, diarreia, não quer comer coisas, *assim. Então,* quando a diarreia faz parte da dentição *que* a gente não precisa se assustar. Começa a obrar normalmente, (...) aqueles odorzinhos das fezes, *entendeu?* Cor normal, *só que* mais líquido, mais mole. Começa a obrar mole. Só depois começa com a diarreia, aquela diarreia *mesmo, água líquida.* Mas, enquanto que não *tenha* mau cheiro e não seja verde, seja cor normal, cor das fezes, então é normal. (...) *Então, a partir do momento que as obras,* as crianças começam a obrar, a esverdear ou a ter com sangue, com rajadas de sangue, (...) com mau cheiro forte, *ai* é sinal de infecção, *entendeu? Ai,* quando a gente vai ao pediatra, ele pergunta *logo* a cor das fezes e se tem mau cheiro. Justamente por isso.

(...) Como eu já disse, se for a dentição, causa diarreia. Mas é normal, *nê?* Outra coisa que pode causar diarreia na criança é (...) a mudança de tempo sim. A quentura, o tempo muito quente. Aquela criança que não gosta muito de líquido começa a *sentir* diarreia, *nê?* Tem que dar bastante líquido *pra* poder nutrir a criança, *pra* poder hidratar a criança *pra* que não *cause* diarreia. Pode causar uma diarreia, verme (...). O meu filho Victor, *ele* teve verme com quatro meses. (...). O médico disse que (...) era muito açúcar, porque eu costumava bater bolacha *pra* ele, bolacha Ma-

ria. A bolacha já era doce, eu colocava açúcar, colocava leite então se tornava muito doce *pra* ele. *Então causou* verme (...) com quatro meses, *nê? Então* verme é normal, *que* é criança, mesmo pequena. (...) *então* (...) pode causar diarreia, causar, no caso da dentição, a quentura na criança, a falta de líquido, como também verme, (...) ou uma infecção, uma coisa... *QUE* (...) a mãe não souber causa diarreia, *que* essa diarreia fétida, com aquele odor forte, e com rajas de sangue. (...) São essas as causas.

(...) ANA ESTÁ COM diarreia por causa dos dentes, *que* vem dois dentinhos *a mais*, *aí* deu diarreia. É, nasceu, *tá* nascendo mais dois dentinhos, *então* deu diarreia.

<Em resposta ao que fez para parar a diarreia> Nada. Mingau sem leite, *nê?* Diminuindo o leite, *só*. O chá do araquá faz muito bem, é o único chá que eu dou. E DOU arroz. Ela adora arroz. Arroz ela já come todo dia *mesmo*. Até puro a gente bota *que* ela come.

Muito doce causa verme... andar descalça

(...) O que eu acho é o que os médicos dizem, *nê?* o que causa os vermes pode ser através de doces. Mãe que gosta de encher a criança de doce, *nê?* É bala, pirulito. São doces em geral, bolacha recheada, essas coisas doces... Muito doce *pra* criança causa verme. TAMBÉM os pés no chão, *nê?* A criança que fica descalça, isso *aí* todo o mundo sabe, que causa verme. A criança que gosta *também* de brincar com a mão na terra, isso causa verme também. Muito açúcar, a mãe que gosta de adoçar demais as coisas, seja mingau, seja suco, seja o que for. Muito açúcar em geral. O doce, o açúcar, açúcar normal.

(...) Eu esqueci desse detalhe, a água não tratada, ou seja, água ou cisterna, fonte *que cava num* buraco, *nê?* A pessoa cava um buraco ali na terra, aquela água ali não (...) é tratada (?) (...). *Ali*, a pessoa pega dali diretamente e bebe. Também pode causar verme, *nê?* A água não tratada.

(...) Se não tiver jeito e a criança pegar verme (...) *aí* o jeito é tratar com chás. O chá só faz acalmar, *nê?* No caso, o chá do hortelã, hortelã que bota na comida, hortelã miúdo. Faz o chá *pra* acalmar só. (...) Semente do mamão é maravilhoso. Pega a semente do mamão, dá *pra* criança comer. *Prá* verme é ótimo!

(...) Já usei *pra* acalmar os vermes, *assim* CHÁ de hortelã, já dei carço de mamão *pra* eles comerem, semente. Mas, geralmente, eu levo ao médico porque *aí* eles fazem o exame *pra* ver o tipo de verme (...) porque tem remédio que é *pra* cada tipo de verme, *entendeu?* (...) Tem cinco tipos de vermes, no outro tem seis... Imagine! seis tipos de vermes *ni* uma criança! A criança vai pegar *um* corpo, *nê?* Porque tudo que come... *Diz* que a criança que tem muito verme, *diz* que vai *pros* vermes (...) Eles que se alimentam. *Então*, nunca vão pegar um corpo. E nesse lugar <refere-se ao bairro>, é impossível uma criança não ter verme, (...) porque a maioria das pessoas só anda *mais* descalças e isso causa muito verme.

POR QUE as pessoas daqui andam descalças? Não sei, não sei *não* explicar. *Sabe*, eu acho *que assim*, que vem da vontade. Uma vê a outra andar e diz assim: “Oh, já que todo mundo anda, eu vou andar também que ninguém vai reparar”. Se fosse um lugar onde todos andassem calçados teríamos vergonha de andar descalços. *Dizia*: “Ah! Eu não vou andar descalço *que* todo mundo *tá* calçado”. Mas *desde quando* um vê o outro, *aí* fica assim (...). Todo mundo descalço, todo mundo *à* vontade. (...) *Ainda assim* (...), andam calçados sim: *à* tarde, *pra* sair, *coisas assim*. Mas, a maioria do pessoal,, pode olhar *pro* pé como se anda. Todo mundo anda *à* vontade.

É um costume. Tem gente que não consegue ficar descalço nem dentro de casa, *nê?* Tem gente que não tem (...) o costume, e não consegue ficar *de* pé no chão nem dentro de casa, por mais que *teja* limpo assim. Mas tem gente que não, não tem jeito.

A diarreia já desidrata

Até hoje a única que desidratou *até* gravemente foi essa, a mais velha. Porque *com* a primeira filha eu era inexperiente, não sabia, *nê?* Ela era uma menina que não gostava de água (...) e eu não tinha experiência com criança, *nê?* Minha mãe, como eu lhe disse, morava longe e eu, (...) aqui sozinha com ela, com oito dias (...). *Então*, tudo que aconteceu com ela, *era eu mesma* aos dezesseis anos. (...) O que é que eu fazia? Eu oferecia água *pra* ela na mamadeira. Eu não tinha a experiência que tenho hoje, *de que* a criança desidrata e (...) não devemos oferecer muito, porque o

que vale não é a quantidade e sim a qualidade. Se eu faço um sorro e dou um copo cheio a uma criança, é..., desidratada, *ela* vai vomitar, *nê? Então* o que é que eu faço? Eu tenho que fazer um copo de sorro, mas jamais dar a ela de uma vez, e sim de colherinha. Dar duas colheres agora e outra, com dez minutos, mais duas colherinhas. Vou oferecer uma ou duas colherinhas, a pequeninha, porque *aí* ela vai se hidratar aos poucos, *entendeu? E aí* eu não tinha essa experiência. *Então* eu dava *pra* ela, *ela* não bebia. Eu dizia: “Ah, ela não gostava de água”. Eu oferecia outra coisa na mamadeira e no copo e ela não queria (...). *Aí* a desidratação dela se agravou, *nê?* E ela foi minguando, emagrecendo *assim* rapidamente. Eu levei ao pediatra. *Aí* o pediatra disse assim: “Ói [Olhe] mãe, ela *tá* desidratada e desidratada *grave*”. Porque o que acontece, quando a criança *tá* desidratada, é *QUE* toda a pele modifica, toda a pele *pára* de ser uma pele *assim*.

VOCÊ começa a (...) olhar *pra* criança e ela *tá* com a pele *assim*. E a minha menina Ana *tava* com diarreia esses dias, e *em* três dias de diarreia quem percebeu a mudança de pele dela foi o próprio pai, brincando com ela. (...) a pele daqui dela já *tava engiadinha* [engelhada, enrugada] e ele perguntou, sem saber (...): “Por que ela *tá* com a pele *assim*?”. *Aí foi* que eu fui prestar atenção e (...) expliquei *pra* ele (...) porque a diarreia já desidrata, e ainda com ajuda do vômito, tira totalmente o líquido do corpo, *nê? Então*, a gente levou *ela* ao posto. *Então*, o que aconteceu quando eu levei *ela*? Já *tava* com a pelezinha *assim* e a barriga... É um sinal muito grave. A médica costuma fazer *assim* no couro da barriga e largar. *Bom*, a gente fazendo *assim*, você pode reparar que a *intenção* é de... A gente vai largar e sumir, desaparecer o que a gente *tá* fazendo. Mas, *desde quando* a criança já é muito desidratada, sem líquidos, no que fazemos *assim* ô [olha], largamos e continua colada. É, cola a pele. É o que aconteceu com ela. Quando eu levei *no* médico (...) ela *tava* em estado grave. Ficou grave a desidratação dela. *Então*, ela teve que ficar internada e passou nove dias na clínica. (...) Ela foi internada por isso. Porque (...) a desidratação é isso, é a falta de líquido, *nê? Então*, (...) agora ela <Cecília, a filha mais velha> *tá* tendo com a filha *dela*, *que* levou ao posto *pra* tomar um litro de sorro, *que tava em começo de desidratação*,

porque era muito magrinha *pra* tomar líquido, *entendeu?* Então a gente tem que obrigar *ela* a tomar líquido.

(...) A menina dela <a filha de Cecília> toma soro. Contém o açúcar, tem aquele (...) gostinho diferente. Mas a água *é de mal* com ela, *entendeu?* *Aí, pra* tomar água, esse aqui também é de mal com a água, a gente tinha que adoçar a água *pra* ele beber, *pra* que ele não desidratasse *mesmo, entendeu?* Porque, se não... *Então* é isso a desidratação. Eu só tive esse problema de desidratação com ela, graças a Deus. Porque depois dela, através *dela* eu peguei experiência e com meus outros filhos *eu* já não deixei que isso acontecesse. Porque, como eu acabei de te dizer, esse quarto filho aqui *já* não queria água, E EU *já* adoçava, *entendeu?* *Já* botava um pouquinho de água com açúcar E ele *já* bebia. Ele não queria água, eu *já* dava um chá. (...) de qualquer coisa, *é* de melissa, de cidreira, de erva doce, de camomila, alfazema... Qualquer coisinha, mas que fosse o chá, porque qualquer chá é líquido, *claro. Então já* hidrata *ele* de qualquer jeito.

(...) Depende da criança. (...) A minha, essa Ana, graças a Deus, *ela* adora água. *Toda hora* eu tô oferecendo água e ela *tá* tomando água. A menina dela <a filha de Cecília> agora *tá até* mudando, agora *tá até* aceitando água. Não sei se PELO FATO DE *que* ela *teve* doente E tenha sentido febre por dentro, ela *tá* aceitando mais a água. Mas antes não, e *já*, como eu te disse, esse <refere-se a Moisés> *pra* tomar água era a pulso, *nê?* Já Ana (...) aceita mais a água do que o chá. *Então* depende da criança, *nê?* Mas, em geral, a criança aceita mais o chá, por causa dos gostos específicos que cada um tem... Um gostinho diferente, tem o açúcar. Então eles aceitam mais. (...)

(...) a desidratação é..., se dá mais no calor, *nê?* *Cê* vê que no verão..., porque no inverno é impossível. (...) No inverno não tem, *nê?* Mas no calor todos nós TEMOS, *nem é* só as crianças. (...) Tem adulto que desidrata porque, no verão, todos pensam em quê? Praia e sol. Esquecem que a pele da gente, o corpo da gente (...) precisa de água. Pensa que você precisa de água *pra* um banho ou *pra* beber. Não. Precisa de água normalmente direto, *nê?* (...) o normal é bebermos vários copos de água *num* dia. Tem gente que diz: “Ah! Eu bebi um copo de água hoje”. Não liga mesmo sem sede *é obrigado* a pessoa beber água. Porque, mesmo que DIGA:

“Ah, mas eu não *tô* com sede”. “Não *tá* com sede?”. Faça como uma criança. Não precisa tomar um copo d’água, toma meio copo d’água agora, daqui a meia hora, tome mais meio copo, daqui a duas, três horas, toma meio copo, *que* vai hidratar o corpo e a pele do mesmo jeito, *nê?*

Se tiver condições e tiver uma geladeira em casa, pode fazer sucos e botar na geladeira. De vez em quando, toma um pouco de suco, vai inventando. (...) *Então*, tanto NO adulto COMO NA criança, a causa da desidratação é a falta de líquido no corpo. (...) Precisamos ter bastante líquido no corpo e *desde quando* não ligamos (...) *pra* água... É bom *pra* tudo, *pra* pele, *nê?* (...)

Essa doença de pele pode ser problema de sangue

(...) Eu sobe o que é DOENÇA de pele agora (...): pano, impinge... Mas nenhum deles teve *assim* panos impinge, essa doença de pele *não*. Foi só brotoeja, *que* é normal na criança e dá no calor, no verão. Sai aquelas brotoejazinhas, carocinhos vermelhos, *que* COM álcool, polvilho, com muito banho, pasta d’água e com pomadinha, algumas coisas *assim*, melhoram. (...)

Agora, Cecília (...) teve <refere-se à doença de pele>, esse problema que (...) os médicos acusaram, *problema* que poder ser problema de sangue, *nê?* (...) *Assim* (...) PODIA SER QUE o pai tivesse algum problema de sangue, *que* constou que eu não tinha, mas, o pai podia ter, *entendeu?* *Então disse* que podia ser esse problema de sangue, que só ela *que* tem e os outros não tiveram. Ela *encheu* um pouquinho de bolhas, como *naquele* de Ana. Ana, graças a Deus, *saiu* poucas, mas tanto ela <Cecília> teve como a filhinha dela teve. A filhinha dela *tá* cheia de manchas. (...) Saíram muitas (...) *parecendo assim* quando a gente *queima* fazendo aquela bolinha de água, *nê?* *Então* é isso, (...) são as bolinhas de água que saíram na pele dela. (...) Eu esqueci o nome agora (...) que o médico *chama*. Tem um nomezinho que o médico dá *pra* essas coceirinhas e *tudo*... Mas, como eu já disse, em geral, eles não tiveram a não ser brotoeja. Só Cecília, a Ana também, MAS não *foi* muito Ana. (...) *Que* o pai dela pensou *até* que ela *tava* pegando da filha de Cecília, *nê?* *Que* ele falou: “Será que isso pega e *tá* pegando dela?”. Porque *realmente* não saiu mais. Só saíram umas quatro a cinco VEZES e *pronto*, sumiu, *nê?*

(...) O PROBLEMA de Ana *cuidei* com pasta d'água, REMÉDIO muito conhecido, que o médico *manda*. É com a pomada Hipoglós, *nê*? E também com essa folha que te falei, que (...) é só machucar e dar (...), melão de São Caetano. Com isso, *pronto*. Eu também (...) tenho um costume, é um defeito também. Não posso ver um *carocinbo* OU uma casquinha que eu *tô* tirando. Desde criança. Se ela *tiver* (...) com um *carocinbo*, ela *tá* tirando, e (...) eu cuido mais rápido *assim*, *que* sara mais rápido. Por isso que eu acho que, se você tem uma ferida, *que* ela cria (...) aquela casquinha seca por cima, se você for colocar a medicação ali não vai penetrar na ferida, *nê*? *Então* o que é que eu fazia nela? Eu *pocava pra* poder passar o remédio, as folhas, pomadas em geral, e quando ia criando aquelas casquinhas, *que* já não era mais a bolha, (...) eu tirava aquela casquinha, *entendeu*? Retiro só quando *tá* totalmente seca, *que* *tô* vendo que já *tá* sarando. Mas, se eu *ver* que não inflama mais com a *casquinha*, que *se* eu colocar a pomada por cima não vai penetrar, eu tiro a casquinha, *entendeu*? Limpo e *aí* coloco a pomada, ou as folhas, como seja, mas que penetre na ferida *pra* que sare mais rápido, *entendeu*? É assim que cuido.

(...) Eu não. Eu acho que não SÃO DOENÇAS CONTAGIOSAS, porque, se pegasse, *ela* pegava no outro, *nê*? (...) Eu acho que não pega. (...) mas agora eu lembrei QUE esse aqui <um dos filhos dela>, que não sei se é por CAUSA do pai dele que é assim... O pai dele, (...) de tempo em tempo, começam a *pipocar* (...) as mãos dele. Só as mãos, *sabe*? O corpo todo, não. A mesma coisa é ele. De vez em quando, tem tempo..., pode olhar que ele é cheio de (...) marquinha, ó [Olhe] a mãozinha, *tá* vendo? De tempo em tempo, ele *estoura* o corpo, e *isso aqui* eu concordo com os médicos: é hereditário, é por causa do pai. Algum problema que o pai dele tem no sangue, *que* ele nasceu com isso. Por isso *que* tem um nomezinho, *que* eu (...) não lembro agora. *Então é isso*, (...) é problema do sangue do pai. Ele, de vez em quando, sem nada *assim*, sem quê nem pra quê, ele aparece, quando começa a estourar *mesmo* a *pipoca*. Mas, as feridinhas eu trato *com a* mesma maneira que eu te disse, com melão de São Caetano. E, quando não é assim, quando eu vejo *enchendo* muito o corpo dele (...) *que* não *tá* melhorando com alguns remédios caseiros, então eu levo ao posto. O médico, então, *aí* passa um remédio que arde. Se dá o banho e

deixa com aquele remédio no corpo, *aí* sara (...). Eu creio que não pegue, porque eles têm e não pega em nenhum outro, *entendeu?* (...) Não acontece nada *a respeito* de pegar.

(...) O pai dele (...) tem problema no sangue, *então* ele herdou isso do pai, *entendeu?* Não herdou de mim, todos (...) herdariam também, como do (...) pai. *Então*, como o pai dele *começa a estourar* o corpo *de vez em quando*, ele também tem. (...) Não tô dizendo que o problema vem do sangue. Eu digo *assim*, se o pai dele tem esse problema e ele nasceu com esse problema, então, herdou do pai, *nê?* É isso.

Anemia é o sangue fraco

(...) Anemia *pra* mim, segundo o que eu aprendi (...) mas do que com médicos, *como consciência própria, nê?* A anemia é o sangue fraco (...). Tem dois tipos de glóbulos no sangue, *que* são os glóbulos brancos e os vermelhos, *nê?* *Então* o corpo humano, no caso, *a gente*, nós temos que ter mais glóbulos vermelhos no corpo do que os brancos, *propriamente*. (...) Quando a pessoa tem anemia, é porque tem mais glóbulos brancos no corpo do que os vermelhos, *nê?* Se nosso sangue é vermelho temos que ter glóbulos vermelhos, mais vermelhos. *Então*, se fizemos um exame de sangue e o sangue *tá* fraco, significa que temos mais glóbulos brancos que vermelhos. (...) Anemia é o sangue fraco, ausência de glóbulos vermelhos (...).

(...) A causa da anemia, *bom*, pode ser, mais uma vez eu digo, problema de família, *que* o médico costuma chamar hereditário, *que* se a mãe, se a *vó* teve anemia, (?)... No meu caso, a minha mãe tem anemia, *aí* eu tenho anemia. Ela tem anemia e a filha *dela* tem anemia. *Então*, é um problema hereditário que vem com familiares, no sangue. Eu herdei da minha mãe, ela <refere-se a uma filha> herdou de mim, a prima dele herdou dele e *assim vai*. E assim sucessivamente.

(...) Dos meus filhos que têm anemia, todos herdaram um pouco da minha anemia, *sabe?* Todos eles têm anemia. Mas pouca anemia, *anemia* bem pouca. Não tem aquele tanto de glóbulos vermelhos que é *pra* ter, *que*... No caso, hoje, você faz um exame de sangue, o normal de você ter de glóbulos brancos, vamos dizer, são dez por cento e de glóbulos vermelhos, cem por cento, vamos

dizer assim, e nos exames dele dá *assim de* dez por cento. EU diria a você, TEM dez por cento, tem doze, tem passando, *entendeu?* Quer dizer, ele tem mais glóbulos brancos que *devia*. Mas é sempre assim: *de* dez, tem doze, tem quinze... É pouca anemia (...), *entendeu?* Mas dois deles têm anemia grave. No caso (...) Pedro, o quarto filho, que agora tem sete anos, e Moisés, *que* é esse problema *agora*, sério <refere-se à suspeita de anemia folciforme> (...), *que* você *tá* vendo, *nê?* *Que* os médicos *tão até* com medo de que vire uma leucemia... Como é (...) que pode virar uma leucemia? Quando a anemia é grave, quando a criança não é tratada, *nê?* Logo, (...) esses glóbulos vermelhos vão diminuindo, porque os glóbulos brancos vão (...) ter mais quantidade. Eles vão (...) aumentando a quantidade, *que* o branco *então*, provavelmente, ele vai aumentando a quantidade. *Aí dobram* o *tanto pra* diminuir o branco. *Ele* tinha dez por cento, ele vai ter vinte, trinta... *Aí* vai aumentando tanto, que o sangue da criança vira água, *nê?*

A leucemia é isso, é o sangue *virar* água. Virar água por quê? Porque os glóbulos brancos não vão produzir sangue, *nê?* *Então*, ELAS são responsáveis pela água que a gente tem no corpo, a gente necessita dos glóbulos brancos. (...) Quando a gente TEM mais (...) DELES que o vermelho, em vez de produzir sangue, vão produzir água. *Então* a leucemia é isso. E a anemia *pra* causar a leucemia é *uma anemia* que não é tratada ou, *pelo menos*, não é descoberta a tempo, *nê?* (...) Às vezes por erro médico, como eu já disse a você várias vezes, tem médicos e médicos, *nê?* *Então*, (...) o médico não avisa, *num* diz a mãe, não sabe e...

Irresponsabilidade médica

(...) FALTA senso de responsabilidade. (...) Médicos são todos médicos, mas (...) tem uns que levam (...) a profissão deles a sério, *nê?* Porque HÁ (...) uma diferença de você fazer um trabalho, (...) há uma diferença *de* você ser uma pediatra *que* você gostar de atender. Você é pediatra não porque você não pôde escolher a profissão, porque você estudou *pra* aquilo ou não. Você é pediatra porque você quis estudar aquilo, gosta de criança, gosta de trabalhar com criança, gosta de lutar pela saúde, *que* você estudou *pra* aquilo com prazer. (...) Você gosta do que você faz, *deu pra entender?* *Então* faz aquilo com responsabilidade. Por-

que tem médico de emergência que atende a criança assim, que já aconteceu comigo, a mãe *tá* ali (...) e ela <a médica> *tá* aqui atrás da mesa: “*Que* é que ele tem mãe?” “Ah, ele *tá* com febre”. “Ele vai tomar medicação *aqui pra* febre”. Pronto, *entendeu?* “*Que* é que ele tem?” “*Tá* com diarreia, doutora, não sei o quê...”. “*Pra* diarreia, mãe, você leva esse soro e dá *ele* em casa”.

(...) Aquele médico ou aquela médica não sente aquela criança, não examina aquela criança. (...) Já levei também meus filhos *em* médicos de emergência *que* era *pra* atender com pressa. Porque, por ser de emergência, *não* (...). *Então* TEM QUE, *meu filho*, auscultar *ele* todo, olhar o ouvido, auscultar a criança no peito, nas costas, olhar a garganta... Porque, não importa... Se eu (...) sou a médica E você é a mãe, você traz *ele* até *mim*, ele tem um problema que você não sabe o que é... Não é por eu ser médica que eu também *só* em olhar *pra* ela (...) VOU saber o que ela tem. *Então*, o *direito*, como médica, é examinar *ele* todo, *entendeu?* (...) Eu acho *assim*, mesmo que ele seja..., *que tá* com a dor no peito (...) ou na garganta, o que seja, mas eu tenho que saber o porquê dessa dor. *Então*, eu não vou simplesmente apertar a barriga dele e dizer assim: “Dá esse remédio *pra* dor”, e mandar *ele pra* casa não!! Eu vou passar *exame*, eu vou deitar *ele*, vou apertar a barriguinha, vou ver se ele *tá* sentindo alguma dor, (...) SE é de fígado, SE é rim, alguma coisa, *entendeu?* Vou PASSAR *exame pra* descobrir se é alguma infecção no sangue, se *de* fezes... *Pra* ver se é algum tipo de verme, na urina, *pra* ver se é (...) infecção urinária.

Eu não estudei, não cheguei a me formar, *entendeu?* Mas eu acho que é isso. Eu vou olhar a garganta, se ele *tá* tendo febre, pode ser (...) infecção na garganta. Porque eu só vou descobrir isso *lá* na garganta, *entendeu?* *Então*, eu posso passar um remédio *pra* barriga: “É infecção. Ah, deve ser infecção intestinal”. E a infecção *tá* na garganta. (...) HÁ médicos irresponsáveis que atendem atrás da mesa e a pessoa *lá*. E médicos que examinam a criança toda. Já levei *pra* o médico de olhar o ouvido, garganta, e mandar tirar toda a roupinha, olhar as *partezinhas* dela, ver: “Mãe, ela tem assadura?” Levanta o braço e olha: “Tem assadura, mãe?”. (...) *Então*, eu acho que *ali* olha (...) o corpinho... *Então ali* é o pediatra, *ali* é um médico, *entendeu?*

Acho que médico é isso *ai*. Não é (...) médico, como já aconteceu com um filho meu, de levar uma criança, *esse* Pedro com treze dias, e um médico formado, sendo médico e diretor do hospital, passou um remédio *pra* (...) criança a partir de quatro anos, e meu filho ficou dando convulsão no meu braço. No caso, eu sem saber o porquê, quer dizer, uma irresponsabilidade, porque, *desde quando* eu passo uma medicação, *eu* tenho que saber o que é que eu *tô* passando. (...) Eu sei (...), eu não sou médico, mas eu tenho certeza, eu sei, você sabe, qualquer pessoa sabe, que todo e qualquer medicamento tem, (...), que muita medicação é pelo peso, depende do peso. Porque, se souber *que* a criança pesa dez quilos, são dez gotas (...). *Então*, o médico tem que ter toda essa responsabilidade. “Mãe, tem quantos quilos? “Ah, doutor, não sei!”. “Então pese *ali* a criança”. Tem muitos que fazem assim: “Mãe, pesa quanto? “Ó [Olha], doutora, não sei!”. *Então* ela olha *pra* criança *e* *ela* acha que, *no olhar*, *ela* vai saber quantos quilos tem e passa o *líquido*. Eu acho isso *tudo* uma irresponsabilidade, *entendeu?* Acho que, se estudou, tem que saber. (...) Se eu *tô* passando um remédio *aqui*, eu sei se é *pra* adulto ou *pra* criança. Como é que eu vou *pegar ele*, vou passar um remédio que é *pra* você? Não pode! *Então* é isso que eu quero dizer, é a falta de responsabilidade.

Poxa! Se você não tem vocação *pra* médico, estuda *pra* engenheiro, *entendeu?* Poxa! Deixa *aquilo ali pra* quem gosta de fazer. (...) É irresponsabilidade, não tem outro nome. Já aconteceu (...) isso comigo várias vezes. Eu perdi o meu filho *de* seis meses (...) *por* irresponsabilidade médica também. Eu sei que a gente não pode culpar ninguém pela morte, *entendeu?* Mas, o meu filho, antes de morrer, *eu* tinha levado ao médico (...) de manhã e à noite ele morreu, porque a médica, ao examinar meu filho, *botou pra* casa como se nada ele tivesse...

(...) Poxa, como é que uma pessoa pode *tá bom* de manhã e morrer *à tarde*? Só um infarto, mas uma gastrenterite, como foi o caso de meu filho... Ou uma pneumonia, você pode, como médico, constatar! Pode ou não pode? (...) Ele <o médico> pegou meu filho, examinou meu filho <refere-se a Marcelo> *e* pediu que só...: “Mãe, *a* alimentação deve ser assim”. Examinou: “Leve *pra* casa, dê alimentação na hora certa que seu filho vai melhorar”.

Dei banho no filho, agasalhei meu filho, deixei meu filho em casa dormindo e vim aqui (...), conversar *e tudo*. *Tive* na casa da minha mãe, quando eu ia saindo *na* porta, *tava* minha filha aos gritos, *que* meu filho *tava* morrendo. Morreu ainda nos meus braços. Deu o último suspiro no meu braço *ainda*. Morreu nos meus braços. E quando fizeram a autópsia, meu filho tinha morrido de gastroenterite. Ele *tava* com infecção, (...) com diarreia e febre. Quer dizer, e lá passou o quê? *Que* a mania dos médicos *desse* soro, de dar soro no posto. (...) Eles não ligam *pra* examinar! Depois do soro, (...) você chega *num* posto com seu filhos: “*Que* é quem tem? Diarreia?” “Soro!”. Eu lhe provo isso quer ver? (...)

(...) Eu levei a Ana com febre, com diarreia e com vômito. A medicação de Ana foi isso aqui que você *tá* vendo, (...) o soro *pra* diarreia. E o vômito? E a falta de alimentação da criança, *que* ela não *tava* querendo comer? E a febre? Eu não conheço isso *aqui* como remédio *pra* febre e nem *pra* abrir apetite, *entendeu?* *Então*, até o pai dela que não entende (...) como eu (...) Ele disse a mim: “Não passou nada?”. Eu disse: “Não”. Quer dizer, ela *tá* melhorando, porque tenho muita fé em Deus, eu oro muito, peço muito a Deus, continuo dando comida, insistindo *que* ela coma *e tudo*. *Pra* lhe ser sincera, (...) eu, soro, *eu* não dou. Do jeito que me deram, *tá* aí! Eu prefiro o soro caseiro. Eu dou o soro caseiro. Ela aceita, *tá* melhor, parou a diarreia e parou o vômito sem precisar tomar essa medicação (...).

(...) Meu filho <Moisés> chegou no posto com quarenta graus de febre e ela <a médica> deu uma colherzinha de remédio, naquele momento, e mandou *pra* casa. E a febre? (...) *Cadê* o remédio *que* ela não passou? *Cadê* o remédio *que* ela não deu *pra* pegar no posto? *Então*, é isso que chamo de irresponsabilidade. Oh [Olha] uma irresponsabilidade *aí pra* qualquer um ver com o meu filho. *Chega* no hospital. “Ah! tem que ir, mas não tem ambulância”. *Chega* no outro: “Tem ambulância, mas não tem combustível”. *Pra* que ambulância *num* posto de saúde sem o combustível? *Chega* no outro dia: “A ambulância *tá* aí, mas o motorista da ambulância não veio. Quer dizer, são irresponsabilidades que causam a morte de criança, de adulto e que não dão em nada, *num dá*, *num dá* em nada, e são irresponsabilidades horríveis, *viu?*”

Amanhã, eu garanto uma coisa, (...) eu não volto *pra* casa com meu filho, (...) porque nem que tenha que pegar o meu filho e botar lá dentro do hospital juntamente com minha filha (...) e vou dizer: “*Tã* aí *na* responsabilidade de vocês, *que* ela não sai daí, a não ser que vocês peguem pelo braço *ela* com o irmão, e coloquem do lado de fora *pra* poder fechar o hospital. Caso contrário, ele vai ficar aí dentro e ele vai morrer aí, porque ele *morrendo* aqui, eu sei o que eu faço”.

(...) Eu vou dizer assim *pra* ele porque o problema dele é grave. Não é a primeira vez que ele incha, *entendeu?* Eu já tenho certeza que o problema de meu filho *tã* virando uma leucemia e eles não *tão* dando a importância *pra* isso, porque não é o filho de nenhum deles, *entendeu?* *Nem* eu tenho condições de ir *pra* uma clínica particular, *então* eles *tão* ignorando meu filho como ignoram muitos casos que tem por aí. Eu perdi um filho e não quero perder outro.

(...) A minha irmã Luzia tinha um menininho, *fui até* eu que internei no Batista Caribé. Eu internei *ele cansando* e fui visitar *ele* com a mãe *dele*. Ele *tava* bem, ia ter alta no outro dia. No outro dia, ela <refere-se à médica> disse assim: “*Olbe*, amanhã ele tem alta”. No mesmo dia, vieram me buscar em casa, *que* o menino tinha falecido. Chegando lá, *ele tava* roxo (...), só nas costas. Ele tinha uma *lista* de uns quatro dedos nas costas, daqui da nuca até os pés. Só aquela lista roxa, *que* depois, mais tarde, foi constatado que ele tomou uma medicação muito forte *pra* ele. Não processamos, não fizemos nada, deixamos *pra* lá, *que* não ia trazer a vida da criança de volta. Mas, pensando *assim*, como eu *tô* dizendo agora, *que* muita gente pensa. Vamos deixando *eles na irresponsabilidade* e isso vai matando. Matou um, a mãe diz: “Ah! Não vai dar a vida do meu filho”. *Aí* ela deixa... (...).

Uma mulher foi presa atuando como enfermeira

Sabe o que foi que eu vi hoje no <hospital> Irmã Dulce? (...) Um papel (...) de jornal *datilografado* com a foto de uma mulher que foi presa ontem no João Batista Caribé, atuando como enfermeira. (...) É muito fácil *você* roubar uma criança no hospital, é muito fácil *você* entrar como enfermeira. Essa mulher tinha atuado como enfermeira no Irmã Dulce. (...) Foi presa ontem no Batista Cari-

bé por policiais da Furtos e Roubos. Ela *tava* (...) atuando como enfermeira há mais de três meses. (...) Ela vai ser encaminhada amanhã de manhã *pra* Casa de Detenção. Com a cara mais limpa e *deslavada* do mundo, com vinte anos de idade! Jovem!

Diz que o sonho dela era ser auxiliar de enfermagem. Pobre, sem condições de fazer um curso de enfermagem, ela conseguiu com o amigo que trabalha no Irmã Dulce (...) uma roupa de enfermeira. (...) Nem crachá essa mulher tinha! Mais uma vez eu digo QUE É irresponsabilidade dos hospitais, porque não vou me vestir de branco, entrar no hospital..., *entrar* dando medicação em adulto, em criança, *sair* dando injeções, com os remédios, sem ninguém... *Vem cá* e o tempo que você trabalha nesse hospital? Se você é um vigia, se você é uma médica, se você é uma nutricionista, você conhece todo aquele hospital (...). Como é que você nunca me viu, eu entro aqui hoje como uma enfermeira, você vai ter que me parar!: “Bom dia!” “Bom dia” “Tudo bom? Você é enfermeira?” “Sou” “É nova aqui? Chegou aqui hoje? Trabalha *aonde*? Em que hospital?”. Não é isso *não*? Sem um crachá, mesmo que ela *até* consiga um crachá, (...) você nunca (...) viu. Eu *tô* pensando *desde quando* eu li isso *lá* (...), *que* eu achei um absurdo, como é que ela *tava* atuando há três meses? Três meses! No Batista Caribé, no Irmã Dulce E em outro hospital. *Diz* que no São Rafael, Santo Antônio, *sei lá*, ou Santo Antônio ou é Irmã Dulce (...). *Aí* há três meses *prejudicando* as pessoas, medicando, *até* receitando. *Tava* receitando, *tava* dando injeções em criança, em adulto, sem... Só foi descoberta, porque prejudicou (...) *causou*, acho que, paralisia *numa* criança com uma injeção.

(...) *Então, como é que pode?* Não é possível. Se você *tá* acostumada a vir aqui em casa, você conhece todo mundo que *tá* aqui. No dia que chegar *que* achar alguém estranho, você me pergunta: “Maria, quem é essa moça? É sua parente?” (...). Não é isso? Poxa, é muito, muito irresponsável. Eu (...) *tô* achando demais três meses atuando, um mês *num* hospital, (...) outro *um* mês *ni* outro, *assim revisando* [revezando], *sabe?* Ela passa uma noite *num* hospital, uma noite em outro... Poxa, ninguém *ligar pra* ela, ninguém saber *conversar*: “Você vem de onde (...)?”. Um absurdo! Um absurdo causou a paralisia *numa* criança e outro problema *lá* em outra mulher. (...)

Na Clisur já aconteceu isso, (...) aqui em Periperi. (...) Uma vizinha minha perdeu uma criança com oito meses (...) de gestação, *com* uma injeção e ela tomou no hospital. Ela foi com dores, só que não *tava* no momento. Eram só dores causadas *de* algum problema. *Então*, chegando lá, deram essa injeção como se fosse *pra* dor, e ela *chegando em casa*, *ela* teve a hemorragia e o médico depois constatou que tinha sido essa injeção. A pessoa que aplicou essa injeção sumiu, desapareceu. A mulher que aplicou essa injeção, (...) quer dizer, quase mata *ela*. Perdeu uma *gestação* de oito meses, perto da criança *já* nascer, uma vida por causa de uma irresponsabilidade como essa. Hoje quando eu li, *eu* fiquei atônita, fiquei pasma, porque eu digo: “Meu Deus, não pode!”. (...) Sumiu a pessoa que aplicou a injeção nela na Clisur.

(...) Acontece (...) o mesmo que acontece com a polícia. Um policial que mata, que rouba, que estupra, e um pai de família se cair na fraqueza *numa* situação má, for ali no mercado roubar um pacote de leite, como já aconteceu, já vi, é espancado. Já aconteceu comigo e (?) grávida de nove meses por uma lata de leite. *Agora*, o policial mata, rouba, estupra e simplesmente perde a farda. A mesma coisa é o médico, *ele* é cassado, *nê?* *Diz* que caçam a licença. *Ele* não pode mais trabalhar. Mas, se ele *tava* fazendo isso tudo com a licença, sem licença ele vai continuar fazendo do mesmo jeito. (...) A mulher, hoje em dia, não faz aborto se não quiser. Chega *no* hospital... Não pode, é crime, *nê?* MAS (...) solte um dinheiro *pra* um médico em qualquer clínica e faz um aborto, *até* de oito meses, *prejudicando* a mãe, *nê?*

Morrerão meus filhos um a um?

(...) Ele saiu do hospital com uma (...) orientação *dietética* (...) *pra* anemia dele. (...) Eu não posso seguir por causa de *condições* financeiras, e a medicação também. (...) Agora porque eu *tô* com esse pensamento de ir *pra* São Paulo, passando *por* essa situação ruim, me apareceu trabalho. *Agora*, veja os trabalhos: de casa de família, *pra* trabalhar meio turno, *pra* ganhar meio salário... Não dá! Trabalho de telefonista era um salário, também não dá.

(...) Quando cheguei, (...) fiquei sabendo que as meninas *tavam* sem leite. Ela: “Ah, mãe, eu dei mingau sem leite a Ana e a *menina* <refere-se à neta>”. Quer dizer, a menina dela *já* é des-

nutrida, Ana *já com essa* volta de... (?) (...). *já* perdendo peso, se alimentando com o mingau sem leite, vai *desnutrir* também. Eu não quero isso *pra* ela! Deus me livre! O meu de seis meses *que* faleceu por isso. Gera desnutrição. *Aí* eu não quero. (...) O médico me disse (...) que meu filho, esse problema dele *todo*, é falta de alimentação. Já pensou?

O médico disse (...), olhando *pra* mim *assim* disse: “*Olha, tenha cuidado com a alimentação de Moisés*”. (...) A suspeita *que* eu tinha de anemia falciforme deu negativa. (...) O problema dele não é de uma anemia *assim* causada POR diferentes coisas. É anemia *só*, causada (...) exclusivamente pela falta de alimentação. Quer dizer, eu perdi um com seis meses, *nê*? Tenho consciência que foi por falta de alimentação, e *tem* essa daí <Ana> perdendo peso. *Tem* Moisés que já foi internado por falta de alimentação. Eu *tô* esperando o quê (...)? Morrerão meus filhos um a um? Se eu ficar aqui, eu vou ver meus filhos morrerem de um a um, *entendeu?* E eu não quero. Vou me ausentar deles, vou sentir falta, mas eu sei que vai ser melhor. Eu tenho isso dentro de mim, *que* vai ser melhor e confio em Deus que ele vai me indicar, *que* vou conseguir um trabalho. Vou trabalhar e juntar um dinheiro *pra* meus filhos, *pra* que amanhã eu possa dar a eles o conforto e a alimentação que eu não posso dar hoje. Eu não quero nada de mais, *sabe* (...)? Eu não quero riqueza, não quero conforto... *Bem que* se eu ganhasse no Papa-Tudo seria ótimo. Não *pra* luxo nenhum, porque por mais dinheiro que eu tivesse na minha vida, Deus sabe que eu não *tô* mentindo, - eu posso mentir *pra* você, mas não *pra* Deus - *que* eu não quero luxo. Eu quero uma casa bem dividida, com quartos *pra* meus filhos, separados do meu. *Que* meus filhos tenham uma cama com colchão, (...) PORQUE eles dormem no chão, dormem na cama com tábuas. Não é isso que eu quero *pra* meus filhos (...). Quero viver bem, quero que meus filhos durmam bem, tenham pijama *pra* dormir bem confortável, uma cama com colchão, *entendeu?* Tudo isso. Quero acordar de manhã e ter uma mesa bem colocada, *assim, pra* você tomar *um* café, sentar e comer meio-dia, NA merenda... Meus filhos (...) não *tão* sabendo o que é alimentação, imagine uma merenda! Três horas um suco, uma fruta...

(...) Eu tenho quase um ano desempregada. Eu ESTOU fazendo biscate. Quando arrumo uma roupa *pra* lavar *ainda* me enrolam. Eu lavo uma roupa a quinze reais, me dão cinco reais, cobrando *os pedaços*. E nessa situação péssima *que* eu *tô* passando, *tem* uns dois meses... (...).

Aí a minha situação é assim. Eu tenho meus filhos descalços. Cecília não tem uma sandália. Quando ela *calça*, eu fico descalça. Uma sandália *pra* duas. E Pedro tem uma sandália que calça ele e o outro de dez anos (...). Eu não me queixo nem por causa de roupa, sandália, nem de conforto. Eles dormem no chão... O pior de tudo, *nê?* Tudo isso é ruim. Eles não têm uma roupa *pra* botar no corpo, não têm uma sandália *pra* botar no pé. Tudo isso é ruim, mas o pior é alimentação. Hoje, eu te confesso... Eu comi o que meu Deus...? Acho que chupei picolé com Val.

Aí tô (...) em casa *assim*, fazendo as coisas, sinto tontura, porque eu tenho gastrite, tenho pressão baixa, tenho um monte de coisas em cima de mim que eu não posso, *assim*, passar da hora de comer. Não posso deixar de me alimentar, *entendeu?* MAS eu passo. *Aí já* é outro problema. *Aí*, se não procurar trabalho, se eu não procurar me cuidar, com o que eu lhe disse, *vão* meus filhos... Porque, se um deles tirar a camisa, você se assusta. *Tão* (...) *tudo* (...) *magro*, *contando* os ossos. *Eu* com esse problema, quer dizer, vão cair (...) doentes. Já caiu Moisés. A médica já me disse que foi por falta de alimentação. Ana e a dela <refere-se à Roberta, a neta> que já são desnutridas, você vê, *que* é um nada essa criança, *essa* minha neta. E tomando mingau sem leite!!

Não tem o leite, não temos condições de comprar o leite. Quer dizer, farinha com água. Quer dizer, vai desnutrir mais ainda. Ela não tem mais *pra onde* desnutrir, ela vai morrer (...). *Aí* pronto, *aí* vão meus filhos adoecendo por falta de alimentação. Minha filha que perde peso por falta de alimentação, eu que me sinto mal por falta de alimentação. *Então* eu tenho que procurar o melhor *pra* mim (...).

Internada com ataque de verme

(...) *Olha*, (...), eu *vou colocar pra* você que os meus meninos que tiveram problema de verme foi Moisés, *cê* [você] *sabe*. Ele teve problema de verminose *que* causou aquela anemia tão *grande*

nele... É, a filha desse rapaz *que* eu te falei agora, essa que *tava* aqui no meu colo, Rosa, ela teve verminose em Dias D'Ávila, tão pequena, que ela *tava* brincando *assim* e ela tirava o verme do narizinho *dela* e jogava lá. Ela dava *ataque* de verme em casa e eu corria *pro* posto. E o médico passava Licor de Cacau, e ela só vivia *no* Licor de Cacau, no chá *e tudo*. Chegando aqui, ele <refere-se ao pai da criança> internou *até ela*. Ela foi passar o dia com ele na casa dele. Ele morava em Coutos *e* ele levou *ela pra* passar o dia com ele. E ela deu o *ataque* de verme. Quando eu recebi a notícia em casa, *foi que* ela *tava* internada no Caribé. Ele disse que ela ficou roxa, botando verme. É horrível! *Aí* ele ficou... *Ele* ficou com ela porque eu não podia ficar, porque eu tinha Rita. Eu tinha vindo de Dias D'Ávila *pra cá*. Foi logo *que* cheguei de Dias D'Ávila (...) e ela foi passar o dia com ele. *Foi quando* deu esse *ataque* e ele internou, *e* eu não podia ficar porque Rita mamava... Por causa de Rita que era pequena, recém-nascida. Ele, por trabalhar, só podia ficar *a* noite. *Aí* colocou uma irmã dele, tia da menina, *pra* passar o dia. *Aí*, os dias que ela passou *foi* quase um mês, porque precisou fazer tratamento de sangue *e tudo*. *Então*, a irmã dele ficava durante o dia e ele ficava durante a noite. E eu só ia visitar. Nesse meio tempo, ela <refere-se à Rita> também caiu doentinha, e eu fui *pra* emergência do Caribé ficar com ela. *Aí* ficou ele lá *dentro* com a menina e eu *cá* na emergência com a outra. *Aí* quando ela dormia, eu pedia *pra* alguém olhar, ia lá *dentro*, ficava com ela, voltava. Minha vida é uma luta, *que* eu não sei onde eu acho força. É Deus *que* me dá, porque... *Aí pronto*, ela melhorou. *Agora*, é essa, Rita, que me apareceu com esse mesmo problema de verme. Ela teve um ataque aqui, outro dia, colocando verme pela boca, *essa loirinba*.

(...) Minha mãe conta que um menino morreu, e colocaram algodão em tudo que era canto, e elas [os vermes], o menino morto, *diz* que a criança morta e elas saindo, empurrando o algodão e saindo. *Diz* que é o saco que estoura, *entendeu?* É horrível! E o problema *dessa* Rita é sério, porque quando eu cheguei no Caribé, com ela passando mal, o médico pediu um raio X. E, ao olhar o raio X, ele disse: “*Olha* mãe, ou ela faz um tratamento sério *pra* combater essa verminose *dela*, ou ela vai ter que operar”. Porque o tipo de verme dela *era* um que pode perfurar a parede do in-

testino. *Aí* ia ter que operar. (?) o remédio que o médico passou, Licor de Cacau, *nê?* Licor de Cacau Xavier, passou Óleo Mineral, (...) o Licor de Cacau é *pra* acalmar os vermes, *pra* que ela pare de dar ataque e a *criança* não morra. É o único remédio (...) que pode dar *pra* criança quando dá *ataque* de verme, quando *tá* vomitando, botando pela boca, pelo nariz, *entendeu?* A gente não pode dar um remédio natural, qualquer remédio de verme, porque é isso que *causa* o saco estourar e a criança morrer.

(...) *Então* o que é que acontece? É o único remédio que pode ser dado. *Até mesmo* no hospital, quando a criança é internada com *ataque* de verme, só é dado isso *aqui*. A médica queria internar *ela*. Ela disse: “Ó [Olha] mãe, ela vai ter que ser internada, *que* o caso dela é internamento”. (...) Eu falei assim *pra* ela: “Doutora, o que é que ela vai tomar no hospital?” Ela disse: “*Olha*, ela vai fazer um tratamento, ela vai tomar o Licor de cacau com o Óleo Mineral, e o Óleo Mineral *ele* vai causar nela uma diarreia, *que* é *pra* poder expulsar todos os vermes que ela tiver”. Eu falei: “*Olha*, eu tenho Licor de Cacau em casa e meu pai tem o Óleo Mineral”. Ela disse: “Então, você pode levar *ela pra* casa, mãe, e pode dar os dois”. Esse *aqui* de doze em doze horas, ou seja, duas vezes ao dia, e o de *cá*, ela mandou que eu desse *assim, pra* dosar, por causa da gravidade, *nê?* Ela *tava* com a barriga dura e grande e ela falou assim: “Ó [Olha] mãe, você dá um, assim que chegar *em* casa” (mandou *assim* dar três vezes ao dia) “*No caso*, você dá, daqui a uma hora, depois dá daqui a três horas. E depois, quando você vê que ela *tá* com diarreia, você volta a dar três vezes ao dia, de oito em oito horas”. Eu disse: “*Tá* bem”. Mas, em vez de causar a diarreia que ela disse que ia causar, a menina ficou com prisão de ventre. Eu nunca vi isso na minha vida, nunca! Ela *assim*, com a barriga enorme, enorme *mesmo*, chegava brilhava e não conseguia fazer cocô! E eram vinte e quatro horas: “Ôi, ôi, ôi”. O tempo todo. *Aí* ela descansava por cinco e minutos e começava a gritar. Você *tá* vendo aí essa porta que *tá* faltando? Foi o pai dela desesperado que chutou! Chorando com ela no colo! Chorava ela, chorava ele! *Que* dá pena, ela grita *mesmo*, ela estica o corpinho *assim*, no colo da gente: “Mamãe, *tá* doendo muito”. E *aí* ela começa a suar, a boquinha fica roxa e eu fico louca! Ela começa a querer vomitar, *aí pronto!* Eu acho que estourou, que

ela vai botar verme pela boca e vai morrer. Eu *fico* em desespero. *Aí* chora ele e chora eu. *Aí* ele *tava* em desespero com ela no colo, *pra* lá e *pra* cá, deu um chute. *Aí* eu disse: “Pelo amor de Deus, se você quebra desse jeito, vai ser pior, porque eu já não tenho nada e *aí* você fica nervoso e quebra minhas coisas... Não vai adiantar nada! Procure se acalmar”. *Aí* eu tentei acalmar *ele*. A gente *tava* sem dinheiro, (...) *numa* situação *super* precária. Eu *peguei* meu bujão, empenhei, *pra* comprar esse remédio, *que* eu não tinha esse dinheiro. Só *pra* poder não internar *ela*, *nê*? Meu pai tinha *esse aqui*, eu peguei o bujão, comprei esse remédio na esperança dela melhorar. Mas ela colocou o quê? Colocou um verme uma vez! *Aí* deu prisão de ventre na menina. O Óleo Mineral acabou, *aí* nós tomamos cinco reais emprestado, *que* ele custa quatro reais e cinqüenta, compramos esse *aqui* e *aí* começamos a dar. Continuamos a dar *pra* ver se..., e *nada*. Eu pegava laranja, mamão, e *nada*. “Meu Deus, o que é que eu vou fazer?”. E ela com a dor. A gente ficava assim: ela ficava vinte e quatro horas e dois dias no hospital (?). Quantas vezes a gente saía de madrugada aqui com ela, quantas vezes a gente foi *pra* emergência das Pedrinhas, lá no Caribé, e no outro dia voltava. Eu achei uma irresponsável nas Pedrinhas, *que* olhou *pra* mim e disse assim *pra* mim... Eu saí aqui de casa, ela com dor, *ela* gritando no meu colo, e ela me perguntou: “O que é que ela tem?” “É ataque de verme”. “E desde quando ataque de verme é emergência?”. Por Deus do céu! Eu *aí* olhei *pra* ela e disse: “Se ataque de verme mata, porque não é emergência?”. Eu não entendi! Quando chegou lá *dentro*, *que* a médica examinou, pegou a menina, botou na ambulância e mandou *pro* Caribé. E não era emergência? Eu nem discuti, *sabe*? Eu *tava* tão preocupada com minha filha que eu só fiz perguntar *pra* ela isso: “Se mata, como é que não é emergência?” Eu vou deixar a menina em casa, *pra* pegar o médico no ambulatório, ou seja, sair aqui de casa quatro da manhã, e não adianta! Eu quis levar ao médico de ambulatório, o que é que aconteceu? Ele saiu na quarta-feira passada, amanhã faz oito dias, quatro horas da manhã de casa, pegou uma ficha *pra* médica, marcou *pra* segunda-feira. Eu levei *ela*, a médica não foi. Marcou *pra* ontem, *pra* terça de tarde. “Ah não, venha amanhã de tarde”. Não, minto, marcou *pra* segunda de tarde. A médica não veio, ela disse: “Ah, então venha

amanhã de manhã às 10h”. Deu dez, deu dez e meia, deu onze, *aí*, quando deu meio-dia, *avisou* que não vinha. *Aí* a gente começou a reclamar, fomos a um médico *lá*.

(...) Clarissa... Não, a que falou que não era emergência, foi uma de cabelo cortado, uma gordinha que usa óculos também, cabelo bem curtinho, eu não sei o nome dela. E a médica que faltou esses dois dias É a Doutora Clarissa. Eu *tô aí* com a ficha dela. Ela não veio na segunda de tarde, não veio ontem pela manhã, o rapaz disse: “*Olha*, o que eu posso fazer é marcar *vocês pra* ela novamente, *pra* sexta-feira”. Quer dizer, eu vou esses dias *mais* com ela e ela toda hora reclama: “Mãe, a barriga *tá* doendo”. *Aí* eu *pego* Dipirona, dou umas gotinhas a ela *pra* poder segurar, pedindo a Deus que não dê outro ataque até sexta-feira. Por causa da irresponsabilidade da médica, não veio na segunda, não veio na terça e isso já faz quase oito dias. Sexta-feira *ainda!* Se ela vier, *nê?* Mandou que eu *tivesse* lá às 9h. Se ela vier, *nê? Ainda* tem isso! *Então* a gente fica dependendo...

Eu quero atribuir a esses insetos

(...) Moisés tá bem, tá melhor que... Sabei só umas frieiras no pé, que eu também fui a casa dessa enfermeira amiga minha. Ela me deu um iodo, um xampu, um xampu preparado pra eu lavar. Lavei o ferimento dele duas vezes, E coloquei o iodo E uma pomada que ela me deu. Enrolei com gases e em dois curativos (...). Em dois curativos ficou aqui também. Eu só lavei uma vez (...)

Moisés apareceu COM umas feridas. (...) Tá pocando o corpo. Eu tenho certeza que é daqui, desse rego *aí* que passa. (...) Sim, porque essas muriçocas, esses mosquitos que picam, pousam ali pra beber água. Só pode ser isso. *Aí*, tá com o corpinho todinho, ó [olhe]. Às vezes, eu acho... Também não sei se é isso, (...) porque ele não anda nuzinho e tá saindo na pintinha dele, os ovinhos tão cheios de carocinhos, na cabecinha, nas mãos, tudo. É uma coisa que eu fico sem saber o que é. Eu fiz exame de sangue não deu nada, a não ser anemia. Então não é nada no sangue, e eu fico sem saber o que é. Por isso, eu quero atribuir a esses insetos, eu acho que eles têm algum tipo de alergia, eu não sei. Deve ser alguma coisa, mas eu não sei. Quero que o médico me diga alguma coisa, mas os médicos daqui são uma vergonha! Eu te falei

da minha menina? Que a médica... Meu marido pediu na quarta-feira, (...) quarta agora fez oito dias que ele foi pegar uma ficha às quatro horas da manhã, pra ser atendido na segunda-feira, a médica não foi, e foi pra terça e não foi, e pra hoje também e não resolveu. Eu me chateei porque ele queria a ficha... Como é que eu ia ter a ficha se eu fiz a ficha desde segunda-feira, e a ficha fica lá? A gente chega com a fichinha e dá o nome da criança. Ele pega o prontuário da criança e fica na sala, na mesa da médica. Ela vai lá, aí arruma por ordem de chegada. Ele queria aquilo ali na minha mão. Hoje, não viu ele me perguntando? E o prontuário? O número? “Doutor, ele fica aqui”. “Mas mãe, como é que eu posso fazer com o prontuário aí? A senhora dá o nome da criança e (...) vai procurar”. Aqui quando não dorme de tarde fica assim. Não dormiu, tá morrendo de sono. Quer ver dormir? É pegar, e dormir com certeza. Pois é, (...) depois [pois] a minha vida é isso aí. Já te falei da minha gravidez de Rosa, da gravidez de Rita e da gravidez de Carlos. E da saúde deles é essa. Ele só tem esse probleminha, graças a Deus, e tem agora essa alergia. As feridinhas do corpo saíram por causa da alergia. Teve também uma diarreia quando desmamou. Ele não quis mais mamar, eu aí passei a dar o mingau. Eu não digo que foi do mingau, porque ele continua com o mingau até hoje. Também não sei o que foi. Não sei se foi o fato de tirar o peito, mas ele teve uma diarreia muito grande, perdeu um pouquinho do peso, que ele era bem gordinho, mas agora recuperou e tá aí. Tá sadio, graças a Deus!

Tem doenças que dizem que são hereditárias

Nesse tempo, Moisés voltou a inchar os olhos, mãozinhas, mais a área dos olhos assim ao (?) é o mesmo, e Ana *tá* doente agora. Ana agora apareceu com febre, (...) tendo febre alta sem saber por quê. Depois ela ficou rouca sem *tá* resfriada, sem nada, problema de garganta, (?) de alguma coisa que eu não sei. Problema de garganta também pode ser hereditário? Pode passar *assim* de pai *pra* filho?

(...) *Que* tem doenças que dizem que são hereditárias. Eu... O pai dela teve problema de garganta e ela tão pequenininha não *tava* resfriada, não *tava* nada, e ela ficou com a garganta inflama-

da. *Tã* rouca e com febre, tem muita febre agora, a *boquinha* da febre muito alta *tava* dando *pra pocar* a boquinha toda.

Ela é muito fraquinha

Fiquei de novo no soro E NA nebulização com medicação, e vim *pra casa*. *Então*, graças a Deus, no domingo eu já dormi bem(...) e *aí* na segunda eu já *tava* bem. Só que na segunda quando eu amanheci melhor, a menina de Cecília já amanheceu *ruinzinha*, toda molinha, já apresentando também diarreia. E *aí* ela <Cecília> levou ao médico. É, amanheceu mal. A mãe dela só dava o soro, (...) mas ela não aceitava nada, NEM mingau, nada. Fizemos o soro *pra dar pra* ela, mas ela vomitava.

Como o médico *manda* o soro, você COLOCA *num* litro de água. (?) É em pacote que eles dão. A gente tem sempre em casa. *Então*, fez o soro e ela, *nada*. Fez o soro caseiro com um copo de água, uma pintada de sal e um punhado de açúcar. *Então*, a tendência é você ter que levar ao médico *mesmo*. Levou ao médico E eu fiquei admirada pelo estado dela. Não internaram E mandaram de volta, como você viu. (...) Fizeram o exame de sangue. *Na hora* não deu nada, e *passou* o exame de sangue, fezes ou de urina e de fezes, que já foi feito. Eu já levei. Só pediu três amostras. A primeira, a segunda, falta a terceira amostra, que era *pra* ser levada hoje. Ela não fez cocô e *tem* que levar amanhã.

(...) <o pediatra> passou os exames. Ele disse que não tinha uma (?) *pra* dizer nada sobre o problema de febre, *essas coisas*, sem os exames. E a desnutrição dela, que é uma *desnutrição* muito grave, *que* ela *tá* perdendo cinco quilos. *Então* disse que qualquer *gripezinha* pode *até* matar, pode derrubar, porque ela *tá* muito fraca. Ela é muito fraquinha, *entendeu?* *Aí* mandou dar tudo que ela comia normalmente. *Agora*,, muito líquido, muita verdura, muita fruta, coisa que não *tava* tendo, *nê?* (...)

(...) Como é que uma mãe vai deixar um filho chegar *aquele* ponto? (...) É como eu dizia a Cecília naquele dia. Eu prefiro não discutir, não conversar porque *pra* quem *tá* fora do problema sempre acha a solução, *sabia?* Você já reparou que chega uma pessoa *pra* você, *pra* gente, (...) e fala assim: “*Mas menina, tô sem nada em casa*”. “Menina, (...) pede ao vizinho e vai trabalhar”. “Menina, eu não *tô* achando trabalho”. “Ah. *arruma* uma roupa, *faz*

uma faxina”. Como se a gente tivesse aquele lugar, *sabe?* “Faz alguma coisa”. Não é assim. A gente não acha, a gente não tem. “Ah, menina, não tem carne!” “Faz um escaldadinho de feijão”. Não tem o feijão, gente, não tem a farinha, *nê?* Eles não entendem isso. Ela não quer aceitar o leite, mãe, vai *pra* verdura *faz* uma...

Uma pessoa que tá urinando sangue

Eu tenho meu pai <ano 2002>, que a essa hora... Eu ia conversar com você sobre meu pai, *que tá* me preocupando muito. Depois da minha filha, é meu pai. Ele *me saiu* um carço do lado, *que* criou uma ferida por fora, *nê?* E a gente não sabe o que é. *Vai* ao médico, fez alguns exames. Já foi ao Caribé, já foi *pro* Roberto Santos, já foi *pro* HGE e todo lugar *que* ele vai, mandam *ele pra* casa, *pra* procurar médico de ambulatório. *Agora*, um homem que *tá* naquela idade que meu pai *tá* geme vinte e quatro horas. Ontem ele *tava* aqui nesse mesmo horário, deitado aqui, botei o ventilador, fiz uma sopinha e ele disse que não conseguia comer e ôi, ôi, ôi, o tempo todo. Cecília *foi que* conseguiu o exame dele, que conseguiu o encaminhamento. E ele hoje, saiu hoje de tarde com a minha irmã *pra* levar *ele* até Irmã Dulce, Hospital Santo Antônio, *pra* ver se consegue internar. Eu já saí com ele daqui três horas da manhã, peguei uma fila no Irmã Dulce, fui até a assistente social falar com ela. Quando ela olhou e não viu *ele* perdendo sangue, e nem *numa* cadeira de *roda*, nem em cima de uma maca, viu *ele* sentadinho lá só, ela disse que não podia fazer nada, *que* ela só podia *botar* lá *dentro* se ele viesse de ambulância, tivesse (...) nas últimas!

Então não tem mais jeito! *Então* é uma coisa, (...) que me deixa horrorizada! *Me vem* lágrimas nos olhos, me dá aperto no coração. Meu pai, eu *tô* vendo a hora de morrer dentro de casa! Uma pessoa que *tá* urinando sangue, faz exame de urina e esse exame dá normal! Onde já se viu isso? É normal a gente urinar vermelho, com massa branca? Não é normal! Ele tem certeza *que* é aquele problema da próstata. Ele disse que todo problema da próstata ele sente. Ele foi ao médico daí das Pedrinhas. (...) Minha irmã levou *ele* até lá. O médico fez o exame. É, faz... *Agora* faz o exame da próstata. É marcado com o Assistente Social da manhã, só dois dias na semana, segunda e quarta. E, segundo ele, *ele* acha

que é esse problema da próstata. Eu não sei! É uma dor que ele sente, (...) que ele geme vinte e quatro horas, o tempo todo. É ôi, ôi, ôi. Quantas vezes eu *tô* aqui dormindo e *aí* chegam: “O seu pai *tá* ali passando mal”. *Aí* eu saio daqui correndo, peço ajuda a alguém. *Aí*, peço socorro, a gente bota no carro e leva *pro* hospital. *Chega lá*, dão injeção de dor, botam no soro um pouquinho e mandam *pra* casa. Meu pai foi *pro* Roberto Santos e disse que foi *super* maltratado! Chegou *aí* chorando: “Minha filha, eu nunca fui maltratado assim”. “O que é que o senhor veio fazer aqui? Isso aqui não é médico de ambulatório. O senhor procure médico de ambulatório e vá se cuidar”.

(...) Não, atenderam *ele* assim como se... Simplesmente disseram que ali não era lugar *pra* ele, *que* ali era uma emergência. E uma dor que *dá* sem parar, sem explicar *de* que, eu acho que é uma emergência. Não é emergência uma dor de dente... Se bem que tem dor dente que é, porque eu já fui parar no HGE, com uma dor de dente! Atacou garganta, atacou cabeça, *que* eu andava, (...) parecia uma louca! Eu ia daqui *pra* ali, me batia naquela parede, me batia aqui, *sabe*, eu pensei que ia ficar louca de uma dor de dente! Eu digo *até hoje* que eu prefiro mil vezes ter um filho, do que ter essa dor dente que eu já senti. Deus me livre! Imagine uma dor como a que meu pai sente! Você vê, ele muda de cor, ele não consegue comer: “Oh, minha filha, eu sei que uma hora dessas vão me achar morto, porque eu não sei mais o que fazer!”. Quando passam um exame, *que* a gente vai marcar, marca *pra*... Teve um exame dele *mesmo* que a gente foi em novembro E FOI marcado *pra* fevereiro! Como é que pode? Não tem.... *Aí* a gente *tá* correndo atrás de uma internação, porque internando ele...

(...) *Então* o último lugar que faltava era Irmã Dulce. *Então* ele foi hoje com minha irmã. Como eu *tava* dizendo, pela manhã, ontem, eu disse a ele... Ele veio aqui saber se eu podia ir com ele: “*Olha*, meu pai, se você deixar *pra* ir na parte da tarde eu vou, porque de manhã eu *tô* esperando uma pessoa”. *Que* a minha esperança é que eu conversasse primeiro com você, *pra* ver se você tinha alguma coisa a me dizer.

(...) Eu espero que ele consiga, mas eu *tô* achando muito difícil. Ele foi mesmo com dor, andando *devagarinho*. Ele anda devagar, *nê*? Agora doente *tá* andando mais devagar ainda. Só sobe e

só desce com Yolanda do lado, minha irmã de onze anos, apoiando. Quer dizer, ele foi hoje com minha irmã, mas minha irmã é *de menor*. Quer dizer, não me esperou *pra* ir agora *a* tarde. Foi com minha irmã. *Aí* eu não *tô* com esperança que ele consiga.

A saúde é essencial pra qualquer pessoa

A saúde *pra* mim é importante (...). Eu acho que a saúde é essencial *pra* qualquer pessoa. *Pra* mim a saúde é (...) uma mistura de higiene com boa alimentação, e cuidado pessoais de higiene. Enfim, tem que ter um pouquinho de cada. *Pra* a pessoa ter uma boa saúde, a pessoa tem que ter higiene e uma boa alimentação. *Pra* mim saúde é isso. (...) ter uma boa alimentação, uma boa higiene (...) mental e física. Por exemplo, se a pessoa *tá* de bem com a vida, se a pessoa *tá* mal. (...) *Até* depressão, *até* a gente *tá* triste *diz* que também é ruim *pra* saúde. *Até* isso, *nê*? *Diz* que sorrir faz bem *pra* a pele. É isso *aí*. *Então* eu acho que é um pouquinho de tudo.

(...) Para tudo que eu passo, para tudo que eu já passei, que eu passo ainda, *tô*, *assim*, com essa força toda, essa garra... Eu acho que eu tenho uma boa saúde. Não tenho a saúde que eu queria ter, também não tenho a *saúde doentia*. (...) Alguns problemas de coração, de pressão, *entendeu*? Mas são problemas que não me (...) atrapalham no dia a dia *não*. Trabalho, eu faço tudo e não me atrapalho. *Pra* mim, *pra* eu sentir alguma coisa é muito difícil *assim* (...).

A higiene é básica

Mais uma vez, *pra* mim, a limpeza é tão essencial quanto a saúde, porque, como eu disse *pra* você, a saúde *tá* *dependendo* da higiene. (...) Eu acho que a higiene é básica. Banho pela manhã, os dentes... (...) em casa, um banho antes do almoço é muito bom. A gente fica fazendo tudo, *aí* (?) toma um banho (?). *Tá* suada pela tarde, no começo da tarde, e de preferência um banho antes de dormir. (...) Com sabonete, banho completo, banho sem sabonete não é banho. Nem se molha! AQUI SÓ PODE (...) tomar banho de maiô ou com *minishort*, ou com uma blusa só de sutiã, *que* aqui não toma banho bem *não*. O banho como eu tomava... Tomo de maiô ou de short e de blusa.

A CASA TEM QUE ESTAR sempre limpa e arrumada. (...) Meu quarto, a minha cama, na cozinha, acho que (?) são os pratos e... na sala, enfim é arrumação geral, porque chega uma pessoa, *tã* aquela bagunça. Infelizmente, quando eu tinha uma casa, ela vivia assim, mas agora... Eu só [sozinha], com um irmão que *tudo* é ali, é *mais* impossível. Agora é mais difícil, se torna praticamente impossível, *quanto* mais cheio de meninos.

3. A MATERNIDADE

3.1. *Vencer a morte*

Eu morri e vivi de novo

Eclampsia é o seguinte. *Diz* que a dor do parto vai *pra* cabeça. Uma colega minha que deu eclampse falou assim... Quando eu tive Pedro conheci *ela* no interior (...), conversando. Ela tinha uma menininha. *A gente conversando ela* disse: “Olha, eu só tenho essa filha. Só não posso ter mais não porque eu tive eclampsia”. *Aí* eu perguntava a ela o que é eclampsia? Ela é uma dor (...) a dor do parto vai *pra* cabeça; em vez da gente sentir dor de parto, sente dor na cabeça realmente. Foi o que aconteceu comigo. *É só que* a dor é tão grande que a gente não sente como uma dor, a gente desacorda, dá uma crise, um ataque e desacorda, apaga *entendeu?* A eclampsia é isso, uma coisa muito horrível, e eu não senti dores no parto do meu filho <refere-se à filha> *Se é como eu estivesse* aqui conversando com você, *entendeu?* Como se eu estivesse assistindo outra pessoa a *dar luz*. Eu não senti dor nenhuma.

(...) meu deus xô [deixe-me] lembrar... esse parto de Ana foi durante o dia (...). Ele <o marido> me levou *foi de* manhã (...) saiu umas nove horas e me deixou lá <no hospital>. Quando eu cheguei, já *tinha* uma moça lá que *tava pra dar luz, entendeu?* E eu FIQUEI ajudando (...) comecei a conversar com ela *pra* acalmar, dizendo *pra* ela que ela não fizesse força no pescoço, que ela respirasse fundo, *tudo* explicando, conversando com ela, acalmando *ela, né?* E eu achei *por que*, por eu *chegar* e ela já *estar* ali, eu achei que ela ia ter menino antes de mim. *Tinha ela* e outra NA SALA só que ela *tava* mais assim mais *nervos*, mais alvoroçada, mais dores, mais contração. Eu cheguei, fiquei calma, assim como eu *tô* aqui. Eu dormi um pouco, acordei, e eu *tava* perto dela, dando força *pra* ela quando a enfermeira chegou e *aí* (?) falou: “Não, você NÃO pode ficar em pé, deita *aí*, fica com a barriguinha *pra* cima, abre as pernas e fique *aí* quietinha; (?) sai de perto dela,

que pode dar a dor, o menino nascer e bater a cabeça no chão”. *Aí* falei *pra* ela: “Não tô sentindo nada”. *Ela*: “Mas se deite”. *Aí* eu deitei. *No que eu deitei, que abri as pernas*, ela falou assim: “Olha”, *aí* chamou a outra rápido. (...) “Olha aquela dali”. “Vamos”. “É você aí, com esse, é você”. *Tava eu* perto da outra, eu pensei que era a outra, *nê?* Continuei deitada. *Ela* <a enfermeira>: “Não, é você. *Se apresse, venha, que já vem nascendo*”. Eu achei aquilo incrível porque eu não *tava* sentindo dor nenhuma, nenhuma mesmo. Eu, se alguém me contasse isso, eu não *acreditava, nê?* (?) Meu deus, como é que pode uma mulher *dar luz* a uma criança, a criança sair e não sentir nada? Mas eu digo que é verdade porque eu passei por isso.

<A enfermeira> me levou *pra* sala de parto. Quando ele <o médico> me botou na sala FALOU: “Faça força”. E eu sem fazer força, como que a contração é uma coisa natural. Eu não estava sentindo nada. Eu comecei a conversar com o médico e a criança nasceu. Ana nasceu sem que eu sentisse. Eu ESTAVA conversando com ele e a menina nasceu. Eu disse: “Já?”, “É menino ou menina?” e ele disse: “menina”. Eu queria dar um menino <ao marido> (...) Eu disse: “Que droga!”.

Eu ainda falei assim PORQUE eu não estava sentindo nada. *Aí* me tiraram da mesa E me colocaram na maca. *Me* colocaram *assim* no corredor, *que* primeiro cuidam da criança *pra* depois CUIDAR da mãe. *Aí* cuidaram da criança. (...) No corredor, comecei a sentir dores. Eu tenho problema de gastrite. Comecei A sentir dor. Então achei que fosse da gastrite. Comecei A sentir dores fortes *assim*.

Então, em nenhum momento eu tive muito medo. Eu acho que o único momento EM que eu vi a morte de frente *mesmo* mais *próximo* a mim, foi no nascimento de Ana. Quando eu tive o problema da eclampsia, (...) lembro que (...) comecei a me bater muito. Primeiro começou com dores, dores muito fortes, tive que gritar *mesmo* no hospital, e vômitos e depois comecei a me bater. *Daí* não vi mais nada, quer dizer, naquele momento, nem mesmo naquele momento, eu pensei assim, *tô* morrendo, nem mesmo aquele momento eu tive medo, *entendeu?*

Foi uma coisa assim tão rápida e tão inesperada que quando *tava* sentindo as dores *só* e vômito eu associei *a* gastrite, *que* eu tenho problema de gastrite. Então achei que *é* alguma coisa *assim*

(...) da gastrite, alguma dor, então (?) ou fosse por causa do parto, eu não sabia. Agora, quando eu comecei a me bater a... *assim*, eu pensei que eu *tava* tendo uma convulsão *de* febre, mas também pensei que eu ia ficar vendo tudo, eu pensei que *tava* me batendo *assim* por causa da febre muito alta e dali ia melhorar, mas foi *assim* que eu apaguei e *então*, se fosse a morte, *na hora* eu também não ia sentir, não ia perceber, não ia dar tempo *pra* ter medo, mas foi o momento que eu mais gritei, que eu mais tive perto da morte, foi no nascimento de Ana, *entendeu?*

Foi quando eu me vi mais grave (...), eu não me vi grave durante o tempo que eu passei desacordada, mas quando eu acordei *que*, meu deus, quando me olhei, eu disse: “Eu morri realmente”. Eu tenho uma colega que se chama Ana também, *que* é enfermeira, e ela *até hoje* quando se encontra com as *meninas* DIZ: “Menina, você tem que *estrangular* logo, porque você, (...) morreu e viveu novamente”.

A ENFERMEIRA disse: “Ói [olha] isso é da sua gastrite. Você não comeu nada”. (...) *Me* deram um comprimido, *MAS* não adiantou. *Aí* me levaram *pra* sala (...), mas as dores pioravam e trouxeram a menina, *pra botar* perto de mim, e eu não conseguia nem dar mama *pra* ela, *sabe?* Eu *tava* sentindo muitas dores, *tava* inquieta, não tinha jeito de dar mama *pra* ela. Eu não conseguia e naquele mesmo dia *dei uma crise* de eclampsia. Eu lembro bem que *tava* deitada, *me lembro como agora...* (...) comecei a sentir dor e de repente (...) eu lembro só de começar a me bater. Bater o lado direito, *sabe?* O braço começou a tremer, a se bater e fiquei sem entender aquilo. (...) Olhava *pra* menina, olhava *pra* moça que *tava assim* perto de mim *e o braço batendo*. *Aí* eu apaguei. Não lembro de mais nada. Não posso te contar mais nada porque não lembro. (...) lembro que abri os olhos e vi as coisas, mas quando acordei não lembro de nada.

Quando eu acordei estava em outra cama, no mesmo quarto, mas em outra cama, com meu lado esquerdo amarrado a cama. *Disse* que eu me batia muito e *QUE pra* não me machucar tiveram que me amarrar. Eu acordei amarrada com o soro (...) e a criança não *tava* mais comigo. Quer dizer, *nesse meio* TEMPO botaram a menina *pra* mamar em outra pessoa, porque nascida *assim*, novinha, tinha que mamar, e eu *tava* naquele estado. Então tiraram o

neném. E *aí* eu acordei sem a menina. (...) Ela <a enfermeira>: “*tá se sentido melhor?*” Eu disse: “*Tô*”. *Aí* ela começou a trazer o café, essas coisas (...). Eu entrei lá na segunda-feira. *Aí* eu dei essa crise na segunda mesmo. Quando eu acordei *foi na* terça. Já acordei no outro dia. Então, na terça-feira *eu lembro que aí* trouxeram a menina *pra* ver se eu conseguia dar mama *e tudo*. Eu lembro que a minha irmã foi me visitar ou foi meu marido, não lembro bem, *quem* dizia assim *pra* mim: “Dá mama *pra* ela, dá mama *pra* ela”. E eu não conseguia, *sabe?* E *aí* da segunda crise eu não lembro, da segunda crise não lembro muito bem *não*.

Eu *tive* morta (...). Quando eu acordei *já era no sábado* e eu *tava* na sonda, *sabe?* *Tava* magra Cristina, abatida. Sabe o que é uma pessoa se jogar *mesmo*, dormir sete dias? Dormi uma semana inteira (...). Não levantava *pra* nada, não comia nada, no soro (...) no balão de oxigênio e na sonda. Quando eu acordei, eu *tava* assim. Então eu pensei: “Ô [oh] meu Deus, eu morri e ressuscitei porque a Bíblia diz que a morte é um sono profundo, é como o sono, só que a diferença é que não acorda mais”. Então morri e vivi de novo.

E *aí* da segunda crise eu não lembro, da segunda crise não lembro muito bem *não*. Comecei a tremer novamente, *sabe?* Escutei tudo na minha mente. Comecei a ficar tonta. *Aí* eu comecei a dar outra crise. Eu apaguei. Não sei mais de nada *também*.

Na primeira vez só me trocaram de cama. Nessa outra vez, *já* me botaram *num* quarto, sozinha. *Tava num* quarto sozinha em outra cama. (?) Eu *tava* na sonda *e* também amarrada no soro. Estava super abatida. Eu *tava* magra, amarela *e* com os olhos fundos. *Tava* horrível! *e* também a menina não estava comigo. *Aí* foi quando eu pedi *pra* deixarem a menina comigo. *Aí* trouxeram a menina. Eu *tava* tão mal que a minha irmã <Claudia>, essa que *tá de barriga*, estava lá comigo, me acompanhando. Eu *tava* dormindo em uma cama e (...) quando eu acordei, ela estava em outra cama, perto de mim, dormindo lá no hospital. Ela levava as coisas dela, dormia, cuidava da menina *pra* mim, botava a menina *pra* mamar na outra pessoa, trazia de volta. Eu botava *pra* mamar em mim um pouco *assim*. Então ela me ajudou muito.

Quando acordei foi *assim* na sexta-feira. Ele foi me visitar *e tudo*, quando *foi no sábado que fui* perceber alguma coisa. *Aí fui*

perguntar que dia é hoje. *Aí* me disseram: “Sábado”. *Digo*: “Meu deus, eu vim ter menino NA segunda-feira e eu *tô* aqui *até hoje que eu dormi!*” *Pra mim* eu *tava* dormindo. Foi horrível, uma experiência muito ruim mesmo. Tudo que comia vomitava. *Me* senti mal e quis vir embora. Não quiseram me dar *a* alta, *entendeu?* Eu *digo*: “Mas eu quero ir”. *Tava* sentindo dores, mas eu dizia que não *tava* sentindo nada. Depois até me arrependi. Cheguei *em* casa. Pensei que ia morrer.

“Ô [Oh] meu Deus, eu devia ter ficado no hospital”. Mas o tempo todo que *tava* lá eu ficava *vendo* as crianças e queria vir embora. *Me* sentia muito só. *Aí* eu menti dizendo QUE eu não *tava* sentindo nada. Também me deram alta, mas não deram alta *pra* ela <refere-se à Ana>. Não *tava* podendo mamar, *essas coisas e tal*. Ela nasceu muito branca. Quiseram que ela ficasse no hospital *pra* dar banho de luz nela (...) Eu *digo*: “não, eu tenho que levar *ela*, não vou embora E vou deixar *ela*”. Assinei o termo de responsabilidade e trouxe comigo. O resultado foi que ela ficou nos primeiros dias *boazinha*, mas depois veio A apresentar o problema. *Eu em casa*, me recuperando da eclampsia, *mas aí* ela foi apresentar o problema que (...) *pegou* mamando em outras pessoas (...).

(...) Acordei com muitas dores, e eu menti, porque disse que *tava* me sentido bem *pra* vir *pra* casa, *que* não agüentava mais o hospital. (...) eu me desesperava, Cristina, porque até A água que eu bebia eu botava *pra* fora. Sentia muitas dores (...). Eu sentia fome e não podia comer, porque, quando eu sentia fome e quando eu botava algo na boca, eu botava *pra* fora com fortes dores. Eu não agüentava mais ficar em pé. Eu sentava E cansava, se ficava em pé, cansava (...). Eu *nem* sei *nem* explicar porque até deitada eu me cansava (...). João tem uma rede QUE ele armava (...) no fundo (...) E eu deitava na rede um pouco *assim, daqui a pouco* doía. Eu me sentia tão fraca QUE eu achava *assim* que eu ia deitar e não ia levantar (...). Eu tinha medo do, do... por causa do parto, eu achava que ia *dar* crise. (...) eu tenho certeza (...) que já *tive* perto duas vezes de dar esse colapso de novo. É por isso que eu tenho essa pergunta a fazer a um médico e ainda não fiz (?).

Cristina, me foge do pensamento *assim* porque o colapso é um problema que *dá* só durante o parto. Se der antes do parto,

diz que morre (...) (...) durante o parto (...) o médico tem que escolher se salva a criança ou a mãe, tem que fazer aquela escolha e geralmente escolhe a criança, a mãe *não*. No meu caso, a minha salvação, a bênção que Deus me deu, foi de dar <a crise> depois do parto. *Então* depois do parto ficou mais fácil *pra* mim. A menina já *tava* fora de perigo e as pessoas dizem que morri e vivi, PORQUE eu dei duas crises de eclampsia (...)

Então, como eu *tava* dizendo, eu achava que (...) eclampsia só dava *assim* no parto, *entendeu?* *Então* tenho que perguntar *assim pro* médico porque DEU umas duas vezes. Cristina (...) não sei se tem ALGUMA associação com problemas de *nervos*, essas pessoas que ficam nervosas e dão (...).

As pessoas que já deram <refere-se às crises> CORREM risco maior, *alguma* COISA *assim* porque, em casa eu já senti umas duas vezes. (...) eu tive medo, fiquei morrendo de medo. *Aí* pronto dessa vez senti medo porque não *tava* sentindo nada. Eu *tava* bem *assim*, de repente, eu senti o meu braço direito adormecer e como se quisesse... COMO eu fosse começar (...) a me bater, como eu me batia no hospital... *Me* bater, me debater, *sabe?* O braço cai, *eu* sem saber controlar. *Então* eu já tive perto disso duas vezes. *Então* eu tive medo. Eu disse: “Ô [oh] meu Deus, será que esse problema é outro problema ou é (...) a eclampsia *que* eu corro o risco (...) de dar outra crise”. Eu fiquei sem saber. *Então* é uma pergunta que eu quero *saber* do médico. Você que tem mais amizade nesse ramo *não esquece* de perguntar isso *pra* mim. Se uma pessoa que deu, como no meu caso, logo após o parto eu dei a crise de eclampsia, se depois com um tempo, como agora mesmo já tem um ano, (...) se eu corro o risco de dar outra crise de eclampsia *assim*. (...) se a eclampsia é só no parto ou eu posso *dar* depois.

Eu sou muito nervosa, mas ainda não. (...) minha mãe tem, o meu pai tem e a minha irmã, a do meio, tem problema de *nervos*. (...) tem hora que a minha mãe chega a tomar *até* remédio. (...)

(...) o médico falou: “Você é muito forte, porque duas crises de eclampsia! *Eu vejo*... quem dá eclampsia morrer. Quando não morre fica louca, *entendeu?* O médico disse e todo mundo sabe disso. Eu tenho uma colega *assim*, *maluca de eclampsia*. Eu tenho colegas que tiveram filhos *que* não podem ter mais, se operaram,

já ligaram *e tudo*, porque não podem ter mais. Eu mesmo *tô* querendo ligar. Já fui ao médico (...). Fiz um exame de coração porque *pede*. Já peguei o resultado *até, pra* mostrar *pra* ele. *Tô pra* fazer agora o exame de sangue, fezes, urina. Fiz o preventivo. Só falta agora pegar o resultado *pra* poder levar *pro* médico que faz a ligadura, *pra poder* (...) ligar, estrangular mesmo.

3.2. Amor é decepção

Eu nasci pra ser dona de casa

(...) Tem gente que diz: “Ah, fulano canta tão bem! Ele nasceu *pra* cantar! Eu também acredito que a Sandy nasceu *pra* cantar com aquela voz maravilhosa *que ela tem*. Eu acredito que um pastor que eu conheço nasceu *pra* ser pastor e que o irmão Antonio nasceu *pra* ser cristão, *entendeu?* Então cada pessoa nasceu *pra* aquilo. Eu digo que eu nasci *pra* ser dona de casa. Desde moça eu nunca gostei de muita pintura. *Agora*, por ser essa pessoa muito simples, nunca gostei de bijuterias muito extravagantes. Nunca gostei de minissaia *super* curta *pra* mostrar a calcinha, short assim que parecia mais um biquíni como as meninas usavam. Nunca gostei. Sempre *aderi* mais ao maiô do que ao biquíni. Ia *pra* festa, mas não como as meninas *pra* se drogar, ou *pra* fumar, *pra* curtir como elas dizem, porque elas costumam dizer, chamar isso de curtição. Na hora que eles saem *pra* curtir a vida, eles são curtidos. Eu digo a eles: “Quem sai *pra* curtir a vida, acaba sendo curtido”. Eu acho que aproveitar a vida... Gosto de festa. Eu gostava muito. Meu negócio era sair com os amigos, conversar, rir muito, dançar, eu adorava dançar. O que me afastou, quando eu era mais jovem, da igreja, *é que* eu começava a ir *pra* igreja, mas o pessoal dizia: “Vamos *pra* festa? Vamos *pro* clube? Não tinha jeito. Eu tinha que ir, *sabe?* Não agüentava mesmo. Mas também culpa dos meus pais, porque, muito pequena ainda, do tamanho de Moisés, me colocaram em academia de dança. Começou na escola. Teve uma festa na escola, eu *dançando* com as meninas. Passado *no* outro dia, a diretora da escola *teve* na minha casa. *Aí* eu tava brincando e quando entrei, dei com ela conversando com a minha mãe. Na época eu morava em Catu, *aí* eu *deparei* com ela conversando com meus pais, dizendo: “*Olha*, ontem na festa

da escola Maria dançou muito bem e *tinha* uma colega minha que tem uma academia e me aconselhou a colocar *ela numa* academia de dança”. Então eles me colocaram numa academia de dança e eu fui aprender sapateado, balé, dança clássica e *tudo*. Então eu dançava muito bem. Teve uma outra festa também, Cris. Falo com um pouquinho de orgulho *que* a gente também tem que ter de uma coisa boa que a gente faz. (...) De orgulho, *nê?* A gente também... *Que* tem coisas ruins na minha vida e tem coisas boas. Uma vez também eu fui a um ensaio de um bloco carnavalesco. Eu *tava* dançando. Eu era menina assim como ela. Eu *tava* dançando e eu lembro *como hoje*. Eu *tava* com um conjuntinho quadrículado preto e branco. Era uma calça e uma miniblusa *assim*. *Aí* o rapaz lá do microfone disse *assim*, parou tudo, e falou assim: “Ei, você!” E eu fiquei olhando *assim*, tinha tanta gente, *nê?* E ele *falando*: “Ei, você!” Todo mundo *aqui* embaixo era você, *nê?* *Aí* todo mundo olhou e ele: “Você, ei, você *aí* de preto e branco”. *Aí* as meninas disseram assim: ”É você”. “Sobe, vem *pra* cá dançar!”. Mas a vergonha não deixou, *nê?* Depois que terminou o ensaio, ele me perguntou se eu não queria fazer parte. Eu já me apresentei na televisão. Quando mocinha eu fazia parte de um grupo de jovens. Eu sempre fui assim muito expressiva. Comecei a *botar* as minhas idéias *pros* outros.

Quando jovem já era assim bem expressiva

Quando jovem já era assim bem expressiva. Eu gostava de passar minhas idéias *pros* outros. A gente do grupo jovem fazia quadrilhas. Já ouviu falar em quadrilha de São João? São João, *nê?* Tem aquelas festas. A gente fazia aquelas festas, fazíamos grupo de danças com músicas populares e apresentávamos na televisão. Fazíamos gincana em programas de televisão também, na Itapoã, canal cinco, gincana de bairro. Juntávamos aqueles jovens, *nê?* E inscrevia o bairro da gente na gincana e assim *sucessivamente*. Eu não me arrependo de nada, quando uma pessoa fala assim: “Ah, você casou com catorze anos? Você não se arrepende?” Eu digo: “Não, porque eu aproveitei muito a minha infância”. Porque hoje em dia eu vejo meninas de nove, dez anos assim, já falando em namorar. Sei lá, se *adultando* cedo demais. Eu costumo dizer *pra* minha irmãzinha *ali*: “Ó[Oh] fez doze anos, mas já tem namoradi-

nho”. Eu *tava* falando *pra* ela: “Pelo amor de Deus, aproveite sua juventude que é uma coisa maravilhosa!”. É ótimo, Cris, é ótimo! Eu aproveitei a minha, aproveitei muito! Eu não podia ouvir dizer: “Ali tem um trio”. Eu corria, colocava um short e ia pular atrás do trio até *aonde* ele fosse. *Sabe*, eu queria brincar, mas também pulava sempre onde tinha policiais, onde tivesse pouca gente. Quando tinha briga, eu corria. Nunca gostei de *muvuca* [multidão], *nê?*

Muvuca é multidão de gente, muita gente. Nunca gostei e também o *negócio* era sempre assim, gostava de festa, mas também sempre escolhi poucos amigos, sempre... Uma curiosidade também que eu acho que eu nunca te disse, é que eu sempre procurei ter mais amizades com rapazes do que com moças. Agora vou te dizer o porquê. Porque entre as meninas sempre havia ciúmes de namorado e fofoca: “Ah, Maria disse que Val falou, que Juliana...”. Eu ficava assim: “Meu Deus, como é que pode? Todo mundo é amigo e *hoje em dia* a gente *tá* aqui. Ontem nós fomos todas *pra* festa e hoje está essa fofoca grande. Eu *tava* na festa ontem e não vi nada disso, mas já *tão* falando que Val disse, que Maria falou, que Francisca beijou João, que é namorado de Daniela, *entendeu?* Eu *tava* lá e não vi nada disso! Também se eu visse, eu não *vi*. Se eu passasse, vamos dizer, que eu *tava* com Val que era namorada de Pedro. Eu passava aqui com ela e se visse Pedro com Francisca, eu não vi nada, porque eu vou dizer *pra* Val, *que* vai brigar com ele, depois vão fazer as pazes e vão ficar zangados comigo, *entendeu?* Então eu não via nada. Eu procurava ter mais amizade com homens porque não havia fofoca, não tinha ciúmes, não tinha nada. *As vezes* eu *tava* em casa, mocinha assim com doze, treze anos e baixava um time de futebol na minha porta: “Dona Sara, cadê Maria? ”*Aí* eu saía e ia. Seguiu *eles*: “Vão *pra* onde?” “Jogar bola”. E *aí* aquela alegria, aquela cosia, não tinha... Fazia festa, convidava: “*Olha*, tragam a namorada de vocês, *entendeu?*” Mais amizade com homem. O meu amigo... Eu tinha um amigo chamado Alexander. Eu chamava Alexis. Era meu amigo *assim pra* todas as horas, *pra* problema, *pra* desabafar. Assim, como a gente chama, confidente. *Então*, era *assim tudo* meu amigo. Eu tinha um amigo que morava só e eu *sendo* uma moça, ele podia querer se aproveitar, *nê?* E não acontecia isso.

O povo sabia que as minhas irmãs roubavam, fumavam maconha. As vezes eu saía de casa chateada: “Hoje eu não tô a fim de assistir aula”. *Até* perto da casa de meu amigo dava *pra* ver a casa de meus pais, dava *pra* ver quando eles saíam e *até* mesmo quando eles chegavam. Eu dizia assim: “Hoje eu não tô a fim de assistir aula, vou *pra* casa de Ronaldo”. *Aí* eu ia. Ele já sabia que *às vezes* eu ia *pra* lá. Eu já sabia onde ficava a chave, abria, assistia *a* televisão e fazia *até* mesmo algumas tarefas no caderno. *Às vezes* eu dormia. Quando ele chegava, eu *tava* dormindo e *amizades limpas, entendeu?* Nunca mexeu comigo, simplesmente ele me acordava. *Quantas vezes* eu saía de casa e ia *pra* casa dele conversar com ele e no momento certo, no horário, eu ia *pra* casa, *sabe?* Sempre assim. Sempre escolhi bem minhas amizades. Já me dei e me dou até hoje com ladrão. Com gente que fuma maconha. *Sabe*, não gosto de estuprador. Não gosto quando diz assim: “Ah, roubou *ali*. Bateu, matou *pra* roubar”. *Isso* eu não gosto, se eu puder não olhar, eu não olho. Mas assim: “Ah, fulano é ladrão. *Tã* fumando maconha, cheirando cola”. Aqui ninguém mexeu comigo. Eu costumo dizer assim: “Você me respeita no que eu sou, eu respeito você no que você é”.

Quando eu passei a ser cristã *achei* muita crítica. Não dos verdadeiros amigos, porque, é como eu disse a você, os verdadeiros amigos apóiam você, e, quando você vai fazer alguma coisa errada, eles te alertam. *Então*, eu escolhia os amigos assim. *Então*, quando eu passei a ser cristã *que* eu encontrava os amigos verdadeiros: “Ó [Oh] Maria, soube que você agora é cristã?” “Sou”. “Graças a Deus por isso. Tomara que um dia eu também seja e eu vá orar com você”. Então aquilo me incentivava, enquanto encontrava outros *bananas*, falsos amigos que diziam assim... Já me encontrava fazendo gozação, *nê?* Encontrava comigo e já de longe: “A paz do Senhor, irmã”. “Maria, vai ter uma festa...” “Não chame *ela* que ela agora é crente”. *Sabe*, como é? Aquelas críticas *assim*, que se você não for... Se você não tiver firme, lhe derrubam. Eu dizia assim: “*Olha*, se você quiser ser realmente minha amiga você me respeita no que eu sou que eu lhe respeito no que você é, *entendeu?* Então a amizade continua. Não é porque você seja cristã, que a nossa amizade *vá* terminar. Do mesmo jeito que

“você me convidava *pra* ir a uma festa e eu ia, hoje se eu convidar você *pra* ir *pra* igreja também...”.

Foi a minha primeira decepção

Antes de casar, fugi com uma amiga também. *Nesse mesmo pensamento*: “Ah *deixe* eu viver minha vida longe, *que é pra* não ver esses problemas!”. Eu trabalhava na casa dos outros *e tudo*, mas não deu certo. *Me* acharam e voltei *pra* dentro de casa. Tinha doze anos (...). *Aí* que eu fui conhecer o subúrbio, porque *então* não conhecia aqui. Quando nós fugimos, eu vim *pra* Paripe.

(...) Ele era um ex-namorado de uma amiga. *Aí* ela me apresentou *pra* ele. Ele gostou de mim. Eu gostei dele e começamos a namorar *com* uma semana depois. Namoramos oito meses (...) e foi *até* com ele, Cristina, que eu me perdi. (...) perdi *mesmo* e culpo *ele até hoje*. (...) Não, porque é o jeito que as pessoas falam, não sei. Eu falo porque eu ouço falarem assim, mas o certo é que umas dizem “saí de casa”, outras dizem “me perdi”, outras dizem “perdi a virgindade”. Seja como for, foi com ele que me perdi depois de oito meses *de* namoro. E foi também meu primeiro amor e a primeira decepção (...) depois de oito meses de namoro, enquanto eu não tinha me entregado *pra* ele, (...) era aquele maior amor, era (...) maravilhoso, ele tentando e eu me recusando, com medo, só tinha doze anos *e tudo*. Mas, quando ele conseguiu, (...) quando eu entreguei *pra* ele, me entreguei *num* dia, no outro dia *tudo*... *Sim*, então eu achei, botei na minha *mente* que ele só me queria *pra* aquilo. (...) Com oito meses. *Me* entreguei *pra* ele *num* dia e no outro terminamos. *Então* foi minha primeira decepção. (...) Eu vim *a* ter muito namorado (...), depois de (...) mulher. (...), depois dele, foi *logo* o pai de Cecília *que* eu me casei. Desde que terminei com ele, não minto, (...) teve um outro rapaz que se chamava Luis.

Ele gostava de mim, mas eu não gostava dele. (...) *ERA pra* agradar os meus pais. Ele era muito bom com minha mãe, uma pessoa muito direita. Eu também *tava* sem ninguém, *tava* sozinha (...). Ele era um amigo e ele pedia muito *pra* namorar comigo e eu aceitei *assim* por pena, porque ele me fez *pergunta* <pediu em namoro> eu disse que ia pensar, (...) e quando eu cheguei da es-

cola ele *tava* lá e já tinha pedido *pra* meu pai DAR o consentimento (...), *pra* namorar comigo na porta.

E eu fiquei com vergonha de dizer um não *pra* ele (...). Eu fiquei com pena dele, *de fazer passar* aquela decepção. Então eu aceitei (...). Ele me enchia de presente, era louco POR MIM. Namoramos ainda uns quatro meses e *tudo*. Eu dava aquelas desculpas (...) de quem não gosta. Ele vinha me ver *num* dia e eu dizia assim: “Olha, você só me vê amanhã ou depois de amanhã” (...). Era um dia sim e um dia não, uns dois OU três dias na semana. Eu dizia que ia estudar (...). Dava sempre *desculpa*, por não gostar dele. Ele vinha no dia que eu dizia *pra* não vir, ele vinha e a gente brigava: “Luis eu disse *pra* você não vir *que* eu tenho que estudar”. *Me* enchia de presente e dizia que *logo tava perto é* de noivar. Ele queria noivar comigo. Falou com meus pais que queria noivar comigo. *Aí* eu vi que o negocio *é* partir *pro sério* (...) Eu não quis. Eu *digo*: “No quero”. Minha mãe: “Sou contra”. *Se* aborreceu e *tudo* mas eu não gostava (...) DELE. (...). Quando chegou perto do noivado, eu terminei, porque ia partir *pro sério*. Mas depois fiquei sozinha.

(...) *Aí*, um ano depois, ou uns meses depois, completei catorze anos e comecei a ensinar *num* colégio. Estudava de manhã e ensinava de tarde. (...) QUANDO passei a estudar *à* tarde, passei a dar banca de manhã (...). Eu gostava muito de lecionar e gosto até hoje. Então eu conheci o pai de Cecília.

Eu me casei não por amor... eu me casei por opção de vida

Eu nasci em Monte Azul, cidade de Minas, mas morei quatro anos em São Paulo. E de São Paulo vim *pra* cá e até hoje *tô* aqui. Isso é uma mistura, nasci em Minas, mas *tô* na Bahia! Eu vim *pra* cá aos quatorze anos. Casei nova. Não foi exatamente por amor *não*. Meu casamento foi *assim* (...) *pra* fugir de problemas com a família e *tudo*. *Aí* eu queria sair *dentro* de casa e achava que o único jeito seria casando. *Quem sabe!* Terei minha casa, minha família e meus próprios problemas. *Aí* sairei dos problemas da minha família, problemas *desses assim* que na minha família TEM, meu pai, polícia na minha casa. Essas coisas *que* eu morro de vergonha de minhas amizades (...).

O primeiro homem que apareceu na minha frente *eu casei*. Eu me casei não por amor (...), eu me casei *assim* por opção de vida. (...) Eu gostava dele um pouco, mas foi *mais* a pedido de todo mundo de casa. (...) Não foi de *um* amor! Devido aos problemas de casa *que* eu nunca me encaixei bem na minha família, *sabe?* Como se um caroço de feijão nascesse *numa* espiga de milho. É meu caso. Então eu nunca me *bati* bem. Quando eu vim a descobrir *mesmo, assim*, o que era vida como minha família (...) me decepcionei muito. Eu queria fugir daqueles problemas (...). *Então* primeiro tanto fazia ele como qualquer outra pessoa que, *disse assim*, me propusesse uma outra vida (...) longe dali... Eu aceitaria". (...) Ele me chamou *pra* fugir. Eu fui (...) com ele sem gostar, sem nunca ter tido nada com ele, sem (...) dar um beijinho nele. "Vamos fugir?" "Vamos!" Eu não sabia *pra* onde. (...) Nós fomos *pra* Gandu (...) um interiorzinho. (...) Eu só *vim saber* onde eu estava, quando eu cheguei lá. (...) Eu chorava muito dia e noite *pra* vir embora *pra* casa e quando *voltou* meu pai FALOU: "Minha filha tem catorze anos!" (...) Meu pai nos obrigou a casar.

Achava que ia melhorar minha vida, e aos catorze anos CASEI com esse marido E convivi bem. (...) Meus *anos* foram bons, porque eu pensava assim: "Eu não gosto, mas com o tempo eu vou passar a gostar". Ele já *tava* muito bem.

Era o meu marido, o pai dos filhos mais velhos. Convivi com ele oito anos e *ai* foi *que* me separei, mas sempre conversando com ele, falando *pra* ele que não eu gostava dele. Sempre FOI jogo aberto, *que* sempre *gostou* de mim e entendia. Dizia *pra* mim que o que ele sentia valia *pra* nós dois. A gente ainda conviveu oito anos. Não dava. Eu fui levando essa relação PELOS filhos. Ainda tive *até* esses três filhos E não *era* porque eu *quis*. O primeiro filho *era* porque eu tinha curiosidade. Achava muito bonito mulher grávida. Até hoje eu acho. Queria muito ter uma filha *mulher*. Então tentei. Veio ela, e depois os outros. Uns oito anos depois me separei dele e passei a viver sozinha. Depois de dois anos (...), conheci o pai de Pedro.

Eu saí de casa com a roupa do corpo

Eu só tenho queixas dele DEPOIS do casamento, porque hoje em dia ele não quer mais AJUDAR. Tenho um FILHO <Victor> de treze

anos que mora com ele. Ele é um homem que ganha bem porque é motorista. Ele *tá* encostado, *bem verdade*, mas ele trabalhou na empresa IBTU oito anos. Hoje em dia trabalha na empresa Liberdade *que parece* que nem existe mais, mas continua recebendo. Não quer dizer nada, *que* na época ainda era empregado. Ele agora *tá* encostado por causa do INPS, mas ele recebe. Tem uma boa casa em Mussurunga, uma ótima casa. Quem conhece *ele* sabe a vida dele financeira. Ele ganha bem. Ele não paga aluguel porque a casa é própria, não paga água, nem luz porque os irmãos têm uma oficina do lado e por essa razão pagam a conta de água e de luz. (...) O pai dele e o irmão mais velho, que é bancário, têm condições e ajuda, porque meu filho mora com ele, (...) Victor, (...) todos gostam muito. *Então* o avô manda as compras *pra* Victor. Não gasta muito com compras. Não paga colégio. Não sei o que ele faz com dinheiro (...) *que* ainda manda compras de vinte reais, trinta reais, *pra* passar o mês aqui (...). É um absurdo! (...) O colégio *que* meu filho estuda *de treze anos* é estadual, não é do governo. Ele não paga o colégio (...). Não sei o que ele faz com o dinheiro dele, e não me ajuda financeiramente. Eu tenho três filhos com ele. Tenho *esse* de dez anos, tenho a de quatorze e um de treze. *Tudo com ele* registrado, tudo direitinho e ele não me ajuda.

Não, eu me separei dele... foi por, *assim, pra* tentar fazer que eu voltasse. Ele segurou as crianças e me deixou ir só. Eu sou um pouco desaiada (?). Eu queria a separação, ele não queria, (...) eu queria sair de casa e ele não queria sair. Eu queria que ele *sáisse*, eu não queria sair. *Eu digo*.... e tomara que seja assim. Eu *peguei, saí* de casa com a roupa do corpo.

Fui trabalhar na casa dos outros. (...) Eu já sofri muito. Fui morar na casa de (...) uma moça *lá onde* eu trabalhava. Eu vestia as roupas dela. Depois de três meses *de separada foi que* ele me deu os meninos, *que* minha mãe foi embora *pro* interior. (...) Ele começou a não querer ajudar *assim, na certa pra* eu voltar (...). *Aí* me deixou passando dificuldade com os meninos. Depois passou a ajudar. Ele teve uma época (?) acho que com a esperança que eu voltasse *pra* ele (...). *Me* ajudava muito. (...) Eu morava de aluguel. Ele pagava o aluguel. Dava as coisas *pros* meninos *tudo* direitinho. Quando ele viu que eu não *voltava pra* ele *mesmo, aí* passou a ser ruim também, passou (...) a não querer ajudar.

Independente de eu morar com esse homem, ele tem três filhos comigo. Todos são registrados. Todos são filhos dele. (...) ele não me ajuda. Esse de dez anos, ele só foi (...) nas escolas que eu já coloquei *ele, tudo* por intermédio *meu*, escolinhas (...) particulares. (...) ele nunca estudou mesmo, *pra* dizer assim, estudou o ano inteiro *pra* passar de ano. *E nada*, esse ano eu quero botar o menino no colégio.

Aí mandei um recado *pra* minha filha *que* ele recebe o dinheiro dia nove. *Quando foi* no dia doze, eu mandei a menina ir lá, *que* (...) ele faz assim, ele mora em Mussurunga, são quatro *transportes*, dois *pra* ir dois *pra* voltar, *mas* ele faz as compras e quer que eu arranje dinheiro *pra* buscar. Diz que não manda, sabe?... De humilhação. Um pouco de *coisa*, *mas* ele vem aqui *tudo*, *mas* ele não traz. *Mas*, se eu quiser, *eu mande quem quiser ir buscar*. Eu mandei a minha menina ir lá no dia doze. Ele disse que não, que só era *pra* mandar, quarta feira, *que* no caso amanhã. *Aí* eu disse: “Tudo bem”. Deixei, amanhã vamos tentar arrumar dinheiro *de transporte pra poder a menina* ir lá buscar essas compras.

Aí ele *manda* dois quilos de cada coisa [] não mandava pasta, nem sabonete, *nada* nas compras. Quando a gente falava, ele dizia que isso era luxo, não sei se higiene é luxo porque uma escova e um sabonete, uma pasta, *uma coisa*. *Sei que* não mandava. Ele não manda *não* nas compras. Ele disse que *isso aí* é luxo. *Aí* eu mandei a menina lá e mandei um recado de volta: “Você fala *pro* seu pai que vou fazer um acordo com ele. Ele paga a matrícula do menino e fica pagando a mensalidade de oito reais *para a gente*”. Não é nada *pra* ele (...) *porque* ele trabalha (...) tem o dinheiro dele todo mês. *Isso é*, ele paga a matrícula *que* eu consigo material *e essas coisas*. Eu dou um jeito com minha mãe *e* com meu pai. Eu dou um jeito, lavo roupa, ele só paga a matrícula. Ele mandou *me* dizer que o menino não estudou *até hoje* *e que* não precisava estudar mais, *que* ele não ia mandar o dinheiro. Então me disseram: “Olha, Maria, corre atrás, vai no juiz, vai no juizado dar uma queixa dele”. (...) Eu tenho que lutar (...) Então *esse aí* merece que eu vá *pra* justiça, brigue (...) pelo meu direito.

(...) Casei com ele com catorze anos, vivi oito anos e *saí* do meu casamento com a roupa do corpo, porque até as coisas que *tinha dentro em casa* (...) ele vendeu, coisas que meu pai me

deu. Tudo que tinha em casa meu pai *me deu* de casamento e ele vendeu tudo. Já me disseram que até isso (...) ele teria que me (...) repor, mas eu não quero. Ele já chegou a me perguntar, ele tem tanto *medo que* eu brigue com ele na justiça, que ele já me perguntou *quanto* eu quero *pra* dar o divórcio. Eu falei (...) que eu não quero nada dele. Eu quero só os direitos *que* ele assista os filhos dele *direitinho*, quero o meu direito. *Disse* que eu tenho direito a vinte por cento do que ele ganha, até o momento que eu assinar (?). Ele vai me dar *um tanto* pelo tempo que eu fui casada, separada e que ele não me assistiu *até hoje*. (...) depois eu vou passar a ganhar vinte por cento do que ele ganhar (...). *Aí pronto*. Esse é um direito que eu tenho. (...) Esse direito eu quero. *Também* não sou burra, *nê?* Foram oito anos da minha vida (...), eu tô deixando *ele* em paz, *que* eu esqueci, mas ele alega que Geraldo, o terceiro filho, não é dele. (...)

Eu tenho mil direitos

Tenho que resolver meu problema da separação, mas, *como eu digo, pra* tudo tem que ter dinheiro. Tenho que me separar civilmente dele *que* eu sou casada. Tenho que botar *ele* na justiça, brigar no juiz pelos direitos de meus filhos (...). Quer dizer, eu tenho mil direitos. Tenho direitos. Os móveis *que tinha* na minha casa, não tinha nada comprado por ele, tudo do meu pai, *que quando* eu me casei, meu pai, além de fazer minha casa, foi quem me deu jogo de quarto, jogo de sala, aquelas mesas pretas com cadeiras, fogão, *tudo foi meu pai que me deu, nada* dado por ele. Quando eu *me saí de dentro de casa*, ele vendeu tudo. Ainda tem isso que, se eu botar *em questão*, ele vai me dar tudo isso de volta. Quer dizer, *dizem* as pessoas, mas eu acredito que sim porque não foi ele que me deu nada *que quando* eu *saí* de casa ele vendeu tudo *com raiva*. Eu tinha uma máquina de costura, eu tinha tudo... Ele vendeu tudo, até minhas roupas quando eu voltei *pra* pegar eu não achei mais.

É, eu quero me separar dele legalmente, civilmente, e quero também *é* brigar com ele judicialmente. Eu quero o direito de meus filhos. *Aí* eu sempre disse isso pra ele: “Olha, eu não quero nada de você, mas a menina <Cecília> você tem direito (?)” (...). Eu não quero nada, nunca quis exigir dele, nem ando com ho-

mem, nem ando sozinha. Nunca pedi *essa de me dar* uma pensão. Eu *tô* doente. Você tem de me dar o meu remédio, não, nunca, jamais. Você tem de me dar roupa, isso nunca, sempre disse a ele só quero (...).

Ele veio, já tem um bom tempo, *pra cá*, desde (?) o pai desse daqui, *que* ele me *aparece* com procurações em branco *pra* eu assinar *aí*. Eu disse *pra* ele que não. Eu *digo*: “Não, eu tenho que ter um advogado”. “Eu tenho um advogado” <diz o marido>, “quem é seu advogado? <pergunta Maria>” “Meu primo”. Eu *digo*: “Piorou ainda sua situação, seu advogado seu primo e você vem com *procuração dele*, não assino”.

Aí ele marcou comigo: “Vamos *em* tal lugar”. Marcou comigo lá perto da prefeitura *pra* ir falar com o advogado. (...) Eu fui lá *as* duas *outras* vezes que ele marcou. Eu fui e *nunca* ele foi. (...) É, ele quer a procuração em branco, *pra* poder fazer o que ele quer e eu não quero. E dele *até hoje* eu não quero nada (...). Eu quero só *segurar* os direitos de meus filhos. Acho que eu tenho um direito *tão grande aí com ele*, *que* ele já chegou a me perguntar quanto eu quero *pra* dar a separação *pra* ele. Perguntou o que eu queria: “Que você quer *pra* me dar a separação?”

E ele vai ter que me dar mesmo (...). Ele (?) disse que eu tenho direito. Eu tenho uma vizinha *colega minha que* ela separou do marido há muito tempo *já* também, mas só agora *que* veio *A* assinar. Ela começou a receber vinte por cento do que ele ganha todo mês. Separada. Já se separou. Ela começou a continuar recebendo (?) vinte por cento do que ele ganha e passou a receber (?). Só tem uma filha com ele e essa filha (...) parou de receber porque já ficou *de maior*. *Aí, no caso*, meus filhos com ele são todos *de menor*... O que *tá* com ele é louco *pra* ficar comigo, porque ele é uma pessoa *assim*: ele tem condições *e tudo*, mas ele não sabe como tratar as crianças. Ele assiste *tudo*, me xinga *de tudo aquilo que nem* menino. Eu tenho um menino, *coisa assim* de sua cor, é um amor. Ele tem treze anos, mas *tá* fortão. Todo bonito porque ele é alto, bem alto e bem forte. *Aí* o menino puxou *a* ele, bem alto e bem forte, mais alto que a menina.

Ah, não fica *não*. *A* mais velha que eu tenho é essa de catorze anos *E* eu vou *recorrer* agora. Não sei nada *não*. Só falei com uma *nega que só* a secretaria da associação <de moradores de Nova

Constituinte> *pra* ela me encaminhar, *pra* alguém dizer o que eu tenho que fazer. Eu *tô* procurando *assim* uma pessoa que possa, que saiba andar, que eu não sei *conversar* isso. *Aí* eu sei *onde eu chegar*. *Diz* que eu sei entrar e sei sair de qualquer lugar. Já andei muito. (...) *Se lembra?* Eu trabalhei na companhia *assim e tudo*, eu *andei muito de serviço de convenção*. (...) Eu tenho muito *conhecimento* também, muita gente ali, mas o que me afasta de lá são os meus problemas (...), *nê?* *Eu indo, tenho nem como me vestir pra* ir a um lugar desses, procurar uma pessoa dessa... *Aí* eu prefiro não *ir* e o problema *tá aí*.

Ele diz que não é dele, mas é mentira

Depois que o menino tá com dez anos, ELE DIZ QUE não é dele, mas é mentira. Ele *tá* querendo se safar (...) da responsabilidade com o menino, *nê?* Que seja um a menos porque já tem duas *FILHAS* com outra mulher. A menina <a outra filha> passou pelo mesmo problema que eu. Até a menina fazer quinze anos, não era filha dele. Não registrou, não dava nada. Depois de quinze anos, *foi que* ele viu que a menina *parece* com ele *e tudo*. Acho que aceitou e agora ele *tá* começando *a* ajudar. Mas ele não vai fazer o mesmo com meu filho. Não vou deixar que meu filho complete quinze, dezesseis anos, *pra* poder ele ter como filho. *Depois*, o filho é dele até os dois anos, porque agora deixou de ser? (...) Eu vou começar a andar, correr atrás *pra* resolver isso. (...) Vou procurar saber como é que faz o exame, se é pago vou pedir, vou *pra* prefeitura porque não sou boba. Eu não sou boba *não*. Eu sou uma pimentinha. Se tiver que ir *em* fórum eu vou, se tiver que ir *em* cartório *eu vou*, se tiver que ir *na* prefeitura *eu vou*, se tiver que falar com o governador *eu vou*. Onde tiver que ir *eu vou*. Mas, eu quero esse exame! (...) Eu faço questão!

O menino (...) *vê* ele chegar e *dá bênção* a ele. Ele não responde. (...) Geraldo é tão *sentido* com isso, quando ele faz assim, (?) (...) "Eu vou *pra* casa de meu pai". Eu digo: "*Num* vai não". Porque ele ia só *pra* ele maltratar. O menino *dá* bênção. "Bênção, meu pai" e ele, de mão no bolso ele *tá*, de mão no bolso ele diz: "Deus lhe abençoe!". Maltrata muito ele. (...) Isso me dói muito e eu não vou deixar barato o que ele faz com o filho. Porque eu

sou assim, (...) eu digo a qualidade dos meus filhos, os defeitos, ninguém é perfeito. (...).

Outra decepção também... mulheres, mulheres!

(...) Quando conheci o pai de Pedro, Ricardo, eu já te contei que não teve namoro, *nê?* Fugi, voltei, casei. (...). *Foi* uma vida, no começo, *até boa* porque eu procurava passar um pouco de carinho *pra* ele e atenção, porque ele era uma pessoa muito boa comigo. (...) Gostava muito de mim! Eu *sempre* muito sincera, dizia *pra* ele os meus sentimentos, mas ele era uma pessoa muito boa comigo. *Então*, (...) o pai de Pedro foi o seguinte: QUANDO NOS CONHECEMOS, ele dormia na casa de minha mãe. (...) O pai de Pedro é primo do pai de Vicente, da filha da minha irmã, *entendeu?* (...) Ele *ia muito* lá em casa e *tudo*. Então me conheceu. Passamos a nos gostar e *antes* eu era muito farrista, gostava muito de sair. Depois que eu passei a morar sozinha com minha mãe, deixava meu filho com ela. Trabalhava durante toda a semana, mas o final de semana era meu. (...) Sexta, sábado e domingo era só *pra* sair *pra* (...) seresta, clube, praia, *entendeu?* Eu saía muito. *Então* ele também era desse tipo. Gostava muito de farra, *até hoje*. *Então* nos conhecemos, combinamos. A gente saía muito *pra* praia, (...) *pra* seresta, (...) esses lugares *assim*, e nos divertíamos muito. (...) *Saiamos* muito, curtíamos, como diz a história, *nê?* E a gente curtia muito e a gente começou a se gostar (...) de verdade. Dele gostei de verdade. (...) Vivemos seis anos e meio. Ele estudava *à* noite (...) e de dia também trabalhava. Trabalhávamos os dois juntos *na* semana *toda* e no final de semana era só *pra* curtir.

Conheci mais uma vez por intermédio de minhas irmãs. Ele é irmão (...) do marido da minha irmã. (...) E nos (...) conhecemos e também mais uma vez eu fui muito sincera. *Foi* um mês *pra* que eu desse um beijo nele. Foram dois meses *pra* que nós tivéssemos alguma coisa, porque eu (...) contava *pra* ele (...) as decepções e meu medo de gostar de alguém novamente, *entendeu?* E mais com esse passado. COM o tempo, a amizade da gente e *tudo*, ELE conseguiu me conquistar. Eu comecei a gostar de verdade! Ele tinha um terreno. A gente, juntos, (...) construímos uma vida e dentro dessa vida foram três anos. Mais uma decepção. Foram três anos e meio (...) *morando com ele*. Depois eu descobri que ele

já *tinha* um ano com uma outra mulher. Então *aí* eu terminei o relacionamento (...). Foi decepção e depois dessas decepções eu botei na cabeça que não quero mais ninguém. Vou ficar sozinha, *sabe?*

Outra decepção também. Mulheres! Mulheres! (...) Ele estudava à noite e cada noite era uma mulher diferente (...). Eu sou como você (...). Sou muito fácil de gostar, mas odeio me decepcionar. Sou como você. Eu gosto de ser única com aquela pessoa. *Então* eu me dou totalmente, mas eu gosto de ter volta. (...) *Me* decepcionei com ele também. Depois que larguei *ele* (...) fiquei mais um ano com a minha mãe.

De Pedro... e já sofria, porque, como eu te contei (...) fui *pro* interior. Lá larguei o pai dele e fiquei sozinha. Ali, *pra* dar a meus filhos, eu *já* pedia (...) naquele tempo (...) eu já trabalhava à noite e vendia de dia (...) trabalhava de faxineira. Ali já sofria muito.

Ficou uma carga muito grande para mim sozinha

Olha o pai de Pedro (...) não liga *pra* ele. (...) Uma vez ele me roubou. Ele veio. *Aí* as pessoas *falando*: “Olhe, é o ruim, é o bom, é pai, não sei o quê, deixa” (...) veio um dia de São João. Foi um mês antes *do* meu filho nascer, de *QUE* meu filho morresse *AOS* seis meses. *Então* sofrimento *junto*. Minha filha *que* chegou grávida, não consegui perder (?) o bebê. Meu filho que morreu <Marcelo> e *esse aí* que o pai levou, eu fiquei de mão na cabeça. (...) Fiquei louca. Muita coisa *pra* minha cabeça. Ele veio pedir *pra mim* passar o São João com ele, eu *nesse meio* morando na casa, a casa *pra* cair, o menino doente *já que* morreu <Marcelo>, uma outra que desapareceu <Cecília>, e *aí vai*. Eu disse tudo: “*Me* leva. Deixa *ele* passar o São João com você”.

E aí é assim, ele não arca com isso *aqui pra* nada, desde *quando* os meninos nasceram *que é comigo*. Mesmo quando eu morava com ele, *que* esse menino aqui *tudo* é comigo. Esse Pedro, *que* eu me separei do pai dele, eu morei três anos e meio com o pai dele. Quando eu me separei do pai dele *tinha* cinco meses. *Até hoje tá* comigo. O pai de Pedro procurava *pra* ver ele. Apareceu. Digo: “Veio fazer o quê?” “Vim ver”. Eu digo: “Ver todo mundo vê, deixa *ele* comigo, *que* se você pudesse não vinha nem me ver”. Porque *quando* as mães *tão* brigando na justiça *pra* que os pais dêem as

coisas, com esses eu faço questão de brigar *pra* que não dê mais também que pegue o dinheiro (?). *Me ver né só pra* me ver. Tudo é comigo. Se ele tá doente *é comigo*.

Ele tem problema *na vista* <Pedro>. Tem que usar óculos *agora* com sete anos. Ele completou os sete anos *agora* em outubro. *Eu é que vou* (?). *Ele incha os olhos*. Tem que usar os óculos. *Tudo é comigo*. *Esse aqui é comigo* <Moisés>. A neta *é comigo*. *Aí* ficou uma carga muito grande *pra* mim *sozinha*.

Eu não dou sorte com homem

Depois que eu deixei o pai desse *outro aí*, o pai de Pedro, vivi mais três anos e meio, e mais um ano até minha filha ter três e meio, e me separei <do pai de Moisés>. Depois conheci o pai dessa coisa aqui! <de Ana>.

Mas eu não dou sorte com homem, não dou mesmo. *Tô* dando *agora*. Deus ajude que ele *se conserve* assim. Ele trata os meus outros filhos muito bem. Esse aqui <Moisés> chama *ele* de pai. (...)

O pai dele é um canalha. (...) como eu já te contei esse é filho dele <Moisés>, é pai da filha da minha filha <Roberta>. (...) Ele chama o PAI de Roberto, chama *ele* pelo nome, não chama de pai. Se ele der alguma coisa *pra* ele eu pergunto, ele *mesmo o de lá* pergunta a ele: “*Cadê* seu pai?” “Meu pai saiu”.

Aí hoje em dia *não, que* eu já vou *pra* igreja e eu sou batizada *em tudo*. *Agora* que eu *tô desviada* PELO que ele (...) fez PARA ela <refere-se à filha Cecília> quando eu *tive* na detenção. Ele que é o pai da menina da minha filha, ele *já* com puta, (...) já tinha me largado, já *tava* morando com puta, se aproveitou da (...) minha ausência e ainda fez o que fez com ela <um filho>. *Aí já tava* com a mulher dele. Ficava lá, mas achou de (...) (?). Hoje em dia ele aparece *aí* (...) ele deve ter IDO A uma igreja. Os irmãos diziam: “Olha *deixa ele, que* quem volta aqui paga aqui. (...) Então ele vai pagar”. Mas, eu acho, Deus me perdoe, olha, meu Deus do céu, *que* uma pessoa como ele todo sofrimento ainda é pouco. Esse homem vai ter cinco filhos por *aí gente*, não dar assistência nenhuma, tenho que chamar (?) uma mulher ali, já é grandinho, (?) uma mulher que arca com tudo, tem esse comigo, tem um outro na Liberdade, tem essa que fez com minha filha e assim vai querer dizer não há (?).

Ele veio aqui um dia e brigamos *até* porque ele queria levar o registro dele e eu disse que não dava, porque se ele mora comigo isso tem que ficar comigo. *Daí então* nunca mais veio aqui. Não quis nem saber como ele *tá*. Não foi no hospital, só no domingo, *logo* quando o menino se internou, *isso* porque eu dei o dinheiro do transporte. Veja minha situação, eu já não tenho nem *pra* mim, *então pra* mim fica muito difícil, eu *tô* pedindo ajuda (...).

Foi o que gostei verdadeiramente

Depois de dois anos morando sozinha, conheci o pai dela <Ana>, João, e eu já tenho dois anos e pouco com ele. Com esse eu me entendo melhor do que com os outros. A gente não briga. ELE é mais jovem. Deveria ter outras diferenças, ter ciúme da minha parte. Deveria ter qualquer outra coisa e *não*. A gente se entende muito bem e não há briga.

Mas *aí* conheci o pai dessa coisinha aqui, *que* essa coisinha aqui menina, <beija> depois de (...) conhecer o pai dessa coisinha aqui, (...) também tinha medo. Foi *o* que gostei verdadeiramente, eu acho, mas com muito medo por ele, pela juventude dele, *nê?* Por ele ser jovem e eu já ter me decepcionado com o pai de Pedro sendo jovem. *Aí* eu tinha medo. Ele gostava de mim. Tinha medo de achar que era uma criança e eu gostava dele e tinha medo que ele me achasse uma velha pela diferença de idade. Hoje eu tenho o quê? Eu tenho vinte e nove e ele tem vinte. (...) Eu sou o quê? Sou mais velha do que ele nove anos.

(...) *Então é isso*. *Então* tinha medo. Ele também. Mas, com o passar do tempo e sendo amigos (...) ele me convidou e falou *pra* mim: “Olha, você quer ficar comigo?”. Eu disse: “Quero”. Encaramos tudo, *nê?* A família dele ficou CONTRA. Achava QUE EU ERA mais velha *pra* ele. Depois passou a me aceitar. *Nos* dávamos muito bem. Adoro a família dele. Passei a morar na casa dela, *na* mãe dele, com ele. Depois construímos aqui e ficamos juntos. Eu fiquei três anos e meio. (...) Nesse tempo, depois de dois anos, *a gente junto* veio essa coisinha aqui <Ana>.

(...) Agora nós brigamos, *nê?* Estamos *pra* voltar *sim*. E se voltarmos será *pra* sempre, eu espero, porque eu (...) quero esse *negócio*, *sabe?* Não gosto de muita conversa porque eu tive umas duas decepções com ele, mas não foi tão grave nem tão forte (...).

Foi uma vez, a ex-mulher dele, a menina *que* ele saiu, (...) ela mandava recados *pra* aqui, (...) com nome de outras pessoas, de amigos dele (...). Quando a gente morava aqui, ela perseguia, chegava *aos* meninos *aqui* E DIZIAM: “Olha, João sua vó *tá* chamando”, *pra* que ele fosse até a outra casa e chegando lá ela *tava, sabe?* Ela mandava chamar com o nome de outra pessoa e aconteceu que uma vez eu estava grávida *até*. Ela conseguiu (...) que ele fosse *pra dentro* da casa dela, ficasse com ela. Depois ele me pediu desculpas. Disse que não *acontecia* de novo e eu passei a borracha por cima, *né?* Porque, como *disse*, não tem ninguém perfeito. Eu já *tô* acostumada com decepções. (...) Essa segunda é um outro assunto muito grave que depois a gente conversa. Isso *aí* eu te conto *tá?* Você me lembra! *Então é isso*. Com ele eu tive menos decepções. O mais jovem e *o que eu menos tive decepção*. Como eu já te disse não brigamos. A gente não briga. Até numa separação (...) conversamos. Somos amigos mesmo separados. E eu vou e ele vem cá e somos amigos *mesmo*. Em tudo ele dá opinião. *Em tudo na vida* se ele achar que eu *tô* certa, se eu *tô* errada... eu dou opiniões. Não faz nada sem me perguntar. E assim a gente se deu muito bem e nos damos bem até hoje. A opinião dele sobre a minha vida é *A* que você já conhece. *Que* eu dê um jeito, *que* eu faça uma casa *pros* meus filhos, *QUE* eu fique sozinha, tenha mais tempo *pra* mim, *pra* me cuidar.

(...) Eu *tô* deixando como ele (...). Se eu tiver que ter vai ter, mas depois de muita conversa. É capaz (?) não se eu *tô* muito bem, como eu *tô, entendeu?* Porque, além de esquentar a cabeça com meus filhos, eu tinha que esquentar a cabeça com marido. Então agora *tá* bom, eu *tô* com um problema a menos. Gosto muito dele, (...) mas *tô* aprendendo a conviver também com isso. Eu *num* quero mais brigar com a vida. É como você disse, eu *tô* cansada de brigar, de lutar por alguma coisa. Até mesmo de ir atrás dele, pedir *pra* voltar, (...) de lutar por isso. Eu não quero. Eu *tô* cansada, (...) cansada *mesmo*. (...) Não quero deixar meus filhos *em falta* de amor, de carinho. (...)

Gosto de homem carinhoso

(...) gosto de homem carinhoso, atencioso, homem que se preocupe, homem que te conheça, que conheça a gente. (...) Deixa

você de um jeito, se chegar, achar você mais triste, mais alegre, procura saber o porquê: “*Tã* feliz? Que foi que aconteceu?” Ou: “*Tã* mais triste, *tã* zangada?”. (...) um homem (...) *que* sai (...), deixa você de cabelo comprido, chega, *tã* de cabelo curto; *pra* ele tanto faz, nem te olhou, ele nem sabe. É *super* chato *pra* mulher. A mulher *se* sente *super* mal. (...) João <seu marido> é um tipo que se eu colocasse uma calcinha nova ele saberia. *Ele*: “*Venha cá* e essa calcinha? Calcinha nova? Gostei de você com esse vestido, (...) ficou mais bonitinha. Gostei mais de seu cabelo assim”, *sabe?* (...) Ele sempre repara em mim. É atencioso, carinhoso, *tipo assim* brincalhão, uma pessoa maravilhosa *mesmo*, maravilhosa. (...) Eu acho que ele me completa, não é mulherengo pela idade, não é de porta de venda, não é de muita amizade. Amizade dele é só com o cunhado. *Aonde vai* é com o cunhado (...) É responsável se trabalha. AGORA MESMO *TÁ* desempregado, mas faz um biscate, faz de tudo. Todo dinheiro que ele *pega* fala: “Recebi tanto. Eu fiz isso com *tanto*. Tome aqui *tanto*”, *sabe?* (...) Não faz nada sozinho. Ele sabe o que é uma vida a dois, pelo menos quando ele foi morar comigo ...

Olha, Cristina, fisicamente eu nunca liguei *pra* isso. Eu acho que beleza não se põe na mesa. Eu *olho* muito o caráter. Eu *vou* mais pela pessoa (...) *pra* mim beleza, não tem ninguém bonito nem ninguém feio. *Então* beleza *pra* mi não é fundamental. Tem gente que diz que é, mas *pra* mim não é. *Tudo bem*, a gente olha *pra* uma pessoa mais simpática mais bonitinha, a gente olha. (...) O fundamental é o caráter da pessoa. O que é que eu admiro? A sinceridade! Um cara que seja sincero comigo, se gosta de mim, eu quero saber *o tanto* que gosta. Se ama, se não ama, se gosta pouco, se gosta muito. Se chegar, *aconteceu* algo com outra pessoa na rua, eu quero que *me* tenha a liberdade *de* dizer. Eu quero que seja sincero, quero *isso* da outra pessoa. Eu acho que *um* relacionamento entre duas pessoas, o fundamental é o diálogo. *Que* eu acho *assim*, se é *numa* casa, *pra* construir a casa, primeiro tem que ir *pro* alicerce e eu costumo dizer que o alicerce do casamento, de um relacionamento, de uma convivência, de um namoro, seja do que for, é o diálogo, (...) é a sinceridade. Que ele seja uma pessoa aberta comigo, sincera.

É o que acontece com João. Nós nos damos muito bem. Como eu disse *a* você, é a pessoa *melhor* que encontrei, porque *tudo dele comigo é na conversa*. Se algo agrada, ele conversa, se algo não agrada ele conversa. Porque mesmo quando ele não conversa, *que* eu percebo que ele não *tá* bem eu pergunto: “Por que você *tá* sim? Você não *tá* bem, eu te conheço”. *Então* ele *aí me* passa a dizer o porquê. Nós, *aí*, conversamos, até mesmo agora *que tá*mos brigados, ele *chega aqui*, vê alguma coisa, *ele* pergunta: “Por que isso aconteceu?” “Que é... O que *tá* acontecendo com você?”

Então nós conversamos muito. Isso nos ajudou muito. Foram três anos sem briga. (...) E eu gosto muito dele por isso. Ele gosta de mim e eu gosto dele (...). Eu costumava *até* perguntar *pra* ele <quando foram morar juntos>: “*Que é que* você vê em mim, (?) você *com* dezessete anos *e* eu *com* vinte e seis *e* *com* tanto filho?” (na época, tinha cinco filhos). “E você tão jovem e apenas *com* uma filha (...)”. Ele: “Olha o que eu vi em você é a pessoa que você é, eu não te olhei por fora, eu te olhei por dentro”. *Então* é muito bom. (...) O que mais admiro *numa* pessoa é isso, a sinceridade (...). Eu quero um homem que (...) seja fiel. Outros dizem assim: “Eu quero uma pessoa que seja carinhosa” (...).

(...) Eu quero uma pessoa sincera porque, se ele é sincero com você, ele vai ser sincero em tudo. Ele vai demonstrar *pra* você que gosta de você, ele vai ser carinhoso. Se ele gostar de você, for sincero com você, ele nunca vai te trair. E se te trair, você vai saber. *Então* se ele tiver que ser seu, ele vai ser fiel. (...) eu acho que isso abrange tudo. Eu gosto de pessoa sincera, uma pessoa comunicativa, uma pessoa *assim, claro*, eu olho o lado *muito* do carinho. João é uma pessoa muito atenciosa, muito carinhosa. *Que* tem (...) homens (...) que acham que a mulher é *assim*, a mulher é *pra tá* na beira do fogão, como muitos dizem. *Então* tem homens que acham que mulher é *isso*. Ele sai *pra* trabalhar e acha que a mulher fica em casa. *Ali* a mulher tem que lavar, cozinhar, passar e arrumar e *pronto* esperar por ele (...). Tem homens que pensam que a mulher (...) só necessita de carinho na cama (...). *Então não*, discordo não só porque eu sou mulher, *mesmo que* eu fosse homem pensaria do mesmo jeito (...).

Eu acho que João me completa porque até *nisso* ele é do jeito que sempre pensei (...). E às vezes ele *até* me pergunta: “(?) Eu

sou carinhoso, sou homem sedutor, *eu sou?*” Ele fica me perguntando E eu digo: “É”. Porque, apesar da pouca idade, ele é do tipo que eu acho que tem que ser. Ele é do *tipo assim, que* a mulher *tá* no fogão ali e *ele vem*, abraça, *ele* brinca, tira *pra* dançar fora de hora (...). *Tô* eu aqui sentada, (...) assistindo, lendo e ele chega da rua, *vem* brinca, abraça, beija, faz um carinho. Coisas assim fora de hora. (...) Eu conheço homem, *que* eu fico boba e digo *assim*: “Meu Deus, como é que a fulana suporta?” Minha própria cunhada, *fico olhando* o relacionamento e é uma grosseria, as vinte e quatro horas no ar, acho que só tem um *momento* bom com ela naquela hora. Ela se queixa muito *pra* mim, sofre muito, chora muito, sente falta da mãe (...). Ele é muito grosso com ela. *Até pra* falar alguma coisa é grosso.

Minha vida está muito bagunçada

Cristina, não quero ficar brigando, me separando. Eu sei que a culpada sou eu, porque *as coisas que ele impõe eu não consegui fazer* (...). Mas, é como eu disse *pra* você, eu não posso em função de coisas *assim* porque *aí* eu *tô* andando *pra* trás E ele *pra* frente. Tem que pensar um pouquinho em mim. É isso que eu vou fazer, pensar muito (...). Eu queria ter condições de *tá* trabalhando, de morar em outro lugar *e tudo*, mas eu não posso. *Então* vou tentar ajustar minha vida. (...) Minha vida *tá* muito desarrumada, muito bagunçada. DEVO parar *pra* arrumar. *Aí* se eu *voltar* com ele, vai ser PARA A gente conversar muito, procurando se entender mais. (...) Eu vou procurar fazer me entender (...). Eu vou procurar fazer as coisas que ele acha que é certo, mas se eu *ver* que é certo e o que eu concordar com ele.

Com João eu morei três anos e meio e sem *saber* a gente *tava separado*. (...) Ontem eu recebi uma proposta indecente de volta e... Ontem eu pensei muito. (...) tem um assunto muito (...) sério *pra* conversar com você, *tá?* Mas não *pra* gravar nem *como* outra coisa. *Mas* como amiga. E hoje eu resolvi, eu dei a resposta a ele *que* a gente vai ficar junto. Eu vou aceitar de novo. Se der certo *deu*... Se não der certo paciência, *nê?* Mas, se eu tentei três anos e meio posso tentar mais três anos... *Não sei*.

Então eu vou voltar a conversar com ele porque (...) ele quer que eu mude. (...) e tem coisas nele também que eu quero que

mude. Então a gente vai conversar pra poder se acertar. Se você vier com mais tempo é bom que a gente conversa, PORQUE eu preciso muito falar com você.

(...) Eu *tava numa* sinuca com duas pessoas *que* gostavam de mim há muito tempo e *eu sem saber* o que fazer. Eu decidi (...) optar por ele porque ele é o pai da minha filha, não é? Se eu tinha outra proposta? <ri> Eu vou te contar. É alguém que você conhece, alguém que diz que *tá* apaixonado, *que faz* tudo, qualquer coisa, *entendeu?* Mas *que* eu tenho muito medo porque uma coisa *que* eu nunca convivi, *não sei, sei lá*. Eu tenho medo, (...) insegurança PELO lado de lá.

Foram trinta anos juntos, mas uma grande decepção

Foram trinta anos JUNTOS <refere-se aos pais>, mas uma grande decepção porque...(…), eles tiveram treze filhos, uma vida e, depois de tanto tempo, ele largou *ela* por causa de outra mulher. *Ele teve uma época* em que *ele teve* um problema dos nervos QUE afetou os nervos da cintura *pra* baixo. (...) Ele ficou paraplégico, ficou paraplégico e durante quatro anos (?) FICOU em cima de uma cama e, nesse período, foi *ELA* fez tudo por ele. Minha mãe (...) chegou A pedir esmola. (...). Ele, paraplégico, minha mãe, com tantos filhos. Quando isso aconteceu com ele, *pegou* de *barrigona* de gêmeos (...) E meus irmãos morreram. (...) Um monte de sofrimento. Na época, morávamos em São Paulo e ela teve que pedir *pra poder* não deixar que faltasse nada *pra* gente ali dentro (...). Nem *pra* gente nem *pra* ele. (...) *que* *ELA* mantinha *ele de tudo*. (...) DAVA alimentação, (...) remédios. (...) Nem o cigarro dele ela deixava faltar. Foram três anos e oito meses nessa labuta.

(...) Eu digo que não valeu a pena porque não reconheceu, *nê?* Porque se RECONHECESSE não teria, trinta anos depois, (...) trocado *ela* por outra mulher incerta, mulher dos outros, porque quando conheceu também *tinha homem*. (...) A mulher traiu o marido e ele traiu a minha mãe dentro da casa (...) <da mãe>. Minha *mãe doente*, ele dava comprimido *pra* ela dormir e ia *pro* sofá com mulher. *Aí* minha mãe descobriu, botou *ele pra* fora e ele passou a viver com ela (...). Isso já faz quinze anos (...).

Minha mãe, depois que largou meu pai, não teve mais ninguém. Começou a gostar de um rapaz, *que ele já até* morreu,

(...) mas depois sumiu. (...) Foi um namorinho bobo, passageiro, não perdurou e *até hoje (?)*. Há quinze anos minha mãe (...) *está* sozinha. Foram quinze anos conosco, com minhas irmãs, *que* na época eram menores. (...) agora já viraram mulheres. Cada uma tem sua vida (...).

Cristina, não é você ter uma vida com um homem, *de* trinta anos, uma vida *mesmo* e depois ele te largar e *NEM* querer te sustentar. Não é isso que ninguém quer (...). *POR* isso minha mãe não tem *muita* historia de amor *não*. Ela sofreu muito, agüentou muita *cachaça* dele, *que* antigamente *ele* bebia. Quando *EU* era menina, ele bebia muito e batia nela. Quebrava tudo em casa. (...) com ela, foi com que ele parou de beber (...). Morando com ela <sua mãe> *Então* tanto sofrimento, ele parou de beber. Hoje em dia não bebe, graças a deus. *Quer dizer*, <a segunda mulher> pegou a melhor parte, *nê?* *Pegou ele já* sem beber, já sem (...) problema de doença. (...)

(...) Ele gosta muito só que (...) ela não gosta dele. Todo mundo sabe disso. É um relacionamento aberto. Ela fala na minha frente *E* de qualquer pessoa. (...) Não gosta agora, mas há quinze anos *atrás* gostava. (...) Já arranhou outro homem, *arranhou* outro filho. *FOI QUANDO* meu pai passou um tempo com essa <refere-se a Eugenia, uma mulher que tinha AIDS e que, nessa época, morava com Maria> Depois ela *veio* e separou os dois também. E voltou *pra* meu pai e sem gostar. (...) São coisas da vida, mas ele tem que passar por isso, *pra* que ele (...) *POSSA* sentir o que (...) a minha mãe passou. (...) *ELE tá* com ela, mas (...) ele *sabendo* que *ELA* não gosta dele, *entendeu?* Acho que isso não compensa (...)

Ela tentou suicídio por causa de meu pai

Se envenenou!!! Cinco vezes!!!. Por cinco vezes, ela tentou suicídio. Da última vez, ela ficou uma semana, dormiu uma semana, os dias e as noites *todas assim*. *Aí* o médico desenganou, falou *pro* meu pai. Meu pai mandou fazer caixão, *acertou* caixão e *tudo diretinho* (...) *pra* eles desligarem os aparelhos e tirar *ela pra* enterrar. Mas, graças a Deus, ela (...) *recuperou e tudo mais*. *Então*, hoje em dia, ela não pensa em fazer isso, mas ela, por cinco vezes, *ela* tentou suicido por causa de meu pai.

ELA O AMAVA muito, são... foram trinta anos, treze filhos, uma vida, *nê?* Abandonou. Casou com uma menina de dezessete anos, depois de trinta anos. E olha, Cristina, uma outra hora eu vou *conversar* com você a vida da minha mãe, *pra* você ver que sufoco, as coisas que ela já fez. Assim como eu, como eu já te disse (...) *que* eu pedi esmola, eu já roubei, *pra* dar *pros* meus filhos. *Então*, agora você me pergunta se eu *tô* cansada? *Tô* Cristina, *tô*. *Tô* cansada, *tô* esgotada, *sabe?* Eu, *eu* quero fazer isso com eles pelo seguinte Cristina. Eu quero que eles aprendam a viver sem mim, porque, se eu faltar, quando eu faltar, (...) *que* eu vou morrer, não *sou pra* semente. *Então*, quando eu faltar, eles vão sentir tanto a minha falta.... *entendeu?* Eu quero que (...) os dois menores, ainda vou *apoiar* um pouco, depois (...) que eles fizerem quatro, cinco anos, venham viver com ela <Cecília, a filha mais velha> também, *entendeu?* Eu *num* vou... Eu *num* quero sobrecarregar *ela*, mas são irmãos, eu quero morar perto e deixar... *entendeu?* Com eles assim, eu quero *tá* perto, olhar. Se precisar ir ao médico eu levo, *coisas assim*. Mas eu quero ficar (...) livre um pouco.

A vida de minha mãe é isso. Não é, não tem muita coisa *amorosa não*.

Minhas irmãs... apanhando

Minhas irmãs? (...) Minha irmã, a do meio, Luzia, teve (...) só dois maridos até hoje, pelo menos que eu saiba. O pai de Luisa (...) viveu algum tempo COM ELA, quando largou, ela *tava* grávida (...) DE CINCO MESES. (...) A minha mãe assumiu Marivalda *até hoje*, há dez anos *atrás*. Minha mãe cria a menina até hoje. E, depois disso, ela ficou só um (...) bom tempo. Depois arrumou *esse* Antonio, *que* ela tem mais três filhos hoje, e mora até hoje (...) aos trancos e barrancos, largando, separando, voltando, batendo, apanhando (...). Ele bate nela E ela bate nele também (...)

(...) Claudia <a outra irmã de Maria> *deu pro devedor* dela. (...) Devedor <ri> é o rapaz que *tirou ela de casa*. *Que tirou ela de casa !!!* Quem tirou a virgindade dela. (...) Ela morava comigo (...) e no dia que eu fui ter Geraldo, eu fui à maternidade, (...) *pra dar luz* a Geraldo, (...) tem dez anos, e no dia que fui à maternidade, ela se entregou *pro* namorado, na minha porta. (...) Lá atrás, perto da torneira. (...) ela se perdeu com esse rapaz, morou com ele al-

gum tempo, depois separou. Também ficou sozinha muito tempo (...). *Um tempo* morou com outro rapaz (...). Já é o segundo, (...) *que chamava* José. Também *separou* e depois disso foi (...) marido dela, pai dos filhos, *que* tomava pico, se drogava, batia nela, maltratava muito. Ela agüentou *até* muito tempo.

(...) eu assisti Claudia! *Tava* na casa dela, *assim* com ela, à noite. Ele *CHEGAVA* e já metia o pé na porta, arrombava a porta e saía procurando um homem dentro de casa, *que* ele chegava drogado e queria que ela tirasse a roupa, queria olhar. (?) Se ela *já* ia *dando* nele, batendo nele no rosto. *Pra* mim ela sofreu muito com ele.

ELA deixou *ele*, mas deixou muito tarde, *nê?* Deixou com três filhos. (...) Depois de Valdir, *agora* que *tá* na cadeia (...), *que* ela conheceu lá dentro e infelizmente foi maluca de ter dois filhos e *tá* com ele. Eu digo infelizmente porque não é uma vida boa pra ela, *nê?* Mas, se é o que ela quer...

3.3. Engravidar e dar à luz

Eu era louca pra ficar grávida

Bom, eu casei com quatorze anos. Eu *era* louca *pra* ficar grávida porque era a única filha mulher (...) e *QUERIA QUE* a MINHA primeira filha *FOSSE* uma menina. Eu dei sorte, mas eu passei um ano sem ter filho. Fiz quinze anos. Logo depois, com seis meses de casada, completei quinze anos, mas quando ela nasceu eu tinha dezesseis.

Eu *era* louca *pra* (...) ficar grávida. *Aí* a menstruação atrasava E eu corria pro médico, fazia um teste de gravidez. *Aí* passava a decepção de dar negativo. *Aí pronto*, fui sempre que atrasava. Eu ia fazer os exames. *Um* dos terceiro ou quarto exames fui fazer no último (?). O rapaz perguntou assim: “Tem quantos meses já atrasada?” Eu disse: “Já vai fazer três meses”. Ele disse assim: “Então pode preparar o berço que dessa vez você *tá* grávida”, *que* ele já me conhecia, ele *tava* sempre lá (...).

A gestação <refere-se a Cecília> foi boa, sem complicações. (...) Era a primeira filha, mas nem por ser a primeira filha eu li-guei *pra* fazer (...) pré-natal. Eu não ligava, *ERA* muito jovem. (...) Ficava em casa. *Assim* nunca fui ao médico, nunca senti problema nenhum. A gravidez foi toda boa. Não senti muito enjoô *assim*

nos primeiros meses, até o terceiro mês. Mas toda gravidez minha é assim, até o terceiro mês *é* enjoô. (...) Depois do terceiro mês não sinto mais nada. Mas, graças a Deus, eu me sinto melhor na gravidez do que (...) sem gravidez. Em tudo, eu me sinto mais sadia e fico gorda, (...) com a pele bonita. Eu mudo. Fico bonita quando eu *tô* grávida.

O parto também foi bom porque eu tive *ela* praticamente sozinha. Morava aqui em Salvador e minha mãe em Campina Grande, na Paraíba. Minha mãe ficou com medo. (...) Ficou *assim*, com cuidados comigo, porque era a primeira filha, o primeiro filho meu. *Então* ela veio me buscar *pra* que eu fosse ter a menina lá, perto dela. Ela é do dia três de abril <refere-se ao dia de nascimento da filha>. Nasceu *em* três de abril. No dia vinte e nove de março minha mãe veio me buscar. *Aí* eu saí daqui no dia vinte e nove com minha mãe e cheguei lá no dia trinta. *Quando foi* no dia primeiro eu comecei a sentir dor. Incrível, *nê?* Só foi o dia *de chegar* e no outro dia, (...) comecei a sentir dor. Ela nasceu dia três, *mas* foi um dia de domingo, *mas* eu comecei a sentir dores desde sexta-feira. Foram três dias... da sexta-feira até o domingo. Ela veio a nascer no domingo de manhã, em vez de sexta *à* noite, *que* eu comecei a sentir dores. Mas, *sem saber*, eu tinha conversado com uma colega que tinha casado um pouco antes que eu, e perguntei a ela como era a dor de parto. E ela dizia: "Ah, dá uma dorzinha *assim*, como dor de barriga que não passa. Dá e volta, dá e volta".

Então, eu *assistindo* à novela, com minha mãe, *assim* à noite, na casa dela, *aí* eu comecei a sentir aquelas dores, as contrações, *que* eu sabia que eram contrações. *Aí* eu perguntei *pra* minha mãe, minha mãe perguntou. – Ela sentiu, *nê?* – Viu o meu jeito mudar *assim*. Ela perguntou: "Tá sentindo alguma coisa?" Eu disse: "Não". Com medo de dizer, mas quando eu não *güentei* mais *aí* eu disse *pra* ela (...) e fomos ao hospital. Após o exame (...) de toque, o médico disse que *tava* longe, *que* ia ter no outro dia, *aí que* eu não podia ficar no hospital, porque só *tava* ficando quem fosse chegando *assim*, *já pra ter* criança naquele momento. *Pra* internar não podia. *Aí* voltei *pra* casa. *Quando foi* no sábado pela tarde *foi que* eu voltei *pro* hospital e *aí* eu fiquei. A médica me

atendeu e eu fiquei. *Quando foi* no domingo de manhã ela nasceu, no dia três de abril.

Não, nem ponto eu tomei, *sabe?* Ela nasceu espontaneamente. No momento em que deu a dor *mesmo pra* ela nascer eu *tava* sozinha no quarto. Ela nasceu de madrugada. Eram umas duas ou três horas. *Então tava* todo mundo dormindo, *só que* no momento *tinha* uma moça limpando, passando pano. Tinha uma moça dando a luz. Então ela *tava* limpando *assim*, *que* sujou na outra cama do meu lado. *Aí foi que* me ajudou, (...) porque quando ela viu que eu *tava* tendo *ela* sozinha, *aí ela* tirou as luvas, aquelas luvas grandes (...) de limpeza. Ela tirou *assim* as luvas rápido *ainda* tentou me ajudar, (...) e quando ela foi chamar a médica e veio, *ela* já tinha nascido. Eu tive *ela* praticamente só. *E no mais*, ela foi uma criança sadia. (...) Com oito dias eu voltei *pra* Salvador, *pra* minha casa.

'Quem amamenta não engravida' é mentira

Victor. Muito bonito. *Tá* morando em Mussurunga com o pai (...) Eu *peguei* gravidez dele amamentando *ela* porque eu não sabia. ERA jovem. As pessoas diziam assim: "Quem amamenta não engravida". As pessoas têm mania de dizer isso e é mentira. *Então aí* não sabia. Eu *esperando* que não engravidasse porque ela mamava. Eu engravidei dele e todo mundo, *logo*: "Não tome remédio, não se prejudique mais, um filho NÃO É nenhuma doença". Você deixa; *tá* casada, tem sua família, seu marido e *tudo*. *Aí* eu deixei a gravidez dele. Foi uma gravidez muito sadia. Como eu lhe disse *minhas* gravidezes foram todas sadias. Eu também não fiz pré-natal. Pré-natal é o acompanhamento médico durante a gravidez. Eu *vim* fazer o pré-natal do terceiro.

A menstruação não desce. Os nove meses a gente não menstrua. *Então* se minha menstruação é... *Ela agora tá* em fim de mês, *ela* se consertou porque *era toda doida*. Começo de mês, fim de mês. Esse mês eu já menstruei. Menstruei no dia vinte e cinco. Passou vinte e cinco, vinte e seis, *então* foram três dias certos e acabou; *mais nada*. *No certo* eu passo cinco dias menstruando, mas agora *tá até* se consertando. *Por causa* [porque] são três dias certos. *Então*, se *de repente* eu menstruo no dia vinte e sete, vamos dizer, *aí* no dia vinte e sete não vem, *aí* eu espero vinte e oito

e vinte e nove. *Dá* trinta, *dá* primeiro, *ela* não vem, eu digo: “Tem alguma coisa errada. Ou tem algum problema ou eu *tô* grávida”. *Então* eu corro *pro* médico, *pra* fazer um exame logo, um teste de gravidez. *Porque*, se não for gravidez, *pra* ver o que é. Diagnosticar *logo*, rápido porque eu gosto de me cuidar *assim*.

Tem (...) mulher que não vai ao médico, só quando sente alguma coisa. Más eu gosto de fazer meu preventivo. Preventivo é exame de prevenção contra câncer ou qualquer outra doença, *que* detectada antes dá tempo de *resolver*. O problema da gente *que* tem marido É QUE não sabe o que eles andam fazendo por aí. Eu faço meu preventivo certinho, de seis em seis meses. O médico disse que só precisa fazer uma vez *no* ano, mas eu *ainda* faço duas vezes no ano. *Então* foi assim que eu fiquei sabendo da minha segunda gravidez. A menstruação atrasou. É *porque* mesmo amamentando *ela* <refere-se à primeira filha>, eu menstruava.

Aí que diz o certo é não menstruar, mas ela passou a não só mamar. Ela mamava e comia outras coisas. *Então* a menstruação desceu. *Que* [se] ela só mamasse não menstruaria. *Aí* eu não ia nem saber que *tava* grávida. *Que* não ia menstruar *mesmo*, não ia saber *nunca*. *Então* eu desconfiei da gravidez. Fiz o exame e deu positivo. *Então*, como eu disse ... disseram logo: “Você é muito nova. Não tome remédio”. Eu *aí* deixei. O pai dela também queria tentar um filho *homem*, *que* quando eu casei com ele, *ela* <a primeira filha> não é a única filha dele *mulher*. Ele já tinha duas filhas *mulher* com outra mulher.

Então quando eu fiquei grávida de novo, depois dela, *ele* ficou alegre. Mandou deixar, *pra* ver se era um menino realmente. Foi o único filho homem que tem. *Aí* ele ficou querendo que eu deixasse *pra* ver se era um menino. Também foi uma gravidez tranqüila, uma gravidez sadia; mais do que a dela *até*. Ou igual, não sei. E o parto também foi bom. Foi um parto rápido. Eu me lembro *que* eu *tava* em casa. *No tempo*, eu morava no bairro do Beirú, *que* hoje em dia se chama Tancredo Neves. (...) *Então* eu comecei a sentir dor uma hora da manhã e às três horas, ele nasceu. Foi só o tempo dele <o marido> me levar *pro* hospital.

Ela <refere-se a Cecília, a primeira filha> nasceu em Campina Grande, na Paraíba. Como eu lhe disse, na maternidade *lá que* eu

não sei, não conheço *lá*. E ele <refere-se ao segundo filho, Victor> nasceu aqui em Salvador, na Maternidade Tícila Balbino.

Ele tem treze anos. Completa quatorze *agora*, no dia seis de abril, e a diferença *deles* é de dias. Ela completou um ano no dia três. No dia seis ele nasceu *também*. Foi um parto bom. O parto foi sem complicações também. Não precisei tomar pontos. Nunca tomei ponto de nenhum. Dilato bem, graças a Deus. *Diz* que é de família. Minha mãe teve treze filhos. Minha recuperação é boa. Não sei o que é cólica menstrual nem pós-parto. Tive sete filhos e *eu não sei o que é* cólica, graças a Deus! Ele hoje *tá homem* e se tiver... tem uns treze anos... Se ele *passar a ter* uma assadura, *vai ser hoje*, porque ele nunca teve nenhuma assadura.

Não quero que me corte

O terceiro filho. É o nome de um irmão meu *que tem* em São Paulo. *Aí eu* botei quando saí de São Paulo e só tinha quatro anos... e eu gosto muito desse meu irmão. Nunca mais eu o vi. Quando eu tive esse menino coloquei o nome dele. Eu chamo *ele* de Geraldo.

A gravidez dele também foi muito sadia. Todo mundo falava, *que eu* com um barrigação [barrigão] *assim*; eu com oito, nove meses *esperando*, eu saía *pra* rua, fazia tudo. *Que* no tempo *aqui* nessa invasão, há dez anos *atrás* que ele nasceu aqui, não tinha água encanada. Foi no começo. *Então* eu carregava água, enchia os tonéis, enchia os baldes grandes também. A gente pegava na fonte, na cisterna que *cava*. Era longe, *como daqui no começo* da invasão. A gente andava. Eu andava. Enchia tudo, lavava roupa, fazia tudo e as pessoas diziam: “Olha, no começo da gravidez ainda dá, mas, com esse barrigão, você *güenta?*”

Eu me senti bem no dia, por incrível que pareça, no dia que *deu* a dor. *Que eu* fiz nove meses *dele* no dia oito de dezembro. Ele nasceu no dia nove. Como eu lhe disse, eu fiz o pré-natal. Foi o único que eu fiz. Comecei o pré-natal *dele* com três meses e prossegui até o final *aí* no... aqui mesmo em Periperi, na LBA (...) Nem eu sei se ainda *tá* funcionando (...) *Até* o registro dele foi feito *aí*, quando ele nasceu, gratuitamente pela LBA. *Então* no dia que ele nasceu era o último dia de consulta. (...) quando a gente faz o pré-natal, no final do pré-natal, (...) eles ajudam, dão uma

pequena ajuda (...) em dinheiro *pra* o parto, *entendeu?* *Pra* ajudar em alguma coisa.

Depois que eu saí do médico de Periperi, *ela* mandou que eu fosse buscar esse bono [bônus], essa ajuda, no Caminho de Areia. *Então* mandou que eu fosse no Caminho de Areia buscar e *daí* mesmo eu fui. E já na volta *passei*, porque lá não quiseram atender. *Aí* ela *até* se aborreceu: “Como é que eu mando alguém *pra* lá e eles não atendem”. Ela mesmo resolveu o problema e eu vim *pra* casa. *Só* que na vinda do Caminho de Areia *pra* cá, já vim com dores. E *aí* (...) *ainda* eu disse a ela: “Olha, eu *tô* com contrações”. *Aí* ela disse: “Você vai *pra* casa e *tudo*, se apronta e vai *pro* médico”. Eu vim *pra* casa. Quando eu cheguei *em* casa, *eu ainda* arrumei a casa. Eu queria colocar uma cortina. Coloquei a cortina, coloquei tudo o que eu queria no lugar e esperei meu marido. Ele chegava – ele trabalha – ele saía às quatro horas da manhã e chegava duas, três horas da tarde. Ele largava meio dia. Ainda eu esperei por ele. *Aí* quando ele chegou, e *eu* com dores do parto e *conversando*, como a gente *tá* aqui, *as meninas* foram lá em casa. Eu *conversando* quando vinha a dor. Era que eu *güentava* um pouquinho. *Aí* tomei banho.

Ele me levou. Fui andando até a casa de meu pai, *que* meu pai tinha carro na época. *Aí* meu pai *ainda* brincou. Falou assim: “Você não vai ficar. *Tai* sentindo alguma coisa, dizendo *que isso* e só quer que eu vá levar *pra* passear de carro”. Quando *chegou* lá, *fez* os exames (?): “Ela vai ficar. Ele me levou *assim* umas sete horas da noite. *Quando foi* nove horas, ele nasceu. Sem problemas. Ele não teve problema, mas a médica achou que ...que a bolsa de água estava demorando de se romper. Então ela ajudou. Eu estava lá esperando o menino nascer. Ela ajudou com uma *palazinha* plástica. Ela *pocou* a bolsa. *Aí foi* que ele nasceu mais rápido.

Quando foi: “É a gente”. Ela me botou *assim* na sala de parto. Quando ele *ia nascendo*, ela *ia* me cortar. Ela veio com uma navalhinha [navalhinha] *pra* me cortar. *Aí* eu *peguei* e reclamei. Eu disse: “Não quero que me corte”. Porque eu sabia que tinha uma boa dilatação, *que* os médicos já tinham me dito. Já tinha dois filhos e sem *precisar*. Eu falei *pra* ela: “Olha, eu não quero que me corte”. Ela: “Por quê?” Eu *digo*: “Porque eu tenho dois filhos e nunca precisei. *Então*, se for preciso, tudo bem, mas, se não for,

não quero, porque é um erro médico”. Ela não me cortou e eu não precisei tomar ponto. Essa coisa ficou comigo guardada. Eu disse: “Ó [Oh], não quero”. *Então* ela me ajudou. Simplesmente o menino nasceu. Um parto rápido também, sem problema nenhum. No outro dia *também* eu vim *pra* casa.

Aí eu parei de trabalhar já pra ter menino

O Pedro foi o seguinte. *Foi* depois de separada. Quando eu disse que eu... Nesse meio tempo todo... meu filho doente *e tudo*. Eu já *tava* saturada, *sabe? Tava* separada. (...) Eu separei dele e ele <o primeiro marido> tomou os meninos de mim. Deixou os meninos com minha mãe. Minha mãe foi *pro* interior e levou. Eu fui falar com ele, *pra* ver se ele tinha condições de ir ver o menino. Ele disse que não. Então resolvemos vender tudo e ir junto com <a mãe>.

Morava sozinha. Eu ia trabalhar. Já trabalhava e, quando voltei, continuei a trabalhar, viver minha vida e ele viveu a vida dele. *Aí foi* quando ele passou a me dar os meninos. Os meninos passaram a ficar comigo e ele *dar* as despesas e me ajudar financeiramente. Eu fiquei sozinha. Foi quando conheci, depois de um ano e pouco, o pai de Pedro. Morei com ele três anos também aqui, nesse mesmo lugar *que* foi a invasão, na rua. Depois de três anos e meio *foi que* eu vim a ter Pedro. Outra curiosidade que você vai achar engraçado. Pedro nasceu no mesmo lugar da primeira filha, no mesmo interior. Porque minha mãe é assim, *ela* é do interior e de vez em quando vai *pra* lá. (...)

Depois de três anos e meio não deu certo. A família dele não me aceitava. (...) Não dava certo porque ele *ficava* mais pela família do que por mim. Eu resolvi ir embora. Não tinha ninguém aqui. Minha mãe *tava* no interior. Eu *digo*: “Eu vou *pra* onde *tá* minha mãe”. *Aí* passei a mão nos meus três filhos. No caso *essa* Cecília, Victor e Geraldo. Passei a mão nos meninos e fui embora. Já estava grávida de Pedro, já ia completar dois meses. Fui embora. Ele foi me levar na rodoviária. Falei *pra* ele: “Olha, se você mudar de idéia e quiser me procurar eu *tô* nesse endereço”. E dei *pra* ele e fui *pro* interior. Se ele quisesse me procurar, se ele deixasse de ser pela família... Não demorou muito não, com uma semana ele *tava* lá.

Aí (...) com muita luta, porque NO interior não tinha *meio de vida*, trabalho, *tudo*. Minha mãe: “Menina, você é louca, você vem *praqui* [para aqui] com *tanto* menino, *ainda* grávida e *tudo*. E aqui *cê* sabe que não tem meio de viver! *Assim*, viver sem trabalho, *lá, só, no* interior, só *pra* quem tem condições de ter seu próprio negócio ou um aposentado que tem dinheiro. Assim de cara dura não dá”. Mas eu fiquei. Já *tava* lá. Ficamos morando na casa de minha mãe e ele, meus filhos, *tudo* com minha mãe. Ele arrumou um trabalho em oficina. Eu *mesmo* grávida. Como eu disse a você, *minhas gravidezes* são todas sadias. Eu trabalhei até os nove meses e só parei de trabalhar nas casas dos outros quando não *güentava* mais. Eu *tava assim* cozinhando, *que* eu trabalho só na cozinha, eu *tava* cozinhando, *aí* eu me sentia mal *assim* na beira da pia. SENTIA tontice, me sentia mal. *Aí* eu parei de trabalhar *já pra* ter menino.

Aí pronto a dor *dele*. *Xô vê* [deixe-me ver] meu Deus! Ele nasceu de dia. Foi o único que nasceu de dia. Dia vinte e cinco de outubro. NO dia vinte e quatro, me deitei também sem sentir nada e amanheci *já* sentindo dores (?) Fui dormir sem sentir nada. No dia vinte e cinco *já amanheci sentindo*. *Quando foi* no dia vinte e cinco, como eu *tô* dizendo, ele foi trabalhar e eu fiquei só.(...), fiquei em casa e comecei a sentir dores. *Aí* eu fui ate o vizinho E ELE me levou. Deixei as crianças *só* e as outras duas na mão da de sete anos, e o vizinho me levou *pro* Hospital e lá eu fiquei também. Foi um parto normal também, como eu disse, sem ponto, rápido também. Eu fui *pro* Hospital de manhã *às* sete horas do dia. Ele nasceu também de parto rápido. No outro dia também *tava* tudo bom. Eu tive alta. Foi uma criança sadia também. Foi a mais sadia que eu tive. Até hoje ele não... nunca *soube* ir *pro* médico, ficar internado *nem nada*. Veio *mostrar* problema depois de grande. (...)

Em Santo Amaro. Eu *tava* lá com ela, como eu lhe disse. Fui atrás dela <refere-se à mãe>. Depois, quando eu *tô* com uns sete meses, ela *vem* embora. Resolveu vir embora por causa das outras filhas que ela tinha deixado e outros problemas. Ela *veio* embora e eu fiquei sozinha com ele <o marido> e os filhos *num* interior *que* não conheço ninguém. *Aí foi que* eu sofri porque não conhecia ninguém. Alugamos uma casa e comecei a trabalhar em casa de família e ele na oficina. E, desde então, essa menina de

quatorze <refere-se à filha, Cecília> *foi quando* passou a ter responsabilidade, a partir de sete anos que ela passou a ser uma... (?)

Ela passou a ter responsabilidade porque, apesar de ser pequena, era minha menina mais velha. Tinha sete anos na época, o Victor, *que* tem treze hoje, tinha seis e o Geraldo, *que* era pequenininho, tinha uns dois anos (?). *Aí* minha mãe *veio* embora e me deixou lá. Continuei vivendo minha vida, trabalhando feito uma condenada na casa dos outros, *todo* deixando os dois menores na mão da de sete anos. Eu arrumei uma creche que só *pegava* o pequeno. Os outros dois maiores ficavam em casa sozinhos.

(...) *Sei que* sempre, *de vez em quando*, sai carochos no corpo <de Pedro> que viram feridas. Já fiz exame de sangue, problema de sangue (?). Ele tem anemia, só anemia. Deve se por causa da anemia, *porque mais outra coisa não*. Também não teve sarampo, coqueluche, nada disso. A vacina dele *todas em dias*. É o que mais mamou. Ele me deixou magra assim porque ele foi um menino que até nove meses só mamava. Não comia nada. Ele nunca chupou bico, nunca viu uma mamadeira. Dez meses só *mamando*. Imagine, só mamava!

(...) Cecília (...) mamou menos de um mês. Victor também mamava e comia outras coisas. Esse aqui <Moisés> também mamou um pouco, mamou *assim* três meses, *mas* o Pedro mamou até onze meses. Até dez meses ele só mamava, mais nada. Até dez meses só mamava, *outra coisa nada*, nem pão nem bolacha, nada. *Aí* depois *de que* ele completou onze meses, na época *que* ele começou a comer, *vim* embora *pra* cá e ele <o marido> ficou lá trabalhando. O trabalho lá estava tão bom que eu *vim* embora. *Vou* embora porque eu tenho que ir *pra* casa da minha mãe. Porque *tava* passando muita dificuldade. Depois que eu tive criança era mais difícil trabalhar. Mesmo assim eu *ainda* tentei, *viu?* Eu deixava *ele* com três meses *de nascido*, ia trabalhar *a* noite, ia fazer peças de gesso de dia e ia vender. Só vinha em casa *pra* dar mama. Eu vendia por perto. Eu vinha em casa, molhava o seio, dava mama, voltava e trabalhava, voltava, dava mama. Era uma luta. Deixava na mão dela com sete anos.

Foi esse <o filho, Pedro> *que* eu *vim* ver quase um ano depois. E por que eu fui buscar? Eu já *tava* grávida *pra* ter essa Ana. Eu procurei *ele*. Fui até a casa da família dele, procurei o pessoal.

Diziam que não sabiam *não*. *Até que foi* um dia... Eu *peguei*... Eu cheguei, quando eu *já* ia embora, ele ia chegando. Eu trouxe *ele*. Nem as roupas do menino, que ele levou, não *tinham* mais. O menino veio parecendo um esmoler [mendigo], com a roupa dos outros, todo ferido, todo maltratado. Disse que a mulher dele batia. Ele veio com marcas, dizendo que a mulher dele batia. *Aí* eu trouxe o filho e deixei *aí*. O dia o que eu tiver, eles comem.

Eu estraguei toda minha vida

O quinto foi esse aqui <Moisés>. Foi *onde* eu estraguei toda minha vida com o pai desse. Eu morei com minha mãe também, dois anos e pouco, quando conheci o pai dele. (...) Minha mãe cuidava de Pedro *pra* que eu trabalhasse. Então o conheci, *que* eu vim fazer parte aqui na invasão.

(...) Foi quando eu disse a você que *fiquei* muito bonita. Todo mundo comentava que tinha a pele bonita, o cabelo bonito. Fiquei muito bonita mesmo na gravidez dele <Moisés>. Foi uma gravidez também sadia. Nunca senti nada, nem enjôo. Não sinto nada, *não sei o que é* enjôo, o que é desejo. Nada disso. Negócio de gravidez, tontice, nada disso. O parto dele também foi bom. Eu saí *pra* ter *ele à* noite e voltei de manhã. As pessoas não sabiam, não conseguiam entender. Disse: “*Oxente*, você dormiu e seu menino nasceu em casa?” *Que* não me viram sair *nê*? Mas não me viram chegar. Voltar de tarde. Foi no hospital.

Todos <refere-se aos filhos> NASCERAM no hospital. O Pedro nasceu lá no interior, como eu lhe disse. No mesmo interior que a primeira. O segundo nasceu na Ticila Balbino. O terceiro, esse Geraldo, nasceu *que* eu já morava aqui também. O de dez anos também nasceu aqui na Clisur <Clínica do Subúrbio>. *Tudo* foi na Clisur.

Aí ele me levou *à* noite. Ele me levou assim... Um dez, onze horas... E uma hora por *aí*, ele nasceu. Eu tive de manhã, *logo quando* ele foi me ver, eu *vim logo* embora.(...) Eu vim de manhã *pronto*. A minha recuperação foi boa, também normal. Parto normal, sem ponto, sem nada. E ele também veio me dar problema agora, depois de dois anos.

Morreu com seis meses... por desnutrição da vida

Nesse meio tempo *que* eu *tô* contando, como eu disse a você, eu *tava* grávida quando separei dele. Eu fui presa. Eu tive [pari] lá dentro. Sofrimento *pra* mim! Eu tive a criança lá dentro. *Me* levaram *pro* Roberto Santos *pra* ter o menino, mas algemada. (?). Voltei *e tudo*. E o menino, nesse meio tempo, dela <refere-se à filha Cecília> ir voltar, quando ela voltou, *tava* grávida, com um barrigão *dessa menina dela*. A outra morreu. E o outro dele que eu tive morreu com seis meses. Principalmente por desnutrição, desnutrição *da vida*. *É*, eu já conhecia, mas não tinha nada com ele <se refere a seu atual marido> (?). Foi ele que *andou* comigo *pra* enterrar o meu outro filho. Foi ele, e o marido dessa minha cunhada, que andaram comigo. As duas únicas pessoas que *andaram* comigo dois dias *pra* registrar, *que* ainda não era registrada. Nesse meio tempo, ele saiu e levou o papel. *Então*, eles que *andaram pra* registrar a criança, *pra* enterrar a criança.

Eu contei que *tomaram* a casa. Fiquei na casa da minha mãe. Como a casa da minha mãe se tornou pequena, porque *morava* só eu e minha mãe, e minha outra irmã se separou do marido com um bocado de filhos e foi morar na casa de minha mãe. *Essa daí* se separou do marido e foi morar na casa de minha mãe. Então se tornou pequena. Muita confusão, muito menino, muita bagunça. Então eu pedi uma casa emprestada, *já que* caiu à casa *que* tinha duas paredes em pé. *Um* botava um pano na frente, de tábua e tapei de tábua. E do outro lado era um lençol, *que* quando batia (?) a gente via *era* lá na rua. Era um lençol grande assim. Em cima cobri de tábua *plástico*, porque quando chovia molhava dentro de casa. *Só que* eu QUERIA ERA sair da bagunça da casa da minha mãe e passei *pra* essa casa depois que meu filho morreu. Uns dois dias depois a casa caiu. *Então* o que fiz? Dividi, vim *praqui* [para aqui], *pra* casa deles aqui, *que* é tudo pago. Quando eu *vier* morar com esse atual <refere-se ao marido atual>, passei a morar aqui com os dois meninos maiores e essa menina ficou na casa da minha mãe. Dividiu. *Aí* foi que, nesse meio tempo, eu fui *falando* com ele e já trabalhei em casa de família.

Tentei trabalhar *em* iogurte. *Aí que* apareceu uma nova empresa *que* abriu, mas me dei mal na empresa porque as pessoas não pagam, e já veio policia na minha porta duas vezes. Olha a

coincidência: o policial que veio na minha porta foi o mesmo que me prendeu da outra vez. Ele veio, sentou ali no sofá, no lugar que você tá. Falou *pra* mim assim: “Olha, eu vim *pra* lhe buscar”. Eu falei: “Por quê? O que foi que eu fiz? Eu não roubei ninguém, a não ser *vender*”. E: “Você assinou uma promissória. *Então*, se as pessoas não pagarem, você é que tem de pagar”. Eu disse: “Mas só *que* as pessoas também assinaram a promissória. *Então* eu tenho que correr atrás das pessoas também *pras* pessoas pagarem?” *Então* já vieram duas vezes aqui. Eu agora dei parte das pessoas que não pagaram e eu tô correndo atrás *pra* resolver esse problema. As pessoas têm de pagar *pra* eu poder pagar. Quando o homem disse assim: “Pagar trezentos reais”. Eu digo: “*Então vá*. Tanto é que numa semana de trabalho, antes de ser presa, *numa* semana de trabalho, vou *tá* em segundo lugar como boa vendedora”. Uma semana lá, na hora de cobrar a primeira semana de cobrança, a segunda também, mas, depois eu tenho promissórias do mês de outubro. Eu sofri muito porque ESTAVA só, na juventude, o problema de família *e tudo*.

Eu estava com medo do parto

Eu tinha tido Ana, por isso mesmo eu tive eclampsia e durante a gravidez de Rosa eu *tava* com medo do parto. Quando você saiu daqui eu *tava* grávida e a gravidez correu muito bem. Eu praticamente não senti quase nada, mas o medo continuava, aquele medo por causa da eclampsia. O pessoal dizia que eu não podia mais ter filho. Eu *tava* com medo, mas, graças a Deus, o parto foi ótimo, não tive problema nenhum e correu tudo bem, tanto na gravidez como no parto.

(...) Ela nasceu no Caribé no final de fevereiro. Eu *tava* em casa *num* dia de domingo, ME arrumando *pra* ir *pra* igreja. Dizem que quando a gente vai ter nenê, parece que a gente adivinha. Dá *pra* fazer de tudo. Foi o que aconteceu comigo. *Me* meti numa faxina. Comecei a fazer tudo. Arrumei tudo. Arrumei a casa. *Mas* quando eu tô grávida, *acostumo* ser muito organizada. Eu quero tudo no lugar. Quando eu tô grávida, eu arrumo as coisas do nenê, a sacola de ir *pro* hospital. O que eu vou levar *tá* na sacola. Roupas que eu vou usar lá. *Então tá* tudo no lugar. Graças a Deus *tava* tudo pronto. Eu *tava* me arrumando *pra* ir *pra* igreja. Come-

çou as dores. Meu marido pediu carona *até*, a um irmão da igreja que tinha carro. E ele mesmo *que* me levou *pro* hospital.

Quando começou as dores eram oito horas da noite, mais ou menos. Foi rápido. Ela nasceu *às* nove e meia da noite. A gente saiu de casa oito, *né?* Ela nasceu nove e meia da noite. Correu tudo bem. O parto foi ótimo. Foi normal, como todos os outros. Graças a Deus o parto foi *super* normal. E *aí* correu tudo bem. Passei só o tempo necessário no hospital. Com vinte e quatro horas, vim *pra* casa. O resguardo também foi bom, não senti nada. Mais uma vez a situação *ESTAVA super* difícil, sem poder comprar... não tive nem remédio *pra* medicação, *pra negócio* de medicamento, não tive como tomar purgante, água Inglesa, esses remédios. Foi um momento muito difícil porque, quando eu cheguei do hospital, *tava naquela de zero mesmo*. Não tinha nem gás em casa. Eu vim de carona (...) e cheguei *em* casa e não encontrei nem gás. Entrei na casa da vizinha. *Aí foi quando* eu vendi aquele meu terreno. *Tava* na casa de minha sogra. Foi quando eu vendi... Vendi não, eu dei. *Super* barato. *Pra* comprar o gás e alguma coisa *pra* dentro de casa. Foi um desacerto, *que* eu engravidei.

Na época que você saiu daqui eu *tava* separada. Quando eu fui ter a menina, eu já *tava* com ele. Eu voltei porque tinha certeza que *tava* grávida, mas também tinha medo. Você sabe, todos os meninos *que* eu perco *tenho* hemorragia, *que* eu provoque ou não, pela minha anemia. Cinco filhos <abortos> *foi* com hemorragia. Eu tenho muito medo. Ele falou de voltar. Eu *peguei* e falei *pra* ele: “Eu posso *até* voltar com você, mas eu *tô* grávida”. Ele sabia que não era dele, porque a gente conversa muito. Na época, a gente *tava* separado e ele *tava* vivendo a vida dele e eu a minha. Ele falou da gente *voltar*. Expus *pra* ele que *tava* grávida e ele quis me aceitar assim mesmo. Disse que gostava de mim, que só queria de mim uma coisa. Exigiu de mim que, quando a menina nascesse, *eu* entregasse ao pai. Eu disse a ele que aceitava. Eu engravidei sem querer. Eu engravidei *numa* separação com ele, mas eu gostava dele. Eu achei que ia entregar a menina ao pai. Eu achei, naquele momento, que eu ia ter coragem.

Eu aceitei e então nós voltamos. Foi o melhor momento *de nós dois*. Não brigávamos, ele não me cobrava nada. Voltamos mesmo. Ele assumiu como se fosse uma gravidez... Eu voltei *pra*

ele, estava de poucos meses. Muita gente pensava que era dele, porque nós voltamos e a barriga foi crescendo. Só foram entender depois que a menina nasceu, porque ele é claro e a menina nasceu bem morena. Então muita gente não sabia. Eu acho que tem gente *até hoje* que não sabe, porque acha que a menina é da minha cor. Eu não faço questão de esconder de ninguém! *Que* minha vida é como um livro aberto e não tenho nada *pra* esconder de ninguém.

Eu voltei com ele e ele aceitou, mas *impondo* essa condição. *Aí* tudo bem, ficamos juntos *numa* boa. *Me* levou *pro* hospital e também foi me visitar, mas buscar não. Chegando *em* casa, a primeira cobrança que ele fez foi essa. Assim que cheguei do hospital: “Olha, é como a gente combinou, eu gosto de você, a gente *tá* junto *e tudo*... Mas, como a gente combinou, quando a menina *nascesse*, você ia entregar”. *Aí também* na mesma da hora que eu cheguei da maternidade, eu peguei a menina e mandei *pela* minha filha *pra* entregar ao pai. O pai *voltou* com a menina em casa. Ele conversou comigo e com ele: “Olha, a menina chegou agora do hospital, não tem como ficar comigo, porque ela precisa de amamentação”. Pediu *pra* ele: “Você deixa a criança ficar com ela até três meses, durante a amamentação. Até lá eu fico ajudando na alimentação dela e quando a menina parar de mamar e puder comer outra coisa, eu venho, e levo”. Ele concordou.

Eles se conheciam. Ele aceitou essa proposta da menina ficar comigo durante a amamentação *pra* depois eu entregar, mas, nesse meio tempo, ele pegou amor *a* menina. E quando a menina tinha *de* três a quatro meses, *que* o pai veio buscar, ele não deixou que eu desse. Outro dia, eu *tava até* cobrando dele, *que* eu acho que ele tem mais amor, ou é mais apegado, não sei. *Faz* mais denego e mais carinho a ela do que as outras. Ele tem o maior carinho *com* ela. Não quer que eu bata, briga até com o pai dela, *se possível*, porque o pai dela registrou. O pai *mesmo* registrou, mas ela mora com a gente desde então.

(...) Dá ASSISTÊNCIA porque o pai mora perto. Mora perto e *aí* a gente conversa e eu pego no pé. Se falta alguma coisa, se ela *tá* doente, eu pego no pé. Se eu preciso levar ao médico, é ele que vai buscar a ficha. Boto *pra* ele acordar *as* quatro e ir buscar a ficha, *entendeu?* Eu falo com ele e a mulher dele. Quase *que* você

encontra *ela* aqui. Ele *tã* casado hoje, tem (...) um menino de dois meses. *Então*, ele vem aqui, ela vem aqui ou vou *na* casa deles, *entendeu?* Ficou amizade. Uma coisa *que* quando a gente conversa hoje, (...) a gente não se arrepende da nossa filha, mas se arrepende *que* a gente era *super* amigo e foi uma coisa que aconteceu assim, não sei... *Então* é isso. Ele <o marido> não deixou, ele *pegou* amor à menina e eu peguei e fiquei com ela. Quando você veio daquela vez eu *tava* em Dias D'Ávila, *nê?*

Não tenho natureza de perder

(...) Eu *temia* gravidez e não transava sem camisinha, e mesmo assim eu tenho medo. Já tentei fazer esse negócio de tabela, mas eu não sei fazer. (...) Não tem jeito, não sei fazer. *Então*, engravidei de Rita, dessa que você ainda não conhecia, da que tem dois anos. Engravidei de Rita e entrei em desespero, entrei em pânico, porque Rosa tinha meses, *nê?* E eu engravidei. Eu sou assim, *pra* engravidar é *super* fácil, *super* rápido, agora *pra* perder... Não tenho natureza *de perder*. Tem que acontecer alguma coisa de errado *pra* que eu perca. É como eu disse a você, eu tenho sete filhos e tive cinco abortos, três provocado com Cytotec e dois espontâneos. Mas esses espontâneos *foi* alguma coisa errada, *entendeu?* O nome já diz: espontâneo.

<Gravidez de Rita> (...) Fiquei louca! Porque uma situação... Ele tentou vender alguma coisa, ele tentou comprar o remédio, o Cytotec. Eu coloquei o Cytotec, fiquei três dias de cama, sangrei *e tudo*, pensei em ter perdido, mas não teve jeito. Parece que viria e veio mesmo. Ela nasceu em Dias D'Ávila. Passei um ano por lá e ela nasceu por lá.

Quando fiquei grávida de Rita, *eu* inchei muito. Foi o meu medo da eclampsia voltar, *que* já era outra gravidez! E eu lembro que de Ana inchei muito (...). Dessa vez inchei mais (...) porque fiquei de um jeito que *pra* me levantar de um lugar *era* a pessoa me ajudando. E mesmo assim fiquei na luta! Eu tinha que ir da minha casa ao posto andando, eu ia *pro* posto e aí ficava, porque minha mãe estava <internada> em uma sala e Moisés, na outra. *Aí* eu dava atenção um pouquinho a um e *uma atenção* um pouquinho a ela. *Já* na hora de ter nené, só esperando a hora. *Tanto foi* que ela saiu do hospital *num* dia e dois dias depois eu tive nené.

Lá em Dias D'Ávila a vida da gente foi melhor *que* aqui em matéria de trabalho. Mil vezes melhor! Por que aqui a gente tem o quê? Quase dois anos que eu voltei de Dias D'Ávila e até agora ele *tã* desempregado, fazendo uma coisa quando aparece ou outra. E lá em Dias D'Ávila ele elevou o quê? Levou três meses desempregado *num* lugar que a gente não conhecia ninguém, *nê*?

Lembro que por ela *tã* doente (...) coloquei a cama dela pertinho da minha (...) porque à noite eu ficava levantando *pra* dar o remédio dela, *pra* cuidar dela em casa. *Aí* eu lembro que quando eu acordei *assim* com as dores (...) *foi* de manhã, eu *fui ter de manhã*. *Então* *aí* ela <a mãe> *tava* acordada e falou: "Vai com Deus!". *Aí* eu fui, também foi parto normal, *foi* pela manhã. Lá em Dias D'Ávila se usa muito esse negócio de mototáxi. Já ouviu falar? (...) tudo é movido a moto. (...) Se você quiser ir a algum lugar, você liga e a moto vem te buscar em casa. Tem motogás, tem o gás que você pede por telefone e a moto vem trazer o gás; tem a moto-bebida *pras* pessoas que têm bar, *só é ligar e vim*. Tem moto *pra* tudo quanto é coisa. *Então* eu ainda fui ter nené de moto! Chamei o mototáxi e fui embora. Fui eu e meu marido, mas só que *teve* duas motos. (...) eu tive meu parto... O parto dela teve um pouquinho (...) de complicação (...), ela não queria nascer. *Assim, tava* na hora dela nascer e ela subia. (...) depois do parto foi que eu senti (...) as dores, porque era uma mão muito forte do médico e ele ficava apertando aqui *pra* que ela descesse. *Tava* na hora, eu já *tava* sem força, *já mesmo* chamando por Deus e *aí*...

(...) Moisés também se internou. (...) Ele saiu primeiro do hospital e ela >refere-se à mãe> ficou. Ele teve alta primeiro e depois que ela saiu, com vinte e quatro horas *que* ela *tava* em casa, eu tive a menina, *nê*? De manhã cedo acordei com dores e *tudo*, ela *aí* me levou *pro* hospital, e como eu disse, no parto..., na gravidez... A gravidez dela foi o quê? Foi um pouquinho tumultuada, porque eu sentia muita falta de ar, *sabe*? Eu sentia muita falta de ar e pensava que ia morrer. Não tinha jeito, se eu ligasse o ventilador era pior, eu passava muito mal e meu marido entrava em pânico. Eu começava a chorar, ele chorava, as crianças choravam, *que* eu pensava que fosse, sabe... Se você visse se desesperava, porque é horrível! Eu acho que é pior que doença, porque a doença é ruim, mas a gente sem respirar a gente não vive, deu *pra*

entender? E eu me sentia como um peixe fora d'água, *nê?* Porque o peixe só vive dentro d'água, e eu precisava do ar pra respirar e eu respirava e não *tinha*. Era como se tivesse um saco na cabeça. E eu ficava mesmo desesperada e quem via ficava desesperado também, era horrível! Fora o inchaço, que *todas as* gravidez eu incho. *Então* fora isso, eu me sentia muito bem. Cuidava da minha casa, cuidava da minha mãe, (...) de meus filhos. Quando dava falta de ar era cama *na certa*.

Tirando isso, o parto dela também teve aquela complicação, como eu te falei, *que* ela quis colar, em vez de descer. Eu fazia força *pra* ela nascer quando vinha a contração, mas ela não descia, ela subia, ao contrário. *Então* o médico teve que me ajudar *pra* que ela nascesse, fazer força *e tudo*. Ele fez tudo *pra* que não fosse usado o fórceps, *nê?*, como eles chamam, ele fez tudo *pra* que não fosse utilizado o ferro com ela *pra* que ela nascesse.

(...) A enfermeira já tinha preparado e pensou que ela ia ser tirada a ferro, porque ela não queria nascer de jeito nenhum. Foi *que* o médico disse: "A gente vai fazer tudo *pra* que a *gente* não precise usar o ferro". *Aí* começou... Ele ficou na minha frente e botou a enfermeira aqui *pra* fazer força, mas ela não tinha tanta força. Ele trocou, colocou *ela* lá e ele ficou aqui fazendo força, até que graças a Deus ela nasceu. Mais uma vez foi parto normal, também *com vinte e quatro horas* eu tive alta e fui *pra* casa. Fui cuidar do meu nenê, cuidar da minha mãe, que *tava* se restabelecendo, e cuidar de Moisés.

Aí fiquei assim, cuidando de todos. Mas lá tinha o lado bom, porque ele trabalhava, e graças a Deus não faltava nada. (...) *que* essa Marivalda, que chamam de Marivalda, *ela tava* comigo, *que* desde que eu me mudei *pra* lá eu levei *ela* daqui, e ela *tava* lá comigo, então ela me ajudava. Marivalda é minha sobrinha, filha de Luzia, a mais velha. *Então*, quando eu fui *pra* Dias D'Ávila já levei *ela*. *Aí* nessa situação toda ela me ajudava a fazer alguma coisa. Tinham meus meninos que me ajudam muito em matéria de fazer alguma coisa em casa. Eu, como não tenho resguardo mesmo, com dois ou três dias já *tô* na luta. Comecei a cuidar de minha mãe e cuidar de meu filho.

Fiquei torcendo pra que fosse menino

Depois que eu cheguei de Dias D'Ávila eu engravidei novamente <refere-se a Carlos>. E *aí* foi uma gravidez também assim, que me assustou, porque eu... *Aí* minha menstruação atrasou um mês, dois meses, três meses, *aí* eu falei... Com dois meses que a menstruação não veio (...) fiz um teste de gravidez e deu negativo. Eu então me preocupei. "Meu Deus, será que é alguma doença? Alguma coisa? Algum problema?" Fiquei com medo *mesmo*.

(...) *Aí* a partir do quarto mês *que* tinha atrasado, o teste *aí* deu a gravidez. Fiquei torcendo *pra* que fosse menino, porque eu pensei: "Sendo menino, eu agora estrangulo e não corro mais o risco de engravidar". Mas eu sou muito medrosa. Quando eu fui ter *ele* no hospital, vi muita menina lá que tinha estrangulado, MAS tinha meninas internadas, *tinha* tido problema de abscesso, drenando o abscesso. Eu fiquei com muito medo e fiquei sabendo que a operação do homem é muito mais fácil, *nê*? E muito mais rápida. Eu conversei com ele e ele não se opôs: "*Olha*, se *pra* você é mais complicado, eu opero". *Então* a gente entrou nesse acordo de ele operar. Só que ele é muito envergonhado, ele quer que eu vá ao médico, *que* eu converse, *que* eu procure saber tudo direitinho, *que* se tiver que fazer alguns exames, *que* eu pegue a requisição. E ele vai fazer os exames quando for *só mesmo pra* fazer a operação. A gente concordou assim, porque fica difícil *pra* mim com tanta criança (...) *que* eu me opere, *pra* que eu estrangule, *pra* que eu fique assim operada. É muito difícil *pra* mim.

(...) Mesmo sabendo que se tratava de uma gravidez, que não era uma doença, passou o medo de ser uma doença, mas a preocupação, o pânico de ter mais um filho na minha situação *daqui*, continuou. *Aí* quando eu soube que se tratava de um menino, *aí* fiquei um pouquinho..., fiquei alegre, mas a preocupação continuou, *entendeu?* (...) Ele veio a ficar contente depois que nasceu, *que* ele viu o filho dele, *que* pegou no colo, *aí* ele *pegou* amor e hoje em dia é Deus no céu e o filho dele na terra. Mas *até* mesmo eu dizendo *pra* ele: "*Olha*, eu fiz um ultra-som. É um menino *que* você tanto queria". Mesmo assim, ele ficava triste e preocupado, *que* já pensou a minha situação? Era terrível. Depois que nós viemos de Dias D'Ávila *pra* cá ele ainda não arranjou um serviço.

(...) Eu tenho problema de saúde, de pressão. Eu tenho medo. Eu sou mais *fácil* de ter hemorragia. (...) sou muito medrosa. <Gravidez de Carlos> (...) E pensei: “Esse eu tenho, depois eu estrangulo, opero”. Mas quando eu tive *ele* não estrangulei por se tratar de um parto normal, então só depois de trinta dias *pra* que eu voltasse e *aí* pudesse *estrangular*.

Mas *aí* eu também não podia por se tratar de tanta criança pequena. Eu tinha pena da minha mãe. Não tinha como não ter pena da minha mãe e dos meus filhos, porque, por mais que ela quisesse dar atenção, ela não poderia por se *tratar* da minha irmã morar com ela, com tantos filhos, cinco, seis e eu ia jogar todos os meus nas mãos dela *pra* passar um resguardo? *Aí* eu não quis.

(...) Eu não acho quem me ajude a fazer as coisas... Eu moro aqui e tem hora que eu *tô* aqui fazendo as minhas coisas e todo mundo ao meu redor. Uma tirava um esmalte da mão, a outra queria tirar do outro, e *só tem eu*. Tem que dar a mão a cada um, o pé a cada um. Não tem jeito. (...) *Aí* não tenho coragem de operar. Se não tivesse outro jeito, a gente ia dar um jeito, deixava as crianças na casa de minha mãe. Eu teria que me afastar deles e é uma coisa que eu não quero. Só se não tivesse jeito mesmo! Se fosse uma coisa que eu tivesse doente, mas é uma coisa que eu posso escolher, *nê?*

E como é mais fácil *pra* ele, *nê?* *Aí* a gente conversou e ele concordou em fazer. É muito mais fácil. E uma recuperação mais rápida, *entendeu?* Do que eu ficar cheia de ponto *aí* em cima de uma cama, porque eu não posso... (...) Conversei com ele e ele aceitou operar. Ele disse: “Eu opero, porque é uma operação mais simples, uma operação mais rápida”. Eu também disse a ele que tinha que ser dividido um pouquinho as coisas. Por que *pra* nós mulheres só isso que sobra? “Você tem que fazer alguma coisa”.

Ele concordou. *Pra* mim foi surpresa *ele* concordar. Achei que ele ia achar... Mas é como eu disse a você, ele é uma pessoa muito responsável, tem muito juízo. Ele viu e disse: “Eu não quero mais filho”. E quando a menina *tava* doente *mesmo* dessa vez, ele ficou desesperado! *Se* preocupa muito e fica preocupado por não poder fazer nada, *aí* pronto! (...).

A gravidez do menino <do çacula> também correu bem, graças a Deus. Dele eu fiz o pré-natal, tudo direitinho. (...) Foi um

susto *pra* mim e *pra* ele. Ele ficou desesperado! Só faltou chorar! Ele é jovem. Ele é jovem, *nê?* Ninguém olha *pra* ele *pra* dizer que tem quatro filhos. (...) O pai dele parece... Dizem que parece morcego, que ele nunca envelhece. Você *vê* essa foto dele aí, tem anos, mas ele é a mesma cara. O meu marido é assim. Tem vinte cinco anos, mas você olha tem cara de dezessete, dezesseis. Ninguém diz que ele tem vinte cinco anos. Ele é mais velho do que o pai dela. Só fiquei mais um pouco contente quando eu fui tirar a ultra-som. (...) A médica falou que era um menino. *Aí* eu fiquei contente.

(...) Ele tem três meninas. Antes do nosso casamento *tem* essa menina aqui. Ela se chama Micaela e ela vem sempre vem aqui em casa. Ela agora *tá* com sete anos e completa oito anos *agora* em dezembro. E *aí* eu fiquei contente por ser um menino, porque comigo ele tem duas MENINAS (...). *Aí* se fosse outra menina, talvez ele ficasse frustrado. Além do mais, veio o filho homem que ele queria tanto. *Aí* sendo menino, amenizou um pouco o nosso medo. Não que melhore, não que diminua, mas amenizou, PORQUE deixou *ele* mais contente e a mim também.

Aí ficou as mesmas dificuldades de sempre, correndo atrás, fazendo biscate, porque não *corre* um trabalho, *sabe?* (...) Apesar *dele* ser jovem, ele é responsável. Ele podia escolher, não ligar, mas ele se preocupa. Se disser assim: “Ó [Oh], vai ali”. Ele vai, ele cava buraco, ele faz de tudo. Ele já trabalhou como auxiliar de escritório, como entregador de jornal, como office-boy. A carteira dele é assinada como auxiliar de produção, mas o que aparecer ele vai fazer. Lá em Dias D’Ávila era melhor *pra* gente nesse *fator* de emprego (...).

(...) Quando descobri que *tava* grávida e *que* era menino, amenizou um pouco, *nê?* Mas não que mudasse a nossa situação, porque desde que a gente chegou de Dias D’Ávila que ele não arranhou um trabalho fixo, só negócio de biscate, e isso dificulta muito, porque mesmo com dinheiro do PETI, que é um dinheiro que sai *mensal* e só saiu de dois em dois meses durante cinco meses, depois começou a sair de um e um, ou seja, a gente só *tá* ganhando R\$ 80,00 por mês *pra* todo mundo e *pra* tudo. *Aí* fica difícil. São sete crianças, sete pessoas *pra* comer de manhã, meio-dia e de noite. São três no mingau, porque essas duas pequenas

ainda comem mingau e ele também. *Agora*, elas eu tapeio, eu tapeio, *nê?* Agora ele...

(...) Ele <Carlos> simplesmente deixou o peito. Eu dou mama *pra* um menino..., o irmão de minha menina, *pro* filho dele, do rapaz <refere-se ao filho do pai de Rosa>. (...) O pai da minha menina, ele tem um filhinho de dois meses, *que* quando ela sai *mais* ele, deixam o nenê comigo e eu dou mama *pra* ele. Ele mama em mim, mas o meu não mama. Eu dou mama *pra* ele, mas já o meu não quer. Ah, deixou..., com cinco meses. Minha mãe acusa o bico, porque ele *pegou* chupeta muito rápido e a médica também falou que eu dei a chupeta. *Então* ele se acostumou com a borracha da chupeta, *nê?* *No que* eu dei a mamadeira, ele pegou logo, rapidamente, mas o peito *NÃO*. Não é bom dar chupeta *pra* menino pequeno e poucos meninos meus *pegam* bico. Aqui em casa acho que só ele e (?), de todos que eu tive só dois *pegaram*.

Eu tenho um elo muito forte com Deus

(...) Eu tenho um elo muito forte com Deus. Eu costumo conversar com Deus *pra* tudo. *Olhe, pra* mim é o seguinte. Se eu tiver muito querendo falar com você e você vier até aqui em casa por *um* acaso, *pra* mim foi Deus que trouxe você, foi uma bênção que ele me deu. Se eu *tô* em casa sem nada e de repente você chega aqui e a gente começa a conversar e eu digo *pra* você: “*Olha* Cris, eu *tô* desesperada porque hoje meus filhos não comeram, e eu não sei o que vou fazer de noite”. A gente conversa e você antes de ir embora diz: “*Olha aqui* Maria, tome esse dinheiro e dê café a seus filhos”. *Pra* mim também foi uma bênção de Deus, foi ele que te usou *pra vim* até aqui fazer isso.

Então, eu tenho um elo muito forte. Tudo o que eu vou fazer converso com ele. Tudo que eu quero, eu peço a ele. Se não acontecer é porque não era *pra* acontecer, *entendeu?* Eu orei *pra* ele e disse: “*Olha*, já que o Senhor me deu mais uma gravidez, já que não é uma doença, é um filho, o Senhor me *dê* um filho homem *que* eu tanto queria. *Então* que o Senhor *falta* me abençoar — antes de eu saber que era homem eu já pedia a ele que fosse um menino — já que não é uma doença, é uma gravidez, me abençoe com um filho homem que é o filho que eu tanto quero”.

Aí ele me abençoou com esse filho. Eu pedi: “Que nasça bem, que seja um parto bom, que corra tudo bem”. Ele ainda me assustou, porque o menino nasceu com um caroço na cabeça. Eu tinha medo, *que* acontece muito aqui esse *lance* de trocar filho na maternidade. Eu tenho esse medo comigo e todos que nascem eu tenho que marcar de qualquer maneira. Eu pego. Não tem jeito. É *nascendo* e eu *pegando*. “Doutor, deixa eu ver meu filho?”. Tem mãe que o filho nasce e só vai ver lá dentro. Eu não, eu tenho muito medo. Assim que ele nasceu, eu vi no mesmo momento o carocinho na cabeça dele. Também não demoraram de me dar, *que* no Caribé <hospital> fica logo com a gente. *Foi* terminar de limpárem, *cuidar* dele, me deram logo *ele*. *Aí* quando eu vi me assustei muito, porque a cabeça dele era tão pequenininha e o caroço grande. *Aí* quando me deram *ele* no quarto eu percebi. *Então aí*, veio uma enfermeira *pra* dar banho nele e eu mostrei, e perguntei, e ela falou: “Não, mãe, não se preocupe, isso chama deformidade do parto, ou seja, quando a criança *tá pra* nascer nós temos esse osso da perna e *aí* ele bateu a cabecinha”.

Que realmente, quando meu marido me levou, antes de entrar, de eu ser atendida, eu *tava* em pé aguardando a mulher fazer ficha, *isso e aquilo*. Ela mandou *eu* me deitar, mas eu não conseguia porque as dores não deixavam, *então* eu *tava* em pé. No momento que a médica disse: “Ela vai ficar, ela vai ter nenê, pode botar *ela* lá dentro”. Eu *tava* em pé e a mulher queria que eu fosse andando. “*Me acompanha*”, e eu não consegui. *Que* teve um momento que ele veio *pra* nascer mesmo. Eu acho que foi nesse momento que fez isso na cabecinha dele. Eu *tava* em pé, no momento que eu senti que ele ia nascer, eu fechei as pernas assim, *sabe?* E agüentei *pra* que ele não nascesse. Foi *aí* que ela me botou *numa* cadeira de rodas e me levou lá *pra* dentro. E lá dentro também teve outras vezes, *que* eles têm mania de deixar a gente cá no quarto e só levar lá *pra* sala do parto quando a criança *tá* coroadando. Eu acho errado. Eu acho assim, *tá pra* nascer, tem que ficar alguém ali, *entendeu* Cris? Porque o menino não tem hora *pra* nascer. A partir do momento que examinou e disse vai nascer e *tá* ali, tem que ficar alguém perto de você *pra* qualquer eventualidade *ela* te ajudar. Não é: “Ah, a bolsa estourou, *tá* co-

roando”. *Aí...*, porque é assim quando a criança coroa — *vê* que loucura — a criança coroa, *ela faz*: “Vem mãe, *pra* sala de parto”.

Tudo bem que é perto, *como daqui pra ali*, mas não tem como você descer de uma maca, e subir em outra com a cabeça da criança saindo. Eu acho impossível! *Então* eu acho que devia ser uma coisa diferente, não é isso? E *aí* fizeram isso comigo. Ele já *tava* nascendo e ela: “Mãe, me acompanhe”. Ir andando *pra* subir na mesa *e tudo*, então eu acho que isso prejudicou meu filho, porque ele vinha *pra* nascer, voltava. Vinha *pra* nascer, voltava. Não tinha aquela ajuda. Tanto foi que eu tive *ele* praticamente só, porque ela me colocou na mesa de parto e *aí* disse: “ Ó [Oh] mãe, qualquer coisa você...”. Botou a luva e ficou ali pertinho de mim. Só que chegou outra mulher que também ia ter nenê e *aí* ela saiu, *que* ficava uma cortina aqui, uma tábua no meio, não sei, e são duas mesas de parto. *Então* ela *aí tava* comigo, mas como a outra chegou com o menino já nascendo, ela *aí* correu *pra* atender a outra, ou seja, fiquei só. Quando eu gritei: “*Tã* nascendo!” O nenê nasceu e ela veio correndo, porque quase ele cai, quase ele cai! Ela pegou *assim* uma roupa que veio *pra* mim, que *tava* em cima de mim, puxou *assim* rápido, aparou ele *assim*, só você vendo. Ele nasceu sozinho mesmo. *Aí* quando eu vi o carço fiquei assustada, mas ela *passou pra* mim na mesma da hora que tinha sido deformidade do parto, que ele tinha batido a cabecinha e quase passou da hora de nascer. Bateu a cabecinha nos osso da perna, *que* a gente tem *esse* da perna e ele tinha batido a cabecinha ali, *que* eu não me preocupasse. Mas mesmo *assim*, eu fiquei preocupada. Veio a enfermeira *pra* dar banho e eu mostrei, ela me disse a mesma coisa.

Depois no outro dia *à tarde*, a pediatra *olhando* as crianças, eu também mostrei (...) e ela me disse a mesma coisa. Doutora Camila, *ela* me disse: “Não se preocupe, é uma deformidade do parto que vai desaparecer, *viu?* Vai desaparecer com o tempo”. Eu *também vim pra* casa, chegando *em* casa eu fiquei reparando, fiquei observando em casa *pra* ver se desaparecia, mas não desapareceu, pelo contrário, fiquei achando que *ele tava* aumentando. Não sei se é a minha ansiedade e a do meu marido, mas a gente achou que *tava* aumentando. Mas também fiquei observando *ele*. Não tinha febre, era um menino normal, mamava, dormia, tudo

tranquilo. Mas eu me preocupei assim mesmo, fui até a pediatra, Doutora Tânia, uma ótima pediatra também. Levei até ela no Caribé, e conversei com ela. Ela olhou e disse também que era deformidade do parto. Quando levei *pra* ela, ele já *tava* com doze dias. Ela me deu uma requisição *pra* que eu fosse ao Martagão Gesteira, ao hospital pediátrico, procurar um neurologista, um médico de cabeça *pra* que ele fizesse uma avaliação melhor. Eu fui até lá, o médico mediu, olhou e disse *pra* mim: “*Olha* mãe, vai sumir, tem casos que melhoram, pode levar um mês, mas vai sumir que é deformidade do parto. Agora se não sumir, a senhora volta aqui”. Então foi isso que aconteceu. Era um carço molinho, como a moleira, depois endureceu, ficou como o casco da cabeça, ficou duro, mas continua aí no lugar. E agora eu voltei à pediatra, *conversei* que não sumiu, que ele já fez seis meses, que se fosse o caso de operar, ou alguma coisa, ele teria que ter mais idade.

Então eu espero em Deus, que não seja nada demais e *que* ele não precise operar, porque operação na cabeça é uma coisa muito delicada. Confio em Deus que meu filho não vai precisar. Ela me deu novamente uma requisição *pra* ir a um médico de pele, por causa da alergia, e uma requisição *pra* um neurologista lá no hospital. Eu *tô* esperando ter *transporte*, porque é lá na cidade. *Aí*, se for da vontade de Deus, eu *tô* pensando em ir segunda-feira, *daqui pra lá* arrumo dinheiro, porque lá atende segunda e quinta o dia inteiro. Se eu não for segunda, com fé em Deus eu vou na quinta. Vou levar *ele*. Eu *até* lhe digo alguma coisa antes de você ir, eu terei a resposta do que é aquilo na cabecinha dele. Eu espero que não seja nada demais, porque não sumiu. *Aí* o médico vai fazer um *eletro*, alguma coisa *assim, pra* me dizer o que é isso aí, *que* eu não sei.

Eu não reclamo da vida

Então, o que eu quero dizer é *o seguinte, que* todos os seis que Deus me deu, eu tenho muito que agradecer. *Que* tem muita gente *aí*, Cristina, *que* quer ser mãe e não pode, *nê*? E Deus... Eu não reclamo da vida. “Ah, meu Deus! Eu tenho tantos filhos (?) eu não posso reclamar”. *Que* tem muita mulher *aí*, Cristina, que quer ter um e não pode, *entendeu*? Quando adota é dos outros, *que* não sabe o gênio. Não sabe de onde veio, *sabe*? Não sabe se vai ser

uma boa pessoa *pra* ela, se vai reconhecer. Como minha mãe, *que* pegou meu irmão. Ele tem trinta e três anos. Minha mãe fez tudo, todos os colégios que eu estudei, ele estudou, trabalhou. Tudo o que eu tive, ele teve. Se eu tinha uma bicicleta, ele tinha. Então, *num* teve diferença. Criou como filho e, hoje em dia, ele só não bate em minha mãe, porque a gente não deixa. Deu *pra* beber muito, esculhambar [insultar] minha mãe. Só não bate, porque não deixamos. Quer dizer, não reconheceu o que ela fez. Não sendo a mãe dele *e tudo*, quer dizer, ao invés dele reconhecer que a mãe *que ele* achou foi ela, ele acha que não, *entendeu?*

Então, é aí que eu digo. Então, eu tenho mais é que agradecer a Deus porque sou uma mulher fértil. Deus me deu sete filhos e um ele levou, né? Não levou, porque ele não leva ninguém, mas permitiu que partisse. Então, eu tenho seis filhos e todos os seis são perfeitos. Outra coisa também, que eu tenho que agradecer muito é que tem muita criança aí com Síndrome de Down, é aleijada, é surda, é cega, é muda e meus filhos são todos perfeitos, né? Têm problemas de saúde, como todo mundo tem, mas graças a Deus eu não me queixo disso, entendeu? E eu sou uma mãe assim, que eu dou muito valor a meus filhos e quem quiser ser meu inimigo, bula com meus filhos. Eu sou uma fera, sabe? Uma leoa quando tem um filhote, eu acho que uma cobra, sei lá. Eu sou assim. Então, quem quiser fazer algum mal, faça pra mim. Mas não faça pros meus filhos.

Então, isso se aplica a ele <o pai de Pedro> mesmo ele sendo pai, ele tá maltratando muito meu filho, e eu não tô esquecida dela não. Eu vou fazer ele pagar. Vou mesmo. Vou fazer exame, fazer o que eu tive que fazer, mas ele vai reparar isso tudo que ele tá fazendo. Eu faço questão que ele repare.

3.4. Abortos provocados e espontâneos

Eu tenho anemia profunda

(...) Do meu primeiro marido eu só perdi um. Eu mesma quis. Eu não queria, mas, eu não te contei? Eu não gostava dele. Já *tava* na separação e eu mesmo tomei o Cytotec e perdi. Os outros *foram* do segundo marido *que* eu perdi. Dois do primeiro marido, dois do segundo e um agora. Foi porque eu tomei o Cytotec, foi do

primeiro marido, foi porque não queria ficar com ele. No segundo marido não foi com remédio, foi susto. Sabe *assim*? Foi briga dos outros. Eu *tava* presente e me assustei. *Aí* com três dias depois... Foi *até* pela época de Natal. Eu não sei nem explicar o porquê. A mulher de meu pai arrumou a casa, *tudo*, e veio *pra cá*. Isso foi de madrugada. A bolsa *pocou*. Eu *tava* de quatro meses e veio a hemorragia e eu perdi. Dessa vez, *agora também* não tem jeito. Só duas vezes que foram com remédio, as outras três não.

Eu tenho hemorragia. Todos os cinco que eu perdi *foi* com hemorragia, porque eu tenho anemia e a médica disse que com anemia tem probabilidade de ter hemorragia. Eu tenho anemia profunda, *aí* por isso... Sempre tenho anemia. (...) Ela é assim, você tem *ela*, você cuida, você trata, *ela* melhora, mais nunca passa. *Que* ela é profunda mesmo! Isso é de família. Isso passa e de mim passou *pra* meu filho. Esse outro tem anemia. Esse aqui já foi internado com anemia *de ele* inchar todo. Ele incha o rosto, incha as pernas por causa da anemia. Pedro e outro filho com anemia, só eles dois. Pelo menos eu digo *assim* profunda.

(...) Eu tive cinco hemorragias por ABORTO. (...) Mas graças a Deus, eu costumo dizer que nasci *pra* ser cristã, *sabe*? Porque eu não bebo, não fumo. Minha única perdição, como *diz* os crentes, é a música. Gosto muito de ouvir música e de cantar. Só que agora *tô* substituindo minhas músicas por evangélicas. Eu canto, eu danço, brinco, (?) minhas músicas *pra* poder substituir aquele lado que gostava muito de festa, de farra, essas coisas de pagode. Mas, *no mais*, *tirando* assim o problema da música, não bebo, não fumo, não gosto de roupas devassas. Nunca gostei. Substitui meu biquíni *assim* muito devasso por um “suquine”. Nunca gostei muito do meu corpo, e POR qualquer dificuldade confiava muito em Deus. Eu me apeguei muito com Deus. Quando ia ter uma criança (...) e *tava* lá mesmo me esvaindo em sangue, assim com hemorragia, me sentindo fraca e me sentindo mal mesmo, tinha confiança *que* ia sair dali como fosse. “Meu Deus, tomara que durma e acorde logo e passe logo essa noite e quando for de manhã, *tô* bem”. Então eu tinha aquela confiança, *entendeu*?

FORAM cinco abortos. É deixe eu lembrar..., quantos abortos assim provocados com Cytotec? Com Cytotec, *deixe eu* ver meu Deus... Eu tive três abortos provocados e dois espontâneos. Eu

tive cinco abortos, seis abortos. Três provocados e três espontâneos. *Me lembrei!*

Eu mesma provoqueei

O primeiro aborto foi depois do terceiro filho, depois de Geraldo, porque eu já *tava* separando do pai dele e *aí* engravidei. Eu não queria de jeito nenhum me separar dele <com outro filho>, com três filhos dentro de casa *ia* dificultar. *Então* o que é que eu fiz, tomei um Cytotec mesmo *pra* poder perder. Eu mesma provoqueei. Já *tava* com três meses, *foi...* Deu um pouco de problema, porque eu tomei Cytotec e a bolsa saiu, mas ficou *assim* na vagina do lado de fora, *que* ela não rompeu a bolsa. Eu tive que ir *pro* hospital assim com essa bolsa. Fui ao Caribé. No Caribé romperam a bolsa e mandaram *pra* outro lugar. (...) Desde casa *que* já saiu com hemorragia.

Atenderam no Caribé. Não tinha como eu ficar, porque não tinha anestesista. *Me* botaram... *Até* não tinha nem ambulância. *Me* botaram em cima de um carro, de uma *pampa*, esses carros abertos, com soro e *tudo*. (...) *Me* levaram *pra* outro lugar. Meu Deus! Eu não lembro o hospital *que* eu fiquei. Meu deus! Não lembro o hospital, mas isso não tem importância. *Me* levaram *pra* outro hospital e fiquei. Eu fiz lá a coletagem [curetagem]. Fiquei, depois melhorei e vim *pra* casa.

Foi espontâneo porque eu queria muito

Xô vê [Deixe-me ver] o segundo aborto... Deixe *eu* lembrar, *que* *cê* disse que tenho boa memória. *Pra* não apagar, eu lembro de tudo mesmo. *Então*, *xô vê* [Deixe-me ver], depois desse aborto, o segundo aborto já foi do pai de Pedro. (...) Foi depois de Pedro, o pai dele, porque a família *tava* nesse negócio da família dele. Eu já tinha vindo embora e *tudo*, e eu vi que ele não queria nada com a vida. Depois que veio *pra* aqui não queria mais nada com a vida, *assim* com uma certa irresponsabilidade. Disse: “Vou ter que trabalhar *pra* criar meu filho. Então uma gravidez só vem atrapalhar”. *Aí* eu também tomei Cytotec.

Antes de Pedro, eu tive um aborto. Foi espontâneo. Foi porque eu queria muito. Eu queria engravidar de Pedro, mas foi antes de Pedro. Foi logo quando eu *tava* com o pai dele, uns dois anos

que eu já *tava* com o pai dele. Eu *tava* grávida de três meses (...). Ele mora em Periperi. *Távamos* na casa dele conversando, eu e a família dele do lado de fora, e na varanda teve uma briga com um pessoal no meio da rua. *Aí* um rapaz é..., correu e o outro ficou atirando. Um *correndo*, e o outro *atirando*. Só que o *que* correu, correu *pra* perto da gente. *Távamos* conversando *assim*, tinha um poste e ele se escondeu atrás do poste. Tinha uma moça *assim* perto da gente. O que *tava* atrás do poste, perto da gente, e ele lá *atirando assim pra* nossa direção, mas atirando no homem, só que o homem *tava* atrás de nós, atrás do poste. *Aí* pegou na barriga da moça que *tava* com a gente. *Aí* aquele susto, na mesma hora me deu vontade de fazer xixi, de ir no banheiro. Eu fui e na mesma hora eu constatei; a calcinha era de cor clara, e eu vi uma pontinha de sangue no fundo da calcinha. *Aí* eu pensei: "Não, foi o susto". Não liguei. Isso foi uma terça-feira, quando foi na quinta-feira eu perdi. Foi perto do Natal, na noite de natal, dia vinte e quatro de dezembro. *Aí* eu tinha ido *em* casa arrumar as coisas e ele tinha saído. *Tava* chovendo muito. Faltou luz. *Távamos* de vela. Botamos umas velas *assim* e comecei a folhear uma revista. *Tava* lendo uma revista na cama, *assim* e *aí* a bolsa *pocou*. E logo depois da bolsa romper, foi a hemorragia. Eu *tava* sozinha com a menina. Fiquei louca. Aquele *sangareu* [sangria]. *Aí* ele ia *chegando* e também ficou louco. É uma coisa horrível uma hemorragia. Eu não sei se todas são iguais. As minhas são uma torneira ligada. Eu não sei como é que eu nunca morri. Fico boba, boba comigo, comigo mesmo. É um sangue tão forte, que ao cair ele coalha. Quando não é assim já sai coalhado, abre *assim* parecendo que a gente já *tá* tendo neném. Sente a veia, a vagina e sai aquele pedaço, *entendeu?* Muito, muito sangue mesmo.

Ele botava toalha de banho. Ele *ia lá* pegava roupa limpa, roupa suja, o que fosse achando, ia dobrando colocando em mim. *Aí* saiu comigo. Aqui quando chove faz uma lama. Saímos. Desceu comigo *dentro* da lama toda. *Me* levou na casa de meu pai, mais uma vez meu pai me ajudou, porque era a única pessoa na época que tinha carro aqui. Meu pai me levou também *pra* o Caribé. (...) Fui transferida também *pra* o Ticila Balbino. (...) Fiz outra coletagem [curetagem], quer dizer, já dois abortos com duas hemorragias.

O terceiro também foi provocado pelo Cytotec

Aí o terceiro foi depois de Pedro. (...) já foi provocado. O primeiro foi provocado, o segundo espontâneo, o terceiro também foi provocado pelo Cytotec. Eu mesma tomei. Comecei a sentir dores, assim, cólicas. *Aí* eu fiz assim: “Meu Deus. Eu tomei. Sinto dor, a dor vai e volta e eu não tô perdendo sangue nem nada”. *Aí* comecei a *dar* mesmo. A vizinha disse: “O que você tem que FAZER É apertar a barriga”. Eu comecei apertar e eu descobri... Eu disse: “*Olha*, eu vou *dar* uma hemorragia, porque quando eu apertava aqui, saía como se tivesse ligado a torneira. Quando eu tirar a mão, era como se a torneira tivesse sido desligada. Eu apertava, saía mesmo. *Tava* saindo o tempo todo como se tivesse fazendo xixi. Eu tirava A mão, parava. Eu digo: “Eu já sei que vou *dar* hemorragia”. *Aí, aqui*, falei com a vizinha. Quando a vizinha veio falar com o marido *e tudo pra* poder me levar, me dar socorro, já *tava* começando a hemorragia. *Me* levaram também *as* pressas. Dessa vez eu fiquei no Caribé. Fiz também a coleta [curetagem]. Eu não queria outro filho. Você falou uma coisa certa. Não fui no Caribé, fui transferida. Dessa vez eu lembro *pra* onde eu fui. Dessa vez eu fui *pra* o Hospital Manoel Vitorino, ONDE eu coloquei o DIU .

Então, eu, depois desse menino, chegando no Caribé fui transferida *pro* Manoel Vitorino. E lá o médico perguntou: “Quer colocar o DIU?” Eu disse: “Quero”. Coloquei o DIU. Passei um ano e quatro meses com o DIU. *Me* dei muito bem. Eu sou assim às vezes... Eu sou muito relaxada *assim*. Se eu não sentir nada, eu não vou ao médico. Então eu não senti. Eu passei um ano e quatro meses *que* eu não ia lá nem fazer revisão do DIU. Eu engordei muito. *Me* dei muito bem. Engordei, não fiquei gorda. Peguei um corpo bom, *entendeu?* Eu trabalhava em casa de família e..., nunca senti nada. Minha menstruação não aumentou, não diminuiu. Nunca senti cólica, nada. Fiquei ótima, graças a Deus. Essas coisas *assim*, sou ótima. *Então*, graças a Deus nunca senti nada.

Eu fiquei muito nervosa

Aí depois de um ano e quatro meses tirei o DIU, E mais uma vez fui fazer a burrada de tirar o DIU. Queria ter filhos e, às vezes, a gente faz burrada, depois a gente se arrepende. *Aí* ele dizia <refere-se ao marido>, *que* ele me cobrava. Disse: “Puxa te conheci

com quatro filhos. Eu não tenho filhos”. Mas mentira que ele já tinha dois filhos. Eu não sabia. *Aí* ele dizia *pra* mim *assim*, que ele queria um filho meu. *Aí* disse *pra* mim: “Eu não tenho filho. Quero ter um filho”. *Aí* eu pensava: “Bom, realmente, ele me aceitou com meus filhos, e não tem filho e ele quer um filho. Ele pode pensar assim: “Eu aceitei *ela* com outros filhos de outro homem, e ela não pode me dar um filho?”. Então eu achei no direito, na responsabilidade, no dever *até* de dar um filho *pra* ele. *Então aqui* tirei o DIU. *Então*, eu..., como é que se diz? Engravidei. Mas perdi espontaneamente também por causa de uma discussão. Briguei com ele em casa mesmo. Discuti, fiquei com raiva, fiquei muito nervosa, comecei a brigar, quebrar as coisas, fiquei muito nervosa *mesmo*, também com três meses, também *por* essa discussão.

Foram três dias depois. Eu *tava* em casa. Pedro *era* nascido. Era pequeno *assim*, da idade *desse* ou mais. *Aí* eu lembro. Eu *tava* na casa de minha mãe. Eu ia levantando, eram umas seis horas. Eu acordei e *tava* arrumando Pedro *pra* ir ao pediatra quando senti a hemorragia. *Aí* eu senti descer, *pronto*. Começou a hemorragia. Eu não agüentei andar como *daqui* na padaria ali na frente. Depois eu apaguei. *Num* lembro mais. Eu desmaiei, porque era muito sangue que eu *tava* perdendo e um rapaz da padaria me botou na *Kombi* e me levou. *Aí* foi dessa vez que eu fiquei no Caribé. Também foi espontâneo, *nê*? Não, fiquei no Caribé. Esse já é o quarto aborto.

Foi por causa de briga também

Depois desse aborto tive um outro aborto. Depois dessa gravidez *que* eu perdi, *aí* eu continuei tentando, *porque* ele queria um filho, eu continuei tentando. Também engravidei. Desse vez eu já *tava* (...) com quase quatro meses. Já foi por causa de briga também. Foi espontâneo. Com o pai desse aqui, *que* eu *tava* tentando ainda. (...) *Teve* uma briga com ele. A briga foi feia. Um rapaz quebrou a cabeça dele. Deu com o ferro na cabeça do homem *que* abriu! *Aí tudo aquilo*, eu vi aquilo tudo, aquela confusão. Eu fui tirar, separar e vi aquele homem caído ali, com aqueles coisas de fora. Foi horrível e depois engraçado, depois de tudo. *Aí* eu falei assim: “*Se* tornou *até* engraçado, porque foi o homem que ele bateu *pro* hospital, *pra* UTI *mesmo* e fui eu *pro* outro hospital”.

Voltei *pro* hospital. Então eu perdi. Era *até* uma menina. E ele queria uma menina, porque disse *pra* mim que não tinha filhos, mas ele tinha dois filhos homens. Ele era louco *pra* ter uma menina *mulher*. Então, eu *até* perdi. Foi por causa dessa briga, *que* o aborto foi espontâneo.

Esse último aborto agora também foi provocado

(...) Depois desse aborto tive esse FILHO. Depois desse tive o outro que morreu, o de seis meses e..., tive Ana. Esse último aborto *agora* também FOI provocado, depois de Ana. Eu tive que tomar um Cytotec, porque eu... A gente usou camisinha, porque *tava* sem remédio aí embaixo <se refere ao posto de saúde>. Eu uso remédio. Eu tomo Microvilar. *Me* dou muito bem com ele. *Aí* passou a *ficar* sem o remédio e passaram a dar uma tal de camisinha. *Aí* essas camisinhas... Tem vezes que dão umas camisinhas boas, tem vezes que dão umas camisinhas que *lascam*, camisinhas que não prestam. *Até* no colocar, as camisinhas rasgam, é horrível. *Então*, nesse descuido de eu transar uma vez assim, transar *pra* gozar fora. Vamos transar *pra* gozar fora, *e eu sei que nesse gozar fora* eu engravidei, porque você sabe que um pouquinho que caia, já é o suficiente *pra* engravidar.

(...) O meu último <aborto> foi esse que eu *tô* te contando. Eu descobri que eu *tava* grávida também por falta da menstruação. A menstruação não veio. Tomei um chá. *Aí* não veio. Era *pra* vir *assim* no dia dez. *Aí* não veio. Doze não veio, deu quinze, deu vinte. Eu *digo*: “Pronto, já sei que *tô* grávida. Não posso deixar”. *Aí* conversando com uma colega, por incrível que pareça a mãe da primeira FILHA dele. *Aí* ela me deu, ela me disse: “*Olha*, eu tomei Cytotec, eu tenho um só lá em casa”. Eu *digo*: “Meu Deus tomara que um só funcione”. *Aí* parti *assim*, tomei uma banda, *que* a gente toma e coloca. Foi rápido. Ela ficou preocupada, porque ela sabe que eu *dei* eclampse depois de Ana *e tudo*. *Aí* ela sabe dos problemas. Então ela ficou preocupada. A mãe da menina dele <refere se a ex-mulher do marido> me deu o remédio de noite e eu coloquei. *Me* desculpe, coloquei de noite. *Quando* é de manhã cedo ela *teve* aqui, veio aqui em casa: “Eu vim te ver, eu vim ver como é que você *tava*, porque você já teve aquele problema. Eu fiquei preocupada. Meu Deus! Pronto que João vai me matar, meu

marido”. Ela pensou. “Se meu marido souber que fui eu que dei remédio, E começar a dar algum problema, ele vai saber que fui eu e *pronto*.”

Aí ela veio aqui. “Como é que você *tá*?” Eu disse: “Ótima”. Conversei com ela como *tô* conversando com você. Ela disse: “Mas você colocou mesmo?”. Eu disse: “Coloquei”. Ela: “Então vai perder”. Eu disse: “Já perdi”. Ela disse assim: “Com essa cara?”. *Então*, como eu *tava* dizendo e ela ainda veio me ver de manhã. Ela fez: “Ó [Oh] eu vim te ver como é que você *tá*?”. Eu disse: “Eu *tô* bem”. “Não *tá* sentindo nada?” Eu disse: “Não!”. “Nem cólica?” Eu disse: “Não”. Ela *fez*: “*Aí* se você colocou ontem de noite, daqui *pra* mais tarde você perde”. Eu disse: “Já perdi de madrugada mesmo... A menstruação chegou, *aí* eu tinha colocado já o pano *que* já esperava, *aí* levantei. Fui ao banheiro, me abaixei e fiz força *pra* urinar e saiu urina, saiu placenta, saiu tudo. Eu perdi”. ”Já?”. “Não *tá* sentindo nada, não?” Eu disse: “Não”. Só fiquei preocupada, porque eu levei uns treze dias perdendo sangue, porque também tomei água inglesa, essas coisas *pra* limpar.

Água inglesa é um remédio, que *chamam*, *pra* gente tomar *pra* limpar. Toda mulher depois do parto toma. Quando tem criança, toma essa água inglesa. Tem um gosto de conhaque. A gente bebe *pra* poder limpar. (...) Não como purgante. (...) É *pra* a menstruação descer tudo mesmo, resto de parto, todinho, *entendeu?* Então eu tomei. Fiquei uns treze dias. Fiquei com medo. Depois a vizinha *aí*: “Menina, vá ao médico”. E eu... Ela disse assim: “*Olbe*, você não sentiu nada, e *tudo mais*, há muitos dias você *tá* menstruada, *possa* ser que depois você sinta alguma coisa”. Teve uma colega que não sentia nada, depois no outro dia morreu. Quando a mãe veio saber, já *tava* morta. *Assim*, o pessoal do interior, eu fiquei com medo, *assim* disse: “Não, mas eu já fiz meu preventivo. Tudo foi antes disso, mas eu vou conversar com a médica e *tudo*, vou pedir um outro preventivo, todos os exames *pra* ver se *tá* tudo bem”. *Aí* de lá *pra* cá eu não senti nada. Já menstruei o mês passado, menstruei esse mês. O último aborto foi esse depois de Ana. Mas por medo, *sabe?* Com medo por causa do problema que eu tive <refere-se a eclampsia>, *que* eu não posso mais ter filho.

Gosto de criança

Gosto, gosto de criança. (...) É bom. Mãe é bom... (...) porque eu *digo*, mesmo se fosse depender dos meus partos ou da minha gravidez, *eu* teria dez filhos. É a situação que não deixa. Eu mesma adoro criança (...) Meus partos são bons, minhas *gravidez* são boas, mesmo depois do problema de Ana... (...) Eu não posso realmente TER UM FILHO <refere-se à eclampsia>. (...) Eu não posso é deixar, por isso que eu fui obrigada. Esse aqui, esse último aborto... Eu *tive* o pior..., tive que tomar Cytotec. Porque, se eu fosse ter o menino, iria morrer, porque eu posso engravidar, posso tentar ter a criança... O parto, no exato momento, eu posso na hora do parto morrer e só ficar a criança. No caso também a sorte, porque se a eclampsia *der* no momento do parto, *aí* o médico que escolhe ou eu ou a criança. E claro que nunca vai deixar de escolher a criança, pois os médicos fazem isso. Escolhem a criança. *Então* eu morro e..., eles escolhem a criança. *Agora*, eu acho isso errado. (...) Uma mulher que engravida e ela *tendo* esse problema no parto, eu, *sendo* uma médica, salvo a vida dela, porque a criança... A não ser que ela não tenha outros. Eu penso assim. A criança morre, mas a mãe *tá* ali no meio da vida. <A criança> não sabe. Morre ali mesmo, é como se não tivesse nem sido gerada, já a mãe não. Ela vai ter a vida dela *pra* frente, *que* vai ter outras oportunidades de ter outros filhos, e *que* se ela tiver qualquer problema e não puder ter filhos, ela vai poder adotar uma criança que não tenha mãe *pra* poder criar, *entendeu?* Ela tem a vida dela *pra* frente. Pode criar uma criança e ter outros filhos. E se ela já tiver outros filhos, tem que pensar nos outros filhos que ela tem, não é isso? Por que ela morre e eu salvo a criança, e quem cuida dos outros em casa? Mas uma lei... Eu acho isso horrível. Eu acho isso *super* errado.

É uma lei *que* eu não sei nem como é que pode existir. Mas é a lei. Então é... Como é que se diz? Antes ainda perguntavam aos parentes: “Você quer que salve a criança ou a mulher?” Mas agora não, agora a lei REZA: “Salva a criança”. *Então*, posso deixar a gravidez rolar, mas com esse risco, não com essa certeza, *que* eu tive duas crises e o médico já disse que eu não posso mais ter filho. A gravidez minha vai ser *até* sadia como todas são, mas quando chegar *no* final da gravidez, da gestação vai ter um problema. *Aí* se

der na hora do parto, *aí* eu morro e a criança fica. Se der depois do parto, a criança *aí* já *tá* salva, *que* já aconteceu. *Aí* quem vai sou eu. No caso, quando *dei* a eclampse, eu não morri por sorte, porque Deus não permitiu, *entendeu?* Porque era *pra* eu morrer. Agora ela não, porque *ela* já tinha nascido, *nê?*

Eu tenho que estrangular

Ligar não. Eu tenho que estrangular, porque não posso mais parir. Querer eu quero, e preciso, porque eu não posso ficar nesse risco de engravidar ou com remédio ou com camisinha, porque toda vez que eu engravidar eu vou ter que interromper a gravidez. Fica ruim.

Eu tomo <anticoncepcional> toda noite antes de dormir, no jantar. No caso DE eu esquecer um dia, tomo dois NO outro dia. Mas agora (...) eu *tô* usando camisinha. (...) Se gozar fora, *aí* eu tenho medo. Esse mês eu fiquei morrendo de medo, porque teve um dia que eu senti, eu disse: “Meu Deus! Ele gozou que deu *pra* eu sentir”. *Aí* falei: “Meu Deus!” E ele ficou com medo. (...) Eu disse: “Se tiver alguma coisa eu tomo chá, qualquer coisa, invento, porque tem chá de comino, chá...” O pessoal diz: “Tome chá forte, alguma coisa *assim*, remédio”. Tem remédio que *cê* lê na bula do remédio *assim*, remédio de verme. Uma mulher grávida até dez meses não pode tomar. *Aí* no caso você *tando* grávida e *tomando* também perde. *Aí* tem outras coisas assim. *Aí* eu peguei o chá dizendo *pra* ele, mas graças a Deus eu menstruei esse mês, eu menstruei. *Aí* descansei. Foi embora há uns quinze dias. É um susto... Agora *tô* grávida.

O susto também e a pena que dá de estar interrompendo a gravidez, porque é uma vida. Não é uma vida como a minha ou a sua. Não é uma vida como a nossa que a gente já viveu, mas continua sendo uma vida. Então eu sou contra, *sabe?* Eu quero ligar, estrangular ou *até* mesmo botar o DIU. Ele não gosta. Ele disse que tem medo desse negócio de DIU. Porque tem mulher que tem problema, tem câncer, tem..., não sei o quê. Eu quero fazer, coloquei a primeira vez, levei um ano e quatro meses *numa boa*, mas ele tem medo. *Então*, ele disse que não quer que eu bote o DIU, *antes que* eu tome o remédio. Também tenho medo de remédio. Tenho uma cunhada, uma *concuphada* que é cunhada do meu

marido, meu ex-marido, *que* ela foi ao médico com dores, *tava* com dois meses de *pó* de comprimido no útero. O anticoncepcional não *tava* desmanchando. Ela foi tomando. *Tava* acumulando aquele pozinho com as dores, deu dores na bexiga e quando ela foi ao médico, ela foi..., foi ao médico e o médico tirou dois (?) do *pó* do anticoncepcional. *Aí* fiquei com medo. Eu disse: “Ai meu Deus! *que* eu tomô Microvilar e me dou bem e não sinto nada, mas eu tenho medo”. *Então* a ligadura não. E uma coisa que a gente estrangula, *estrangula*. Ligar não, estrangular *logo*. E *aí pronto* não tem mais medo de nada.

O MEU MARIDO concorda com a LIGAÇÃO. Só que eu tenho pena, porque ele é tão jovem. Tem dezenove, vinte anos. Ele é louco por um filho *homem*. Ele tem duas mulheres, como eu lhe disse, essa da foto, *que* ele tem com outra menina. Quando eu conheci *ele*, já tinha *UMA* com três anos, é da idade dele e tem essa Ana agora comigo, que nós queríamos que fosse menino... (?) de dar um filho homem *pra* ele. Mas *aí* tem esse risco, e eu tenho medo. Eu sou tão maluca. Eu sou tão louca *que* eu já pensei nisso. Eu já pensei em falar assim, conversar com meu médico e perguntar: “Vem cá, se eu engravidar e levar a gravidez e você ficar me acompanhando e fazer o pré-natal todinho...”. Se eu vou ter menino assim e for completar nove meses no dia dez, vamos dizer, de abril, *aí* eu *pego* e me interno no dia primeiro, porque *diz* que dez dias antes, dez dias depois, *pra* que o médico faça uma cesária. Eu nunca fiz cesária. Se teria condições disso, de fazer uma cesária em mim, *entendeu?*

Aí queria perguntar. (...) Todo mundo *tá* falando: “Cê é louca?” Essa Ana *que* te falei, *que* cuidou de mim lá, quando *dei* eclampse *que* ficou cuidando de mim, quando ela me encontra: “Menina, eu lhe vi morta, você morreu e viveu. Você morreu e ressuscitou. Você já ligou? Você já estrangulou? Você não pode ter menino, se você tiver filho, você vai morrer!”. Ela me diz *direto assim, normal*. Agora *nesse* pensamento que eu tenho, eu quero conversar com o médico, porque se o médico disser que eu posso... Agora não, porque Ana *tá* pequena e ainda *tô* com muitos problemas. Agora, quero é mais é refazer minha vida *que* eu tenho fé em Deus *em* arranjar um trabalho.

Eu não posso me encher de remédio

(...) *Tô* grávida mesmo. (...) Continuo namorando com ele <refere-se a João> depois de separada. Só foram duas vezes e essas duas vezes bastaram. (...) Foi separar e engravidei. (...) Essas duas vezes a gente não usou camisinha. (...) Dessa vez ele ficou à vontade, não retirou. Ele acredita nesse negócio de lavar depois. “Vai fazer xixi, vai se lavar rápido *que* aconteceu *ai*”.

(...) Eu estive conversando com essa enfermeira amiga minha, e ela me disse que se eu quisesse *DEIXAR*. Deixar não, jamais. Eu tenho Ana. É pequena. *Tô* cheia de problemas. Agora que eu *tô* vendo um trabalho, *que* eu *tô* querendo rebocar minha casinha. Eu não posso deixar agora. Gastaria mais rebocar aqui do que pintar, *nê*? Sei lá, fazer alguma coisa. Cecília vai trabalhar, o Geraldo já vai ficar com o avô, *mas* Pedro (...) eu boto na casa da madrinha, *sabe*? (...) Eu *tô* cansada. Tenho que dar um tempo *pra* mim, *nê*? Quero me cuidar, voltar a fazer unha, cabelo. *Tô* com médico de pele, médico de vista, tudo isso *pra* ver. *Então*, quero trabalhar *pra* botar minha chapa, fazer meus óculos, essas coisas. *Então*, com menino e meus problemas, não dá. Imagina se eu engravidar agora? *Num* posso, de jeito nenhum continuar com essa gravidez, *num* posso.

Essa minha amiga disse que se eu quisesse poderia me internar de dez a quinze dias antes de completar nove meses e fazer uma cesárea e estrangular, *entendeu*? (...) Mas eu quero estrangular. (...) ela me deu o exame *QUE* eu já carimbei e marquei *pro* dia quinze de junho. Assim que eu *tiver* com o resultado, ela me encaminhará *pra* eu estrangular.

(...) Por isso que eu quero *PERDER* tomando alguma coisa, Cytotec ou qualquer coisa. (...) Eu não tenho medo de tomar, porque um Cytotec resolve. O problema é o dinheiro. *Um só* custa sete reais e eu não tenho esse dinheiro. Eu *tô* com medo. Vão passando os dias e eu não posso esperar muito. Tenho que tomar logo. Com dois meses, *ai* eu vou tomar dois Cytotec. (...) Eu não posso me encher de remédio, porque já tive o problema *que* eu já tive.

(...) Na última vez que eu tomei Cytotec (...) não precisei ir ao hospital. Eu perdi em casa. Tomei chá, tomei água inglesa. Fiquei dezoito dias sem sair de casa, mas não senti dor nenhuma. Graças a Deus, não precisei ir ao médico. Depois disso fiz meu

preventivo. Já perdi com seis meses, com quatro meses eu tive uma hemorragia e tive que ir ao hospital. Tive que me internar, fazer curetagem. (...) Mas quero estrangular, porque *aí* fico tranqüila, *né?*

Eu vou estrangular que *é pra* não ter esse medo. Ainda mais que eu não posso ter de jeito nenhum. Eu sou muito fértil. Eu *sou pra* engravidar. Se eu tivesse todos os filhos que já eu perdi, teria um caminhão. Não posso. Eu sou assim. Riscou, pegou.

EPÍLOGO

Quando em outubro de 2011 fui visitar as minhas amigas de Nova Constituinte, uma delas me contou que a irmã de Maria tinha anotado o número do seu celular, poucos meses atrás, por se algum dia eu voltasse ao bairro. Foi a primeira vez, depois de ter passado mais de seis anos que Maria estava fora do bairro, que eu recebia alguma notícia dela diretamente.

Contente e ansiosa ao mesmo tempo eu decidi ligar, conseguindo sem dificuldades falar com ela. Tamanha foi a alegria quando ela reconheceu minha voz e começou a conversar tão rápido, perguntando e respondendo ao mesmo tempo, que foi difícil entendê-la. Eu me contagiei da curiosidade e acelerei também o ritmo da minha fala, o que provocou ao início grandes dificuldades de compreensão. Como uma não deixava a outra falar direito, as nossas conversas se entrecruzavam dificultando a clareza informativa. Passados uns minutos, as nossas falas se transformaram em um diálogo fluido e conseguimos intercambiar algumas informações.

Maria seguia morando com o mesmo marido que eu tinha conhecido. Nesses anos não teve mais filhos. A notícia mais triste foi sobre o falecimento da mãe. Ela sentia um vazio enorme com a morte dela e a saudade pela sua perda era imensa. Eu conhecia bem a mãe, com quem Maria tinha uma boa relação, e sabia por algumas pessoas do bairro que, pouco tempo depois de Maria ter ido embora, a mãe foi a morar com ela no interior.

Nessa curta conversa saiu também o tema do livro. Eu já podia lhe dar uma boa notícia, porque fazia um mês que o livro havia sido enviado para os revisores desta coleção. Ela me convidou para ir visitá-la e tratei de organizar a viagem durante o tempo que ainda tinha previsto para ficar no Brasil. Infelizmente não consegui agendar uma data certa porque a minha amiga do bairro, que também a conhecia e que queria me acompanhar, não tinha férias nas datas que eu podia. Eu morava ao sul de Bahia, numa ilha onde estava fazendo pesquisa de campo, e praticamen-

te nunca ia a Salvador. O tempo foi passando e nós não conseguíamos programar uma data para visitar a Maria. Minha amiga sugeriu que fôssemos uma vez acabado o livro, e assim poder levar um exemplar conosco, o que achei boa idéia.

Um pouco antes de voltar ao meu país, quando fui me despedir de minhas amigas do bairro, elas me deram uma notícia muito ruim: um dos filhos de Maria havia sido assassinado. Não consegui falar com ela e voltei de novo a perder o seu contato. Espero que uma vez este livro veja a luz eu consiga visitar a Maria e levar para ela um pedaço de sua história.

A leitura desta história de vida deve ser interpretada como fragmentos da experiência cotidiana de Maria num momento particular de sua trajetória vital. Também como um relato que abre um mundo de significados e práticas sociais num bairro marginal onde a violência e a morte estão presentes. Hoje em dia não sei em que condições mora, como ela sobrevive e como estão seus filhos, netos e marido. Maria ainda é uma mulher de meia-idade e com certeza muitas coisas aconteceram entre o ano 2004 e a atualidade.

O que pretendi neste livro, a través da história de vida de Maria, foi mostrar ao leitor uma maneira de entrar no mundo dos bairros populares de Salvador através do olhar de uma mulher que lutava por sobreviver em um mundo atravessado pela violência e o sofrimento. A riqueza dos significados sociais e culturais que ela dá quando descreve a própria vida cotidiana no bairro, as crenças que dão sentido aos tabus e à origem das doenças, as relações amorosas e afetivas com os homens e os filhos, as desigualdades de acesso ao mundo da educação e a atenção à saúde, desvendam um mundo de sentido situado em um contexto específico de exploração social e sofrimento.

Quando antes de dar por terminado este livro reli a história de vida de Ogotemmêli (Griaule, 2000), por indicação do revisor, e percebi que apesar das grandes distâncias entre este velho sábio, um homem venerável e respeitado que nos desvendou a interpretação cosmológica e ontológica do mundo africano dos dogon, e a jovem Maria, marginada pela família e o entorno, que se propôs a descrever a experiência de uma mulher em um bairro popular nordestino, os dois tinham uma mesma intenção: desvendar um

mundo de significados sociais e culturais a partir do diálogo com uma pessoa estrangeira em que confiavam e que eles tinham escolhido para participar dessa experiência antes de abandonar este mundo. Ogotemmêli e Maria levavam aguardando muito tempo para serem escutados, pois sentiam que era importante falar sobre os seus costumes, os seus valores e os seus sonhos. Trataram com muito respeito e afeto aos antropólogos estrangeiros, que se mostraram sempre atentos às suas explicações.

A pesar das diferenças culturais e sociais, ambos os personagens estiveram perto da morte: Ogotemmêli por ser um velho caçador cego que estava chegando naturalmente ao fim dos seus dias, e Maria por ser uma jovem que vivenciou a morte de perto, por causa da doença de eclampsia e dos diversos abortos sofridos.

A morte constituiu para ambos a fronteira imaginada que motivou a elaboração do relato de vida. Uma morte que somente teria sentido se a experiência deixasse uma marca na vida dos outros.

Este trabalho não só tentou descrever a experiência de Maria no mundo da vida, o contexto sociocultural e econômico, mas, sobretudo, quis se aproximar de suas emoções sobre os adoecimentos e as alegrias, para mostrar aos leitores expressões sensíveis do vivido, em relatos de vida, como um método de trabalho da antropologia.

BIBLIOGRAFIA

- ACEVES, J.E. (coord.) (1996) *Historia oral. Ensayos y aportes de investigación*. México, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social.
- AUSTIN, J.L. (1992) *Palabras y acciones. Cómo hacer cosas con las palabras*. Buenos Aires, Paidós.
- BARNET, M. (1966) *Biografía de un cimarrón*. La Habana, Ed. Letras Cubanas.
- BEHAR, R. (1993) *Translated Woman. Crossing the Border with Esperanza's Story*. Boston, Beacon Press.
- BERTAUX, D. (1993) "De la perspectiva de la historia de vida a la transformación de la práctica sociológica", en MARINAS, J.M.; SANTAMARINA, C. (eds.) *La historia oral: métodos y experiencias*. Madrid, Debate.
- BOURDIEU, P. (2005) "La ilusión biográfica", *Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura: Autobiografía como provocación*, núm. 69, pág. 87-93.
- CAPLAN, P. (1997) *African Voices, African Lives. Personal Narratives from a Swabili Village*. Routledge, London.
- CRAPANZANO, V. (1980) *Tubami: Portrait of a Moroccan*. Chicago, University of Chicago Press.
- CSORDAS, T.J. (1994) *Embodiment and Experience. The existential ground of culture and sel*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CUNHA, J.M.P.; DEDECCA, C.S. (2001) "Migração e trabalho na Região Metropolitana de São Paulo-Brasil: Uma abordagem mais justa!", *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, núm. 94 (81), agosto.
- DAVIES, N.Z. (1984) *El regreso de Martín Guerre*. Barcelona, Antoni Bosch.
- DE MIGUEL, J.M. (1996) *Auto/biografías*. Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas / Cuadernos Metodológicos.

- DEVILLARD, J.M.; PAZOS, A.; CASTILLO, S.; MEDINA, N.; TOURIÑO, E. (1995) "Biografías, subjetividad y ciencia social. Crítica del enfoque biográfico desde una investigación empírica", *Política y sociedad*, 20, pág. 143-156.
- DUMONT, J. (1978) *The Headman and I: Ambiguity and Ambivalence in the Fieldwork Experience*. Austin and London, University of Texas Press.
- MARINAS, J.M.; SANTAMARINA, C.(eds.) (1993) *La historia oral: métodos y experiencias*. Madrid, Ed. Debate, pág. 129-148.
- FERNÁNDEZ, C. (2005) "La muerte, pulsión autobiográfica", *Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura: Autobiografía como provocación*, núm. 69, pág. 49-56.
- FONSECA, C. (2005) "Paternidade brasileira na era do DNA: a certeza que pariu a dúvida", *Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, núm. 22, pág. 27-51.
- FOUCAULT, M. (1984) *Yo, Pierre Rivière*. Barcelona, Tusquets.
- FRY, P. (2005) *A persistência da raça. Ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FREEMAN, J.M. (1978) "Collecting the Life History of an Indian Untouchable", in S. VATUK (ed.) *American Studies in the Anthropology of India*. New Delhi, Manohar.
- FREITAS, M.C. (2003) *Agonia da fome*. Salvador de Bahia, Edufba, Fiocruz.
- FRIGOLÉ, J. (1997) *Un hombre. Género, clase y cultura en el relato de un trabajador*. Barcelona, Muchnik Editores.
- GADAMER (1977) *Verdad y método*. Salamanca: Sígueme.
- GOLDIANI, A.M. (2002) "Replanteamiento del descenso de la fecundidad en Brasil", *Estudios sociológicos XX*, núm. 60, pág. 583-624.
- GRIAULE, M. (2000) *Dios de agua*. Barcelona, Editorial Altafulla. Segunda edición.
- GULLESTAD, M. (1996) *Everyday Life Philosophers: Modernity, Morals & Autobiography in Norway*. Norway, Scandinavian Univ. Pr.

- ILlich, I. (1978) *Nêmesis médica*. México, Editorial Joaquín Mortíz.
- JESUS, C.M. (1960) *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. São Paulo, Círculo do Livro.
- JESUS, C.M. (1961) *Casa de alvenaria*. Rio do Janeiro, Editora Paulo de Azevedo Ltda.
- LARREA, C. (2001) "Health and sanitation. Environmental health and socio-cultural conditions in two favelas in the city of Salvador (Bahia)", in DONGEN, E.V.; COMELLES, J.M. (eds.) *Medical Anthropology and Anthropology*. Perugia, Fondazione Angelo Celli Argo, pág. 331-352.
- LARREA, C. (2004) "Antropología y epidemiología. Investigación interdisciplinaria sobre saneamiento urbano en el Nordeste brasileño", in LARREA, C.; ESTRADA, F. (coord.) *Antropología en un mundo en transformación*. Barcelona, Departamento de Antropología Social de la Universidad de Barcelona, núm. 11, pág. 93-117.
- LARREA, C. & BARRETO, M. L. (2006) "Salud ambiental urbana. Aproximaciones antropológicas y epidemiológicas de una intervención en saneamiento ambiental en un contexto de grandes desigualdades sociales", in LARREA KILLINGER, C.; MARTÍNEZ, A. (comp.) "Antropología médica y políticas transnacionales. Tendencias globales y experiencias locales", *Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia*. Sèrie monogràfics, núm. 22, pág. 71-99.
- LARREA, C. (2008) "Cuerpos desangrados: sufrir aborto, eclampsia y anemia entre mujeres de un suburbio brasileño", in ROMANÍ, O.; LARREA, C.; RUFETE, P. (coord.) *Antropología de la medicina, metodologías e interdisciplinariedad: de las teorías a las prácticas académicas y profesionales*. Gipuzkoa, Ankulegui, vol. 2, pág. 79-99.
- LARREA, C. (2011) "Evaluando el sistema de alcantarillado. La experiencia de líderes y vecinos sobre una intervención de saneamiento", en ROMANÍ, O. (org) (2011) *VII Coloquio REDAM*. Tarragona, Publicacions URV (en prensa).

- LEJEUNE, P. (2005) "Dialogando acerca de la autobiografía", *Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura: Autobiografía como provocación*, núm. 69, pág. 113-119.
- LEVI, G. (1989) "Les usages de la biographie", *Annales ESC*, núm. 6, pág. 1325-1336.
- LEWIS, O. (1965) *Los hijos de Sánchez : autobiografía de una familia mexicana*. México D.F., Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- LEWIS, O. (1966) *Pedro Martínez : un campesino mexicano y su familia*. México D.F., Joaquín Moritz.
- LISÓN, C. (1983) *Antropología social y hermenéutica*. Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- MAGGIE, Y.; RESENDE, C.B. (2002) *A raça como retórica: a construção da diferença em perspectiva comparada*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MARTIN, E. (1992) *The woman in the body: a cultural analysis of reproduction*. Beacon Press, Boston.
- MCCALLUM, C. (2005) "Explaining caesarean section in Salvador da Bahia, Brazil", *Sociology of Health and Illness*, 27(2): pág. 215-242.
- MOLLOY, S. (2005) "Derecho de propiedad: escenas de la escritura autobiográfica", *Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura: Autobiografía como provocación*, núm. 69, pág. 11-21.
- MÚÑIZ, V. (1989) *Introducción a la filosofía del lenguaje*. Barcelona, Anthropos.
- PLUMMER, K. (1989) *Los documentos personales. Introducción a los problemas y la bibliografía del método humanista*. Madrid, Siglo XXI.
- PMS (1987) *Avaliação do tecido urbano. Enfoque – implantação de loteamento habitacional. Invasão Nova Constituinte- Periferi*. Salvador, Prefeitura Municipal de Salvador.
- PRAT, J. (2007) "En busca del paraíso: historias de vida y migración", *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, julio-diciembre, vol. LXII, núm. 2, pág. 21-61.

- RABELO, C.M.C.; ALVES, P.C.; SOUZA, I.M.A. (1999): *Experiência de Doença e Narrativa*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.
- RABELO, C.M.C. (1999) “Tecendo self e emoção nas narrativas do nervoso”, em RABELO, C.M.C.; ALVES, P.C.; SOUZA, I.M.A. *Experiência de Doença e Narrativa*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pág. 187-205.
- REGO, R.; BARRETO, M.; LARREA KILLINGER, C. (2002) “O que é lixo afinal? Como pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano”, *Cadernos de Saúde Pública*, 18 (6): 1583-98, nov-dec.
- RICOEUR, P. (1995) *Tiempo y narración*. México: Siglo XXI.
- SANSONE, L. (2004) *Negritude sem Etnicidade*. Salvador / Rio de Janeiro, EDUFBA, Pallas.
- SCHEPER-HUGHES, N. (1997) *La muerte sin llanto. Violencia y vida cotidiana en Brasil*. Barcelona, Editorial Ariel.
- SEARLE, J. (1980) *Actos del habla*. Madrid, Cátedra.
- SCEB (1988) *Informações geográficas e dados sócio-econômicos existentes em orgaos públicos e privados sobre o Subúrbio Ferroviário. Grupo Socio-cultural, set/Nov*. Salvador, Secretaria da Cultura do Estado da Bahia.
- SEMAS (1992) *Relatório da Secretaria Municipal de Ação Social*. Salvador, Prefeitura Municipal de Salvador.
- SMITH, M. (1981) [1954] *Baba of Caro: A Woman of the Muslim Hausa*. New Haven and London, Yale University Press.
- STRINA, A, CAIRNCROSS, S.; BARRETO, M.L.; LARREA, C.; PRADO, M. (2003) “Childhood Diarrhoea and Observed Hygiene Behaviour in Salvador, Brazil”, *American Journal of Epidemiology*, jun. 1, 157 (11): 1032-8.
- SCHUTZ, A. (1993) *La construcción subjetiva del mundo social: introducción a la sociología comprensiva*. Barcelona: Paidós.
- SHERIFF, R.E. (2001), *Dreaming equality: color, race, and racism in urban Brazil*. New Brunswick, Rutgers University Press.
- SILVA, V.G. (2007) “Neopentecostalismo e religioes afrobrasileiras: significados do ataque aos símbolos de herança religiosa africana no Brasil Contemporâneo”, *Mana* 13 (1): pág. 207-236.

- TELLES, E. (2003) *Racismo à Brasileira. Uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro, Relumé Dumará.
- TERRADAS, I. (1992) *Eliza Kendal. Reflexiones sobre una antibiografía*. Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona - Publicacions d'Antropologia Cultural.
- VELHO, O. (1997) "Globalização: antropologia e religião", *Mana* 3(1): 133-154.
- VIOLLET, C. (2005) "'Pequeña cosmogonía de escritos autobiográficos' (Génesis y escritura de sí mismo)", *Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura: Autobiografía como provocación*, núm. 69, pág. 23-29.
- WITGENSTEIN, L. (1988) *Investigaciones filosóficas*. México, UNAM-Barcelona, Ed. Crítica.
- WRIGHT MILLS, C. (1993) [1959] C. *La imaginación sociológica*. México, Fondo de Cultura Económica.
- YÁÑEZ, A. (1996) *Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica*. Lisboa, Edições Cosmos.

Este livro é o resultado de uma série de entrevistas desenvolvidas entre os anos 1998 e 2004 a Maria, uma moradora de um bairro pobre de Salvador de Bahia. Esta história não poderia ter sido escrita sem a entrega e a dedicação dela por desvendar a sua própria vida ao mundo. Este trabalho não só tenta descrever a experiência de Maria no mundo da vida, o contexto sociocultural e econômico, mas, sobretudo, quer se aproximar de suas emoções sobre os adoecimentos e as alegrias, para mostrar aos leitores expressões sensíveis do vivido, em relatos de vida, como um método de trabalho da antropologia.